

FILHOS DA ESPERANÇA

GISETI MARQUES





1ª edição
3.000 exemplares
Fevereiro/2021

© 2021 by Boa Nova Editora

Capa e projeto gráfico
Juliana Mollinari

Diagramação
Juliana Mollinari

Revisão
Alessandra Miranda de Sá

Assistente editorial
Ana Maria Rael Gambarini

Coordenação editorial
Ronaldo A. Sperdutti

Impressão
Plenaprint

Conversão para ebook
Cumbuca Studio

Todos os direitos estão reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

O produto da venda desta obra é destinado à manutenção das atividades assistenciais da Sociedade Espírita Boa Nova, de Catanduva, SP.

1ª edição: Fevereiro de 2021

FILHOS DA ESPERANÇA

GISETI MARQUES



Instituto Beneficente Boa Nova
Entidade coligada à Sociedade Espírita Boa Nova
Av. Porto Ferreira, 1.031 | Parque Iracema
Catanduva/SP | CEP 15809-020
www.boanova.net | boanova@boanova.net
Fone: (17) 3531-4444

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marques, Giseti

Filhos da esperança / Giseti Marques. --

Catanduva, SP : Instituto Beneficente Boa Nova, 2021.

ISBN 978-85-8353-144-9

1. Espiritismo 2. Romance espírita I. Título.

21-55782

133.9

CDD-

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance espírita : Espiritismo 133.9

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

AGRADECIMENTO

Vivemos tempos difíceis... Tempos de dores, de perdas!

Os sonhos, aos poucos, vão dando lugar a racionalidade da existência. A necessidade do autoconhecimento vai abrindo portas para a emoção de se reencontrar como espírito, “preso”, temporariamente, a essa matéria, porém, não destinado a mesma.

Minha eterna gratidão a Deus, nosso pai, a Jesus, nosso modelo e guia, aos bons espíritos que estão a nos ajudar a todos os momentos, se assim permitimos. A oportunidade de deixar em palavras escritas essa bela história, que se funde entre a criação de nossa mente, com fatos verídicos que nos inspiraram. A Wesley, um amigo querido que tenho como filho, fonte inspiradora para a construção do protagonista.

Gratidão a Márcio Henrique Leonel, meu querido esposo, que de uma maneira sempre carinhosa, respeitosa e incentivadora, contribui para o nosso trabalho e, a minha amada filha, Gilmara Marques Azevedo, que nos alimenta a alma e a vontade de seguir lutando.

Gratidão aos meus amados pais, irmãos, sobrinhos... Família; é a nossa fortaleza.

Gratidão aos amigos, aos queridos leitores que acreditam em nossas obras.

Essa história fala de todos nós, filhos de Deus, Filhos da Esperança, que um dia, através de nosso esforço, reconheceremos a grande verdade.

Que o Amor faça parte de nossa esperança e a Fé nos alimente o espírito. Avante, amigos!!

Giseti Marques

Cajamar 27/10/2020

SUMÁRIO

1 - BRYAN

2 - BRYAN

3 - BRYAN

4 - BRYAN

5 - ALÍCIA

6 - MATHEUS

7 - BÁRBARA

8 - BRYAN

9 - JÚLIA

10 - BRYAN

11 - MELINE

12 - BRYAN

13 - JÚLIA

14 - MARCOS

15 - BRYAN

16 - JÚLIA

17 - ALÍCIA

18 - MELINE

19 - BÁRBARA

20 - MATHEUS

21 - BRYAN

22 - ALÍCIA

23 - MARCOS

24 - BRYAN E JÚLIA

25 - MATHEUS

26 - BRYAN

27 - ALÍCIA

28 - BRYAN E JÚLIA

29 - MARCOS

30 - BÁRBARA E MEL

31 - JÚLIA

32 - MATHEUS

33 - MARCOS E JÚLIA

34 - MEL E HENRIQUE

35 - BRYAN

BRYAN

Você nunca vai entender, de verdade, uma pessoa... Bem, talvez *nunca* seja tempo demais! No entanto, questionar e procurar respostas são um bom começo... Eu ainda sou muito novo para ter essas respostas, mas não me canso de procurá-las... – meditava enquanto pedalava minha *bike* para a primeira aula do dia.

Era uma nova aluna, embora já a conhecesse da escola de minha irmã; eram colegas de sala.

Parei em frente a um condomínio luxuoso, de casas enormes... Retirei um papel do bolso e olhei novamente, certificando-me do número da casa. Depois me dirigi à portaria. Um senhor magricela, de feições carrancudas, me atendeu com muito mau humor:

– Qual o problema, moleque?

– Boa tarde, senhor! Por favor, a senhora Isabel, da casa 601, me aguarda.

O magricela me olhou de cima a baixo, titubeou desconfiado até pegar um interfone e indagar a respeito com alguém do outro lado da linha. Sem mais uma palavra e ainda com o seu mau humor, abriu o portão eletrônico.

A casa era enorme... Parecia ter saído de algum filme de Hollywood. Só a sala de espera deveria ser do tamanho de minha casa inteira. O que mais me impressionou foi a decoração, toda em branco e preto, dando ao local o requinte de um castelo, como se fosse habitado por um rei.

Perdido em meus pensamentos, analisando as diversas obras de arte que havia na bela casa, sobressaltei-me quando escutei:

– Entende também de arte, rapaz? – uma voz grave e profunda soou logo atrás de mim. Virei-me rapidamente, um tanto envergonhado, como se tivesse sido pego fazendo algo de errado. Mirei o homem à minha frente e meu desconforto só aumentou. Olhava-me de cima a baixo, analisando-me detalhadamente, detendo-se um tempo maior em meus tênis surrados.

Ele usava um terno muito bonito que lhe caía muito bem; devia, como tudo ali, ser muito caro. Seus sapatos brilhavam de tão polidos. Mas pouca coisa me incomodava, de verdade, por muito tempo. Recobri o controle de minhas emoções, e tornei com uma voz calma e segura:

– Sim, senhor! Um pouco, mas nada que passe além de mero espectador.

– Muito bem! Sou o pai de Aícia – tornou visivelmente incomodado, possivelmente pela minha postura tranquila diante dele. A minha profunda capacidade de avaliar pessoas me dizia que ele gostava de ser temido e sua presença deveria ser suficiente para que isso ocorresse comigo. Seu olhar se estreitou e seus finos lábios se levantaram um pouco em um sorriso irônico, deixando-o mais intimidador.

Ainda mais chateado, bufou:

– O que um menino como você pode entender de arte?

– Nada, senhor! Com certeza, apenas, como disse, um mero espectador. A propósito, me chamo Bryan – respondi sereno.

– Bryan? Por que pobre tem mania de colocar nomes em inglês nos filhos? Não entendo isso! – disparou sem nenhuma sombra de educação.

Nesse instante vi sua filha adentrar sem fazer nenhum barulho. Olhou-me e desviou o olhar, claramente incomodada. Tomando uma postura mais agressiva, retrucou logo atrás do pai:

– Obrigada, papai, por ser tão gentil com o Bryan!

Seu pai virou-se rapidamente. Surpreso com a sua presença, respondeu, perdendo um pouco de sua arrogância:

– Só tentava entender algumas coisas, minha filha. Bem, já estou de saída. Bom dia! – Sem esperar respostas, saiu sem me olhar novamente.

Ela me fitou um tanto sem jeito, desculpou-se como se aquilo fosse muito difícil:

– Por favor, queira desculpar meu pai! Às vezes, ele é só um babaca.

Sorri abertamente pela maneira como ela falava, depois respondi, ainda bem-humorado, sem querer julgá-la por tão duras palavras e mostrando que a opinião de seu pai não me afetara:

– Bem, mas um babaca inteligente. Ele construiu isso tudo!

Deu um leve sorriso, depois se fechou quase ao mesmo tempo e com um ar aborrecido me chamou:

– Vamos logo ao que interessa, para acabar com esse teatro dos infernos! – Afastou-se com passos rápidos, levando-me a uma biblioteca com o mesmo padrão de luxo da casa.

Fingi não perceber a sua vestimenta um pouco extravagante. Usava uma calça preta toda rasgada, uma miniblusa preta com uma caveira rosa-choque brilhando e outra blusa, parecendo de renda, que ia até a metade de suas pernas. Alguns colares bem pesados de prata, anéis de variados tamanhos enfeitavam seus dedos e um coturno nos pés completavam o seu visual.

Seu cabelo era um capítulo à parte; dividido em várias cores, destacava sua maquiagem pesada e ajudava a compor um visual bastante incomum, principalmente por ser ainda o início do dia... Ainda assim, notava-se sua beleza.

Seus olhos tinham uma urgência, uma inteligência viva, contudo, demonstrava, uma profunda apatia; sua boca tinha um desenho perfeito, seu nariz pequeno seguia a mesma linha. Tudo nela parecia sob encomenda. Uma pergunta, contudo, girava em minha cabeça: o que havia de errado?

A aula passou lentamente e foi muito cansativa. Alícia me olhava como se não me visse; fingia prestar atenção, mas seu pensamento viajava para bem longe de mim. Não respondia às minhas perguntas e, sem a menor cerimônia, vez ou outra, suspirava demonstrando enfado, talvez como forma de desencorajar-me...

O que ela desconhecia era que nada me desencorajaria. A quantia que seu pai me pagava equivalia a, pelo menos, uns três

alunos e, diferentemente dela, precisava muito do dinheiro...

Saí de sua casa e me dirigi, às pressas, para a casa de outro aluno. A sorte era que moravam próximos. Matheus era um cara legal, tinha quase a minha idade, mas já havia repetido de ano pelo menos umas três vezes. Começara com ele havia pouco mais de 10 meses e, ao que me parecia, ele e o pai não se davam muito bem. Tinha quase certeza de que havia reprovado como forma de protestar ou, pelo menos, achava que poderia ser um protesto.

– Cara, você viu o jogo ontem? O Marquinhos foi um animal em campo... Nossa, vibrei demais! – falava limpando a saliva que escorria com frequência da sua boca devido ao aparelho que usava nos dentes.

– Assisti não, estava assistindo à aula! – respondi sentando em uma mesa na varanda, onde comumente estudávamos.

– Que mané aula! Você é louco, é? Deixar de assistir ao jogo para ficar numa droga de aula! Foi animal... – Deixei-o falar um pouco do jogo, sabia que se não o fizesse ficaria a aula inteira atrapalhando para falar desse bendito jogo.

Era apaixonado por futebol e seu sonho era ser jogador, mas enfrentava uma resistência ferrenha dentro de casa. Seu pai queria que fosse médico, sua mãe apenas que não fumasse maconha... Ela tinha uma verdadeira obsessão com isso...

Antes de sair da casa de Matheus, uma hora depois, ele me perguntou meio sem jeito:

– É verdade que você está dando aula à maluca da Alícia?

– Se ela é maluca, não sei, mas, sim, é verdade – respondi um tanto incomodado com a forma que a adjetivou.

– Cara, você é estranho, mas é legal! Se ela não for doida, tem todas as ferramentas. Você vai ver por si só. Fui! – Sem mais uma palavra entrou, fazendo-me refletir sobre suas palavras.

A questão é que as pessoas só tendem a ver o superficial dos outros e, apesar de estarem acostumadas com isso, ainda me chocava com julgamentos tão precipitados. Lembrando de Alícia, me dirigi para a última aula da manhã...

– Bryan, pensei que você não viesse mais. Já está atrasado! Se você demorasse mais um segundo, iria ligar para a minha mãe.

Bárbara gesticulava enquanto falava, uma menina de apenas 9 anos. Não era à toa que seu apelido na escola era ranzinza. Contudo, gostava dela, era sempre esforçada, tinha uma dificuldade grande em Matemática e, por isso, eu estava ali.

– Bárbara, eu estou atrasado dois minutos. Sua tolerância tem de ser maior! A severidade que você pede aos outros será igualmente cobrada, sabia? – Aproveitava sempre que podia para ir, aos poucos, tentando atenuar aquele seu jeito tão rígido.

Ela mirou meu rosto estreitando os olhos em sinal de raiva. Antes, tentava me rebater, mas, como sempre tinha argumentos muito bons, desistia. Hoje, só fechava a cara e mudava de assunto rapidamente. Não podia culpá-la muito pelo seu jeito, afinal, recebia uma educação de pais rígidos que cobravam muito dela.

Horas depois cheguei à minha casa, num bairro muito pobre, olhei o relógio e vi que já era mais de uma hora da tarde. A casa possuía seis pequenos cômodos: um quarto maior para minha mãe, que vivia em cima de uma cama, um pequeno que era meu, outro de minha irmã, uma cozinha também bem pequena, uma sala e um banheiro.

– Bryan, é você, meu filho? – perguntou minha mãe.

– Sim, mãe – respondi entrando no quarto, recebendo um belo sorriso em retribuição.

Minha mãe, há pouco mais de um ano, fora diagnosticada com esclerose múltipla, uma doença inflamatória crônica de causa ainda desconhecida e curso inexoravelmente progressivo, que afeta o sistema nervoso. Os próprios médicos estavam surpresos com o quadro dela. Apenas não caminhava mais, uma vez que a doença podia atingir qualquer parte do organismo, podendo levar a pessoa a sentir dificuldades locomotoras, de coordenação e de equilíbrio; dificuldades de fala ou de deglutição; problemas oculares; fadiga; dores agudas ou crônicas, entre outros problemas.

Era uma guerreira! Admirava a sua resignação. Nunca a vi reclamando. Uma vez apenas a vi chorando, e, quando indaguei o porquê das lágrimas, disse, sem titubear, que a preocupação era comigo e com minha irmã. Fitei-a indulgente e meu coração se apertou. Como podia pensar em nós quando a cada instante sua doença só piorava?

– Como foi com a nova aluna?

– Tudo bem, tirando o fato de ela parecer não me querer lá... – respondi, lembrando-me de Alícia.

– Por que ela não quer você por lá? – questionou, arqueando uma das sobrancelhas, seu gesto clássico de preocupação.

– Dizer ao certo não sei, mas tenho uma leve desconfiança de que irei descobrir em breve – respondi fitando um ponto imaginário.

– Ela parece ser problemática, meu filho?

Suspirei profundamente olhando-a, refletindo um pouco antes de responder:

– Na verdade, acho que problemática talvez não seja a resposta certa. O olhar dela é de muita tristeza, contudo, é inteligente, pude perceber. Enfim, talvez em breve saiba.

Sobressaltei-me quando minha irmã colocou as duas mãos em meus ombros, numa tentativa bem-sucedida de me assustar, fazendo-a soltar uma gostosa gargalhada e falar ainda sorrindo.

– Meu Deus, eu sempre te pego, Bi! – Era como me chamava desde muito pequena.

– É porque você é uma ninja em fazer susto, Mel! – Saí do quarto, deixando-a com minha mãe.

Mel, alcunha de Meline, era bonita, jovem, parecia muito com minha mãe; cabelos castanhos claros e longos, olhos cor de mel, pele morena clara e um belo corpo trabalhado no handebol, em refrigerante e coxinha de galinha. Ela simplesmente adorava!

Esquentava o almoço quando ela entrou na cozinha, e sentou à pequena mesa redonda de quatro cadeiras.

– E aí, como foi a aula com a esquisita da Alícia? – perguntou, pegando um pedaço de pão que estava sobre a mesa.

– Tudo certo. Por que a chama de esquisita? – indaguei, colocando os pratos na mesa.

– Ora, mas que pergunta é essa? Você não deu aula a ela? Deve ter visto – respondeu, pegando os talheres e ajeitando-os sobre a mesa.

– Por isso que estou perguntando. Não vi nada de mais.

– O quê? Você está doido ou o quê? Não viu a criatura, então!

Eu parei um pouco, mirei-a e, tentando aplacar aquela onda que todo mundo tinha de falar mal da menina, disse:

– Sim, a vi, sim. E não vi absolutamente nada. Ela é muito bonita, se veste como quer, é inteligente e tem um cheiro muito bom.

– Ai, meu Deus! Era só o que me faltava... Você cair de amores por ela! – rebateu, colocando as mãos na cintura e me olhando raivosa.

– Quanta imaginação romântica essa sua! Não tem nada disso. Apenas falei a verdade. Por que as pessoas gostam de julgar as outras pelo simples fato de irem de encontro às suas preferências?

– Pronto, agora lá vem você com essa sua mania de ser o defensor da humanidade! Isso é irritante, sabia? – disse, sentando-se novamente à mesa e servindo-se do almoço que acabara de deixar na mesa.

– Sabe, o que irrita as pessoas, inclusive você, é que não suportam escutar a verdade. Gostam de comentar o que julgam defeitos e fazer daquilo um patamar para fofoca, tendo assunto para a semana inteira. Você deveria se ocupar com coisas boas, saudáveis, não sair falando o que escuta dos seus amigos ignorantes! – retruquei, incomodado com aquela conversa.

– Você é um otário, sabia? Por isso que não tem namorada! – disse, revirando os olhos.

– E você, se não tomar cuidado, será uma *maria-vai-com-as-outras*, uma mente fraca. E eu não tenho namorada porque minhas prioridades são outras – respondi, enchendo minha boca de alimento e dando o assunto por encerrado.

Desviei o olhar, porém, antes vi que ela revirou os olhos novamente. Aquilo era irritante.

BRYAN

Parecia que a aula não iria terminar. Estava me sentindo mais cansado que o habitual. Minha cabeça doía, meus olhos também... Marcos me olhava de modo estranho e fazia um gesto com a cabeça para eu olhar de lado. Vislumbrei o seu intento: uma linda jovem negra, longos cabelos cacheados, olhos puxados escondidos atrás de grandes óculos redondos, pele perfeita... Ela parecia absorta resolvendo a atividade que o professor havia passado, mas só parecia; de repente levantou o olhar e mirou em mim, resoluta. Meu coração disparou como se estivesse correndo algum perigo... Sobressaltei-me quando senti uma mão em meu ombro tocando-me firmemente:

- Posso saber por que você não está resolvendo a atividade?
- Claro, senhor! Vou resolver agora mesmo! – gaguejei.

Ele me fitou com um ar de riso, depois saiu deixando-me entregue aos meus pensamentos: por que não a conhecia? Eu nunca a tinha visto na aula. Com certeza era novata!

Respirei fundo, vislumbrei a folha e, buscando recobrar o meu equilíbrio emocional, iniciei minha atividade...

– Nossa, ela é linda! Estou apaixonado! Seu nome é Júlia e ela veio do Norte. Poxa! – Marcos não parava de falar na jovem enquanto nos dirigíamos até o ponto onde havia deixado a minha poderosa (era assim que chamava minha *bike*); tentava não pensar muito na empolgação dele, porque a imagem da garota não saía da minha cabeça. Que coisa doida isso! Já havia tido duas namoradas, mas não deu certo. O que aconteceu? Na verdade, nem eu sei, ou melhor, sei sim: só eu gostava delas.

Depois disso, resolvi fechar esse lado romântico e focar em meus estudos e trabalho.

– O que você achou, Bryan? – perguntou Marcos, tirando-me do devaneio.

– Ela é bonita, sim – respondi sem muita convicção, receoso de que percebesse algo.

– Bonita? Cara, ela é linda demais! Qual o problema com você, hein? Acho que é essa sua virgindade que está lhe deixando bocado – rebateu, um tanto indignado.

Lá vinha ele de novo com esse papo de virgindade! Qual o problema de uma pessoa de 19 anos ser virgem? Para mim, nenhum... Bem, na verdade, já foi, sim, um problema, porém, busco resolver meus conflitos internos da forma mais racional possível. Ora, era apenas sexo, nada de mais. Ainda bem que chegamos ao destino final, porque não queria responder àquilo. Despedi-me e fui embora. Praticamente morri ao deitar na cama.

No outro dia, Alícia me aguardava sentada à entrada de sua casa, mexendo no celular.

– Bom dia, Alícia! – cumprimentei-a gentil.

Ela fitou meu rosto e seu semblante se fechou imediatamente.

– Bom dia para quem, cara-pálida? Para mim o dia está horrível! – Levantou-se e se dirigiu para o interior da casa, convidando-me sem uma palavra para segui-la. Senti todo o seu desprezo e aquilo novamente me intrigou. Deixei as impressões de lado e a acompanhei.

Novamente a aula foi difícil; ela não facilitava e resolvi questioná-la:

– Posso saber por que você ignora a minha presença? Seu pai está me pagando um bom dinheiro para eu estar aqui e gosto de honrar meu trabalho – retruquei firme.

– E você agora vai me passar um sermão sobre o valor do dinheiro? Que se dane o dinheiro de meu pai, pelo menos ele pode pagar isso... Já outras coisas não há dinheiro que compre! E sabe, essa aula termina aqui. Fez menção de levantar-se, porém, segurei seu braço firmemente e disse enérgico, porém calmo:

– Quem não vai me dar lição aqui é você. Sente-se, eu vou terminar minha aula, queira você ou não. Eu sei muito bem o valor e a importância que o dinheiro tem. Vislumbrei em seu rosto um espanto misturado com certa alegria, o que me surpreendeu. Abrandei um pouco a voz e continuei: – Alícia, eu não sei qual é o seu problema, mas vim aqui dar aula e vou fazer isso. Não se preocupe, não vou lhe dar aula alguma que não seja pertinente ao seu estudo. Não gosto disso, reconheço quanto são ruins e cansativas essas discussões.

Mirei seus belos olhos claros e pedi gentil:

– Por favor, vamos terminar.

Ela pareceu refletir, sopesando meu pedido. Aquiesceu a contragosto, mas sentou e disse, olhando-me:

– Não força a barra, tá? Não pensa que sou boazinha, porque não sou.

Vi, naquela hora, o que se escondia por trás daquelas roupas extravagantes... Ela era sensível! Por ora não quis me aprofundar, mas seria uma fonte maravilhosa de estudo para mim. O comportamento humano me fascina! Muitos não entendem; os homens se mascaram e quase sempre buscam fazer isso para fugir de sofrimentos, contudo, entram em locais tenebrosos de sua mente dos quais, muitas vezes, não sabem mais como sair...



Matheus me aguardava ansioso.

– *Brother*, queria muito falar contigo! – enunciou baixinho, visivelmente sem querer que mais ninguém escutasse.

– Sim. Pode falar.

– Lá na sua faculdade tem laboratório de química, né?

– Claro que tem, faço Engenharia Química! – respondi, ainda sem entender o que ele queria.

– Será que não poderia me levar contigo algum dia? Queria muito fazer uns experimentos. Calou-se, olhou dos lados,

aproximou-se mais e continuou, já que eu não o interrompi. – Como você sabe, gosto muito dessa área e preciso de um laboratório melhor para finalizar minha pesquisa – disse, finalmente, olhando-me em expectativa.

Cruzei os braços, analisando seu pedido. Matheus era um profundo estudioso de medicamentos, entendia muito a respeito, mas quase ninguém sabia de sua genialidade nessa área. Até mesmo seus pais desconheciam esse talento.

Ele estava apenas com 17 anos e era um rapaz que não tinha muita beleza. Estava sempre um pouco acima do peso, usava um par de óculos maior que seu rosto e, apesar de adorar futebol, não jogava. Fora algumas vezes visitar o laboratório da faculdade, mas não comigo.

– Bem, cara, vou ver lá. Sabe que não posso me arriscar com isso. Mas prometo responder amanhã.

Eu era responsável pelo laboratório. Ele nunca me trouxe problemas e, no fundo, gostava de incentivá-lo. Achava que, se Matheus continuasse levando a sério, os estudos ainda seria um grande cientista nessa área. Foi ele quem me explicou a respeito dos medicamentos para o tratamento de minha mãe.

Piscou inquieto, acreditando que aquela cuidadosa resposta poderia ser uma desculpa. Antes de ter outro acesso de ansiedade, antecipei-me e disse:

– Isso não é uma desculpa, Matheus. Só tenho que tomar cuidado, só isso.

– Ok, vou aguardar sua resposta, então.



O dia estava chuvoso, as nuvens cinza antecipavam que o tempo não daria trégua. As ruas pareciam piscinas, de tanta água acumulada. Tentava desviar como podia, mas algumas vezes tive de passar devagar, com receio de cair pela força da água. Cheguei em casa bem mais tarde. Mel já havia esquentado o

almoço e comia em silêncio na cozinha. Senti que algo não estava certo. Com cuidado, perguntei:

– Aconteceu algo, Mel?

Ela parou o garfo no meio do caminho e lentamente retornou-o ao prato, fitou-me e se contorceu desconfortavelmente. Pelo jeito era algo sério! Ainda sem emitir nenhum som, anuiu com a cabeça devagar.

– Qual o problema? – indaguei novamente, desta vez preocupado.

Ela soltou o ar lentamente, deixando seus ombros caírem num claro sinal de tensão, e iniciou a falar bem devagar:

– Bi, aconteceu uma coisa muito chata ontem lá no parque. Fez uma pausa e, como não interrompi, continuou: – Estávamos todos brincando quando Elias sacou uma arma de dentro da calça e passou a ameaçar todos; depois trouxe droga e obrigou alguns a experimentar...

Interrompi bruscamente:

– Você consumiu?

Ela se apressou em dizer sem preâmbulos:

– Não! Nem eu, nem a Carla. Apenas mandou que saíssemos dali e voltássemos para casa.

Quis fazer logo algumas ponderações, mas me contive; não gostava de ficar dando conselhos ou sermões. Apenas escutei e continuei olhando-a, pois sabia que ainda teria muito mais para falar. Ela levou as mãos às pernas, apertando-as uma contra a outra e, com a voz um pouco falha, deu prosseguimento:

– Bi, não sabia que ele andava armado, muito menos que usava drogas! Sempre soube de sua fama, mas no fundo nunca acreditei. Foi horrível! Tive tanto medo e, ao mesmo tempo, revolta. Ele é um babaca! Estou muito decepcionada!

Escutei com atenção e observei nos olhos dela lágrimas se formarem. Algo me dizia que não eram pelo susto ou simplesmente pela decepção.

– O que está acontecendo além disso, Mel?

Ela suspirou fortemente, levou a mão ao rosto e, já chorando, revelou entre um soluço e outro:

– Eu achava que gostava do Elias, Bi. Mas, eu juro, não sabia que ele era assim... Não sabia! Eu... Eu... Quase deixei que me beijasse também... Achei que queria me namorar... Agora estou com medo! – falou soluçando, ainda com as mãos sobre o rosto.

Um vento frio e forte entrou pela janela, fazendo-a bater fortemente. Suspirei e apiedei-me de minha irmã; ela só tinha 16 anos. Aproximei-me e a abracei, ainda sem falar nada. Queria apenas que sentisse que não estava sozinha. Ela me envolveu em seus braços frágeis, apertando meu pescoço, e disse num fio de voz:

– Não fale nada para a mamãe, por favor!

– Não se preocupe! Não direi nada – tranquilizei-a.

Notando que estava mais calma, resolvi conversar um pouco.

– Mel, o que você pretende fazer?

– Não sei! Sinceramente não sei – respondeu, enxugando o rosto.

– Quanto você acha ainda que gosta desse rapaz? – indaguei, tentando entender o sentimento que dizia sentir por ele.

Olhou-me desconcertada, baixou os olhos e me respondeu com outra pergunta:

– Como sabemos quanto gostamos de alguém?

Pensei um pouco e fui construindo a resposta aos poucos, sabendo da responsabilidade do que iria falar:

– Bem, acredito que há várias formas de saber; inicialmente, podemos ver se a presença da pessoa nos faz bem, se nos interessamos pelo que ela fala ou faz, se temos vontade de estar ao lado dessa pessoa, se pensamos muito nela... Esses são alguns fatores. Agora, o mais importante e complicado nisso tudo é o quanto deixamos essa pessoa nos influenciar! Isso é, de cara, o mais difícil de lidar.

Aguardei um pouco, acreditando que ela pudesse interromper, porém, como não o fez, continuei tentando encontrar as palavras certas para o que eu julgava mais importante. Tinha que descobrir uma forma de explicar, sobre a responsabilidade de deixar alguém de quem acreditamos gostar nos influenciar a ponto de

aceitarmos comportamentos equivocados, muitas vezes, encontrando justificativas para tal.

– Mel, somos seres individuais, devemos pensar sempre por nós mesmos. É natural que quando gostamos de alguém dediquemos nossa atenção a essa pessoa. Muitas vezes a favorecemos em nosso julgamento. Falo julgamento como forma de entendimento, e aí é que reside, às vezes, um grande problema. Quase sempre temos a tendência de minimizar essas imperfeições, transformando algo sério em nada, deixando-nos envolver nesses equívocos.

Silenciei um pouco, dando-me tempo para pensar no que eu falava, depois continuei:

– No caso de Elias, você me disse que não sabia desse comportamento dele, porém, se analisar imparcialmente, talvez já pudesse ter detectado algo. Sabe por quê? Exatamente pelas razões que acabei de citar.

Ela me olhava interessada e, ao mesmo tempo, pensativa, como se o que falara a tivesse feito se lembrar de algo.

– Mel, não precisa se condenar por isso, apenas reflita e veja se é isso o que você quer para sua vida. Quero, também, que você entenda outra coisa: quando somos jovens, temos tendência a exagerar em tudo, principalmente nos nossos sentimentos. Elias não é o único homem da face da Terra. Se algo está certo, então nos faz bem, nos faz melhorar, e o contrário é totalmente verdadeiro. Precisamos ter a sabedoria de entender e buscar por isso.

Seus olhos me miraram em expectativa. Conhecia bem minha irmã e sabia que tinha tocado algo dentro dela. Era muito temperamental, mas tinha um coração sereno; era uma jovem de bem com a vida e de índole boa e respeitável. Tinha uma tendência natural para o bem, e isso me deixava feliz.

Depois de minha mãe, ela era a única família que eu tinha, e escutar aquele relato me deixou preocupado. Sei, também, que basta uma semente ruim para comprometer toda uma plantação. No caso dela, não podia ser muito duro; ela tinha também uma personalidade decidida. Se não fosse daquele jeito, poderia piorar

as coisas, e ainda não sabia quanto esse rapaz tinha da atenção e dos sentimentos dela.

BRYAN

Três semanas se passaram desde a minha primeira aula a Alícia e nada mudara. Ela continuava indiferente, algumas vezes inexpressiva, em outras, agressiva; contudo, algo me deixava esperançoso: não faltava às aulas. O dia amanhecera com um sol morno, nem quente, nem frio, as folhas das árvores já iniciavam a cair, indicando que a nova estação começara.

– Poxa! Pensei que não viesse hoje! – retrucou, para minha surpresa, assim que cheguei à porta de sua bela casa, onde me aguardava ansiosa. E o pensamento foi inevitável: ela sentia minha falta... Isso era um bom sinal.

– Desculpe, Alícia, tive de ir buscar antes o remédio de minha mãe, mas compenso esse horário perdido – retratei-me rapidamente.

– Sua mãe é doente? Qual a doença dela? – indagou com interesse, sem parecer se importar com o que havia falado antes.

– Sim. Minha mãe tem esclerose múltipla, uma doença degenerativa que afeta todo o corpo, paralisando-o.

– Que chato, hein! Deve ser algo complicado lidar com isso, né? Digo, tanto para ela como para você e sua irmã – continuou questionando, visivelmente interessada.

Refleti por alguns segundos sobre sua indagação e respondi, certo do quealaria:

– Não. Na verdade, minha mãe nunca reclamou da doença. Suporta tudo com uma bravura incansável. E, bem, se ela consegue, não seria justo nem eu, nem minha irmã fazermos

diferente. A tristeza, por vezes, bate no íntimo, mas reflito e vejo que não tenho motivos para isso.

Ela me olhou nitidamente confusa, como se eu tivesse falado algo absurdo ou fantástico demais. Logo ela, que precisava de muito incentivo à conversa, já que era bastante inclinada ao silêncio, hoje estava falante e interessada. Tudo bem que não era sobre a matéria, mas pelo menos estava interessada em alguma coisa.

– Não sei se o entendo! Você fala pomposo demais. Como não tem motivos para a tristeza, uma vez que sua mãe está morrendo? Sim, porque ela está! – contrapôs novamente, e desta vez pude detectar raiva em sua voz.

Olhei-a com indulgência. Não gostava muito de expor minha opinião, principalmente para alguém que se mostrava tão inflexível. Meditei bem no que iria dizer, afinal, colocaria ideias de minha crença.

Sou espírita desde muito pequeno. Quando minha mãe tinha saúde, ajudava na cozinha nos dias de evangelização. Minha irmã e eu sempre a acompanhávamos, participando ativamente do maravilhoso trabalho infantojuvenil do centro espírita que frequentava. Hoje continuo, só que como evangelizador. Todos os sábados pela manhã sou responsável por uma sala de evangelizando, entre sete e nove anos de idade.

– Alícia, eu, minha mãe e minha irmã somos espíritas. Eu não sei se você já ouviu falar em Espiritismo... – Ela me fitou arqueando uma das sobrancelhas. Seu ar espantado e uma exclamação de surpresa me fizeram interromper a explicação.

– Espíritas! Ah! Meu Deus!

– Qual o problema? Conhece a Doutrina dos Espíritos? – indaguei, curioso com sua reação um tanto exagerada.

– Claro que sim! Meus pais me levaram logo depois de saberem que eu... – interrompeu bruscamente o relato, nervosa. Tentou disfarçar, mas não para os meus olhos acostumados a estudar as reações das pessoas. Era um misto de medo e raiva ao mesmo tempo. Depois de alguns segundos, rapidamente emendou, como se cedesse a um impulso súbito: – Tudo baboseira...

Reencarnação, comunicação com quem já morreu. Fala sério! Isso é sinistro! Não entendo como tem gente otária que acredita nesse monte de... – Interrompi, para que não concluísse seu pensamento equivocado, e rebati um tanto enérgico:

– Não deveria falar do que não conhece, sabia? O fato de você não acreditar não lhe dá o direito de zombar. Por acaso sabe quantas pessoas são beneficiadas com essa “baboseira”? Claro que não; se soubesse não falaria desse jeito.

– Uau! Acho que mexi em sua sensibilidade, *Romeu!* Não sabia que era tão sensível, porém, não retiro nada do que disse. Uma tremenda porcaria! Não estou nem aí para ninguém, muito menos para você! – disse com uma raiva crescente.

– A mim não importa sua opinião do mesmo modo, bem como acho por bem encerrar esse assunto e focar no real sentido de eu estar aqui, que é dar minhas aulas – ponderei, percebendo que sua face, corada demais, demonstrava raiva.

Ela respirava com dificuldade e, mal tinha terminado de falar, levantou-se da cadeira e disse afobada, porém firme, segurando meus olhos nos dela:

– Por mim, essa aula acabou de acabar. Até amanhã e, se não quiser voltar também, não fará falta!

Observei que não adiantaria nenhum tipo de persuasão. Sua postura indicava segurança e inflexibilidade. No entanto, sua atitude de ali permanecer, esperando uma resposta minha, indicava claramente que queria que eu voltasse. Levantei-me calmamente, recolhi meu material, fitei-a e disse:

– Amanhã estarei de volta. Não pedirei desculpas, uma vez que não a ofendi. Tenha um bom dia e saiba que direi a sua mãe para descontar um dia meu, já que não lhe dei aula hoje.

Suas sobrancelhas juntas e seus olhos semicerrados demonstravam um misto de satisfação que lutava para disfarçar, juntamente com um ar pensativo. No entanto, poucos segundos após, sua feição mudou completamente e voltou a ser dura, fria e distante.

Sem mais uma palavra, saiu deixando-me sozinho... O que ela não sabia era que cada vez mais me instigava a continuar

estudando-a. Era óbvio que escondia algum segredo. Bem, mas isso o tempo diria. Paciência é a chave para o êxito na vida.

O dia passou mais rápido do que o normal e a noite chegara fria e com muitas nuvens carregadas no céu, informando que cairia um belo de um temporal. Mal cheguei à faculdade, a chuva já caía forte. A pedido de minha mãe, não fui de *bike*.

A faculdade estava deserta, poucos alunos e professores, provavelmente seríamos dispensados. Segui até a biblioteca, também vazia; de qualquer forma, não poderia ir embora com aquela chuva caindo. Ocupei uma mesa e abri meu livro de *Química Inorgânica Fundamental*, quando um barulho me chamou a atenção. Rapidamente, varri a longa extensão do salão com meu olhar e nada visualizei, contudo, tornei a escutar o mesmo barulho.

Foquei meus sentidos para identificar que barulho era e de onde vinha. Por alguns segundos só escutei o barulho da minha própria respiração, lenta e controlada. Minha mente girava nas muitas possibilidades para o que poderia ser, quando fui interrompido pela visão dela, Júlia, saindo dos fundos do salão, enxugando o rosto.

Ela estava chorando! Fiz menção de levantar-me e perguntar se precisava de ajuda, mas fui pego pela mesma sensação de quando a vi pela primeira vez: um misto de satisfação, medo e um aperto no estômago. Ela levantou a cabeça e me focalizou, olhando-me sem reservas. Devolveu o olhar, inicialmente, com surpresa ou vergonha, depois, retomou sua posição altiva de costume e virou o rosto, visivelmente contrariada. Entretanto, sua postura era apenas disfarce, proteção, ou sei lá como queira chamar, mas pude detectar um desespero crescente em seu ser.

Penso que cada pessoa tem um dom, alguns têm mais de um, e um dos meus melhores é a minha capacidade de percepção do outro. Claro que estudava também, mas em mim isso era nato, uma vez que sempre me vi observando as pessoas e raras vezes errava em meu prognóstico.

– Júlia! – chamei quase sem me dar conta do que fazia realmente. Até me espantei com a firmeza do tom de minha voz.

Nenhuma pessoa, possivelmente, desconfiaria do turbilhão de sensações que me cercavam naquele momento. Ela parou subitamente, olhou-me com espanto e indagou:

– Você está falando comigo?

– Bem, acho que só estamos eu e você aqui e, se não me engano, seu nome é Júlia – respondi, parecendo estar muito dono de mim. Pura ilusão, mas era outro dom meu: controlar muito bem minhas emoções.

Ela pareceu confusa com minha colocação, mas sua confusão só durou alguns segundos, devolvendo-me um olhar cortante. Se fosse uma metralhadora, eu estaria morto neste momento. Combati meu pensamento e, antes que fosse embora de vez, fiz de conta que não havia notado suas lágrimas e tentei uma conversa:

– Poxa, vai ficar difícil sair daqui. A chuva não dá trégua! As ruas estão ilhadas.

Fitou-me desta vez mais calma e, enfim, respondeu:

– Verdade! Basta às nuvens mudarem um pouco e tudo se transforma. Parece que tapam tudo para que a água não escorra!

– Silenciou como se pensasse em algo e depois soltou: – Bem, para mim seria até melhor ficar por aqui mesmo.

A amargura em sua voz era nítida e concluí, com extrema facilidade, que algo em sua casa não estava bem. Prudentemente, convidei-a para sentar-se comigo.

– Para que não morra de tédio, será que poderia me fazer companhia?

Senti sua hesitação, porém, caminhou lentamente até a mesa onde me encontrava e tomou um assento. Tratei logo de manter a conversa dentro das disciplinas do curso, assim seria fácil fazê-la esquecer um pouco da dor que se espelhava em seu rosto quando a vira há pouco.

– Eu tenho de parabenizá-la! Você é uma das poucas mulheres que vejo gostar tanto dessa área. Sem preconceito, é claro, mas essa é uma área dominada ainda por homens.

– É! Eu sei... Desde criança tenho paixão por cálculo. Minha sobrinha odeia. Ela não entende como alguém pode gostar disso

– apontou para uma fórmula do livro, deu um sorriso forçado e continuou falando como se eu não estivesse ali e relatasse apenas a si mesma. – Aliás, ela é meu oposto em tudo. Não sei como somos família.

– E quem disse que para ser família precisa parecer? Eu e minha irmã, por exemplo, somos muito diferentes, mas respeitamos isso, caso contrário, ficaria muito complicada a convivência, uma vez que, sem respeito, nenhuma relação dá certo – ponderei.

Ela pareceu pensar no que acabara de escutar. Virou-se, fitou-me com os olhos vivos, contudo, logo depois seu olhar assumiu uma tristeza que parecia cortar-lhe a alma.

– Seria bom que as teorias realmente funcionassem... Aqui nessa droga de país nada funciona, a não ser que você esteja nadando em dinheiro. Talvez nem saiba o que isso significa! Você, com essa carinha de menino bom, não deve se meter em problemas – afirmou, com a voz carregada de ironia.

– Não julgue as pessoas tendo como parâmetro sua própria vida. Todos têm problemas e comigo não é diferente. Afinal, se é uma coisa que não tenho, é “carinha de menino bom” – rebati, continuando para que pudesse saber quem eu era. – Você está fazendo sua análise tendo como base seus desencontros, desenganos, e posso dizer que não fica tão bonita com essa cara fechada, triste e, na maioria das vezes, raivosa.

Um sorriso iluminou seus olhos tristes e reverberou por todo o seu corpo. Li em seus olhos uma satisfação real, porém, não me senti feliz. Percebi que, na verdade, era puro sarcasmo. Meus pensamentos se ratificaram quando ela disse:

– Sua cantada, apesar de ser original e discreta, não me ganhou... E, no mais, nem seu nome eu sei. Como pode falar de mim?

– E quem disse que para analisar um pouco de alguém é preciso conhecê-lo há muito tempo? Há pessoas que parecem cristal: refletem de um lado a outro, mesmo que queiram levantar paredes e muros. Os sinais estão no ar, a questão é que poucos sabem reconhecer. Mas, você está certa. Peço que me perdoe,

não tenho o direito de fazer qualquer análise sobre sua pessoa. Foi precipitado de minha parte. – Tentava salvar o que nem eu mesmo sabia; a questão era que não queria que ela se fosse.

Isso, realmente, me deixou reflexivo, uma vez que esse tipo de coisa não me atraía e lutava para evitar ao máximo.

– Eu pareço cristal? – indagou, confusa.

– Bem, talvez muitos não enxerguem como eu, mas, sim, acho você um cristal que luta arduamente para esconder seu brilho. Por favor, não se preocupe com isso, não sou parâmetro para ninguém; apenas tenho essa facilidade em reconhecer as pessoas desde muito cedo – tentei suavizar, observando em seu rosto um vinco na testa, notoriamente preocupada com o que eu acabara de dizer.

– Humm... Bem, isso é novo para mim! – disse com o olhar distante, como se em sua mente viajasse para algum lugar.

Ponto para mim! Ela não se levantara, continuava sentada e, o melhor, parecia que minhas palavras haviam provocado um efeito que nem eu mesmo esperava conseguir. Ela tinha se interessado pelo assunto.

BRYAN

– Como funciona isso que você disse? Reconhecer as pessoas?
– Júlia me encarou abertamente com curiosidade. Cruzou os braços em expectativa, ajeitou-se na cadeira e aguardou a minha resposta, como se esperasse os números da loteria.

Suspirei, buscando encontrar uma resposta satisfatória e não decepcionante. Olhei-a segurando o seu olhar, a sala estava envolvida pela luz suave de apenas algumas lâmpadas acesas, o silêncio lembrava que estávamos apenas eu e ela na sala, e ao fundo, bem timidamente, podíamos escutar o barulho da chuva...

– Bem, desde muito pequeno tenho o costume de observar as pessoas e entendê-las a partir dessas observações. Ao longo do tempo percebi que isso era algo além dos meus estudos pessoais, era nato em mim. Eu consigo ler expressões, gestos, manias das pessoas com uma precisão assustadora e descrever sentimentos, personalidades e outras coisas relativas ao eu de cada um.

Ela me devolveu um olhar preocupante e se contorceu como se estivesse levando um soco no estômago. Júlia estava com medo! Com certeza devia ser algo bem sério o que tentava esconder em sua falsa altivez...

– O que você vê em mim? – perguntou em um fio de voz, como se a pergunta a assustasse e a fascinasse ao mesmo tempo.

Sabia que podia, muito bem, aproveitar-me daquela situação. Ela estava vulnerável! Tudo o que eu dissesse poderia, muito bem, me levar à glória de sua confiança ou ao inferno de seu desprezo... Como sempre, optei pelo certo: falar a verdade. Isso mesmo, esse era eu. Sabia que tudo o que usasse em meu favor,

mas contra alguém, voltaria a mim mesmo. Não me fiz esperar; fiz o relato com segurança e espontaneidade, mas com muito cuidado para não revelar demais.

– Na verdade, vejo em você uma personalidade forte e decidida, contudo, é triste demais, desconfiada demais, esconde algo de todos e luta contra isso como se fosse um dragão, pois é romântica e sonha muito.

Ela ficou congelada, olhando-me por alguns segundos, para logo em seguida escutar um suspiro seu de rendição. Sua testa subitamente se enrugou e suas sobrancelhas baixaram. Ela estava em dúvida... Pelo menos não fugiu de mim como das outras vezes.

– Nunca ninguém me descreveu tão bem. No entanto, me desculpe, mas não vejo nada de extraordinário nisso, afinal, acho que essas características que relatou não são tão difíceis de observar. – Cruzou os braços sobre o peito e olhou para a grande extensão da sala como se estivesse pensando numa maneira delicada de abordar o assunto.

Aguardei em silêncio o que iria falar.

– Por exemplo, posso descrevê-lo também. Se isso não for lhe causar constrangimento, claro! Posso?

– Sim, fique à vontade.

Aquilo seria interessante, ninguém nunca o tinha feito. Sempre era eu a observar e saber que era também observado me causou certa satisfação... talvez porque a pessoa a observar-me era ela, e isso, mais uma vez, me intrigou.

Nossos olhares se encontraram e, por alguns segundos, senti meu coração acelerar tanto que achei que ela escutaria. Controlei a respiração e com uma voz macia, calma, ela disse:

– Vejo que você é tímido, uma pessoa muito responsável, provavelmente religioso, é muito inteligente... – Silenciou, fixou seu olhar novamente em mim e com um ar de dúvida no rosto continuou: – Não sei se é frio ou controlado demais, porém, quase nunca demonstra sentimentos, tipo raiva, alegria, tristeza, surpresa... algo assim. Isso é intrigante, uma vez que alguns psicopatas também não demonstram tais sensações. Embora, não acredite que seja um – finalizou.

À medida que falava sentia algo estranho dentro de mim; olhava-a, porém, a maneira como falava fazia com que eu voltasse no tempo. Parecia já ter vivido aquilo e, ao mesmo tempo, fiquei chocado ao ser comparado com um psicopata. Nunca havia pensando naquilo. Tentei esboçar um sorriso, esforçando-me para não passar a impressão de incômodo que me causou tal analogia. Respirei e, quando a fitei vi um brilho zombador em seu olhar, provavelmente notando o que eu lutava para esconder.

– Bem, ser comparado com um psicopata não é nada agradável, mas sua confiança em mim é algo que também me deixou lisonjeado. – Resolvi não esconder aquilo, o que me ajudou a recobrar o estado de espírito.

– Porém suas colocações em relação a mim também são muito previsíveis. Confesso que você acertou quase tudo, menos a ausência de sentimentos, comuns em alguns psicopatas, como dizem os especialistas. A não evidência em mim de tais sensações é apenas um treino diário que faço.

Calei-me, surpreso por ter revelado isso a ela. Nunca falava de mim a quase ninguém.

– Curioso! Não sabia que existiam exercícios ou algo do tipo para isso. – Fitou-me em expectativa e com um brilho diferente nos olhos. Dentro de mim, já sabia o que ela perguntaria.

– Se não for demais para você, será que poderia me falar mais a respeito ou quem sabe me ensinar?

Sufoquei um sorriso para não parecer empolgado demais com aquele pedido. Sabia que poderia ser uma boa para ficar mais próximo dela...

Um barulho tirou minha atenção e, quando desviei o olhar, vi Marcos aproximando-se rapidamente. A princípio ele não a viu, mas, quando percebeu a presença de Júlia, seus olhos brilharam intensamente e pude notar quanto ela mexia com os seus sentimentos. Ao contrário de mim, ele era um livro aberto. Olhou-a fixamente e a cumprimentou, ignorando a minha presença por completo:

– Boa noite, Júlia! Que prazer encontrá-la aqui! Meu Deus, a chuva está torrencial!

Ela respondeu educadamente e silenciou. Marcos, enfim, desviou o olhar para mim e me perguntou, com certo aborrecimento desta vez:

– Faz tempo que vocês estão aqui?

– Não. Na verdade, alguns minutos apenas – respondi com cautela, notando que Júlia me olhava.

Senti, naquele momento, que Marcos estava com ciúmes, e nunca colocaria mais lenha na fogueira. Constatei, também, que mais uma vez meu coração me traiu. Não ficaria entre eles. Marcos era meu melhor amigo e, mesmo com todos aqueles arroubos sentimentais dentro de mim, não investiria em maior contato. Usei de todos os meus conhecimentos para esconder cada parte daqueles pensamentos.

– Senta, cara. Você viu se o professor de Cálculo está aqui na faculdade? – mudei de assunto em estratégia.

– Sim. Acabei de falar com ele na sala dos professores. Ele está com sua nota. Pedi, mas não quis me dar, disse que tinha de falar com você pessoalmente.

Essa era a minha deixa para sair. Levantei, juntei minhas coisas e disse sem pensar duas vezes:

– Então irei logo falar com ele, obrigado! Fiquem aí, volto depois.

Dei uma olhada de relance para Marcos e pude visualizar o intenso brilho em seus olhos e o esboço de um sorriso genuíno. Saí sem esperar resposta de nenhum dos dois e sem dirigir mais meu olhar a Júlia. De uma forma que também não esperava, meu coração sentiu um aperto, e isso me incomodou de verdade. Jamais me colocaria numa situação como essa, então, trataria de domar todos esses sentimentos que teimavam dentro de mim...

Do amor de casal não pensava muita coisa, só queria distância. Nunca fui bom nisso. Nas vezes em que esse sentimento surgiu em minha vida, não me deixou boas lembranças nem motivos para querê-lo de novo. Pude constatar que esse assunto realmente não deveria fazer parte de minha vida. Segui célere até a sala dos professores, notando que a chuva não fazia nenhuma menção de dar trégua. A noite seria longa!

Mais de meia-noite e estávamos ilhados, sem poder sair. As ruas alagadas, sem condições de tráfego para carros e muito menos para pessoas. Na praça de alimentação, poucas mesas estavam ocupadas pelos raros alunos que teimaram em aparecer e por três professores que riam abertamente de alguma piada interna entre eles.

Eu dividia uma mesa com Marcos e Júlia. Não pude deixar de novamente perceber a empolgação do meu melhor amigo. Seus gestos, sua expressão, seus olhos, sua postura... Tudo denotava o real interesse que Júlia despertava nele... Fiquei observando quanto algumas pessoas eram muito literais em suas expressões. Algumas poucas olhadas eram suficientes para enxergar muito. Enquanto outras eram enigmáticas demais. Isso me fascinava!

Júlia era assim: ao mesmo tempo que era gentil, não consegui detectar se estava interessada ou se era apenas educada. Refleti um pouco e novamente meu lado racional voltou a funcionar... Será que meu sentimento estava afetando minha capacidade de observação? Esse era outro lado ruim do sentimento; na maioria das vezes criamos ilusões em torno da pessoa querida e, em alguns casos, até justificamos suas atitudes equivocadas. Fui retirado do meu devaneio pelo tapa de Marcos me chamando, de seu jeito muito peculiar:

– Cara, está voando? Responda à pergunta – disse sorrindo para mim, parecendo uma hiena; era assim que ele sorria. Não que risse com frequência, mas aquilo era bem engraçado...

– Pergunta? Que pergunta? – indaguei sem entender, não havia escutado pergunta alguma.

– O que acha do amor?

Fiquei mais confuso ainda. Que pergunta era aquela? Sacudi as mãos e disse contido:

– Que papo é esse?

Ele me lançou um olhar cortante. Entendi imediatamente e respondi:

– Bem, não sou adepto a sentimentalismo e sou duramente criticado por isso. Sentimento que não seja o amor fraternal, para mim, não é bem-vindo!

Fiz uma pausa e continuei:

– O cuidado que devemos ter com o outro é primordial, deve estar sempre presente nas relações. A questão é que, para muitos, o amor só é exortado numa relação a dois, porém, tem de haver amor em tudo... – Fui interrompido por Júlia, que me encarava como se estivesse falando um idioma inteligível.

– Pelo amor de Deus! Exortado? O que diabos é isso? Você fala de maneira muito formal! Relaxe e fale uma linguagem que possamos entender. Só diga o que acha do amor, mais, especificamente, do amor entre duas pessoas.

Depois dessas palavras houve um breve silêncio, talvez pela forma enfática com que ela se dirigiu a mim. Dei uma olhada para Marcos e não pude detectar o que estava pensando. Senti a raiva dela em cada palavra proferida e me perguntei o porquê.

Recostei-me na cadeira, tentando parecer à vontade, tomei fôlego e respondi num tom calmo:

– É apenas o meu jeito de falar. Marcos já está acostumado. Mas, quanto a esse amor específico, não tenho muito a falar; como havia dito anteriormente, ratifico o que falei há pouco. Deve ser cuidado e alimentado todos os dias... Aquele lance de regar e tudo mais, entende?

– Mas muitos falam sobre o “amor verdadeiro”, que quando isso acontece você ama de qualquer jeito... Um lance assim, sabe, tipo, se você ama de “verdade”, não cobra nada, não espera receber, essas coisas aí que falam – disse Júlia com uma ironia clara na voz. Fosse o que fosse, ela não acreditava no amor a dois ou em amor algum.

Marcos não esperou por minha resposta e nos deixou saber a sua opinião:

– Eu acredito no amor e acho que sim, ele tudo suporta. Claro, se for verdadeiro, concordo com você, Bryan, tem que ser alimentado... Dar sem esperar nada em troca não funciona para um casal. Um casal tem que ter uma troca, nada de um apenas dar e pronto. Nada disso! Isso é amizade, e muito fraca... Na vida tudo é uma troca. Essa é a realidade, não adianta fugir dela, é bobagem pensar o contrário – finalizou com seus olhos

queimando em cima dela, que ouviu atenta sua resposta. A expressão de Júlia dizia que havia aprovado a resposta.

Senti um mal-estar se apossando de mim com aquela situação. Eu estava com ciúmes! Essa foi uma reflexão amarga. Fechei os olhos, tentei mudar o foco dos meus pensamentos e, por alguns segundos, lutei contra o turbilhão de sensações que me tomavam. Imaginei uma música de que gostava muito e me fixei em sua letra até que os pensamentos foram, aos poucos, se modificando. Esse era um exercício que praticava quando algo assim ocorria: usava a música para me fazer voltar ao eixo.

Sem pretensão alguma de fazer bonito, disse:

– Eu concordo com você, Marcos. Com o casal tem que haver reciprocidade, mesmo que um dê mais, tem que ter algo do outro... claro, respeitando a individualidade de cada um. Esse amor que você citou, Júlia, é o amor universal. Estamos ainda muito longe disso. Eu acredito que estamos caminhando para chegar a esse fim; quanto mais nos aperfeiçoarmos, mais compreenderemos a nós e ao próximo. O conhecimento é a chave de tudo, e só o teremos quando nos distanciarmos dessa matéria densa e pesada que nos aprisiona.

Um silêncio caloroso caiu sobre nós; de repente ninguém queria falar mais coisa alguma... Mesmo sendo bem-vinda a súbita mudez de todos, queria muito saber a opinião dela, mas deixei para outro dia. O silêncio era mais agradável!

ALÍCIA

– Droga! Novamente estão brigando! Todos os dias agora é essa porcaria! E sempre pelo mesmo motivo, eu... Será que não se dão conta de que eu escuto? – Marchei decidida para a varanda tentando encontrar uma forma de suportar tudo aquilo. Às vezes é asfixiante! Buscava o ar tentando controlar a sensação de medo que tomava conta de mim. Sentei-me numa cadeira e olhei para o grande e belo jardim de minha casa, iluminado pelas luzes dos postes instalados e pela lua, que, apesar de não estar cheia, deixava um pouco do seu brilho em volta.

Era um conforto para a minha aflição. Se existia um local que poderia me acalmar era aquele. Senti o vento tocar meu rosto e fechei meus olhos, respirando cada vez mais lentamente.

– Por que será que ainda estou aqui? Por que simplesmente não me vou? – Desenvolvi o hábito de falar comigo mesma, talvez pela impossibilidade de desabafar com outra pessoa. Antes fazia isso com minha mãe, até perceber que ela sofria mais do que eu. Não tinha mais amigos, afastava toda pessoa que chegasse perto de mim. Ninguém também ficaria se soubesse da verdade...

Um canto insistente tirou minha concentração. Abri os olhos e vi um pássaro bem próximo de mim, cantando como se fosse a última vez que faria aquela apresentação. Estranhei. Pássaro à noite? Deveria estar perdido ou coisa parecida.

– Você que é feliz! É livre! – disse ao pássaro, que me ignorou. Recostei-me no encosto da cadeira, fechei meus olhos novamente e me lembrei de Bryan. Ele parecia diferente. Não sei por que era diferente, mas era. Tirando o jeito pomposo como falava, tudo era

legal nele. Olhava-me com respeito e parecia se importar verdadeiramente com o fato de muitas vezes não prestar atenção a sua aula. Ele seria uma das quase inexistentes pessoas, acho, que não ligariam se soubesse sobre mim.

Como podia ser espírita? Como acreditava em algo tão sem lógica? Aquela revelação realmente me intrigou. E o fato de sua mãe, mesmo fadada ao pior, não se revoltar? Ela tinha dois filhos, como poderia não achar tudo injusto? Se o Bryan me parecia alguém tão bom, a mãe dele deveria também ser uma boa mulher. Então, como acreditar em Deus?

– Tanta gente ruim no mundo e saudável, enquanto outras, de tão bom coração, têm de suportar o peso da ira de Deus sobre elas! – Eram questionamentos sem resposta, ou melhor, com uma única e correta resposta: Deus não existia. Era fruto da criação do homem, que tentava amenizar suas próprias mazelas morais.

Quanto mais pensava a respeito disso, mais meu pensamento era reforçado pela lógica das minhas indagações e pela falta dela nas religiões, que deixavam o homem à mercê de forças provindas da fragilidade da mente de seus fiéis, que aceitavam tudo sem questionar...

– Por isso me custa entender o Bryan! A inteligência dele me surpreende...

Um barulho ao lado me assustou, olhei espantada e deparei com minha mãe me olhando, com um sorriso radiante nos lábios... Ela era linda! Todos diziam que eu parecia muito com ela... Cabelos loiros, olhos verdes, boca carnuda... Porém isso não importava. Nunca iria me aproximar de ninguém, por mais bonita que fosse.

– Oi, meu amor! – Tinha uma voz melódica.

– Oi, mãe! Qual é? Já terminaram a discussão? – perguntei ácida de propósito, para que não investisse em uma conversa legal comigo.

– Você escutou? Meu Deus, Alê, eu não sabia! – dizia visivelmente chocada com a revelação.

– Só todas as vezes, mãe! A casa é grande, eu sei, mas meus ouvidos ainda funcionam, sabia? – Não iria poupá-la, mesmo que

aquilo me rasgasse por dentro. Ela não merecia minha revolta. Sempre fora amorosa, cuidadosa e extremamente compreensiva com o meu, então, gênio rebelde.

Nem sempre eu fui assim, porém, a vida prega peças e fui visitada por uma delas...

– Poxa, Alê, não precisa ser grossa, né! – Pareceu engolir o choro, baixou os olhos, dobrou os braços no peito e continuou olhando para o jardim. Depois de um breve silêncio, falou : – Mas, mesmo assim, desculpe! Isso não se repetirá. Vou conversar com o seu pai.

Fitou-me com carinho e finalizou:

– Desça para o jantar, por favor! – Saiu sem esperar minha resposta.

Meu coração sentia uma dor imensa toda vez que isso acontecia...

– Droga! Por que sou tão covarde e não posso acabar logo com isso? – Pensava muito em tirar minha vida, porém, até agora não tivera coragem... Talvez porque, no fundo de mim, isso me alertasse de que poderia trazer mais sofrimentos para eles, meus pais... Já não bastava ter que suportar!

– Covarde! Se fosse mais corajosa, já teria acabado com toda essa dor, de uma vez por todas!

Eu bem que tentei, mas não fui feliz em escolher o método: tomei remédios... Muito burra eu sou! O máximo que aconteceu foi uma dor imensa na minha barriga e febre. Depois disso, fazia mil planejamentos para executar o plano. Às vezes até me divertia pensando nas possibilidades mirabolantes que minha cabeça criava... Tinha uma imaginação fértil. Fazia como se estivesse num jogo, onde eu seria o alvo...

Eram poucas as vezes que conseguia sorrir, encontrar um pouco de humor para minha fadada vida de nada... Agora, mesmo sem saber, o Bryan também me dava uma alegria, porque podia conversar com alguém quase da minha idade. Sentia-me à vontade com ele. O seu olhar me transmitia uma sinceridade original, sem sombra de qualquer outro sentimento desagradável.

E o melhor: não se derretia aos meus pés, apesar da minha dita beleza, tampouco por causa do dinheiro dos meus pais.

– Será que ele tem namorada? – Acreditava que a resposta era sim. Contudo, não me importava com o fato, porque não tinha esse interesse nele e tinha certeza de que ele sentia a mesma coisa por mim. Preocupava-se por ter uma alma generosa e sensível. Amanhã o questionaria mais a respeito do Espiritismo, porque muito me intrigara o fato de ele estar envolvido com isso...

Talvez, poderia ter algo no espiritismo que eu não soubesse... Ia pesquisar a respeito. Ele pareceu bastante triste quando falei mal sobre essa Doutrina. Quem sabe isso também não me surpreenderia...

Na manhã seguinte, pontual deveria ser seu sobrenome. Bem que poderia ser um lorde inglês, ainda mais com aquele linguajar! Revirei os olhos, observando-o estacionar sua *bike*. Bryan era diferente, tinha uma beleza desigual, embora parecesse comum; cabelos pretos curtos e cacheados, boca carnuda, sobrancelhas bem arqueadas, o que realçava seus profundos olhos pretos que pareciam enxergar a alma. Não era muito alto, era magro, mas seus braços eram bem definidos, tinham músculos.

– Bom dia, Alícia! – cumprimentou-me com a gentileza de sempre, mas me lançou um breve sorriso... Ah! Ele não ria quase nunca e isso também me agradava.

– Bom dia, Bryan! – respondi, chegando a estranhar o tom caloroso de minha voz. Levantei-me rapidamente, evitando olhar para seu rosto. Dei as costas a ele e fui como de costume até a biblioteca, sendo acompanhada por ele. Tratei de mudar minha expressão; quando virei novamente, já tinha mudado. Estava distante, séria e impessoal.

Ele fingiu não ligar, como sempre, era também muito discreto. A aula começou e tentei ao máximo não demonstrar interesse no que ele falava, porém, gostava de estudar e aquilo estava me conectando novamente com um mundo que pensava estar morto em mim... Sem me dar conta, fiz perguntas, participei da aula e me toquei quando me falou, entre um comentário e outro:

– Poxa, Alícia, você é bem inteligente! Mas não me surpreende, isso eu já sabia. O que realmente não sei é o que a faz se afastar dos estudos – disse-me olhando sem reservas.

– E desde quando isso é da sua conta? Por que quer saber? Vamos nos ater ao que veio fazer aqui; dar aula – disse chateada, mas não com ele, comigo mesma, por estar permitindo me ver e, quem sabe, descobrir o que tanto escondia.

Bryan me fitou como se naquele momento tivesse visto algo que nunca vira; seus olhos brilharam com uma satisfação singela, de quem comprova algo de que já sabia.

– Você tem razão, desculpe! Não é da minha conta mesmo! – Aquelas palavras não traduziam seus verdadeiros sentimentos. Outra pessoa se encolheria rapidamente, evitando olhar em meus olhos, ou se chatearia imensamente pela minha atitude grosseira, mas ele não. Fitou-me sem a menor sombra de chateação.

Nada! Nulo mesmo! Será que ele era marciano? Pensei rapidamente e aquele pensamento arrancou, sem querer, um sorriso espontâneo dos meus lábios. Eu mesma me assustei com o som do meu próprio sorriso... Estaquei, subitamente, olhando-o por alguns segundos... Eu estou sorrindo? Já fazia, quase, deixa ver, um ano que eu não sorria daquele jeito. Mas, claro, como ele poderia saber, sua louca!

Absurdo! Minha cabeça não parava de processar tal informação e, quando já estava pronta para encerrar a aula antes do horário, ele disse, parecendo não notar o tumulto interior que vivia naquele momento:

– Amanhã não poderei vir. Já comuniquei à sua mãe. Tenho prova de laboratório, fica muito complicado cumprir esse horário.

Aquela informação me fez mudar completamente o rumo dos meus pensamentos.

– Laboratório? – Só me dei conta de que tinha falado alto quando ele respondeu.

– Sim. Sou monitor e amanhã haverá uma equipe de pesquisa; não posso deixar de comparecer. Por quê? Gosta de laboratório?

Olhei-o e me ocorreram as muitas pesquisas sobre medicamentos que fazia. Tive o ímpeto de omitir o que realmente

sentira, mas acho que ele sabia, dada a empolgação com que fiz a indagação. Tentei mudar meu tom bruscamente: de empolgada a quase com desprezo.

– Ah, sim, um pouco! É legal! – Minha voz saiu tão fraca que não conseguiria convencer nem uma criança, imagina o próprio ledor de mentes... Esse seria um bom codinome. Olhei-o desconcertada. Ele fez uma pausa, fitando-me em expectativa, e disse finalmente:

– Sendo assim, fale com sua mãe e peça, se você quiser e puder, que a leve até lá. Estarei lá a partir das sete horas. Agora, tenho que ir, me faça saber que você vai. – Sem esperar resposta alguma, levantou-se e saiu. Eu fiquei sem saber o que pensar da proposta. Logo em seguida, minha cabeça formou todas as situações ruins que poderiam acontecer...

Refleti um pouco e a vontade só aumentava, mas, como tudo na minha vida, tinha riscos e era uma verdadeira batalha falar com meus pais a respeito... Já podia até escutar o mesmo discurso, mas não os culpava. Se tivesse uma filha com essas condições, provavelmente agiria da mesma forma. O barulho insistente da maçaneta deteve meus pensamentos. Minha mãe entrou sorrindo, mas sua feição bruscamente mudou e, com uma voz preocupada, indagou:

– Você está bem? Parece que engoliu um sapo! – As palavras arrancaram meus pensamentos da cabeça rapidamente. Fitei-a sem ânimo de explicar meu intento, porém, sabia que não poderia evitar, teria que responder ao Bryan. Sem nenhuma perspectiva de ser atendida, iniciei:

– Mãe, quero pedir algo! – Ela sorriu ligeiramente, não sei se de alegria ou nervosismo. Caminhou até mim, sentou-se ao meu lado e disse com fingida tranquilidade:

– Claro, meu amor! Diga do que se trata.

Meu coração acelerou; sabia todas as implicações que aquele pedido iria acarretar, mas queria muito ir. Era estranho, até uns dias antes de o Bryan vir me dar aula, não me interessava absolutamente por nada. Agora, me sentia quase uma pessoa normal...

– Mãe, o Bryan amanhã não vem dar aula. Ele me falou que era por causa de uma aula no laboratório... – Fiz uma pausa enquanto a olhava. Sabia que processava a informação lentamente, porque, a princípio, não pareceu se alterar; contudo, seus olhos se expandiram nas órbitas quando se deu conta do que poderia ser e, com a voz quase inaudível, como se tivesse medo de constatar o que seus pensamentos, possivelmente, acusavam, indagou:

– Alê! Você quer me pedir o que estou pensando? – Respirei fundo e disse de uma vez, como quando se toma um remédio amargo:

– Se a senhora está pensando que eu estou pedindo para ir ao laboratório, a resposta é sim. Eu quero. Na verdade, eu quero muito!

Ela empalideceu. O seu espanto foi inexprimível! A confusão em sua mente era visível e quase me arrependi de ter falado, porém, não iria recuar... Parecia que tinha tomado ânimo novo e não sabia o motivo, mas estava me sentindo diferente.

MATHEUS

O laboratório era grande e bem equipado. Bryan checava pela sei lá qual vez os equipamentos e os materiais que iriam usar hoje. Ele era muito metódico, às vezes me dava nos nervos. Todavia, o admirava, era gente boa demais! Desde que o conheci me fizera refletir acerca de muitas coisas... coisas que antes me recusava a querer entender, por exemplo, meu pai. Pude observar uma coisa: tem gente que soma em nossa vida. Já outras... A questão é que temos que saber escolher.

Nem sempre foi assim com meu pai. Tínhamos uma boa relação, até saber quem verdadeiramente meu pai era... Isso era algo muito delicado para mim, nunca havia desabafado com ninguém sobre o que sabia. Ele até veio falar comigo, mas não rolou papo algum, apenas ofensas de ambos os lados. Como iria aceitar uma barbaridade daquela? Não, de jeito algum! Mas me sentia covarde de certa forma; não falei nada, nem para minha mãe!

– Matheus! – Bryan me tirou do devaneio e, quando o fitei, quase não acreditei no que vi. Caramba, Carrie¹, A Estranha, estava aqui conosco! Bem, era como a chamavam na escola. Não aprovava, de jeito nenhum, o *bullying*, mas vendo-a vestida daquele jeito não havia alcunha mais apropriada.

A “doida” vestia uma roupa tipo de esgrima, usava luvas e um capacete no qual podiam se ver apenas os seus belos olhos verdes... Na verdade, ela era muito bonita. Aproximei-me com cautela, quem sabe não tiraria uma espada por de trás e me atravessaria a barriga... O pensamento me fez rir.

– Aí, cara, que foi? – perguntei ao Bryan, sem olhar para a maluca ao lado. Bryan me olhou sério, como nunca tinha feito, e entendi rapidamente que estava me advertindo de algo; corriji então minha postura e atitude.

– Quero que conheça a Alícia, acho que você sabe de quem se trata! – A voz de Bryan ainda soava como um alerta. Eu sabia que, se vacilasse, não viria mais. Ele era muito exigente nisso e, se tinha algo que cumpria, era sua palavra.

– Prazer, Alícia! Está vindo da aula de esgrima? – indaguei mais curioso do que qualquer coisa, fitando seus olhos por trás do capacete.

– Sim, e me esqueci de trazer a espada, caso contrário usaria para cortar sua língua. – Senti o desprezo de suas palavras e fechei a cara ao perceber o sorriso discreto de Bryan. Era bem capaz de fazer isso mesmo. O que esperar de alguém que vai para algum local vestida daquele jeito?

– Bem, vou estar logo ao lado no outro laboratório. Por favor, não se matem até eu voltar – disse Bryan se afastando rapidamente. Fitei a estranha e perguntei mais caloroso, tentando deixar entender que não havia me chateado tanto assim com sua resposta atrevida:

– Você curte Química?

Ela pareceu confusa, tentou concatenar algumas palavras, mas sem desenvoltura respondeu:

– Química propriamente não, mas curto medicamentos! – Quase paralisei diante daquela informação. Sem nem me dar conta da minha empolgação, disse:

– Eu também! Faço pesquisas com medicamentos há pelo menos uns três anos! Sou fascinado por isso e sei que ainda vou descobrir, tipo, um medicamento contra o câncer, algo assim. – Pude ver por trás do capacete, em seus olhos, um brilho diferente que não pude reconhecer muito bem. Não era bom com esse tipo de coisa: de ler as pessoas.

O Bryan até que já tinha me falado a respeito disso, mas, na moral, não me interessei! Só não disse para ele, o cara me falava tão empolgado que não quebrei o seu barato.

– Pesquisa? Como assim? Por que se interessa tanto por isso?
– indagou com viva curiosidade.

Sem me fazer de rogado, expliquei:

– Bem, não sei ao certo o porquê, mas desde muito pequeno gosto de ler bula de medicamentos e ficava me perguntando como era feito, como um negócio tão pequeno podia aliviar uma dor tão grande! Uma vez caí, quase perdi um dente e foi aquele remédio que tomei que aliviou. Doía como o inferno! Acho que foi depois disso. – Fitei os olhos dela e a interroguei:

– E você, por que se interessa?

Um silêncio caiu sobre nós; apenas me olhou bem firme, porém, não disse nada... Não sabia, ao certo, mas acho que pude detectar em seus olhos algo muito perturbador, sei lá, não sou bom nisso. Pensei que não fosse ter sua resposta, até esbravejar como uma onça:

– Sinceramente, não tenho que te dar explicação alguma! Nem te conheço! E, no mais, você deve fazer parte daqueles babacas que me chamam de Carrie! – Sem mais nenhuma palavra, saiu e seguiu até uma bancada onde havia um microscópio e, com familiaridade, começou a mexer nele ajustando o foco para observar melhor a amostra.

Essa era doida mesmo! Não me dei o trabalho de responder, embora ela merecesse, mas tinha um pouco de razão. Eu também não diria nada se soubesse que me chamavam daquilo. Qualquer coisa que falasse poderia ser usada contra ela. Segui até outra amostra que tinha pedido ao Bryan para estudar e me desliguei da estranha e de tudo. Estudava a composição química de determinado medicamento... Só me dei conta de que já haviam se passado mais de duas horas quando Bryan me chamou.

– Oi, cara! Já está na hora de ir? – perguntei, fechando os meus depósitos que trazia com as amostras dos remédios que pesquisava.

– Não, ainda não. Foi sobre isso que vim falar com vocês. Vai demorar mais um pouco, então, se quiserem ir embora, fiquem à vontade – disse com a fisionomia um tanto cansada; na verdade,

bem cansada. Ele deveria descansar mais, era jovem e até onde eu sabia não se divertia.

– Olha, se não houver problemas eu gostaria de ficar. Você sabe que me amarro nisso e ainda não terminei mesmo. – Soou mais como um pedido do que como uma resposta à sua pergunta, ou sei lá o que era na verdade aquilo, mas queria ficar.

Ele me lançou um olhar indulgente e entendi que ficaria. Fitei a estranha, que parecia dar mostra de incômodo com sua superprotegida roupa. Ela se contorcia feito uma minhoca no sol... Não resisti e acabei rindo daquele meu pensamento.

– E você, Alícia? Sua mãe virá buscá-la a que horas? – indagou Bryan, sem parecer se incomodar com aquela vestimenta do inferno da louca.

Para nossa total surpresa, a maluca retirou o capacete, deixando cair por seus ombros uma cascata loira brilhante. Ela havia tirado o colorido do cabelo. Meus olhos não conseguiam se desviar daquela imagem celestial... Sim, porque ela parecia um anjo! Como era linda! Estava sem maquiagem e parecia um tanto pálida, mas possuía uma beleza sem precedentes... Agora, vendo-a tão perto, e como realmente era, só uma coisa tinha a dizer: uau!

– Minha mãe virá quando eu ligar. Se você não se incomodar, também gostaria de ficar – disse e, talvez, percebendo o meu insistente olhar, baixou a cabeça, inventando de mexer no capacete.

– Por mim tudo bem vocês ficarem, acho que não me demorarei muito mais. – Depois disso, Bryan se afastou a passos largos.

Ela levantou a vista e nossos olhares se encontraram. Por alguns segundos, senti meu coração dar umas voltas em todo o meu corpo. Era uma sensação estranha, uma vez que já a conhecia. Mas, sua postura calada, agressiva e indiferente a tudo chegava a ser intimidadora. Ao vê-la, agora, senti uma fragilidade, uma necessidade de proteção. Tive ímpetos de abraçá-la, só controlados pelo medo de levar umas boas bordoadas.

– O que está olhando? – perguntou rispidamente e um tanto constrangida. Mas não me intimidei e respondi, ainda olhando-a:

– Estou admirando-a! Você é linda! – Ela me encarou com um ar de desconfiança, porém, pareceu decidir confiar em mim. Depois, simplesmente virou e seguiu até o seu microscópio. Uma pergunta me veio à mente rapidamente. Nem sempre temos as respostas, mas uma, naquele momento pareceu fazer parte de mim, e eu iria até o inferno se fosse preciso para obter essa resposta: Por que ela estava pesquisando sobre medicamentos?

Sem mais uma palavra, voltei também à minha atividade, mas sem a concentração de antes. Vez ou outra, aquele brilho dourado me tirava a atenção, uma vez que ela não colocou mais o capacete. Parecia absorta em seu trabalho, o que me possibilitava olhá-la melhor. Tinha uma boca pequena, mas saliente, seus olhos eram de um verde-jade muito bonito, porém, seu olhar era triste, sem expressão algumas vezes...

Busquei na minha memória como era no colégio e me dei conta de que nunca a havia visto com mais alguém, estava sempre sozinha, distante... Olhava para sua expressão, mas não fazia ideia do que ela poderia estar pensando. Se eu tivesse superpoderes, poderia ler sua mente.

Aquele pensamento me arrancou uma risada e aquilo atraiu a sua atenção. Seus olhos encontraram os meus novamente e, mais uma vez, aquela sensação: meu coração queria correr do peito. Que coisa doida! Eu nem sequer imaginava que pudesse sentir aquilo e ainda mais por Carrie! Mais uma vez sorri, só que desta vez ela ainda estava me olhando. Seus olhos imprimiram um aborrecimento que seus lábios não pronunciaram.

– Não estou rindo de você! – disse, já arrependido, depois que escutei minha própria voz ao pronunciar aquilo. Que droga!

– E quem se importa? – retrucou notoriamente chateada.

– Eu me importo! – rebati novamente, levado pela emoção que parecia me controlar. Droga! Droga! O que está acontecendo comigo? Será que estou sendo controlado por mentes nefastas ou alienígenas?

– Oi? Você é doido! Por que se importa? – Sua voz, dessa vez, soou mais calma, porém, não me deixei impressionar pelo lado positivo da coisa, uma vez que ela parecia ser bipolar.

– Porque não sou essa pessoa que ri das outras e não gosto que pensem isso de mim. Eu sei como a chamam lá na escola e não faço parte desse grupo. Posso ser até um babaca, mas sou um babaca legal. – Tive que sorrir de mim mesmo. Ela poderia até não admitir, mas foi boa essa resposta.

Depois dessas palavras houve uma breve pausa e, como se ainda estivesse processando tudo o que havia falado, sorriu ligeiramente, o que fez meu coração correr mais uma légua.

– Não fique esperando agradecimento meu. É apenas seu dever não rir das pessoas, como fazem alguns sem cérebro, que acham que é divertimento tentar ridicularizar o outro. Ninguém sabe pelo que o outro passa.

– Não! De jeito nenhum! Seu sorriso foi a melhor coisa que tive hoje, então, você já me agradeceu. – Seus olhos imprimiram um espanto que sua língua, sempre afiada, nada conseguiu pronunciar, e eu adorei. Mesmo depois da minha cantada, ela se fechou totalmente.

Nem se despediu quando sua mãe, finalmente, veio buscá-la. Quanto a mim, não me importei; achei até delicado da parte dela não retrucar uma resposta mais grosseira.

Parei por uns instantes e refleti: O que estou pensando? A Carrie, quer dizer, Alícia jamais me daria bola. No entanto, gostei de tê-la conhecido de perto, de ver seus lindos olhos verdes olhando para mim...

Sorri ligeiramente e aí me dei conta de que Bryan poderia descobrir tudo; tratei de desviar meus pensamentos. Agradei ao meu ilustre professor e saí para o ponto de ônibus, agora entregue totalmente aos meus mais ocultos pensamentos.

Que coisa mais doida a vida! Se o Bryan me dissesse que ela estaria aqui também, provavelmente eu não viria, e agora acho que foi a melhor coisa que me aconteceu. O ônibus despontou adiante, mostrando as poças de água que faziam piscinas na pista; foi aí que me dei conta de que havia chovido.

Enquanto pensava, encarava seriamente a estrada que passava célere pela janela do ônibus.

– Por que será que ela pesquisava sobre medicamentos? – indaguei para mim mesmo, como se aquilo ajudasse a pensar melhor numa razão. Na real, não me prendo muito a esse tipo de coisa; na verdade, acho que isso é bem característico de mulher, mas eu queria, e iria, descobrir a resposta.

Seria apenas questão de tempo.

¹ Carrie é personagem do filme norte-americano de terror *Carrie – a Estranha*, lançado em 1976 e dirigido por Brian De Palma. É baseado no romance homônimo de Stephen King.

BÁRBARA

O dia tinha acabado de amanhecer e já tinha que acordar. Meu pai e minha mãe já deveriam estar acordados fazendo sua ginástica. Olhei para minha boneca, que havia ganhado no dia do meu aniversário e com a qual ainda nem tinha brincado... Queria tanto ela! Ela era linda! Olhei o relógio em cima de minha escrivaninha, faltavam 15 minutos para o despertador tocar, daria tempo de brincar um pouco. Sorri da brilhante ideia que tive. Afastei o edredom e senti uma alegria muito grande!

– Como você é linda! – Segurei-a entre minhas mãos e comecei a brincar em sua casa mágica. Tinha muitos brinquedos, mas raramente me divertia com eles. Na verdade, me divertia muito pouco. Minha mãe dava um jeito de sempre me arrumar alguma coisa para fazer. Estava tão compenetrada que não ouvi quando ela entrou no meu quarto e me olhou com aquele olhar chateado.

– Bárbara! – Caramba! Chamou pelo nome, estava muito brava. Virei-me tão bruscamente que larguei a boneca no chão com toda a força. Escutei-a cair sem dó e vi alarmada sua cabeça rolar para fora do corpo. Meus olhos imprimiram um espanto tão grande que não me contive: corri até ela com os olhos cheios de lágrimas, segurando sua cabeça como se fosse o troféu de Matemática da escola que meus pais queriam tanto que eu ganhasse.

– Desculpe-me, amiga! Eu me assustei. – Segurei a cabeça, procurando ajustá-la ao corpo, com as lágrimas descendo pelo meu rosto. Que droga isso! Minha linda amiguinha estava decapitada... Vou ter de rezar para a cabeça dela voltar ao

normal. Será que tem médico de boneca? Bem, médico, mesmo, provavelmente não tenha, mas alguém que a conserte... Tentei encaixar sua cabeça ao corpo, quando senti aquela mão malvada arrancar minha amiga de mim.

– Não! Eu quero minha amiga, mamãe! Ela está precisando de ajuda! – gritei enquanto assistia aquela malvada levar minha amiga para longe de mim e largá-la aos pedaços em cima da minha cadeira de leitura.

– Pelo amor de Deus! Você enlouqueceu, minha filha? Sabe que horas são? Você tem 15 minutos cronometrados para se arrumar. – Não se importava, nunca ligava para o que eu, de verdade, queria. Tudo se resumia a: faça isso, Barbie (era como me chamavam quando estavam sem raiva), faça aquilo, você tem tanto tempo... E eu só queria brincar um pouco! Olhei-a tão chateada, pronta para argumentar, quando meu pai apareceu na porta todo suado. Parecia um porco respingando lama. Que coisa nojenta! Desisti, ele conseguia ser ainda pior que ela.

– O que está acontecendo aqui? – indagou olhando para mim. A malvada, agora, para variar, iria aproveitar e fazer sua cena particular. Que família mais nojenta eu tenho!

– A Barbie simplesmente achou de querer brincar numa hora dessa! – Ele me fitou como se fosse algo absurdo uma criança de nove anos querer brincar um pouco.

– Minha filha, você esqueceu que pagamos colégio muito caro para você? E você só pensa em brincar? Isso não está certo – Blá-blá-blá... Segurei minha toalha felpuda entre as mãos e saí direto para o banheiro, a água iria me acalmar.

Liguei o chuveiro sem nunca esquecer minha amiga, que estava decapitada. Deixei as lágrimas caírem pelo meu rosto. Havia lido o livro que a minha professora de Português tinha passado; lá dizia que a água era um remédio poderoso contra a tristeza, então, deveria ser para qualquer outra coisa, até para as malvadezas dos pais. Deveria ter um tribunal para os pais, em que o juiz seria uma criança... Queria ver eles se safarem dessa! Ri diante dos meus pensamentos.

– Acho que a água é poderosa mesmo! Estou até rindo! – Minutos depois, terminei o banho. Não poderia demorar muito, afinal, a água era algo raro hoje em dia, era o que todos falavam. Segurei minha gostosa toalha rosa-pink, que parecia um bichinho de pelúcia de tão fofinha, enrolei-me rapidamente, estava frio. Não gosto muito do frio, também não gosto de calor. Gosto da coluna do meio, era assim que minha avó falava.

Ela era engraçada, falava cada coisa. Para mim, ela sabia de tudo, porque tudo o que perguntava, ela me respondia... Meu pai dizia que quando ela não sabia inventava uma resposta. Dizia que era errado, mas eu não achava isso. Para a pessoa inventar algo tinha que ser esperta.

– Voando de novo, Barbie! – disse minha mãe assim que entrei no quarto. Ela me aguardava sentada na minha cadeira em que, quase nunca, tinha tempo para sentar. Pelo menos me chamou de Barbie!

– Sim, mãe! Estava pensando em como resolver um problema de Geometria – inventei; sabia que ela iria gostar dessa resposta. Já aprendi quais as respostas que deveria dar a eles para cada ocasião. Foi difícil, mas aprendi.

– Isso mesmo, minha filha! Você não pode se distrair com pensamentos tolos. Você nasceu para brilhar! Ainda será uma grande cientista! – Gostava quando ficava feliz comigo, quando sentia orgulho de mim.

– Sim, mamãe, vou ser sim! Vou inventar algo que ninguém nunca imaginou, tipo fazer viagens pela máquina do tempo.

Tinha visto isso no filme e achei o maior barato; falei tão empolgada que não me dei conta do seu ar aborrecido quando escutou. Fitei-a e, quando percebi, tratei de desfazer rapidinho.

– Estou brincando! Vou descobrir a cura para uma doença que hoje ainda não tem cura! – Ela voltou a sorrir. Como era fácil isso, estava ficando boa. Muito treino e daqui a pouco vou ser PhD., como tio Alberto fala. Depois vou pesquisar o que isso significa.

– É assim que se fala, Barbie! Minha pequena gênio! – disse levantando-se já com outra aparência. – Agora, vou me ajeitar, desço em 20 minutos.

Enfim, sozinha. Procurei a boneca rapidamente por todo o quarto, mas não a encontrei.

– Droga! Onde está você? – choraminguei comigo mesma. Na sala de aula, eu era conhecida como *mimimi*... Mas nem ligava! Dei uma varredura pelo quarto e nada mesmo.

– Eles devem ter levado! – disse com uma raiva crescente dentro de mim. A culpa era toda dela! Ela entrou e me assustou, e agora fiquei sem minha linda amiga.

As lágrimas já caíam pelo rosto, não conseguia controlar. Às vezes, tinha ódio de minha mãe. Ela era irritante! Essa minha vida era uma droga mesmo. Não podia brincar, não podia assistir à TV, nem jogar, nem nada! Sentei no chão emburrada, porém, lembrei-me do que ela tinha falado. Se não fosse mesmo, aí sim que minha vida viraria um inferno total. Enxuguei meu rosto e arrumei-me em tempo recorde. Hoje Bryan vem, graças a Deus! Adoro-o, mesmo que algumas vezes me dê uns puxões de orelha. Mas ele faz isso porque se preocupa comigo e sei que é de verdade.

– Ele é tão sincero! Será que é algum super-herói? – Não pude deixar de rir. Super-herói! Claro que não, era só minha cabeça brincando um pouco comigo. Às vezes brincava comigo, já que não tinha tempo para nada. Odiava isso! Para agradar a meus pais, fazia tudo aquilo. O Bryan podia sim ser um super-herói, salvou-me uma vez.

Eu iria morrer atropelada se não fosse ele. Depois que veio me ensinar, meus sentimentos melhoraram. Ensinou-me um pouco sobre o que poderia ser o amor. Uma vez até chegou a discutir com minha mãe, me defendendo... Ninguém nunca fez aquilo por mim. Só meu vô quando era vivo. Poxa! Tinha saudade dele!

– Meu Deus! Não posso me atrasar! – Apressei tudo e cheguei em cima da hora, enfim, tinha conseguido. Eu sou ninja! Era assim que o doido do meu primo, Tiago, dizia quando acertava a bola na rede... Odeio futebol, e quase todo mundo gosta.

– Barbie, queremos conversar com você! – meu pai foi logo dizendo, fitando-me como se eu fosse uma estrela de cinema. Blá-blá-blá, mentalizei minha música predileta, a do filme *Frozen*¹,

e segui cantando na minha mente. Queria ter aqueles poderes de *Elsa*², congelar tudo. Sorri, porque congelaria a minha professora, ela era muito chata...

Não gostava de escutar os muitos discursos deles, sempre a mesma coisa: Barbie, você tem de pensar no seu futuro, Barbie, você tem um grande futuro pela frente, e por aí vai... Achava maçante aquilo tudo, não conseguia entender como eles mesmos não se cansavam.

– Você entendeu tudo, minha filha? Assim é a vida! Muitas pessoas queriam estar no seu lugar, ter tudo o que você tem. Aproveite!

– Sim, papai, entendi tudo! – Olhei para o meu relógio e vi que faltava, pelo menos, uma hora para o Bryan chegar; criei coragem e, quando ia perguntar sobre minha amiga Elsa, minha mãe, parecendo que estava lendo minha mente, disse:

– A sua boneca não tem jeito, quebrou o pescoço em três partes e não dá para encaixar mais. Eu lamento, Barbie, terá que aprender a conviver com as perdas. Sem falar que é uma distração a menos para você.

Meus olhos imediatamente se encheram de lágrimas. Elsa tinha morrido? Minha amiga de verdade, talvez a única depois de minha avó. Sem aguentar mais, abri a boca e berrei:

– Eu quero minha boneca! A culpa foi sua, que entrou no quarto e me assustou! A senhora é culpada! Eu quero minha Elsa! Eu quero! Ela é minha única amiga! Se ela morrer, eu também quero morrer!

Ela me olhou abrindo os olhos ao máximo; pela primeira vez, não soube o que dizer e ficou branca, pálida – esse era o nome, era assim que minha avó dizia a Maria, sua ajudante.

– Que modos são esses, Bárbara! Isso não é jeito de falar com sua mãe! – rebateu meu pai com voz de raiva. Sempre era assim, sempre ficava do lado dela. Nunca me defendia ou me pedia que sentasse em seu colo ou me fazia um carinho! Odeio-os! Todos os dois!

– Vocês não ligam para mim! Não gostam de mim! Eu quero a minha boneca! Ela me ama e eu a ela! – Minhas lágrimas agora se juntavam aos soluços e, pela primeira vez, não tive medo de eles me expulsarem de casa, porque era isso que eu pensava que iriam fazer comigo.

Minha voz continuava alta. Meu pai se levantou e caminhou até mim; quando me preparei para tomar um tapa, a voz de Bryan me salvou... Tá vendo, ele é um super-herói.

– Bom dia a todos! – Todos os olhares se voltaram rapidamente para a porta, que estava aberta, e lá estava ele, meu herói, olhando para nós com aquela sua calma. Sem pensar em nada, corri e me joguei em seus braços, chorando sem parar, não conseguia falar. Ele não me decepcionou; segurou-me com carinho e me levantou nos braços, passando a mão em meus cabelos.

– Calma, pequena! Vai dar tudo certo! – Pronto, sabia que iria resolver toda aquela bagunça. Senti-me protegida nos braços dele, no seu carinho, era tão bom. Parecia que nada poderia me atingir. Ele me chamou de *pequena*. Que fofo!

– Bom dia, Bryan! Não sabia que você viria mais cedo – disse meu pai, chateado. Sem esperar pela resposta do meu herói, ordenou: – Barbie, venha até aqui!

Bryan me colocou no chão, mas antes disse em meu ouvido:

– Obedeça a seu pai!

Segui calada, ainda chorando, só que menos.

Ele fez um discurso, só que não me importava, Bryan estava aqui, ia salvar Elsa. Eu sei que ia, então, escutei meu pai e depois pedi desculpas para a minha mãe, que parecia ainda chocada. Depois fui para meu quarto pegar meu material e eles ficaram conversando com o Bryan. Minutos depois, quando voltei, ele estava ali, sentado e me olhando. Olhei em volta e, sem ver meus pais, fui logo pedindo:

– Bryan, você salva bonecas?

– Salvar bonecas? Como assim, Bárbara? – perguntou segurando minha mochila, ajudando-me a me livrar daquele peso

enorme que aquela bolsa tinha. Parecia chumbo! Era assim que ele dizia todas as vezes que segurava.

– Minha Elsa! Minha mãe entrou no meu quarto hoje e me assustou, aí ela caiu e quebrou a cabeça, e minha mãe disse que não tem mais jeito. – Meus olhos se encheram de lágrimas de novo. A possibilidade de não consertar minha amiga me cortava o coração.

– Bem, eu posso ver, mas acho que sim, posso ajudar sua amiga e você, principalmente, se for para tirar essas lágrimas de seu rosto bonito.

Sorri muito feliz. Tá vendo o que falo: ele é meu herói. Ele se importava comigo, queria me ver feliz! Sem medir o tamanho de minha ação, levantei-me e abracei-o com força, dizendo em seu ouvido:

– Você é meu herói! Eu gosto muito de você! Bem que sabia que você iria ajudar a minha Elsa. – Depois o soltei e sentei. Quando o olhei novamente, parecia surpreso. Também, eu era sempre tão severa, que era normal se sentir assim. Foi assim que pensei.

Uma hora e meia depois, saiu de minha casa levando minha amiguinha com ele. Quase que não conseguiu convencer minha mãe. Eu sabia que conseguiria, não tinha nenhuma dúvida sobre isso! Olhando-o montado em sua *bike*, disse para mim mesma:

– Elsa, você está em boas mãos! Eu bem que queria ter ido, mas isso nunca seria possível. No entanto, o importante é ele trazer você com a cabeça no lugar!

¹ *Frozen* é um filme de animação musical produzido pela Walt Disney, sendo inspirado no conto de fadas *A Rainha da Neve*, de Hans Christian Andersen.

² Elsa, personagem de *Frozen*, é a princesa de um pequeno reino norueguês chamado Arendelle. Ela nasceu com poderes mágicos, com os quais é capaz de criar gelo, geada e neve.

BRYAN

Eu pedalava para a faculdade sem entender algumas coisas ainda confusas em minha cabeça. Meus alunos estavam até mais calmos, porém, havia muita coisa ocorrendo e buscava algumas explicações. Alícia em muitos pontos era ainda uma incógnita. Contudo, tinha melhorado bastante em vários outros aspectos: a atenção, a vontade de estudar e, principalmente, a vontade de voltar ao laboratório.

Matheus tinha uma fixação por Alícia, me perguntava sempre dela, acredito, mesmo, que estava até gostando dela. Já Bárbara, quando me via, parecia que enxergava o Superman. Às vezes, tinha que ser mais duro, mas notara, também, que seu temperamento sempre altivo, antipático, tinha diminuído um pouco. Sabia que cada um tinha seus problemas, mas, de alguma forma, tentavam reagir, mesmo Barbie, ainda pequena, tinha consciência de que seus pais haviam se esquecido da lição principal: dar atenção, carinho, amor...

– Bem, não posso reclamar, eu só queria entender. Mas algumas respostas acredito já ter. – Hoje teria prova e apressei a pedalada, senão chegaria atrasado...

O professor já estava fazendo a entrega das provas quando, enfim, entrei na sala de aula. Tomei meu assento e vi, pela minha visão lateral, Júlia me olhando, e não desviei o olhar. Estava evitando-a a todo custo por causa de Marcos. A cada dia parecia mais apaixonado e não seria eu a atrapalhar.

Algumas vezes, conversávamos na hora no intervalo ou estudávamos juntos, mas minha participação era sempre muito

breve. Era difícil para mim vê-la sempre sorrindo com as piadas que ele contava...

– Bryan – a voz do meu professor me tirou dos devaneios.

– Sim.

– Depois que acabar aqui, vá até a diretoria, por favor – disse sem maiores detalhes, entregando-me a prova. Tentei, a princípio, não ficar curioso a respeito do que poderia ser, me concentrando nas questões de Álgebra Linear...

A sala da diretoria era bem rústica, parecia que você estava visitando um museu de peças ou estava naqueles filmes americanos. Eu gostava, mas muitos tinham medo. No fundo, acho que o objetivo do diretor era aquele mesmo: infundir medo ou pelo menos respeito, e até agora estava funcionando.

Seu Cleiton era um senhor magro, alto, calvo, tinha apenas alguns tufo de cabelos na lateral da cabeça, olhar compenetrado parecendo estar sempre pensando em algo. De longe, onde quer que você estivesse, dava para avistá-lo. Era um bom homem, conseguira uma bolsa integral de estudo para minha irmã em uma das melhores escolas da cidade.

– Senhor Cleiton, com licença. O senhor queria falar comigo? – Seus olhos fitaram os meus numa falsa tranquilidade. Percebi-o batucando com a caneta na outra mão, sinal claro de nervosismo.

– Oi, Bryan. Por favor, queira se sentar. – Fez uma pausa e depois seus olhos me avaliaram minuciosamente, procurando algo que eu não sabia do que se tratava. Ele me desencorajava a manter o olhar fixo nele, uma vez que seu olhar revelava muito, embora desconhecesse o que poderia ser. Como uma dança coreografada, deu início a sua fala:

– Bryan, sem querer me meter em sua vida pessoal, mas já me metendo, sinto-me no dever de informá-lo de que sua irmã está prestes a perder a bolsa de estudo.

– O quê? – Não que eu não tivesse escutado, mas acho que isso é comum com todos, perguntar uma segunda vez, principalmente quando a notícia é algo assim.

– Isso mesmo que você escutou. Sua irmã Meline está para perder a bolsa – repetiu me olhando com um ar de enfado.

– Posso saber o motivo, senhor? – A possibilidade de isso acontecer fez meu estômago apertar. Desde que meu pai deixou nossa casa, praticamente assumi o seu papel, claro que nas devidas proporções. Aquela bolsa possibilitava-lhe ter um estudo de qualidade, uma vez que jamais teríamos condições de pagar a escola, e, como o ensino público de nosso país está muito aquém das expectativas, perder a bolsa seria algo muito ruim.

– Segundo soube, sua irmã está se envolvendo com companhias não muito boas, e isso compromete seu desempenho. Se você não sabe, caiu muito no último trimestre. – Depois de alguns segundos analisando, sabendo, no fundo, o que o preocupava, eu disse:

– Não, senhor! Não estou a par disso, porém, lhe agradeço imensamente. A sua colaboração é muito importante nessa hora. Ela precisa dessa bolsa como o ar que deve respirar, logo, vou me certificar de tudo o que está acontecendo e resolver isso da melhor forma possível. Não se preocupe, seu nome em hipótese nenhuma será manchado.

– Assim espero, Bryan. Você bem sabe que fiz isso por causa de você, pelo aluno brilhante e esforçado que é, mas tem coisas que, infelizmente, fogem do meu controle e nada mais posso fazer – replicou enfático e suspirou um pouco fatigado, afinal, não deveria ser fácil gerir algo assim com tanta gente, tantos problemas.

Agradei e deixei sua sala, porém, minha cabeça estava trabalhando rápido demais. Meline ainda estava com Elias? Que droga! Teria que conversar com ela muito seriamente. Segui meu percurso com a cabeça fervilhando, incomodado com aquela situação. No meu devaneio, não me dei conta de que saí da ala onde ficavam as salas de aula. Parei, olhei em volta tentando me localizar; estava confuso, não entendia como havia ido parar ali.

Estava no pequeno ginásio, o local encontrava-se na penumbra, apenas uma luz deixava a sombra de alguma iluminação. O vento fazia barulho lá fora, balançando os janelões no alto. Virei-me e vi a sombra de alguém entrando rapidamente e fechando a porta,

tornando o local uma profunda escuridão. Meus olhos foram se acostumando e eu reconheci a silhueta de uma mulher.

– Quem está aí? – Um silêncio se fez, escutei apenas a respiração ainda ofegante da tal mulher. Preocupado, fiz outra pergunta: – Está tudo bem com você?

– Bryan? – Aquela voz era inconfundível para mim. Meu coração bateu como se fosse sair pela boca. Encontrei equilíbrio e respondi tentando parecer calmo.

– Sim, Júlia, sou eu. – Ela riu sem entusiasmo, disfarçando o embaraço, e falou de maneira atropelada, sem dissimular a impaciência, como se as palavras fossem difíceis de pronunciar:

– Oi, você está aqui também. Que coincidência!

– Sim. Na verdade, nem sei como cheguei aqui. Mas vou deixá-la a sós. – Mal havia acabado de falar, ela se lançou na minha frente e disse numa fúria surda, talvez com medo de que alguém pudesse escutar:

– Não! Por favor, não vá, fique! Gosto de sua presença! – Seus lábios tremiam, juntamente com suas mãos; no entanto seu olhar havia se suavizado sob a parca luz que se espalhava pelo seu rosto e pelo ambiente.

Estava próximo demais, não conseguia parar de olhar para sua boca, alternando com os seus olhos. Não encontrei verbo algum que conseguisse expressar aquele momento, então, fiquei em silêncio. Após alguns segundos de um silêncio vacilante, consegui, finalmente, falar:

– Tudo bem! – Fui premiado com um lindo sorriso. O tempo deixara de existir em vez de avançar, nenhum lampejo de lucidez eu tinha, apenas sentia sua respiração bem próxima de mim. O silêncio era barulhento...

Ela respirou fundo e deixou o ar sair lentamente, depois levantou a mão e tocou o meu rosto bem delicadamente. A clara sensação e o calor daquele toque se espalharam e alcançaram meu estômago; minha respiração estava cada vez mais curta, e os olhos dela não deixavam os meus.

De repente tudo parou, esqueci de todo o resto, sua boca estava na minha e meu corpo inteiro dizia que essa era a coisa

certa a fazer. Envolvi sua cintura trazendo-a para mais perto de mim. O seu cheiro, os seus braços envolvendo também meu corpo...

Meus olhos estavam fechados e eu só queria que aquele momento se prolongasse... Ela correspondia avidamente a todas as minhas investidas. A chuva que iniciou a cair podia ser ouvida por todos, menos por mim e não sei se por ela também... Não sei quanto tempo mantivemos o beijo, contudo, um barulho na porta me fez acordar e, num movimento brusco, afastei-a de mim rapidamente.

– Meu Deus, Júlia! – Só consegui dizer aquelas palavras. Tomei uma distância, encarando o chão, enrosquei minhas mãos uma na outra fortemente, segurando a minha respiração. Ela, por sua vez, olhava-me um tanto chocada; detectei decepção no seu olhar. A culpa se tornou visível segundos depois.

Inquieto, buscando calma naquele momento, disse, ainda vivendo uma montanha-russa dentro de mim, procurando as palavras certas para não gerar algo ainda mais complicado:

– Júlia, não podemos deixar isso acontecer de novo. Não que eu não queira, porque quero e quero muito, mas não vou ficar entre você e meu amigo. O Marcos gosta de você e gosta muito. Acho que você já deve ter percebido. – Passei as mãos nos cabelos sem saber ao certo o que fazer.

Sua expressão era cuidadosamente educada. Sorriu um sorriso pequeno, apertado, mas um sorriso. Tomou uma distância maior, sentou-se em uma cadeira velha, enferrujada que estava lá jogada e, timidamente, disse:

– Eu te entendo! Sinceramente, acho muito nobre de sua parte preservar a amizade de vocês. Mas lamento informar que seu amigo não tem a menor chance comigo. Eu não gosto dele!

Escutei cada palavra, e eram sentimentos contrários que faziam uma dança muito doida dentro de mim; feliz por ela não gostar do Marcos e, ao mesmo tempo, triste ao pensar em meu amigo. Todavia, algo tinha de ser feito e a única resposta que vinha à mente era: seja forte, meu filho! Naquele momento, senti saudade de algo que nem eu mesmo sei explicar.

– Eu lamento tudo isso! Lamento pelo Marcos. Lamento ainda mais por nós, porque, mesmo sabendo que você não gosta dele, sei que ele gosta de você e para mim dá na mesma, sem a menor chance de isso acontecer. – Estava sendo o mais verdadeiro possível, evitando os muitos problemas que poderiam ser gerados a partir dali.

– Claro! Eu também lamento, Bryan! – Meu nome pronunciado por sua voz tinha uma sonoridade diferente, era imensamente mais bonito que nas demais. Ela olhou em volta e num vislumbre vi a dor novamente em seu rosto. Meu coração se apertou e eu só pensava e pedia a Deus que não fosse eu a razão de sua dor, porque não podia fazer nada a respeito. Era muito para mim, jamais competiria com o meu melhor amigo.

– Eu tenho que ir, Júlia, lamento! Você vai ficar bem? – Nem sei por que perguntei aquilo, uma vez que não era viável também consolá-la.

Encarou-me abertamente e com curiosidade. Havia muita coragem atrás de uma falsa indiferença e de uma educação forçada pelo decoro, quando falou com todas as letras:

– Sua preocupação me comove, mas não me conforta, então, não ficarei bem, porém, nada você poderá fazer a respeito, logo, pode se retirar. Sem problema mesmo. – Desviou os olhos de mim, dando por finalizado o nosso magnífico encontro. Eu só não teria coragem de dizer isso.

– Você tem razão. Boa noite! – Sem mais uma palavra deixei a sala, sem nenhuma vontade e, ao mesmo tempo, louco para me distanciar. Sensação estranha essa... Um paradoxo gritante: o que alimentava meu coração adormecido ao mesmo tempo matava meu coração bem vivo.

Alguém já havia falado que a vida é feita de contrários, de dualidades; bem ou mal, preto ou branco... Essa diversidade da vida é que a torna interessante. Você tem que conhecer a si mesmo e um pouco também do próximo, buscando compreendê-lo. Cada um vive a sua realidade e nem sempre essa realidade é clara para todos. Em muitos casos é escura, opaca e sem vida.

No entanto, de quantas perguntas é feita uma vida? Minha mãe sempre nos perguntava isso quando éramos mais novos e depois ela mesma respondia: De todas e ao mesmo tempo de nenhuma, depende do referencial.

– Brilhante resposta! – disse para mim mesmo. Para alguns, a necessidade de saber era como o sangue que circula pelo corpo, vital à vida. Para outros, não representava muita coisa, uma vez que não existia muito interesse em questionamentos...

A chuva havia cessado e a lua se fazia linda, iluminando os céus do planeta. Não iria mais retornar à aula, minha cabeça estava bloqueada pelos acontecimentos e, até resolver pelo menos um deles, não se aquietaria. Segui direto para casa; deveria ter uma conversa muito séria com Meline, queria ouvir da boca dela o que estava acontecendo.

JÚLIA

Mas que droga! Por que será que tudo para mim tem que ser sempre assim: impossível, complicado e sombrio? Essa minha vida é uma droga ao quadrado! Quanto mais vivo, mais me convenço de que o melhor seria morrer, mas morrer de verdade.

– Essa de Marcos gostar de mim não é bem uma novidade; porém ter a certeza pela boca de Bryan foi demais! Eu tenho é o dedo podre. Só pode ser – desabafei alto comigo mesma, sozinha naquele ginásio. Sentindo-me em paz, continuei a divagar. – Eu que pensei que nunca fosse gostar de um beijo, amei o dele... Suave, envolvente, delicado, quase uma poesia! – O Bryan era assim, exalava pureza e ao mesmo tempo segurança, integridade, dever. O problema era isso tudo em alguém de uma só vez; poucos estão acostumados e apenas uma minoria sabe valorizar.

– Aqueles babacas! – Por trás ficavam falando do Bryan, chamando-o de muitos nomes; sabia que tudo aquilo era inveja. Assim é o invejoso; não quer que o seu “inimigo” se dê bem. Ser diferente neste mundo não é fácil, é bom a pessoa se preparar para caminhar sozinha. Eu vi isso no Evangelho de minha tia. Ela era uma evangélica meio torta, estudava também o Espiritismo sem o pastor saber.

O livro de cabeceira dela era o *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Ela falava que era melhor de estudar porque explicava as passagens evangélicas muito bem. Era a única da família que se preocupava com essa parte “moral”. O resto só pensava em se dar bem e se aproveitar das fraquezas dos outros; tirando minha

sobrinha de 4 anos, ainda muito pequena para entender, mantinha-me imune àqueles parasitas.

– Fico me perguntando o que fiz para merecer tamanho castigo de Deus! – Lembrei-me das poucas vezes que fiz o Evangelho no Lar com ela, e o tal livro que gostava do Espiritismo explicava a reencarnação... Mas não acreditava não, embora, se analisado friamente, fazia até sentido.

O barulho da fechadura da porta me tirou do devaneio, alguém abriu antes que eu cedesse à vontade de me esconder. Marcos entrou e, ao me ver, andou na minha direção lentamente, como se sondando a minha permissão para tal fato. Não disse nada, permaneci calada, mas a vontade era de mandá-lo embora. Ele não era chato nem feio, porém, nada nele me chamava a atenção e, mesmo que chamasse, não tinha interesse em romance algum com ninguém.

Nesse momento de devaneio, a imagem do beijo com Bryan me veio à mente rapidamente, e tive que concordar com o meu silêncio, tão falante, que aquilo era paradoxal, pois eu tinha gostado do beijo, do toque...

– Júlia! Você está bem? Posso ajudar em alguma coisa? – Seus olhos podiam ser suaves, assim como sua voz, mas escondiam suas verdadeiras vontades; foi aí que encontrei a razão de quase sempre não me sentir bem com sua presença. Ele queria algo mais e, o que ele queria, não podia dar.

– Obrigada, Marcos! Estou bem. A propósito, estava de saída. – Olhei em volta e me dei conta, de verdade, de que o local era mal iluminado. A reação veio rápido: minha respiração ficou curta, meu coração acelerou e minha cabeça latejou. O ar ficou pesado de repente e senti meu corpo prestes a cair... Tinha que reagir. Fechei os olhos com força, apertando-os como se estivesse com dor, contudo, era a sensação de um iminente ataque que me atormentava a alma.

Abri-os na mesma hora, e foi o tempo suficiente de ver a mão de Marcos vindo em minha direção. Antes de me tocar, me afastei rapidamente e gritei a plenos pulmões:

– Não toque em mim! Nunca! Jamais! – Ele abriu os olhos o máximo que pôde e guardou sua mão rapidamente no bolso. Senti a frustração no seu olhar. Ele cruzou os braços, nervoso; com os olhos brilhando, me encarou abertamente e, sem pestanejar, perguntou à queima-roupa:

– Alguém já te machucou? – Silêncio. Minha mente trabalhava rápido, repetindo no silêncio de suas sinapses: “Não entre nesse campo! Isso não é da sua conta! Você não sabe de nada! Você pode não gostar da resposta!”

Sem uma palavra que pudesse atestar meus pensamentos, peguei minha bolsa e saí em disparada, sem olhar para trás, sem me preocupar para onde iria... Só saí, rápido e sem querer ninguém me acompanhando...

A noite estava fria, mas a lua brilhava iluminando mais um pouco, embelezando o campo de estrelas no céu. As luzes da cidade eram opacas, sem brilho, quase uma penumbra. Andei sem rumo até parar num parque público. Sentei em um balanço enferrujado, escutando o rangido de todos os parafusos que gritavam, talvez, contra meu peso desproporcional ao tamanho do brinquedo. Estava ofegante, não de cansaço físico, mas mental, emocional...

– Que porcaria de vida! Aquele babaca está acabando comigo! – disse alto para mim mesma. Contudo, me recusava a desistir. Não iria dar esse gostinho a ele. Enquanto tivesse forças, minha outra parte do cérebro, aquela que conseguia coisas quase impossíveis, se recusava a desistir. Não sabia como se dava esse complexo processo; tudo de ruim me acontecia e a “besta” desse lado do cérebro me dizia: tudo vai mudar, tudo vai acabar... Acho que esse tipo de coisa podia ser uma forma de lavagem cerebral, só não sabia quem tinha feito isso em mim, ou se seria algum dispositivo de fuga para poder suportar tudo pelo que passava...

– Nada como um bom mistério. Que grande porcaria isso! Que grande porcaria é essa minha vida! – disse a mim mesma para me lembrar de como estava vivendo e para me acostumar com essa dura realidade. Olhei em volta e vi ao longe um rato correndo, crente de que não estava sendo visto...

Assim somos nós, achamos que ninguém percebe nada, mas no fundo estão todos de olho, talvez, pensando que você é diferente das outras pessoas, que tem algo a esconder. E, sem saber, você está mais em evidência do que supunha e todos, qualquer um, mesmo, pode ser o motivo de sua dor.

Mas eu tinha desistido de tentar entender esse processo... Colocava outras coisas em minha mente. Vi, outro dia, em um vídeo, que você pode condicionar a sua mente. Se você começar a passar informações positivas e criar o hábito de pensamentos melhores, segundo o expositor, sua saúde é também proveniente disso. Quando você começa a pensar melhor, suas células são energizadas e sua imunidade aumenta, tornando-lhe potencialmente mais saudável. O contrário também é verdadeiro.

No início achei tudo muito fantasioso, mas comecei a fazer testes comigo mesma e isso durou dois meses. Posso dizer que realmente senti diferença. O vídeo informava que esse processo é lento, requer paciência e força de vontade; toda vez que lhe surgir um pensamento ruim, você o substitui por outro bom, não necessariamente do mesmo teor, tipo, se você começasse a pensar naquela pessoa de quem tem raiva, ou nojo, ou ódio... Ufa...

Respirei fundo, tentando novamente tirar aquela imagem da minha mente. Você fecha os olhos e luta para desviar seu pensamento para algo bom: uma música, uma viagem que você tinha feito ou queria fazer, uma pessoa que lhe fosse querida... E assim eu fiz. Foi bastante difícil, no início, conseguir desviar o foco, contudo, não desisti e continuei. Confesso que foi ficando mais fácil e estava tudo melhor, até acontecer o abominável de novo... Regredi a zero. Droga! Eu odeio tudo aquilo! Odeio!

– Júlia! Júlia! – Parei de me balançar e virei até ver Marcos logo atrás de mim, ofegante. Ele tinha vindo correndo.

– Meu Deus, estou fora de forma. Tenho que voltar a correr – disse com a mão em cima do peito arfante. Parecia, mesmo, que ia botar os bofes para fora. Tive de rir. – Bem, mas já valeu a pena ao ver um sorriso no seu rosto – disse fitando meus olhos com avidez.

Suas palavras e sua postura eram desencorajadoras para mim, mas tentei deixar meu rosto, na melhor das hipóteses, neutro. Afinal, no fundo reconhecia que ele não tinha culpa.

– O que foi, Marcos? Aconteceu algo? – Mudei o foco do clima que havia se instalado. Ele suspirou algumas vezes, passou a mão na cabeça, visivelmente nervoso, tossiu, bateu no peito para ajudar, provavelmente, para o catarro se descolar do peito.

Era nojento, mas era a natureza e, pelo visto, não só estava com problemas de condicionamento, mas também gripado.

– Bem, Júlia, queria conversar com você... – Fez uma pausa e me olhou, seu cabelo caiu por sobre seu olho esquerdo. Marcos era um rapaz bonito; olhos verdes e penetrantes, altura mediana, cabelo desalinhado que lhe conferia um charme a mais, duas covinhas ao lado da boca bem definidas... Definitivamente era muito bonito e só agora olhava bem para ele.

Como percebeu que eu não iria interromper, continuou:

– É que desde que conheço você... Bem... Eu a acho uma mulher... Não, moça, isso, moça muito bonita, inteligente, interessante e... – Fez uma pausa, olhou para chão, preencheu os bolsos de sua calça com suas mãos e, como se não pudesse esperar mais nenhum minuto, disse: – Eu queria muito te conhecer melhor e ser algo mais para você.

Desde quando iniciou a falar, meu coração havia disparado e em minha mente só se formavam duas palavras, que fiquei repetindo para mim mesma; não diga, não diga... Não conseguia explicar ao certo o que estava sentindo. Perdi o fôlego como se tivesse corrido com ele. Disfarcei e consegui desenhar um sorriso em meus lábios. Respirei fundo e disse sem emoção:

– Marcos, eu... – Silenciei. Parecia que meu cérebro havia sido bloqueado, porque as palavras se perdiam dentro de mim. Apertei minhas mãos em torno das pernas e olhei para o chão... Sabia que iria acontecer de novo, lutava desesperadamente contra o que estava por vir, mas meu corpo não respondia mais, meu cérebro não conseguia mandar uma ordem e senti o primeiro tremor e, logo depois, uma sequência deles...

Sem controlar mais meu corpo, ele foi ao chão, tremendo sem parar. O suor se desprendia do meu rosto, parecendo que estava chovendo ou algo assim... Silêncio... Escuridão... Medo... Calmaria...

Abri meus olhos devagar, estavam pesados, pisquei algumas vezes. Não reconheci nada. Não sabia onde estava. Movi minha cabeça para o lado e vi Marcos sentado em uma cadeira com as mãos na cabeça, apoiando os braços nas pernas.

No instante seguinte, levantou a cabeça e me fitou em expectativa. Vi mágoa, medo e carinho em seus olhos. Desviei rapidamente. Mordi meu lábio tão forte que a dor me fez entender o que havia acontecido; eu tinha tido outra crise... Suspirei profundamente. Fazia seis meses e sete dias que estava sem nenhuma. Todos os dias fazia essa conta.

Prendi a respiração, temendo ver aquele olhar novamente. Já conhecia todas as críticas que iriam fazer quando soubessem. Dei-me conta de que estava em um hospital. Não sei quanto tempo fiquei desacordada, mas me confortou ver apenas Marcos ali e ninguém de minha “amada” família. Tomei coragem, virei para ele, que parecia ter medo também de falar, e indaguei:

– Quanto tempo estou aqui?

– Quase uma hora! – respondeu num fio de voz, olhando para mim com compaixão.

– Você chamou alguém de minha família? – perguntei curiosa.

– Não. Infelizmente não sabia como fazer, desculpe-me. Na verdade, não disse a ninguém. – Senti uma alegria tão grande que me deu uma vontade inesperada de abraçá-lo. Nossos olhos se encontraram e sorri abertamente. De forma espontânea e sincera, estendi os braços, pedindo um abraço.

Ele sorriu em resposta, levantou-se e abraçou meu corpo magro e cheirando a hospital público. Parecia que tinha medo de quebrar meu corpo, tamanho foi o cuidado com que o fez. Fechei meus olhos e relaxei no abraço dele. Apertei-o enquanto sentia aquele momento de paz, no meio daquela infelicidade que era minha vida.

– Obrigada! De coração! – agradei ao seu ouvido e o senti relaxar também. Soltou-me. Sorrindo, seus olhos me agradeceram

algo também que não pude alcançar. Vislumbrando meu rosto, disse com segurança:

– Sou eu quem agradece, Júlia! Estou muito feliz que esteja bem! De verdade, senti medo de que algo mais sério acontecesse. Você é importante para mim! – Aquelas palavras foram proferidas com tamanha sinceridade que, pela primeira vez, não senti repulsa ou medo. Sorri em resposta. Naquele momento, senti que travávamos algo a mais, uma amizade mais sólida talvez, mas não tinha mais medo dele.

Acho que pode ser assim que muitos vencem os traumas: com carinho, atenção, respeito e confiança. Apesar de tudo, fiquei feliz! Estranho, mas foi assim que me senti, feliz, mesmo sabendo que nunca teria outro sentimento por ele, a não ser amizade. Queria que, aos poucos, ele fosse entendendo isso.

BRYAN

Eu não sabia o que tinha acontecido, minha coragem de perguntar ao Marcos era muito pequena. Conhecia meu amigo, ele era ciumento e se demonstrasse qualquer coisa viria para cima de mim.

Uma semana depois do beijo trocado com Júlia preferi apenas ser um mero espectador, embora minha razão e emoção tivessem se unido para me perturbar, talvez a única vez que isso tivesse acontecido, já que quase sempre lutavam entre si.

Estava louco para saber o que ocorrera. Júlia se mostrava mais receptiva a ele; acreditei até que, em breve, estariam namorando...

Aquela constatação fez meu coração se apertar, e minha razão se deu conta de que o meu sentimento era maior do que supunha. Engoli a dor que rompia meu peito e se espalhava pelo corpo como se fosse um veneno lento e doloroso a entorpecer meu raciocínio. Respirei fundo, sabia que aos poucos tudo ia se ajeitando dentro de mim, porque é assim que as emoções funcionam quando você tem certo equilíbrio.

Por meio do estudo descobri que segundo André Luiz, no livro *Evolução em Dois Mundos*, psicografado por Chico Xavier, as células nada mais são que “animálculos infinitesimais que se revelam domesticados e ordeiros na colmeia humana... obedecendo ao pensamento simples ou complexo que lhe comanda a existência”.

Apesar do linguajar complexo, a interpretação era bem simples e trivial: as células eram comandadas por nossa vontade, por nossa mente, ou seja, pelo nosso espírito, sede da nossa

inteligência. O equilíbrio dependia desse processo. Isso se dava em qualquer âmbito, principalmente em relação à saúde.

Nos primeiros dias, tudo é muito intenso e doloroso, mas você só tem que ter paciência e o controle de esperar; aos poucos tudo vai se reorganizando e, com sugestões positivas, sua mente vai assumindo o controle e tudo vai voltando ao normal.

– Aí, cara, nós vamos ao cinema, tá a fim? – perguntou Marcos, embora sua vontade dissesse o contrário. Ele não queria que eu fosse, me convidou apenas por educação e não iria atrapalhá-lo.

– Infelizmente, não posso! Minha irmã e eu vamos sair! – desculpei-me, apesar de não ser totalmente verídica aquela informação, afinal não tinha dado certeza a Mel, mas era uma excelente desculpa.

– Tudo bem, entendemos! – respondeu Marcos com um sorriso glorioso no rosto. Mais uma surpresa para mim; aquela atitude me gerou um aborrecimento muito grande. Pela primeira vez, desde que o conheci, tive vontade, de verdade, de bater na cara dele. Essa seria a minha deixa para ir embora, contudo, antes de me despedir, Júlia me interpelou sem reservas:

– Para onde vai com sua irmã? – Seus olhos brilhavam em um negro profundo, o vento balançou seus cabelos e pude sentir seu perfume de flores invadir minhas narinas. Era divino!

– Bem, não combinamos um local certo ainda, só combinamos que vamos sair. – Tentei ao máximo ser verdadeiro. Não gosto de mentir; a mentira tem perna curta, como sabiamente sugere o velho ditado.

– E por que não convida sua irmã para nos acompanhar? Seria até melhor com mais gente. Pouca gente não é legal! – tentou disfarçar o eufemismo na sua frase. Vislumbrei Marcos, e ele estava lutando como podia para não deixar transparecer o seu aborrecimento. Não resisti a um impulso súbito, totalmente instintivo:

– Claro! Vou convidá-la. Obrigado! – Fitei Marcos para me despedir e observei que a confusão em seu rosto deu lugar à completa raiva. Dei um singelo boa-noite e me afastei dos dois... Minha consciência acusou rapidamente, era para ter recusado,

contudo, assim é o orgulhoso, não pensa em nada a não ser em si mesmo. É por isso que procuro colocar minha razão sempre presente.

Bom, ainda estou longe, mas tenho que me esforçar para ser o melhor que puder...

Dois dias tinham se passado e o tal cinema seria hoje, e claro que não irei... O sol se levantou quente no céu, irrompendo as nuvens e trazendo luz à metade do planeta naquele momento. Eu pedalava no mesmo ritmo de sempre, observando as muitas folhas de árvores caídas no chão, anunciando uma nova estação, uma das minhas preferidas: o outono.

– Bryan! – a mãe de Alícia me chamou assim que entrei no imenso jardim da casa. Fitei-a e indaguei:

– Oi, senhora! Ocorreu algo? – perguntei preocupado.

– Na verdade, sim. Queria falar uma coisa: desde aquela vez que vocês foram para o laboratório, Alícia vem apresentando melhoras inacreditáveis. Queria pedir, por favor, que não desista dessas aulas. Ela... – silenciou emocionada. Uma lágrima escapou do canto de seus olhos e foi só questão de tempo: o vento que soprava forte balouçou seus cabelos, colando-os em seu rosto, com as lágrimas que já caíam abundantes.

Ela levou as mãos ao rosto, cobrindo-o.

Eu não fazia ideia do que a Alícia poderia ter; aparentemente era uma jovem saudável, contudo, a sua forma de agir dizia o contrário, mas não sabia se esse problema era de ordem psíquica, somática ou os dois. Meus braços caíram ao lado do meu corpo; os pés separados na extensão dos meus ombros mostravam todo o meu desconforto com a situação, não sabia ao certo como deveria agir.

– Claro que não! A senhora pode ficar despreocupada. Primeiro porque preciso muito desse dinheiro, depois, gosto das aulas, sua filha é uma jovem muito inteligente – disse acalmando-a.

A sequência foi mais constrangedora ainda. Sem pedir licença, ela me abraçou como se eu fosse Jesus Cristo e desatou a chorar ainda mais.

Sem saber o que fazer, fiquei alguns segundos parado, recebendo aquela carga emotiva. Totalmente desconectado e, com muita cautela, passei a mão bem superficialmente por sua coluna, subindo e descendo. Era assim que minha mãe fazia quando nos consolava. Segundos depois de um total silêncio e choro, ela se afastou enxugando os olhos, agora vermelhos e inchados, e disse mais calma:

– Obrigada, Bryan! Você não imagina o bem que está fazendo a minha linda filha! A sua postura desde o início foi primordial para tudo o que está acontecendo. Você é uma pessoa do bem e agradeço a Deus, embora tenha me distanciado dele nesses últimos meses... – silenciou me oferecendo um sorriso tímido. Senti segurança para poder falar-lhe:

– Saiba que Deus nunca se distancia de nenhum de seus filhos! Ele sabe muito bem como cuidar de um coração de mãe. Volte seus pensamentos e se reaproxime dele. Os benefícios serão estendidos a toda sua família. Um lar que abraça esse amor divino fecha muitas portas ruins. – Ela me sorriu como se concordasse com o que escutara.

O dia transcorreu sem maiores surpresas, a não ser na aula de Matheus. Ele não parou de falar de Aícia: das vezes que se encontravam no colégio, de como ela o tinha olhado, que eles tinham conversado a respeito de medicamentos, de como ela também gostava do assunto... blá-blá-bla. Definitivamente, ele estava gostando dela...

Quando retornava para casa, ainda longe, vi Elias interpelando Meline no portão de nossa casa. De forma grosseira, segurava seu braço e falava bem próximo ao seu rosto. Meu sangue começou a circular mais rapidamente; isso indicava que minha adrenalina tinha sido liberada. Apressei a pedalada o mais rápido que pude. Cheguei, larguei minha *bike* e soltei alto e enérgico:

– Solte-a, Elias! – Ele se virou rapidamente me encarando surpreso. Soltou-a e, como se não tivesse acontecido nada, me cumprimentou:

– Aí, cara! Há quanto tempo, hein? – estendeu a mão amistosamente. Olhei-o por alguns segundos com a cara fechada,

depois apertei sua mão sem desviar os meus olhos dos dele e disse com minha peculiar sinceridade:

– Saia de perto de minha irmã! Você não faz bem a ela. Não te quero mal, cara, mas você não é uma boa companhia e a está prejudicando. – Ele apertou mais minha mão, num gesto intimidador, até soltá-la.

– Do que você está falando? – indagou meio chateado, meio surpreso.

– A Meline está prestes a perder a bolsa por sua causa! – continuei contundente. – Se você tiver algum sentimento por ela, afaste-se ou busque uma vida honesta, decente.

Ele levantou a sobrancelha, enrugando a testa em sinal claro de confusão. Fitou Meline, que me olhava pasma, como se aquela notícia lhe abalasse a alma. Desde que soube, comecei a tomar algumas providências, e uma delas seria conversar com Meline em um local onde pudéssemos falar tranquilamente. Já fazia mais de uma semana e tanto eu quanto ela estávamos sempre ocupados. Minha mãe também estava gripada, o que dificultava minha saída com ela.

Mas aquele podia ser o momento apropriado para conversar, também, com ele, ou pelo menos deixá-lo a par de como suas atitudes não só a ele faziam mal.

– Você me desculpe, mas não posso ser culpado por isso. Sua irmã está comigo porque quer. – Seus olhos negros se voltaram para Mel numa ameaça velada e interpelou-a: – Não é isso mesmo, Mel?

Ela não desviou o olhar, e vi o medo estampado em seu rosto. Já o dele avisava para ficar calma e concordar com ele. Esse é o tipo de relação perigosa... O rapaz ameaça a jovem e, por medo, ela vai cedendo. Não iria permitir isso com a minha irmã. O desespero, o pedido de ajuda era visível em seu corpo, mesmo sem pronunciar uma única palavra. Tomei a frente e disse firme, sem deixar dúvida em relação ao que queria:

– Não! Não é isso o que acontece. Sugiro que não a ameace nem faça nenhum tipo de chantagem com ela. Ela não está sozinha e, se insistir, vou à delegacia. Não quero chegar a tanto,

somos conhecidos, somos pessoas civilizadas. – Seu olhar glacial para mim combinava com sua mandíbula saliente.

Elias era um jovem de estatura média e traços marcantes; forte, “bombado”, aproveitava-se desses seus músculos para infligir medo e conseguir o que queria. Contudo, não tinha medo dele. Com a respiração levemente alterada, deu um passo para trás e respondeu com palavras carregadas de ódio:

– Bryan, meu irmão, eu sugiro que não interfira nisso! Isso é comigo e com a Mel! Não quero machucar você! Assim são os relacionamentos.

– Elias, a Mel é minha irmã. Pense um pouco; se fosse sua irmã, faria o mesmo. Como você leva a vida é um problema seu, não me importo e, se algum dia precisar de ajuda, certamente terá a minha, mas isso acaba aqui – retruquei firme, sem desviar um centímetro de onde estava.

Apesar de ser um cara marrento, metido a bravo, sabia que nunca iria fazer mal a mim. Se quisesse já o teria feito, ao contrário, sentia um respeito verdadeiro. De certa forma, essa minha atitude só reforçava esse respeito.

– Bryan está correto, Elias, não podemos ficar juntos! Não quero perder minha bolsa. Preciso dela! – disse minha irmã com a voz trêmula, ainda sob forte apreensão. O fato de estar entre eles deu a ela a segurança que precisava para pôr um ponto-final naquela história que já havia ido longe demais.

– Mel! Pelo amor de Deus! O que você está falando? Sou eu, o Elias! Não pode acabar comigo! E outra, se for por dinheiro, eu pago, gatinha! – disse jocoso.

Ela respirou fundo, passou as mãos nos cabelos, revirando-os, como se quisesse juntar os pensamentos e, desta vez, falou firme, já quase sem medo na voz:

– Você não entende, né, Elias! Não quero seu dinheiro sujo. Ele só trará infelicidade a você e a quem estiver com você. Será que não percebe que não faço o seu tipo? Gosto de estudar, quero crescer, quero ser alguém. Reveja seu caminho, sei que é difícil, mas nada é impossível. Nunca lhe dei chance alguma, foi sempre você que insistiu em algo. No início pensei que era diferente, e

talvez, se fosse, poderia, sim, pensar em algo com você, mas nem pensar em relacionamento eu quero. Tenho que refletir sobre o meu futuro.

Sua postura mudara, falava agora sem medo e segura.

– Olhe em volta! Será que não consegue enxergar? O que temos, Elias? Nada! Pelo amor de Deus, acorde! Você é jovem! Não quero e não vou ficar aqui minha vida toda. Quero fazer algo útil, estou tendo oportunidade e vou aproveitar. Se você quiser fazer alguma coisa contra mim, pode fazer, mas nunca terá nada de mim se continuar nessa vida. Não estamos aqui para isso, estamos aqui para aprender e contribuir amanhã mais efetivamente para um mundo melhor.

Ele cruzou os braços sobre o peito e parecia estar sob alguma força que o impedia de agir de forma mais violenta. Não podia ver, mas sentia que não estávamos sozinhos, sentia uma energia muito forte entre nós e, a cada palavra que Mel dizia, sentia que essa mesma energia o envolvia.

Ele olhou para o horizonte, como se quisesse esconder seus verdadeiros sentimentos. Percebi, também, que, apesar da forma errada, tinha um sentimento verdadeiro por minha irmã. Aquilo meio que me aliviou.

– Muito bem! Aos dois irmãos dou minha palavra de que não vou importuná-los, mas aviso: não entrem no meu caminho. Somos diferentes, pensamos de forma diferente e nada vai acontecer se permanecerem na de vocês. – disse de maneira calma, possivelmente sob o influxo de algum bom espírito que ali prestava auxílio. Todavia, sentia em seu olhar o orgulho ferido.

– Não se preocupe, não julgamos o que faz. É uma decisão sua, respeitamos. Só pedimos que respeite também a nossa. Quanto a isso, não teremos problema algum, te dou minha palavra.

Sem mais uma palavra, ele se retirou com o dorso levantado, altivo, como se envergasse sobre os ombros grande poder.

Pobres dos homens que se aventuram nas falsas patentes da matéria, criando ilusões do que não são e do que não precisam. Eu o vi andando e, por alguns segundos, fui tomado por um

sentimento de compaixão que me fez orar por ele e por todos os que estavam naquele mesmo caminho.

A oração é assim, você deseja o bem e quem sente o primeiro impacto desse bem é você. Aquela atitude me deu uma leveza, um olhar diferente também sobre minha irmã. Sob a influência dessas boas energias, decidi não repreendê-la.

MELINE

Vejam como são as coisas, quanto mais penso, mais me convenço de que nada é por acaso. Hoje, iria sair de casa, tinha que encontrar a Carla. Do nada, ela não pôde, a mãe ficou doente. Sabe aquelas horas em que você pensa que vai explodir? Pois é, foi assim que fiquei. Já tinha combinado isso com ela dias atrás... Xinguei tanto, reclamei outro tanto, até me conformar e ficar em frente à droga da TV, assistindo a um programa sem conteúdo, para variar.

Mas nada disso foi tão ruim como escutar a voz do Elias me chamando. Paralisei, senti um frio me percorrer dos pés até a altura da espinha dorsal em menos de um segundo.

Aquela voz já tinha sido, por um período muito curto, especial para mim. Hoje me causava pavor. A maneira como me olhava sem minha permissão era, no mínimo, constrangedora. Ele achava que tínhamos algo e me cobrava, me deixando sem chão. O pior era que como eu tinha medo deixava-o pensar que estava a fim dele também.

Até agora nunca tinha lhe permitido se aproximar, mas, segundo ele, isso estava com os dias contados. Da última vez, me falou que não mais deixaria que eu o manipulasse...

O tempo parecia haver parado, tudo silenciara à minha volta, apenas o som daquela voz me chamando. Pensei em me esconder, correr, fugir... Foram tantas coisas em um período tão curto que a sensação era de terem se passado horas.

Conhecíamos Elias havia, pelo menos, cinco anos, quando se mudou para o bairro para morar com sua avó. Sempre fora

marrento e brigão, o único que nunca brigou com ele foi o Bryan; tinha um respeito por meu irmão que chegava a estranhar. Seus pais foram presos por tráfico de drogas, passaram algum tempo na cadeia, sendo o pai morto meses antes de cumprir a pena. Nunca falara a respeito, mas desconfiávamos de que esse seria um dos motivos que o levaram para a mesma vida.

Ele buscava vingança. No bairro, todos diziam que a morte teria sido encomendada pelo chefe de uma facção rival, que ficava em outro morro. Sua avó, mulher também de gênio difícil e intratável, o tratava sempre com agressividade, espancando-o com frequência, até um dia ele reagir e quebrar o braço dela...

A sala estava envolvida pela luz intensa do sol, que, naquele horário, em contato com os gradilhos da janela, fazia um desenho no chão. Escutei minha mãe me chamando insistentemente, segundos depois de Elias... Por alguns instantes, não sabia a quem atender, foi quando despertei do meu torpor momentâneo.

Segui até o quarto e encontrei minha mãe pálida, com os lábios finos, secos e pálidos também. Seu olhar, quase sempre sereno, estava horrorizado e suas mãos, trêmulas.

Quando me viu, estendeu a mão rapidamente. Senti o medo invadir minha alma, sabia quanto estava doente, mas não podia dizer que estava preparada para perdê-la. Segurei suas mãos, beijei-as com carinho, depois molhei seus lábios levemente. Enxuguei um suor frio que descia pela sua frente, sempre dizendo que ia ficar tudo bem. Ela se mantinha em silêncio, olhou-me mais calma e exclamou em um tom quase inaudível:

– Tenha cuidado, Mel! Esse rapaz... – Respirou fundo, procurando o ar que teimava em faltar, até conseguir falar novamente, desta vez mais calma e com a respiração já quase controlada: – Não tenha medo, apenas não vá com ele. A ajuda em breve chegará. Estarei aqui em prece, minha filha.

Não entendi muito, a princípio, apenas sabia que falava do Elias, o que foi reforçado quando escutei novamente o chamado agudo e impaciente dele. Beijei-a na frente e segui até o portão, onde ele permanecia.

Ao me ver, deu um sorriso afetado, estufou o peito e, sem me pedir licença, pegou minha mão e levou-a aos seus lábios, demorando mais que o normal. Senti repulsa, mas contive a vontade de puxá-la e limpá-la em minha roupa.

– Não queria vir falar comigo, minha rainha? – perguntou com certa ironia na voz. Esboçou um sorriso torcido, estudando meu rosto, e focou meus olhos. Sustentei seu olhar. Naquele momento, qualquer sombra de fragilidade e doçura havia desaparecido e soltei confiante:

– Não sou sua rainha! E não era essa a questão. Minha mãe teve uma crise e por muito pouco não a vejo morrer na minha frente. Então, seja lá o que quer me falar, fale rápido, tenho que entrar. Ela está sozinha.

Silêncio. Vi a face dele ficar vermelha rapidamente, parecia que tinha comido pimenta, e meu tom de voz era bem apimentado mesmo. Deu um passo à frente, aproximou seu rosto de mim e, fazendo-me sentir seu hálito de bebida alcoólica, bufou em um falso tom de calma:

– Isso é lá jeito de você falar comigo, Mel! Você acha que está falando com quem? Com aquele babaca do Pedro? Você pensa que não sei que está papeando com aquele verme? – Torceu o pescoço, deixando-o de lado, sem quebrar seu olhar do meu. Tornando-se mais ameaçador, continuou: – Eu sei onde ele mora. Sei onde trabalha. Faz o papel de bom moço!

Aquelas palavras fizeram minha confiança se esvaír rapidamente, senti meu estômago embrulhar. Minha postura intensificou seu olhar agora zombador. A expressão no seu rosto sugeria orgulho, arrogância, facetas de um caráter moldado por falta de educação, falta de amor... E o pior era que não tinha absolutamente nada com Pedro.

– Gosto assim, gatinha! Guarde sua língua para elogios, combina mais com você. Vim convidá-la para tomar um sorvete. O dia está quente e ótimo para isso.

– Elias, qual parte do “minha mãe está em crise” você não entendeu? É hora do almoço! Ninguém toma sorvete a essa hora!
– disse calma, sustentando certa firmeza. Não poderia me

mostrar muito vulnerável, ele sabia como me aterrorizar. Era muito bom nisso.

– Não existe hora certa para tomar sorvete, Mel! Ainda mais quando o tempo está assim, quente. Quanto a sua mãe, ela já deve estar melhor, você nem está tão assustada assim – argumentou impaciente. Eu sabia quanto ele era insistente. Lembrei-me do aviso de minha mãe, que agora fazia todo o sentido para mim.

Respirei fundo, buscando uma calma que estava muito longe de sentir, e tentei ir levando a conversa de uma forma mais amistosa. Expliquei bem detalhadamente a doença de minha mãe, mesmo sabendo que ele já tinha conhecimento. Era uma forma de ganhar tempo e, a cada desculpa que dava, os seus olhos se tornavam mais ameaçadores e minha confiança ia acabando.

Cheguei ao “céu” quando escutei a voz de Bryan interpelando-o. Nem o vi chegar, foi a primeira vez que quase corri para os braços do meu irmão buscando refúgio. Quando era criança fazia isso, sempre me passou segurança, coisa que nunca tive do meu pai, de quem nem me lembro.

Fomos abandonados quando eu era quase um bebê. Se eu disser que não senti falta de um pai estarei mentindo, mas supri essa carência com o meu irmão, que nunca deixou que me sentisse desprotegida. Olhei-o e vi quanto o amava, quanto sempre foi importante na minha vida.

Engraçado, tem pessoas que lhe passam uma segurança no olhar, no falar, no agir... E veja bem, Bryan é apenas um jovem, mas tem tantas coisas admiráveis que fica difícil não sentir isso por ele.

Meu irmão era especial de muitas formas, e aquilo só aumentava o meu amor. Embora hoje não diga mais isso a ele. Por quê? Bem, porque mudamos. Crianças são sinceras demais, jovens são egocêntricos demais.

Depois de ele, praticamente colocar Elias para correr, do jeito dele, é claro, tomei a iniciativa e abracei Bryan como nos tempos de criança. Ele sorriu e retribuiu o carinho, me abraçando de volta.

Senti tanto amor naquele abraço que o apertei sem mais conter as lágrimas e quase em um sussurro falei:

– Obrigada! Eu te amo! – Ele respondeu igualmente emocionado:

– Eu sei, Mel! Eu também te amo! – Foi quando me lembrei de nossa mãe. Afastei-me, fitei-o e disse serena, sabendo que ela estava melhor.

– A mãe passou mal! Tive tanto medo! Mas agora está um pouco melhor.

– Passou mal? Como assim? – indagou preocupado, segurando sua *bike* novamente. Enquanto entrávamos, expliquei:

– Ela ficou mal quando o Elias chegou aqui. Parecia que sabia o que iria me propor, porque disse: não vá, o socorro está chegando.

Ele escutou com interesse, já dentro de casa, e explicou como se tivesse vivenciado a cena, mesmo com poucos detalhes.

– Nossa mãe tem uma mediunidade muito aguçada, Mel. Provavelmente um bom espírito a intuiu. O melhor é que acho que Elias é carta fora do baralho.

– Por que você tem tanta certeza, Bi? Você sabe como ele é orgulhoso – disse, com receio de uma nova investida. Sabia quanto Elias podia ser impertinente.

– Porque tem coisas que é melhor aceitar para não se perder tudo. Esse é um caso assim, Mel – respondeu seguindo em direção ao quarto de nossa mãe. Essa era outra faceta dele, frases de efeito, embora essa eu tivesse entendido.

Respirei fundo e resolvi ir para o meu minúsculo e “aconchegante” quarto. Iria agradecer a Deus por tudo o que recebera hoje.

Era um costume meu desde muito cedo, minha mãe nos ensinou. Agradecia a Deus por tudo o que recebia de bom ou ruim, porque ela nos dizia que tudo tem seu lado bom, precisamos ter olhos para enxergar.

– Pelo amor de Deus! Ela vai tirar o pai da força? – exclamei quando vi sete ligações não atendidas de Carla. Minha amiga tinha um defeito muito feio: achava que todo mundo tinha que

estar disponível todo o tempo e na hora exata em que chamasse. Retornei a ligação e no terceiro toque ela já atendeu:

– Por que você tem um celular e nunca atende minhas ligações, Meline? Poxa! Preciso de você com urgência. Outro BO¹ com o Gaspar. – Revirei os olhos e suspirei. Aquilo foi suficiente para ela continuar, agora mais aborrecida: – Não revire os olhos, sei que fez isso, acontece que dessa vez é sério, na verdade, muito sério.

– O que aconteceu, Cacá? – indaguei observando que falava a verdade, sua voz parecia de um agudo profundo, estridente. Bem, essa era outra coisa dela: nunca daria para ser cantora lírica ou de qualquer música mesmo.

– Amiga! Você não acredita! O Gaspar disse que está vindo aqui me conhecer. Estou apavorada! – Reconheci a gravidade da situação.

– Poxa, Cacá! Dessa vez foi sério mesmo – disse, prevendo que algo iria sobrar para mim. Ela sempre se metia em furadas. Tinha um talento nato para isso.

– Salve-me, amiga! E se ele for um psicopata? Se for estranho? Se quiser, sei lá, fazer coisas comigo? – Não pude deixar de rir.

– Amiga, pelo amor de Deus, relaxe! Marque em um local muito movimentado, tipo uma praça de alimentação, não vá sozinha e não saia para lugar nenhum com ele. Vocês vão conversar, apenas, se conhecer um pouco mais, afinal, vocês já conversam há meses. – Ela estava ponderando sobre o que havia falado.

Carla era do tipo *mignon*, cabelos curtos, olhos pretos e puxados, sedutores, diziam os nossos amigos, e ligada a mil por hora... Falava rápido demais, andava quase correndo e, quando queria dizer alguma coisa, não mandava recado suave... mas era uma amiga de verdade. Desde que nos conhecemos, brigávamos muito, mas nada sério a ponto de ter alguma ruptura.

– Então, vou fazer isso mesmo. Acho que você tem razão. Posso te pedir uma coisa, amiga? – Pronto, fez aquela voz. Caramba, eu sabia, iria sobrar para mim. Mas não sabia dizer não a ela nem ela a mim, era quase um pacto. Revirei os olhos, sorri e tornei:

– Sim, irei contigo, ficarei em outra mesa monitorando o Gaspar!
– Escutei o bater de palmas dela e seu grito do outro lado da linha.

– Eu te amo! É por isso que você é minha melhor amiga! Você ainda sairá com o Bryan? – emendou.

– Bem, não sei ao certo. Mas aviso. Beijos! – desliguei.

As lembranças do que ocorreu havia pouco voltaram à minha mente e um misto de tristeza e revolta se apoderou de mim. Ainda podia sentir os lábios de Elias em minha mão. Senti tanto asco que esfreguei a mão em minha calça várias vezes. Um vento reconfortante adentrou pela janela, balançando as cortinas surradas e desbotadas pelo tempo e pela excessiva exposição ao sol.

Fechei os olhos e lembranças tristes me tomaram a mente. Na semana passada, no meu colégio, uma menina de 15 anos havia sido violentada e muitos a culpavam e ridicularizaram pelos mesmos motivos de sempre: usava roupa curta, “provocava” os homens, como se quem tivesse que se tratar fosse a mulher, não o estuprador – sim, porque para mim isso era doença.

A questão é que a maioria dos homens acha que existem mulheres para casar e outras não, como se todos os seres humanos, independentemente do gênero, não merecessem respeito, e o pior disso tudo é que boa parte das mulheres concorda com esses falaciosos argumentos! Educação social, era disso que se precisava.

Segui até o espelho e fiquei contemplando a minha imagem nele... Era um pouco mais alta do que a Carla; magra, olheiras constantes, não conseguia dormir muito bem, porém, não eram muito visíveis porque tinha uma pele mais escura, cabelos cacheados e pretos na altura dos ombros. Todavia, o que me chamou a atenção foi o meu olhar: era sempre ausente.

Não sorria muito, não sei por que tem gente que está sempre mostrando os dentes. Quais os motivos que tinha para sorrir? Quando eu era criança, sorria mais, porém, adolescentes não riem, encrencam. Sem querer abri um sorriso da minha observação, lembrei do meu irmão, ele não sorria muito também,

mesmo assim, parecia sempre em paz, tranquilo. Suspirei cansada, na verdade, sentia falta de algo que nem eu mesma sabia.

– Droga! Ser criança era bem melhor! – constatei, mas não acreditava mesmo naquilo, só fingia acreditar. Lembrei-me das vezes em que ia ao centro espírita quando era um pouco menor. Aquilo me dava alegria e nem sei por que parei de ir. Talvez pela minha indisposição constante a mim mesma ou ao fato de não querer acreditar mais em algo.

Era um sentimento deprimente, mas, fez parte de mim por algum tempo até conseguir trabalhar e saber que a revolta é desnecessária. O sentimento do revoltado não mudará coisa alguma, a não ser que ele resolva, verdadeiramente, mudar o foco.

Vislumbrei um horizonte e me dei conta de que nada me impedia de voltar.

– Irei falar com o Bryan! – decidi como se fosse assinar um tratado. Uma onda de paz me envolveu a alma.

¹ BO vem da sigla policial para boletim de ocorrência, que se popularizou com uma expressão muito usada entre os jovens para designar um problema.

BRYAN

Estava tão feliz que não me dei conta de Lilian me chamando, puxando minha calça:

– Professor, o senhor está surdo? – disse com aquela voz tão agradável de criança de sete anos.

– Oi, minha querida. Desculpe-me! O que você quer? Agora pode me falar.

– Eu quero ir ao banheiro! Estou apertada – respondeu com as mãos em torno de sua barriga apertando-a de encontro ao seu frágil corpinho.

– Claro! Quem vai levá-la é a tia Mel. – Fitei Mel sentada dando atenção a pelo menos cinco crianças.

– Mel! – solicitei sua ajuda para aquela tarefa, à qual atendeu prontamente. Esse era o motivo de minha felicidade. Mel estava de volta. Havia se distanciado da nossa religião logo depois que nossa mãe fora diagnosticada com a doença. Conversei com ela à época, juntamente com minha mãe, mas sempre se mostrara irredutível e, a pedido de minha mãe, não mais insisti.

Fazia pelo menos três anos que não frequentava, contudo, conhecia um pouco da doutrina. Crescera ali, participava sempre de todas as atividades e sempre foi muito afeita a tudo.

Naquela manhã, quando entrei na cozinha, surpreendi-me com ela já de pé, de café feito, esperando por mim. Em poucas palavras me disse que iria comigo, sem dar muitas explicações dos porquês, e resolvi não a questionar no momento. Aquiesci com a felicidade aparente. Se percebeu, não me disse nada,

apenas seguiu comigo no longo trajeto, ora de ônibus, ora a pé, ambos em um silêncio reconfortante.

A evangelização infantojuvenil do centro era, para mim, a principal atividade. Não que as outras fossem menos importantes, porém, entendia que era a oportunidade de educar as almas ainda pequenas para um futuro melhor. A atividade era composta de cinco turmas divididas por idade, com dois evangelizadores por turma.

Nem sempre foi assim, enfrentamos tantos problemas que muitos até desistiram, não eu. Esse era um dos muitos problemas dos trabalhos nas casas espíritas: muitos trabalhadores se deixavam abater nas primeiras dificuldades.

O pior é quando usavam a desculpa clássica de que se tivesse que dar certo os espíritos “cuidariam” de tudo, como se os encarnados não precisassem fazer coisa alguma. Outra desculpa ilustre era os espíritos desencarnados inferiores, aquilo sinceramente me deixava muito aborrecido...

O tempo passou tão rápido. Olhei o relógio e vi que estava atrasado; recolhi os trabalhos da criançada rapidamente. Mel tinha ido deixar as crianças no portão.

– Bryan! – fui tirado da minha reflexão. Virei-me e vi Henrique parado à porta da sala com uma pasta na mão. Entrou mais um pouco e, meio sem jeito, perguntou:

– Será que você poderia dar uma olhada nisso aqui? Não precisa ter pressa, só queria, mesmo, a sua opinião a respeito. – Estendeu para mim a pasta e segurei-a curioso.

– Do que se trata, Henrique?

– De alguns poemas, poesias que faço. Gostaria, quem sabe, de publicar e reverter o dinheiro para o nosso trabalho. Queria sua apreciação – disse com uma voz baixa e soltou uma lufada de ar, como se retirasse dos ombros um grande peso. Os grandes olhos azuis dele me fitavam em expectativa.

– Claro que olharei com muito prazer, meu amigo! Não sabia que você, além de compositor, era poeta. São psicografias?

– Não! Eu não sou médium psicógrafo, mas acredito que tenha um dedo dos amigos espirituais, sim. – Vislumbrou os meus olhos

numa atitude humilde e completou: – Aliás, acho que muita coisa na arte tem o dedo da espiritualidade.

– Sim. Concordo com você; levarei para casa e, com muito cuidado e carinho, olharei tudo. Agradeço a confiança. – Ele aquiesceu e me deixou sozinho novamente.

Henrique era um bom rapaz. Sempre dedicado e atento ao trabalho. Tinha 17 anos e uma veia artística nata. Era o compositor da nossa pequena banda. Era um rapaz bonito para os padrões da sociedade: estatura média, magro, caucasiano, grandes olhos azuis que expressavam calma, cabelo loiro quase vermelho (o que lhe conferia um quê a mais entre as meninas; tinha sempre uma moça apaixonada por ele).

Contudo, nunca deixara se envolver por alguns “prazeres” que hoje a sociedade cultua. Era um estudante dedicado da doutrina, um trabalhador eficiente e conseqüentemente um bom filho.

Um vento suave e fresco aliviava o calor que fazia. As folhas secas eram levadas de lá para cá, promovendo um barulho agradável. O pé de laranja-lima de dona Ruth, administradora do centro, deixava um agradável aroma no ar. O local era um calmante natural; bromélias, petúnias, avencas e muitas outras plantas eram distribuídas ao longo do corredor lateral, que dava passagem a um galpão nos fundos da construção, onde ensaiávamos.

Mel resolvera ficar para assistir ao ensaio da banda e percebi rapidamente os olhares que trocava com Henrique. Ela era muito discreta ou muito tímida, porém, acho que a beleza dele a fisgou também, não conseguia tirar os olhos dele.

Sorri com a constatação e agradei a Deus, em tudo há sempre o lado bom. Poderia ser muito boa a aproximação dos dois, uma vez que, de um lado, poderia trazê-la novamente para as atividades do centro e, por outro, Henrique teria alguém inteligente, bonita, sensível e uma ótima amiga, se as coisas não evoluíssem.

– Bryan, o que você acha de colocar esse acorde na música número dois? – Fernando (ou Nando, como o chamávamos) me tirou do devaneio, deu umas notas mais graves, mostrando o seu

intento, o que realmente dava um tom mais alto à canção, valorizando a melodia.

A banda de *pop rock* se chamava Entre Mundos, era formada por mim, que tocava baixo, Henrique, que ficava no teclado, além de revezar no vocal com Inara e Fernando, que tocava uma bateria *meia-boca* com a qual um músico da cidade havia nos presenteado. Fernando e Inara namoravam há pelo menos um ano, se conheceram aqui e, desde então, se apaixonaram, como diziam.

Quase três horas depois, nos despedimos e seguimos o caminho de casa. Só que desta vez sem aquele silêncio da paz. Mel me entrevistava em relação a Henrique. Não gostei muito daquilo, mas pensei nas consequências boas, aproveitei e enchi a bola dele. A cada palavra minha, seus olhos brilhavam cada vez mais... Tive que sorrir para mim mesmo, não sabia que tinha esse talento também, o de unir casais.

– Bi! – Já sabia o que viria a seguir e meu coração se encheu de uma felicidade genuína. Fitei-a, sem, no entanto, responder oralmente. Ela respirou fundo, como se fosse difícil falar a respeito daquilo e, como se cantasse uma melodia suave aos meus ouvidos, relatou:

– Sabe, aquele problema com Elias me fez ver quanto estava infeliz. Sentia-me só, vazia, cansada quase sempre, de tudo e de todos... É difícil: às vezes, passam umas ideias bestas pela minha cabeça, tipo, que ninguém gosta de mim, que este mundo não tem jeito e temos de aproveitar de tudo um pouco, que esse lance de Deus é tudo invenção do homem... Sei lá, essas coisas erradas... – Mirou meus olhos e continuou: – Mas, ao mesmo tempo que refletia em “aproveitar” a vida, me via vazia também, porque tudo são apenas momentos passageiros e não valem a pena, sem falar que, em alguns casos, esses momentos levam à ruína de vez.

Molhou os lábios com a língua e deu continuidade à sua reflexão:

– Muitos entram no mundo das drogas, como no caso de Elias, e não podem dizer que não sabem as consequências, mas, mesmo assim, se acabam ali. Caminham em linhas tão tênues que

fica quase impossível estender a mão... – silenciou, olhando para as pessoas que passavam na rua pela janela do ônibus. Um vento frio soprou, balançando seu cabelo; soltou o ar e, sem me olhar de volta, disse: – Eu estou infeliz e lembrei que, quando me sentia verdadeiramente feliz, esses momentos estavam ligados ao centro espírita, então, resolvi que o melhor é voltar para lá novamente.

Eu sabia quanto estava custando para ela falar tudo aquilo, era uma forma muito lúcida de dizer que havia errado, que havia tomado a decisão menos inteligente anos atrás. Não iria julgá-la, como nunca o fiz, mesmo tendo vontade, muitas vezes, de tentar convencê-la. Contudo, sabia que tem coisas em nossa vida que temos que decidir sozinhos e quando estamos preparados.

– Mel, eu te entendo e fico muito feliz que tenha analisado a situação. Muita gente, simplesmente, não faz isso. Fica dando desculpas, justificando sua incapacidade de entender que tudo começa e termina em si mesmo. Ninguém muda absolutamente nada se não se melhorar. Então, isso mostra que você tem muita lucidez. – Meu propósito era mostrar-lhe o quanto estava certa, oferecendo incentivos emocionais.

Vislumbrei o seu rosto e vi um brilho de satisfação; mesmo sem nenhuma palavra que pudesse atestar o fato, sentia-se bem, em paz. Isso é o que muitos procuram, porém, passam uma existência inteira e não aprendem que nada vale mais do que ter a consciência limpa, leve...

– Sabe, Bi, não entendo como muitos jovens buscam tanta coisa errada! Não se pode dizer que é falta de informação. Hoje essa desculpa certamente não condiz. Veja nossos amigos de infância; uma parte já sucumbiu às drogas, outros, simplesmente, deixaram suas vidas para servir a homens corruptos. Às vezes, fico pensando em como é ingrata a vida para alguns e, se não fosse o conhecimento que temos de nossa religião, explicando algumas coisas, eu não sei como trabalharia isso dentro de mim... – Tomou o ar, como se suas palavras a fizessem ir a um local sombrio e como se apenas imaginar aquilo já fosse demais para ela.

Não iria discordar, realmente era difícil aceitar certas coisas. Somos muito pequenos, contudo, acolher tudo como verdade ou nos amedrontarmos não era solução para nada. Cada pessoa reage e age de uma maneira bem específica.

– Mel, muitos buscam e realmente encontram. A primeira vez que experimentam a droga, por exemplo, inicialmente fazem uma “viagem” maravilhosa. Porém, quando o vício se instala, continuam a usar, só que agora para diminuir a dor que provoca a falta dela... É muito complexo, isso é responsabilidade de cada um, sabendo que todos nós temos a chance de aprender e, se não o fazemos, é por nossa incapacidade de controlar a nós mesmos. Não sou fanático, você bem sabe, mas nessa frase existe uma verdade tão profunda e ao mesmo tempo tão aparente, que chega a tocar a alma.

Ela me olhava com atenção, sabia que me admirava, me reconhecia não apenas como irmão, mas como um amigo verdadeiro. Nossa relação, por vezes, era muito difícil; se falasse mais alto, ela reagia logo, gritando que eu não era o seu pai e coisas assim...

Esses últimos acontecimentos, aos poucos, trouxeram-nos de volta a nós mesmos e estava assistindo ao retorno daquela menina antes risonha, hoje séria, que deixou essa alegria em algum lugar.

Culpava-me, porque não lhe dei, muitas vezes, uma atenção merecida. Queria, em algumas ocasiões, que apenas seguisse o que eu dizia, como se ela não pensasse por si mesma. Essa, talvez, seja uma barreira encontrada nos relacionamentos de pais e filhos.

Muitos pais não sabem ou não querem escutar seus filhos, por falta de tempo e tantas outras desculpas. Outros já são permissivos demais com o pretexto de serem amigos. Não sabem ser pais e educar os futuros cidadãos, dizendo um sim adequado ou um não educador.

– Mel, desculpe! Sei que sou culpado, também, por você estar assim! Não escutava o que tinha a dizer acreditando estar sempre certo, porém, esqueci que, mesmo sendo mais jovem, tem suas

opiniões e deveria ser respeitada. Isso me mostra quanto você tem personalidade firme, porque nunca se deixou levar por nada ou ninguém. Tenho muito orgulho de você! – Ela abriu um sorriso gentil, todavia, as palavras seguintes me diziam, e não queria que fosse diferente, que a garota impertinente havia voltado:

– Corta essa de irmão legal! Você é muito meloso! É por isso que não tem namorada. Tem que mandar um papo reto nessas meninas. Que negócio de orgulho o quê! Você tem que... – Suas palavras morreram quando minhas gargalhadas atingiram o auge de ficarem altas, repetitivas e contagiantes.

Ela se juntou a mim e nossas risadas se mesclaram ao barulho das conversas dos outros usuários do ônibus. Alguns até pararam de conversar, muito provavelmente curiosos sobre o motivo de tamanhas gargalhadas. Coisa rara comigo.

JÚLIA

A casa estava silenciosa, isso poderia ser bom para qualquer outra pessoa que morasse com mais seis pessoas, porém, não para mim. Um silêncio dessa maneira indicava que eu estava sozinha e aquilo poderia ser muito perigoso. Levantei rapidamente, mesmo sendo ainda cedo. Tinha que fazer uma varredura em toda a casa. Vasculhei-a milímetro a milímetro, chegando ao absurdo de olhar dentro dos armários.

– Que droga de cabeça! Como vai caber alguém aí, sua idiota?
– perguntei alto, constatando feliz que estava realmente só. Certifiquei-me se a porta estava mesmo fechada e ainda passei o ferro de segurança por dentro. Respirei aliviada; agora sim poderia curtir a minha solidão.

Não entendia como podiam dizer que a solidão era chata; para mim, ela era cheia de pensamentos, sonhos, de realizações dentro de mim. Esses momentos eram únicos, me possibilitavam reviver momentos bons e esquecer a droga da vida que tinha.

Deitei-me no colchão velho e cheio de ácaros, presente de sei lá quanto tempo de minha avó. Ele estava tão velho que fazia um buraco toda vez que me deitava, mas, nesse momento, nada me importava a não ser eu mesma e a alegria de estar sentindo o gostinho da liberdade. Liberdade! Era algo também que questionava. Todos queriam e poucos a tinham de verdade.

– Júlia Lispector! – Sorri da analogia falando comigo mesma. Adorava a Clarice. Ela conseguia passar em suas linhas tantos sentimentos, tantas palavras sem precisar dizer muita coisa,

mesmo escrevendo tanto. Era uma das minhas escritoras preferidas.

Bem, voltando ao lance da liberdade... Eu penso que a liberdade é algo assim: você está em uma montanha e quer descer, lá embaixo tem um mundo inteiro para você e é empolgante. Tantas tentações, surpresas... Aí você pensa que tudo é permitido, tudo mesmo, mas, quando você vai descer uma voz chama a sua atenção, dizendo: “Lembre-se de que você pode fazer tudo, absolutamente tudo, mas para cada coisa que realizar terá uma consequência, boa ou ruim, de acordo com a ação praticada”.

Aquela voz consegue tocar forte dentro de mim, porque imediatamente me pergunto se estou preparada para suportar as consequências. Meu peito ascende forte, imprimindo uma frequência acelerada... Aquilo era enervante, isso sempre me parava para o que realmente queria realizar. Tinha consciência de que não estava preparada para suportar as consequências que viriam depois de ter feito o que queria.

– Covarde! Isso é uma droga! Não quero pensar nisso! Estou sozinha, feliz, tenho que aproveitar. – Brigava com minha mente contra aqueles pensamentos que, vez por outra, surgiam com tanta força que era necessário tratamento intensivo. Fechei os olhos, escutei a chuva que caía forte lá fora. Era reconfortante aquele barulho da água caindo, passava a sensação de lavar tudo de ruim que permeava minha vida, e era tanta coisa, mesmo sendo eu uma pessoa ainda jovem.

Meu peito subiu e desceu tentando acalmar as lembranças ruins. Fazia isso desde que assisti à palestra que minha tia me mostrou de um tal de Divaldo Franco; lá ele ensinava esse exercício. Toda vez que um pensamento ruim surgia, substituía por outro bom e, no meu caso, a minha luta era árdua, pois o que não me faltava eram lembranças ruins. Desviei os pensamentos ruins e a imagem de Bryan surgiu como um anjo bom. A lembrança de seus lábios nos meus, do seu toque gentil e cuidadoso em meu corpo, fez acender cada fibra do meu coração. A ausência de repulsa em mim era algo que me alegrava demais.

– Bryan! – sussurrei baixinho, como se aquilo o trouxesse para perto de mim. Eu sentia que ele também gostava da minha companhia, todavia, lutava por causa do seu amigo.

Aquela postura tornava-o mais nobre, mais atrativo. Não tinha um só dia que não me lembrasse do que havia acontecido e fazia de tudo para que nos encontrássemos na faculdade. No entanto, ele fugia de mim como o diabo foge da cruz. E não podia culpá-lo. Pensando em Marcos, não fui para o cinema; aquilo poderia piorar e não queria dar a ele nenhuma esperança.

Um barulho me fez abrir os olhos rapidamente. Todo o meu corpo ficou em alerta. Senti-me paralisada por alguns segundos, até levantar-me e correr em direção à porta do meu quarto. Contudo, não deu tempo, a figura dele apareceu lenta e ameaçadora, impedindo que eu o trancasse. Ele parecia aqueles animais prontos para atacar, o seu cheiro era inconfundível. Ele cheirava a perfume barato misturado com fuligem de carro velho e pano molhado.

– Oi, minha princesa! Que coisa mais sensacional te encontrar sozinha! Estava com tanta saudade de você! – dizia enquanto se aproximava. Sem ainda dizer uma só palavra, recuei instintivamente.

“Imundo! Imundo! Vá embora! Saia daqui!”, minha mente dizia, mas minhas cordas vocais não respondiam da mesma forma. Corri tentando entrar no banheiro, mas ele foi mais rápido. Senti aquela mão segurar meu braço com força e, sem pensar duas vezes, virei e comecei a atacá-lo como pude: chutes, braços, pernas...

– Isso, eu gosto assim, minha gata selvagem! Lute comigo! – dizia o imundo. Aquilo o fazia mais sedento e, por mais que tentasse, minha voz ficava presa na garganta, sem conseguir pronunciar nada... No entanto, algo aconteceu... Lembrei-me de Bryan e da palestra que falou ter assistido lá no centro espírita que frequentava. Contou que quando estamos em sofrimento devemos falar com Deus, ele sempre nos atende.

Há muito que aquilo não tinha significado para mim. Deus era apenas uma alegoria que povoava o imaginário lúdico quando eu

era criança. Porém, era Bryan que havia me falado e ele sempre estava certo de tudo. Vi sua imagem nítida dizendo para mim: fale com Deus, Júlia, ele vai escutá-la, você consegue.

Senti uma energia percorrer meu corpo em fração de segundo. Uma energia que vinha de cima para baixo. E, como nunca tinha feito quando esse tipo de situação acontecia, abri a boca o máximo que pude e impostei toda força em minhas cordas vocais, soltando a voz:

– Largue-me, espírito imundo! Eu não tenho mais medo de você! Você não mais fará isso comigo! Saia de perto de mim, agora! Não encoste mais um dedo dessa sua mão desgraçada em mim! – Como por milagre, eu vi o criminoso me soltar assustado. Ele deu dois passos largos para trás e me fitou nos olhos, e o que encontrou o deixou ainda mais receoso.

– Você enlouqueceu? – perguntou com um misto de fúria e medo ao mesmo tempo.

– Não! Nunca estive tão lúcida! Saia daqui agora! Essa foi a última vez, maldito, que você colocou as mãos em mim! – Sustentei seu olhar com uma determinação que nem eu mesma sabia que possuía. Contudo, o seu semblante mudou, seus olhos emitiam uma ferocidade incomparável, dei um passo para trás, prevendo o seu novo ataque. Mas, diferentemente das outras vezes, o meu medo estava sob controle, tinha plena consciência do que estava fazendo.

– Você vai pagar por isso e hoje consumo meu ato, sua imprestável! – Um sorriso perverso desenhou-se em seu rosto num misto de animalidade. Ele deu um passo à frente e novamente a imagem de Bryan surgia e um pedido se formou em minha mente. Só que agora surgia no silêncio de meu ser e consegui pensar: “Meu Deus, me proteja, não o deixe encostar mais em mim!”. Foi tudo tão rápido, e mais uma vez senti aquela energia se apoderar de mim e novamente senti-me fortalecida. Ele parecia atestar isso também, porque parou e olhou-me de modo diferente, mas foi apenas por segundos até retomar sua aproximação. O sorriso sarcástico dominava seu rosto.

Algumas pancadas secas e fortes foram ouvidas na porta. O sorriso dele morreu rapidamente e um olhar assustado tomou lugar em seu rosto. Meu coração parecia que ia sair do peito, e aquilo foi suficiente para eu agir. Disparei, chegando muito rapidamente à porta, e respondi às pancadas que não cessavam, para minha alegria. Minhas mãos tremiam e se atrapalharam nas trancas, foi quando me dei conta de que estava tudo fechado. Minha mente trabalhou rápido, tentando entender.

– Como ele entrou se está tudo fechado? – Fiz a pergunta enquanto continuava tentando destrancar tudo, me dando conta, também, de que ele não havia vindo atrás de mim. Aquela constatação me deixou um pouco mais calma. Quando abri a porta deparei com Marcos me olhando assustado. Ele passou rapidamente o olhar por todo o meu corpo e, num ato instintivo, me atirei em seus braços, buscando refúgio. A minha mente dizia repetidamente: “Ele é amigo do Bryan. Bryan confia nele, então também devo confiar!” Meus braços se fecharam ao redor de seu pescoço e as lágrimas desceram rápido! Para minha surpresa, ao sentir suas mãos retribuírem o abraço, senti-me protegida. Sabia que nenhum mal iria me acontecer novamente.

– Calma, está tudo bem! Nada vai lhe acontecer! Eu não deixarei! – Aquelas palavras eram o céu para mim. Ele deu um passo à frente comigo pendurada em seu pescoço e entrou na sala. Como se eu fosse uma pena, me suspendeu do chão; acho que senti que minhas pernas não mais estavam respondendo. Sentou-me em seu colo como se fosse uma criança.

– Chore, minha menina linda! Está tudo bem agora! – Aquilo era tão bom. Não sei quanto tempo fiquei assim, apenas senti meu corpo deixar de tremer e meus olhos não mais sentirem a necessidade de chorar. Voltei-me para ele e um pouco sem jeito sussurrei saindo do seu colo:

– Eu estou melhor! Obrigada! – Ele não fez nenhuma objeção. Um vento frio varreu a pequena sala e me dei conta de que a porta continuava aberta e a chuva ainda se fazia forte. O barulho da enxurrada me avisou que podia haver inundação. Corri e bati a porta, quando percebi que estava com a minha blusa rasgada.

– Caramba! – Levei a mão ao peito e constatei que o meu sutiã estava à mostra. Pedi licença e, quando ia saindo, estaquei lembrando que o imundo poderia estar lá dentro. Olhei-o com reserva e sem jeito tomei coragem e pedi: – Marcos, será que você poderia vir comigo até meu quarto? – Não ia entrar em detalhes com ele sobre o ocorrido. Para minha surpresa, ele se levantou ainda um pouco molhado e disse assumindo uma atitude bem mais séria:

– Claro! Deixe que vou à frente! – Naquela hora soube que ele deveria desconfiar do que poderia ter acontecido e meu coração disparou. Resolvi não pensar naquilo naquele momento. Segui atrás dele e, depois de tudo vistoriado, fiquei de boca aberta quando vi as cortinas do quarto de minha mãe balançando suavemente, ao sopro do vento frio. Naquele momento, tudo fez sentido para mim. “Ele sabia o tempo todo!”

Minutos depois, Marcos entrou e disse com a voz firme e confiante:

– Não tem ninguém, Júlia! Ele foi embora. – Agradei timidamente e mesmo sem saber o porquê senti-me confortável. Entendi que pelas suas palavras ele já deveria saber de tudo. A imagem do criminoso vinha até minha mente, todavia, fazia um esforço para afastá-la de mim.

– Obrigada, Marcos! Volto num minuto. – Saí ainda segurando minha blusa aos pedaços. Respirei fundo, retirei a blusa, jogando o resto dela em cima da cama. Vesti outra como se aquela atitude diminuísse a frustração que sentia. Vislumbrei-me no espelho e a realidade chegou a mim rapidamente.

A imagem refletia uma jovem “velha”, alguém que não sabia mais se podia sonhar, ter fé, alguém destruída por dentro que não conseguia entender como uma pessoa poderia ser capaz de fazer tanto mal... A cor de minha pele deixava uma trilha bem definida pelas lágrimas que escorriam em meu rosto cansado, com olheiras e desprovido de qualquer sentimento.

– Maldito! – vociferei baixinho, ainda fitando minha penosa imagem no espelho. Por alguns segundos fiquei contemplando-me através daquele objeto que alegra tanta gente. Ele havia roubado

a parte mais bela de todas, a capacidade de acreditar, de ter fé em algo melhor.

Uma raiva crescia dentro de mim e, num ato de revolta que gritava em todo o meu ser, fechei meu punho e, sem pensar muito nas consequências, esmurrei com força aquela maldita imagem de mim, aquele pedaço de resto humano que não sabia mais como sobreviver.

Em fração de segundo, a folha de espelho se partiu em vários pedaços... Silêncio! Não sentia nada, só o vazio, só um nada como se eu mesma não mais existisse.

Vislumbrei a porta e Marcos estava lá, parado, olhando para mim com olhos que pareciam mais surpresos do que assustados. Ele deu dois passos até mim, lentamente, e, mesmo sem palavras, sabia que me pedia permissão para se aproximar.

MARCOS

Meus olhos já viram muita coisa nessa vida, porém, por mais que muitos digam que você se acostuma, hoje tive a certeza de que essa máxima é mentirosa. E, por mais que quisesse negar o fato de Bryan falar a respeito de mediunidade, espíritos e coisas similares, eu não acreditava, mas respeitava e, para não entrar em choque com ele, sempre permanecia calado quando discorria sobre o assunto.

Contudo, ao receber o seu telefonema nesta manhã pedindo que eu viesse à casa de Júlia com uma desculpa qualquer, confesso que me alegrou de cara. A possibilidade de vê-la com um pouco mais de proximidade me deixou feliz. Todavia, não deixei de estranhar o pedido feito de maneira tão sem propósito. Mas essa é a droga de se estar apaixonado, não se questiona muito as coisas, apenas se aproveita a oportunidade de ficar junto de quem se gosta. Aquele dia já havia começado bem e agora estava muito melhor.

As nuvens estavam escuras, o vento soprava frio e insistente, segui confiante, reparando até nas flores ao longo da estrada. Flores de todas as cores e perfumes. Aquela era a outra faceta desse sentimento que nos arrebatava a mente; tudo parece bonito demais, perfumado demais e “tudo” demais. Peguei-me parado olhando para uma rosa vermelha que acabara de desabrochar; tão linda, pequena e perfumada. Não resisti e, como bom egoísta que sou, tasquei a mão e colhi a tão formosa maravilha da natureza. Senti-me feliz.

O ônibus não tardou a chegar, parecia que tudo estava dando certo. Até o transporte, que demorava pelo menos uns quarenta minutos, não demorara nem cinco. Sentei-me com a alegria dos enamorados, assobiando, sentindo o cheiro bom da chuva que se aproximava. Aquela parte da cidade era feia, suja e malcuidada, parecia que, por serem pobres, as pessoas eram menores, sem valor, ou que seus impostos valiam menos quando pagavam.

Aquilo era revoltante, contudo, já havia parado de sentir tanta raiva. Entendia que a responsabilidade era dividida entre governantes e população. Apenas uma minoria tinha consciência de seus direitos, bem como de seus deveres.

Vislumbrava pela janela os pingos da chuva que começaram a cair e as pessoas no seu corre-corre diário, passando com rapidez pelo vidro do ônibus embaçado. Lembrei-me do rosto de Júlia, e um sorriso se formou em minha face. Era fácil isso acontecer, uma vez que pessoas apaixonadas fazem isso mesmo. O seu doce sorriso ou a sua palavra firme eram um contraste perfeito para minha personalidade também exigente. Eu já tinha namorado algumas meninas, mas nenhuma nunca mexera tanto comigo quanto ela. Quase sempre estava pensando nela e isso no início me chateou, porque não gostava de estar entregue a algo complicado demais.

– Isso é enervante! O pior é essa sensação de medo que nos invade a alma quando penso que ela poderá me rejeitar! Droga! Não posso pensar assim, pensamento positivo – dizia a mim mesmo fazendo o exercício de controlar meus pensamentos. Bryan, que me ensinara isso, ficava o tempo todo chamando minha atenção para esse fato. Depois comecei a estudar por conta própria e entendi que, para que as coisas aconteçam, tudo começa com um simples pensamento.

Quando desci do ônibus a chuva já estava forte. Corri para uma marquise protegendo-me e aguardei um pouco. Retirei do bolso o papel onde havia anotado o endereço da minha doce pretendente. Analisei com cuidado, olhando em volta, e, depois de um exame minucioso, identifiquei a casa do outro lado da rua que tinha um belo ipê-amarelo balançando fortemente contra o vento,

colorindo a calçada com sua florada, dando um bonito contraste àquela rua suja, esburacada que se levantava numa ladeira íngreme e estreita.

Observei que a chuva não daria trégua, então, respirei fundo, atravessei-a e, antes mesmo de chegar a um pequeno e baixo portão, escutei um grito agudo vindo de dentro da casa.

Estaquei rapidamente, reconheci de imediato que se tratava de Júlia. Meu coração respondeu na mesma hora e acelerou meus batimentos cardíacos. Demorou alguns segundos para ter uma reação concreta. Dirigi-me a passos rápidos para a porta e, colocando minha mão por dentro do gradilho que servia de proteção, bati com força, sem me importar se estava sendo educado ou não. Silêncio. Novamente escutei vozes alteradas e sem me conter esmurrei a porta sem dó, chamando o nome dela apreensivo, para não dizer quase desesperado já.

– Que droga está acontecendo aí? – indagava a mim mesmo cada vez mais aflito, até escutar a tranca da porta sendo destravada. O que vi não aliviou meu coração. Não consegui pronunciar uma só palavra, apenas olhava para Júlia espantado com o seu estado.

Ela devolvia o olhar igualmente surpresa. E, como se fosse a sua única salvação, senti seus braços cruzando-se em meu pescoço quando se jogou em mim, já com lágrimas descendo pelo seu belo rosto. A vontade de protegê-la era tanta que retribuí o abraço sem pestanejar.

– Calma, está tudo bem! Nada vai lhe acontecer! Eu não deixarei – disse ao seu ouvido, tentando acalmá-la e, me dando conta da chuva que não cessava, dei um passo à frente, levantando-a e entrando em sua casa. Tocado pela sua carência, levantei aquele corpo magricela que não pesava quase nada. Senti suas pernas fraquejarem e, como se fosse uma criança, sentei-a em meu colo.

– Chore, minha menina linda! Está tudo bem agora – disse beijando levemente seus cabelos. Ela ficou quieta, aceitando minha proteção com resignação. Mas minha cabeça não parava

de trabalhar, as perguntas vinham uma atrás da outra. Silencieei, sabia que não podia fazê-las agora.

“Que droga! Desgraçado!” – Minha cabeça trabalhava rápido e não sei se foi bom ou não não ter encontrado o crápula que fez isso a ela! Não sei quanto tempo fiquei daquele jeito, apenas escutei um sussurro em meu ouvido.

– Eu estou melhor! Obrigada! – disse ela sem jeito. Minha vontade era não soltá-la, mas aquela “droga” deveria ser muito difícil. Na verdade, não sei como uma mulher pode suportar algo assim e continuar a vida. Cada vez mais aquela música antiga se torna real para mim. Minha avó costumava cantar dia e noite, onde dizia ser uma tremenda mentira a mulher ser sexo frágil. Eu concordo muito com isso, mas, ainda assim, sinto uma raiva crescente em meu coração ao saber que existem canalhas soltos por aí a machucar dessa maneira crianças, jovens e adultas...

O vento não dava trégua, juntamente com a chuva sacudia a porta, lembrando-nos de que ela estava aberta. Ela correu e a fechou, depois, como por automatismo, passou a mão na roupa e nos cabelos, foi quando percebeu que sua roupa estava rasgada.

– Caramba! – Levou a mão novamente até a altura do busto e se deu conta também de que o seu sutiã estava à mostra. Baixou a cabeça, demonstrando todo o seu constrangimento. Pediu licença, mas algo a fez estacar no primeiro passo. Fitou meu rosto imparcial, eu fazia um esforço sobre-humano para não demonstrar a minha repugnância contra esse animal que havia feito isso com ela. Seu constrangimento era visível, porém, mesmo assim, murmurou:

– Marcos, será que você poderia vir comigo até meu quarto? – Sem pensar duas vezes, saltei da cadeira e respondi solícito:

– Claro! Deixe que vou à frente! – Na verdade, uma parte dentro de mim ansiava por encontrar o criminoso. Ainda molhado, segui na sua frente e olhando cômodo por cômodo, constatei que o tal não se encontrava. Voltei-me e disse:

– Não tem ninguém, Júlia! Ele foi embora. – Fiz questão de deixá-la saber que já tinha conhecimento do que poderia ter

quase acontecido, ou pior, já vinha acontecendo. Porque, pelas evidências, o criminoso deveria ser alguém conhecido.

Os olhos dela abriram-se um pouco mais, o suficiente para dizer que tinha entendido o recado. Seu rosto não conseguia disfarçar certo alívio, mas era algo que ainda não conhecia o suficiente para ver impresso em seus traços fisionômicos. Naquele momento, senti falta das muitas vezes que Bryan tentava me explicar o que significavam alguns gestos, algumas formas de se expressar.

– Obrigada, Marcos! Volto num minuto. – Saiu em direção ao seu quarto. A minha vontade era tirá-la de lá o mais rápido possível. A forma como agarrava a blusa rasgada falava da sua revolta, vergonha, medo, dor...

A minha lucidez me pedia calma, porém a minha insânia falava algo bem diferente. Podia, com certeza, fazer algumas conjecturas a respeito, mas preferi me abster de tal parecer. Lembrei-me novamente de Bryan, do que me falava sobre pensamento ruim; sempre afirmava que o pensamento é nossa carteira de identidade, seria uma forma de nos conhecer de verdade. As palavras dele eram mais ou menos assim: “Muitos enveredam por querer conhecer os outros e esquecem-se de si. Não reparam, por exemplo, que a forma como pensam e o que pensam falam mais de si do que imaginam. Se você tem o hábito de maus pensamentos fatalmente será uma pessoa dura, amarga, pessimista, mesmo que consiga mascarar isso através de sorrisos falsos, porque tudo fica muito forçado, sem vida. Você coloca em seu entorno uma impressão, mostrando a todos que tiverem um mínimo de sensibilidade quem é você, e não o que quer mostrar...”

Um barulho me tirou do devaneio; caminhei a passos rápidos e estaquei à porta do quarto, atônito com o que vi. Júlia olhava inerte para a folha de espelho despedaçada. Seus olhos pareciam enxergar quanto sua vida fora afetada e, ao mesmo tempo, traziam uma melancolia de algo que ainda não vivera; sonhos perdidos, desfeitos, que agora não pareciam mais ter valor.

Vislumbrei sua mão sangrando, sem o mínimo de sua atenção. Meu coração se encheu de compaixão e revolta ao mesmo tempo.

Eram sensações muito contraditórias, confusas. Não queria analisar aquilo no momento.

Dei dois passos sem, no entanto, perguntar coisa alguma, era um pedido silencioso de aproximação, no qual fui atendido, também sem palavras. Seus olhos imprimiram a resposta que eu queria.

Peguei a blusa rasgada jogada em cima da cama e envolvi em torno de sua mão. Observei que havia cortes superficiais, o que me aliviou. Abracei-a com tanto carinho, como se ela fosse de vidro, mas era porque não queria que algum outro sentimento passasse por sua cabeça já tão devastada.

– Vai sarar! Nada é mais forte do que a vontade de mudar! – disse baixinho em seu ouvido; era a frase que Bryan sempre me dizia. Sempre achei legal essa frase.

– Ele vai pagar, não vai? – ela sussurrou, a voz já embargada pelas lágrimas que caíam. E, para minha surpresa, novamente se agarrou a mim com tanta força, que parecia ter medo de que eu a abandonasse.

– Claro! Ele pagará e muito caro! Você não está mais só! Eu vou protegê-la, Júlia! Ninguém mais tocará em você! Eu prometo! – disse com meu coração em júbilo.

Novamente deparei com a contradição de meus sentimentos. Aquela não era uma situação para me sentir feliz, mas a droga é que me senti, pelas razões óbvias: ela estava precisando de mim, eu estava tendo acesso a ela de uma maneira que acreditava que ninguém jamais tivera, e, ela estava confiando em mim, essa era a melhor parte.

Contudo, me culpava, era no fundo um ato bem egoístico. No entanto, não quis analisar aquilo também.

– Vamos sair daqui, meu anjo – Fitei-a, retirei os fios de cabelo grudados em seu rosto com extrema delicadeza e enxuguei suas lágrimas, que pareciam ser as Cataratas do Niágara. Ela não impôs resistência, seguiu de boa vontade, ou pelo menos eu achei que sim.

O que eu não sabia e viria a conhecer depois é que as reações a um ataque desses acontecem de diversas formas. Porém,

quando a ficha realmente cai, há um descontrole emocional muito acentuado... Mas isso é para os próximos capítulos.

BRYAN

Desde o episódio em que Marcos tinha ido à casa de Júlia, a amizade deles ficou muito mais sólida. Ele nunca me contou o que, de fato, ocorreu naquele dia, sempre me deu informações vagas e, é claro, sabia que não queria me falar a verdade. Respeitei, embora estivesse curioso a respeito, mas tinha tanta coisa para pensar e fazer que aquilo realmente não ocuparia minha cabeça por muito tempo, a não ser algumas poucas horas.

– Bryan! – uma voz feminina desconhecida com um sotaque lindo me tirou de minha abstração. Voltei minha cabeça para aquela voz que, por sinal, era muito melódica. Meus olhos apreciaram uma linda jovem de cabelos vermelhos, olhos melancólicos de um azul perfeito, pele com sardas que davam, sem medo de errar, a sua real nacionalidade: escocesa – pelo menos é de lá o maior percentual de ruivos, embora esteja nos Estados Unidos o maior número absoluto. Eu sabia aquilo porque tinha ensinado a um aluno no ano passado e ele falava nisso o tempo inteiro.

– Sim. Em que posso ajudar? – indaguei escondendo a minha admiração pela beleza da jovem.

– Uma pessoa me indicou você para algumas aulas particulares – pronunciou com a voz atropelada, ainda pela pouca familiaridade com o novo idioma. Seus lábios eram finos, uma boca pequena, um nariz afilado; enquanto falava, levantava o lado esquerdo da sobrancelha numa espécie de tique nervoso.

– Sim. Dou aulas particulares. São para você? – Ela era pequena, mas me olhava com firmeza. Apesar de estar em um

país estranho, não se sentia intimidada. Gostei de saber desse detalhe.

– Não. Seria para o meu irmão. Ele tem 13 anos e está com muita dificuldade de adaptação. – Fazia esforço para pronunciar as palavras com correção, no entanto, teria que aprender ainda muito. Mas não seria eu a dizer isso a ela até porque muitos dos brasileiros não o sabem.

– Entendo! E para quando seria e a que horas? – Suas sobrancelhas uniram-se num claro sinal de confusão, ia repetir acreditando que não havia entendido, porém, ela voltou a falar com aquele sotaque lindo:

– Isso tenho que perguntar a minha mãe. O importante é saber se você pode.

– Bem, dependendo da hora, posso encaixá-lo. – Ela me brindou com um sorriso de pura satisfação. Isso me dizia que, apesar de não falar tão bem, entendia muito melhor o que eu falava.

– Sim. Entendo você. Amanhã o procuro novamente para lhe falar sobre isso. – Sem cerimônia, me estendeu a mão com simpatia. Apertei-a levemente, sentindo a maciez de sua pele.

– Estarei aguardando! – disse retribuindo o sorriso.

Mal tinha saído, Marcos e Júlia se aproximaram com humores bem diferentes.

– Cara! Você não perde tempo! Aquela não é a gringa? – indagou, sentando-se à minha frente, enquanto Júlia se manteve em pé. Ela estava aborrecida.

– Ela estava apenas querendo aulas – expliquei um tanto aborrecido com o julgamento apressado dele. Toda menina que falava comigo era uma namorada em potencial agora. Ele queria me arranjar uma namorada a todo custo e me tirar de campo, por causa de Júlia. No fundo, tinha ciúmes toda vez que ela me dava atenção.

– Meu amigo, você é um homem de sorte! A *facu* toda está doida por essa gringa e você dará aulas a ela! – continuou na mesma linha de pensamento, fazendo julgamento apressado.

– Não vou dar aulas a ela, Marcos! Como sempre, você é apressado demais em seu achismo. Há uma possibilidade de dar

aula ao irmão dela. Então, pare de viajar! – respondi rapidamente, observando que o aborrecimento de Júlia tinha aumentado. Novamente me peguei pensando no porquê daquilo e em como o fato de ela estar incomodada me incomodava também.

– Ei, está nervosinho, é? Relaxe! Tudo bem, mas dar aula ao irmão dela quer dizer encontrar com ela também, então! – Antes de responder alguma coisa, Júlia ajeitou a bolsa em seu braço e soltou, visivelmente chateada:

– Com licença! Essa conversa está chata demais. Vou ao banheiro e quando eu voltar espero que esse papo já tenha acabado, senão eu vazo daqui – Ficamos olhando-a se afastar sem dizer nada, eu, um tanto surpreso por sua forma agressiva.

Marcos quebrou o silêncio:

– Cara, acho que ela ficou com ciúmes por ter falado desse jeito da mina. – Nem ele mesmo acreditava no que falava, sua voz era fraca e sem convicção. Na real, ele tinha tantas dúvidas quanto eu, apenas acreditava que poderia ter alguma chance de aquela possibilidade ser verdadeira.

– Vai ver que pode ser isso mesmo. Então, cara, veja se consegue se tocar, porque isso é muito chato! Coloque-se no lugar dela, você não iria gostar nem um pouco.

Ele me fitou pensativo por alguns segundos, seus olhos estreitaram-se como um lobo predador e depois tascou sarcástico:

– Cara, é impressão minha ou você ficou todo cheio de marra por causa da Júlia? Não consigo entender essa mania de sempre corrigir as minhas ações. Você quer impressionar quem? Por que não admite logo essa droga de uma vez? – A voz dele se alterou e se tornou agressiva. Poucas vezes o vi daquele jeito.

– Sinceramente, não sei do que você está falando, Marcos! O que sei é que você mesmo não vê que o seu ciúme o está cegando. E, cara, ciúme é um veneno, macula quem sente e quem é o motivo do seu suposto afeto. Ciúmes não é amor, ao contrário, é um cárcere da alma enfermiça – falei com calma, lutando contra os sentimentos contraditórios que me tomavam naquele momento.

Estava chateado com o rumo que aquilo estava tomando. Iria perder meu melhor amigo, podia sentir o clima hostil entre nós. E ficou ainda mais claro quando ele cuspiu com viva indignação:

– Guarde seu papinho moralista para outro, Bryan. Não sou e nunca fui alienado. A questão aqui é outra e você sabe muito bem, estou cansado de representar, fazer de conta que não percebo nada. Posso não ser tão inteligente, tão gente boa, tão tudo quanto você, mas não sou cego nem burro. Sei muito bem que rola algo entre você e a Júlia, porém, quero deixar claro que gosto dela de verdade e não vou desistir. – Seus olhos confirmavam tudo que suas palavras proferiram: firmes, coléricos e focados em mim. Sua boca numa linha reta apertava seus lábios com força.

Sempre trazia Deus para participar de meus momentos, e aquele era um do qual não poderia ficar de fora. Meu coração estava apertado, gostava de Marcos, era um cara muito legal e meu melhor amigo. Contudo, nem isso foi suficiente para ele avaliar e pesar tudo o que falou.

Assim são as paixões, nos cegam, nos fazem refém de nós mesmos. Suspirei fundo, buscando encontrar tempo para responder e não piorar ainda mais a situação. Marcos sabia muito de mim, confiara-lhe segredos que nunca tinha contado a ninguém, sabia que não podia deixar que esse sentimento tão pobre se colocasse entre a gente dessa maneira.

– Cara, sabe muito bem o que penso disso tudo. Não devemos brigar por isso. Somos amigos, Marcos, e, mesmo discordando, sempre conseguimos contornar; não será agora que isso acontecerá. – Falava com a voz suave e baixa. Era uma forma de acalmá-lo. Todavia, seu aspecto não deixava dúvidas: ele não estava a fim de negociar.

No fundo, entendi que era melhor para ele que nós brigássemos, teria uma desculpa para não ver a mim e Júlia juntos, e aquilo me entristecia ainda mais.

– Contornar? Deve estar de brincadeira, Bryan! Cara, isso não é como aqueles nossos jogos! Estou muito apaixonado por ela e, como disse, não vou desistir. Você não vai atrapalhar! – cuspiu

com tanta raiva, que entendi o porquê de sua mãe, ultimamente, me falar que ele estava agressivo.

– Você tem razão, cara! Estou deixando você à vontade, dando um tempo disso tudo. Nunca quis nem vou te atrapalhar. – Levantei-me, peguei meu material, e a ironia de tudo aquilo era que quem deveria sair era ele, afinal, eu já estava lá.

Tentando evitar cruzar com Júlia, me retirei rapidamente, porém, não foi suficiente. Quando ela chegou, eu ainda estava bem próximo deles e deu para escutar ela perguntar por que eu estava indo embora. Não escutei a resposta dele e, no fundo, não estava mesmo interessado, evitando assim me sentir mais triste do que me encontrava no momento.

Já estava chegando à quadra onde os meninos e as meninas treinavam futebol. No início, o time feminino sofreu muita pressão pelo fato de serem mulheres: piadas difamantes de que futebol não é coisa de mulher e, para a surpresa de todos, muitos desses pensamentos machistas eram de outras mulheres... Hoje o time contava até com patrocínio e era levado bastante a sério. O ginásio lotava quando jogavam. Assim é a vida, nunca devemos desistir do que queremos de verdade.

– Bryan! Bryan! – Essa voz era muito conhecida aos meus ouvidos. Minha razão pedia que continuasse a andar, mas minha emoção se derretia quando escutava a voz dela e meu coração “burro” ganhou novamente. Parei e voltei-me. Júlia corria em minha direção, chegando segundos depois.

Sua respiração cansada fazia seu peito subir e descer num ritmo acelerado. Ela colocou as mãos nos joelhos num claro sinal de exaustão. Seu cabelo grudava em sua testa suada; podia sentir o seu perfume inconfundível de flores. Meus sentidos se aguçavam quando ela estava por perto e bastou isso para esquecer a bela estrangeira.

Ela se levantou com a respiração mais controlada, fitou meus olhos com uma expressão de divertimento, com uma sombra de um sorriso nos lábios. Não entendi até ela me perguntar, ainda sorrindo levemente:

– Por que está me olhando desse jeito? – Apoiou-se na perna, virou a cabeça ligeiramente para o lado e prosseguiu: – Parece que nunca me viu! – Sua voz denotava satisfação, aquilo me deixou mais calmo. Ela percebeu o meu estado de tola admiração, ao olhá-la de perto.

– Estou admirando-a! – O quê? Por que disse isso? Que droga! Estou definitivamente sem controle sobre mim. Lembrei-me de Marcos e minha postura mudou. – O que você quer? – indaguei sem mais nenhuma perspectiva de prazer.

Ela me observou por alguns segundos como se analisasse a minha mudança brusca de humor. Retirou os cabelos que insistiam em ir para o seu rosto, levados pela brisa suave que refrescava um pouco aquele dia quente. Sua postura também mudou um pouco, mas, quando voltou a falar, sua voz continuava calma:

– Queria saber por que você saiu daquele jeito. De longe parecia que vocês brigavam. O que está acontecendo entre você e o Marcos? Eu pensei que fossem amigos! – Concatenou algumas palavras, embora não com desenvoltura; estava sem jeito, com vergonha, eu diria. Eu detectei uma preocupação disfarçada.

– Sim, somos amigos, Júlia! Foi apenas uma discussão entre amigos mesmo. Não se preocupe! Às vezes não concordo com algumas coisas do Marcos e o mesmo acontece com ele em relação a mim. Mas está tudo sob controle. – Tentei ser o mais convincente possível, evitando, assim, deixá-la mais preocupada.

– Bryan, eu não quero... – Silêncio. De cabeça baixa, ela torcia as mãos, seus olhos demonstravam medo, angústia. Senti meu sangue circular mais rápido pelo corpo. Minha vontade era abraçá-la, protegê-la de algo que ainda desconhecia, e vê-la daquele jeito só me mostrava quanto tinha que fugir dela.

Nunca me senti tão vulnerável, parecia que meu autocontrole se perdia no esquecimento de algum lugar do meu cérebro. Tive que buscar no íntimo, fazendo um esforço enorme para ficar parado apenas olhando-a, enquanto ela pensava no que iria falar.

Quando fitou meus olhos novamente, senti um estremecimento maior. Engoli em seco, até ela voltar a falar:

– Eu não quero que vocês briguem por minha causa! Eu sei que o Marcos gosta de mim e que tem ciúmes de você, mas entre mim e ele só existe amizade. – Sua voz era suave, quase melódica, carregada de sentimentos, de sinceridade somada a uma profunda preocupação.

– Não vamos, Júlia! Eu e o Marcos sempre nos entendemos. É comum entre amigos haver esses problemas! – Carreguei minha voz de compreensão, buscando tranquilizá-la ao máximo. O seu autocontrole foi menor que o meu, porque, sem que esperasse, ela se jogou em meus braços chorando.

Ao sentir seu corpo frágil em contato com o meu, seu perfume tão próximo, toda minha resistência foi por terra. Abracei-a sem reservas, apertando-a de encontro a mim, como se aquele gesto pudesse retirar dela aquela dor.

– Eu o deixei entrar porque era seu amigo, só por isso! Aceitei sua ajuda, por você! Queria que fosse você a ter estado em minha casa naquele dia. Não pense mal de mim, mas queria que fosse você. – Falava sem me soltar ou me deixar olhá-la. No início não entendia o que falava, mas, ao terminar, compreendi, e mais uma vez meu coração me traiu, porque fiquei muito feliz em saber.

– Eu queria ter estado lá, acredite! Mas não pude, então pedi ao Marcos que fosse em meu lugar – admiti. Ela parou subitamente como se tivesse tomado um choque, afastou-se um pouco até me fitar e perguntou, ainda com lágrimas descendo pelo seu belo rosto:

– Foi você que pediu ao Marcos que fosse lá em casa?

– Sim, Júlia, fui eu! Tive um sonho ruim com você me pedindo ajuda, não tive como ir até lá, então, liguei para o Marcos e pedi que fosse até sua casa saber se estava precisando de algo.

Ela me sorriu em meio às lágrimas que caíam pelo seu rosto e disse num fio de voz:

– No fundo eu sabia que sempre foi você! – Novamente seu ímpeto venceu e, na ponta dos pés, agarrou meu pescoço e uniu seus lábios aos meus. Inicialmente tímidos, bastou aquele pequeno

gesto meu de aceitação para aprofundarmos ainda mais o beijo,
também correspondido avidamente por mim.

JÚLIA

Ao saber que tudo partira dele, não consegui resistir e o beijei. Isso era o que verdadeiramente me intrigava: por que não tinha receio de me entregar àquele sentimento; não sentia medo, nojo ou qualquer coisa parecida. Meus lábios, quando tocaram os dele, foi como se tivessem alcançando o céu. Não é exagero, foi assim mesmo que me senti. Isso para uma pessoa como eu, descrente de sentimentos, ferida, violentada de tantas maneiras, era muito mais do que eu poderia esperar.

Ao sentir o seu abraço, meu corpo estranhamente reagiu positivamente e eu só queria mais. Queria que aquele momento não acabasse, queria ter uma vida normal, queria não odiar a todos, queria que minha natureza não fosse morta, fosse colorida...

Para uma pessoa normal, tudo era mais ou menos calmo, mas, para uma pessoa que traz marcas em seu íntimo, tudo funciona como um ciclone de emoções; as pessoas são um poço sem fim, onde se pode encontrar água limpa ou suja, sem cheiro ou com um odor fétido. Não gosto de vitimismo, olho as coisas como são, sem flores ou amores, como muitos idealizam.

O Bryan me trouxe outra perspectiva. Ao lado dele conseguia enxergar cores, sons, aromas... E isso era como nadar em uma piscina azul. Era, ainda, uma das poucas coisas que me fazia bem; nadar, mergulhar na água límpida me remetia a uma pureza que há muito não mais possuía.

Desde sempre me senti morta, minha vida não tinha sentido, até encontrar aqueles olhos em cima de mim. Meu corpo respondia

tão rápido que me assustava a possibilidade de me aproximar... E agora! Ah! Agora não quero ficar longe. Essa de Marcos gostar de mim e do Bryan se afastar por causa disso estava me deixando em parafuso...

Seus lábios comprimiam os meus em um apelo de urgência. Podia sentir a sua necessidade de mim assim como a minha por ele. Podia atestar, também, a sua resistência, o desespero crescente em seu íntimo, a luta interna que experimentava. Não queria que parasse, não queria que se afastasse de mim, contudo, meu pedido não foi aceito. Ele me empurrou para longe, seus olhos demonstravam toda sua angústia, a confusão mental em que vivia, e isso nos conectou ainda mais. Aquele estado era tão comum em mim.

– Não posso fazer isso, Júlia! Perdoe-me! Marcos é muito importante para mim! Não existe nenhuma possibilidade de existir algo entre nós. Eu... Eu lamento! – e lá se foi ele de novo, desta vez sem nenhuma resposta.

Acatei sua decisão, contudo, não concordava com o fato de não enfrentar o Marcos, de não lutar pelo que realmente queria. Eu era o que ele queria? Sim, eu sabia, eu sentia. Não era convencimento, era constatação, sentia isso em cada parte de seu corpo. No entanto, reza uma lenda que os homens são covardes... e acomodados também, pelo menos, era isso o que minha mãe sempre falava. Como não tenho experiência nessa área, não sei de nada, só repito o que escutei, até porque achei que fosse odiar todos os homens da face da terra, até encontrar Bryan.

– Como vou resolver isso? Não vou perder Bryan!

Desde o dia em que Marcos foi à minha casa evitava falar a respeito do que ele já sabia, porém, tenho certeza de que queria saber detalhes, ou pelo menos o nome do projeto de homem que havia estado ali... Era algo difícil para mim. As lembranças eram, muitas vezes, uma verdadeira tortura. Balancei a cabeça, numa tentativa frustrada de colocar aquelas malditas lembranças longe de mim.

– Que droga! Droga de cabeça que não me obedece! – gritei achando estar sozinha em meus devaneios, porém, Marcos havia chegado, escutando, e, antes de conseguir explicar algo, perguntou ríspido:

– Você gosta dele, não é, Júlia? – Seus olhos se estreitavam para mim, demonstrando contrariedade, seus braços dobrados em volta do peito mostrando uma postura totalmente defensiva, mostrando que não estava aberto a transmitir nem a receber informações. A falta de firmeza no falar, por sua vez, me indicava que, no fundo, estava mais inseguro do que determinado a saber toda a verdade. Ele estava em confusão emocional.

Isso me deixava um pouco mais confortável em relação às pessoas: saber que algumas vezes podiam sentir um pouco do que acontecia quase constantemente comigo.

Olhei-o mais com compaixão do que contrariedade. Gostava de Marcos. Ele era mais um que não me fazia mal.

– Do que você está falando, Marcos? – perguntei, tentando ganhar tempo para assim concatenar uma resposta adequada. O velho ditado nos informa de que a melhor defesa é o ataque, mas não sei se funciona tão bem. Com o Bryan, por exemplo, não dá mesmo. Ele quase nunca fica com raiva e, se fica, não demonstra.

– Estou falando de você e do Bryan. Acho que vocês estão escondendo o jogo – disse sem convicção e com a voz quase sumindo, com certeza sentindo algo mais forte do que supunha. Nunca tive ninguém que se interessasse por mim. Não de verdade. Era sempre a mesma coisa, estavam atrás de emoções frívolas.

Dei um sorriso mentalmente por causa da minha tentativa de aprimorar meu vocabulário. Gostava de palavras difíceis, faziam com que me sentisse diferente em um bom sentido, porque a comunicação é muito importante para quem deseja esconder emoções.

– Não estou escondendo nada, Marcos, porque, na verdade, não tenho nada para esconder. Assim como você, Bryan é apenas meu amigo. – Soltei a deixa e quase senti a dor que se fez em seu rosto ao escutar minhas palavras. Ele o contraiu como se estivesse com dor de barriga. Abriu a boca para falar algo, mas

voltou atrás. Mirou meus olhos numa tristeza profunda e naquele momento a única coisa que veio à minha cabeça foi indagar a mim mesma o que ele via em mim.

– Marcos, pelo amor de Deus, cara, eu sou problema! Não sirvo para você. – Verbalizei meus pensamentos numa tentativa de fazê-lo compreender toda aquela maldita confusão que era meu íntimo.

– Você não acha que eu sou grande o suficiente para decidir isso por mim mesmo? – Sua feição se suavizou as minhas palavras deram a ele a chance que há pouco tinha perdido. Droga de novo! Eu sou uma besta mesmo!

– Não! De verdade, não acho. Acho que a paixão é uma porcaria, muda suas perspectivas de como enxergar o mundo. Eu não sou uma boa pessoa, Marcos, e não vou deixar você acreditar nisso, porque essa é outra coisa que a paixão faz: ela cega. – Fitei-o determinada e, com uma raiva crescente em mim, deixei o tom de minha voz aumentar e com sarcasmo cuspi:

– O apaixonado começa a ver coisas que não existem... Só vê aquele mundinho medíocre que ele criou para satisfazer suas necessidades emocionais primárias. Odeio isso! Odeio esse lance de amor, de romance, isso tudo é mentira! Quanto tempo dura esse sentimento? Um dia, dois meses, um ano? E, depois, tudo acaba com xingamentos, com raivas, com insultos gratuitos... Não, Marcos, eu não vou cair nisso e, se quiser algo de mim, só terá minha amizade.

Ele deu dois passos para trás em resposta às minhas palavras. Estava assustado. Podia imaginar seu coração acelerado, seu sangue quente circulando mais rapidamente em suas veias, porque estava um tom mais rosado. Passou as mãos pelos cabelos penteando-os em um gesto nervoso, o que era comum nos homens; acho que aquilo era uma fórmula secreta para acalmar as ideias ou juntar tudo para saber o que falar.

– Júlia... – Fez uma pausa, fitou meus olhos e continuou com a voz calma: – Você está enganada! Nem todos são como ele! Existem pessoas diferentes e...

– Cale a boca! – gritei em resposta, não permitindo que ele completasse. Não queria escutar, era sempre a mesma coisa, o mesmo texto, parecia até que todos já haviam lido o mesmo livro e decoravam aquela parte de autoajuda. Odeio autoajuda, na verdade não ajuda ninguém, vicia, no meu ponto de vista. Levantei o dedo em riste e continuei a esbravejar: – Não ache que sabe de algo de minha vida, porque você não sabe. Ninguém sabe! No fundo, todos são iguais: egoístas, maquiavélicos, mesquinhos... Você está aqui porque seus hormônios querem outra coisa e enganam seu cérebro. Eu já falei, não sou a pessoa certa para você. Na verdade, não sou certa para ninguém.

Sem querer estender mais aquela conversa, virei e saí correndo. Entrei na primeira porta que encontrei aberta e, para a minha sorte, era o banheiro feminino. Acho que o cérebro faz esse papel, reconhece lugares em momentos de desespero.

Meu professor disse que o subconsciente é que faz esse papel. Diferentemente do que pensamos, ele não para de trabalhar, mesmo que não estejam ativas em nós essas lembranças de forma constante. Entrei em uma das inúmeras portinholas abertas, sentei no vaso sanitário e pensei alto:

– Porcaria! Agora ferrei tudo com o Marcos! Eu sou uma besta, mesmo! – Aquela sensação de vazio novamente se apossou de mim. Meu coração parecia que ia saltar pela boca, mas apenas pelo esforço físico, porque ele se mantinha frio, distante... Eu sabia que aquilo era inevitável. Hoje foi com o Marcos, amanhã será com o Bryan. Meus lábios experimentaram o gosto salgado das lágrimas que caíam ao constatar aquela verdade. – Sua otária! Você achou, mesmo, que poderia ser diferente? Você não nasceu para isso. – Levantei e dei um soco na porta, escorando minha cabeça nela. Encostei-me na parede e deixei meu corpo escorregar pelo azulejo frio até sentir o chão. A imagem de Bryan apareceu em meus pensamentos, mas, ao contrário das outras vezes, estava cinza, turva como um borrão.

As lágrimas ficaram amargas; a constatação de que nem mesmo a única pessoa que podia fazer a diferença em sua vida era algo possível veio como um vento seco, sem vida, que não

refresca nem acalma. Deixei minha cabeça cair por sobre os joelhos dobrados e meu choro cessou, só conseguia escutar a minha respiração, dessa vez mais controlada, mas não era de calma. Vivia um turbilhão de sensações estranhas dentro de mim e, pela primeira vez, amaldiçoei ter conhecido Bryan.

– Isso vai passar! Isso vai passar!

A lembrança do beijo se fez quase imediatamente, contudo, minhas emoções eram outras. Limpei minha boca, esfregando-a com rispidez. E a sensação foi pungente; uma mistura de percepções – o descrédito em mim mesma, associado à dor da constatação da impossibilidade de levar adiante qualquer esperança em relação a Bryan.

– Quanto antes eu acabar com isso, melhor será para todos! Como pude ter ilusões a esse respeito? Nunca poderei sonhar com algo assim! – Não consegui segurar por mais tempo a dor que abatia minha alma. Era muito real, parecia que algo muito fino e cortante me partia as entranhas.

– Deus! Deus! Você é uma mentira! Como pôde me colocar numa família daquela? Tudo o que eu queria era um lar de verdade! Uma mãe e um pai que me amassem! – murmurava sentada no chão, olhando para cima, como se ele, o Senhor Todo-Poderoso, estivesse no teto ou no alto como falavam, porém, a verdade é que há muito tempo deixei de acreditar nisso...

– Eu só queria ter nascido normal! Mas hoje eu só queria morrer!
– A voz saiu engasgada pelo choro que não pude conter. Enterrei minha cabeça por entre os joelhos e dei vazão à dor que experimentava naquele momento, ao choro baixo, contido, mas não menos triste.

Eu não sei como descrever uma dor, talvez seja pela complexidade de compreendê-la ou pela minha pobreza de vocabulário mesmo, porém, o fato é que nunca tinha estado assim... Sempre me sentia mal pelo que me acontecia, pelos anos de vida que aquele marginal me roubou, mas agora era diferente... Era a dor da perda de algo que nunca tive de verdade... Esperança! Era isso mesmo, essa palavra tão citada por tantos poetas, escritores...

Por um momento, depois que conheci Bryan, acreditei que esse sentimento pudesse existir em minha vida. Contudo, a máxima popular é verdadeira: alegria de pobre dura pouco; no meu caso, menos de um mês, acho. Mas agora tudo acabara e eu voltava para minha insignificante condição mental! Era assim que me sentia.

ALÍCIA

– Aícia, você não pode me dizer o que está acontecendo? Já tem pelo menos dois dias que você não está “aqui”. Não estou querendo ser impertinente, mas está conseguindo me deixar preocupado.

Bryan olhava para mim com aquela paciência característica, contudo, estava também diferente, não sei se por mim mesma, pelo meu jeito ou por algum problema que enfrentava. Afinal, tenho consciência de que não só eu tenho problemas.

– Caraca! Quantos anos você tem mesmo? Impertinente? Que droga de palavra é essa? Às vezes tenho a impressão de estudar com uma pessoa do século passado. – Vi seus lábios se curvarem em um pequeno sorriso. Ele não ria com frequência e, quando o fazia, era sempre com moderação. Mas aquele palavreado dele era irritante, na maioria das vezes. Quem hoje fala impertinente?

– Deixe de enrolar e responda à minha pergunta – falou já sério novamente. Confesso que gosto desse seu jeito profissional, me deixa mais à vontade de certo modo, porque não é aquele sério chato, mas compreensivo, amigo, nunca negligencia sua função.

– Eu não tenho nada. Ok? – respondi, sabendo que jamais acreditaria nas minhas palavras. Ele tem aquele lance de ler a mente, ou sei lá o quê. Na verdade, ele sempre sabia quando eu estava mentindo ou escondendo algo. Conseguia esconder quase tudo de todo mundo à minha volta, mas dele...

– Ah, esqueci que você lê mentes! Caramba! Às vezes tenho a impressão de estudar com um ser do espaço. Quem é você, mesmo? – tentei mudar o foco, porém, desta vez ele não riu, ao

contrário, fitou meus olhos incisivamente, reiterando o que tinha acabado de dizer, e fez outra pergunta:

– Como está seu relacionamento com Matheus? – Bingo! É isso que falo sobre ele ler mentes. Não é possível! Contudo, não iria dar a ele esse gostinho de vitória assim tão fácil, mesmo sabendo que iria falar.

Ele era a única pessoa com quem conseguia me abrir um pouco. Com minha mãe falava o que achava necessário para não deixá-la mais triste do que sempre estava. Culpava-me por isso. Embora, depois que conheci o Bryan, conseguia até sorrir, e isso estava fazendo um bem enorme aos meus pais. Quase não os via mais brigar.

Isso me fez refletir que uma postura diferente na vida pode mudar em muito nosso dia a dia.

– Que *mané* relacionamento? Você está viajando! Não há nada entre mim e Matheus e nunca poderá haver nada de qualquer forma, nem com ele, nem com ninguém – falei sem pensar e deixei escapar algo que o faria refletir sobre o assunto.

– Alícia, novamente reforço a ideia de não querer ser intrometido e saber de sua vida, mas suas respostas me fazem pensar que há algo e, se você pudesse e quisesse se abrir, poderia ajudá-la. Eu nem preciso dizer que isso ficará cem por cento comigo, né?

Pela primeira vez na minha vida senti vontade de dividir o meu drama pessoal com alguém; sabia que ele estava falando a verdade. Confiava nele como nunca confiei em ninguém. O Bryan me fazia refletir sobre uma série de coisas.

Primeiro: como o ser humano, se quisesse, poderia fazer diferença na vida das outras pessoas, não precisava ter dinheiro, fama ou poder, como a maioria acredita. Ele não possuía nada disso, porém, com seu modo de viver, com sua compreensão, com a capacidade de não julgar, de ter paciência, influenciava positivamente quem estava próximo.

Segundo: todas essas virtudes que citei há pouco quase sempre conseguem destruir barreiras emocionais, psicológicas, criadas

por pessoas “doentes” como eu, que não deixam espaço para ninguém, apenas para o próprio problema.

Terceiro: que mesmo com o maior dos problemas você pode ter qualidade de vida. Tudo é uma questão de perspectiva. Ele sempre me mostrava questionamentos lógicos e a necessidade de o homem estar sempre com a mente voltada para algo positivo.

Na real, o Bryan me fez voltar a acreditar na criatura humana, e isso estava mudando minha vida. Sabia que sua base de conhecimentos era abrangente, era um rapaz da ciência, dos números, mas também tinha sua crença. Segundo ele, ela era fundamentada em estudos sérios.

Ele não me falava muito a respeito porque respeitava o fato de eu não acreditar, mas tinha plena consciência de que tudo o que me dizia tinha como base a Doutrina Espírita. O que de certa forma também me chamou a atenção para outro fator discutido muito atualmente: a questão de que a ciência não pode andar com a religião, se bem que essa Doutrina Espírita era bem diferente de outras religiões.

– Eu sei, Bryan! Confio em você. – Soltei o ar lentamente. Tinha essa mania de ficar prendendo a respiração. A ideia de contar a alguém sobre a minha doença nunca me pareceu mais convidativa, porém, algo ainda me travava. Decidi, então, falar por tabela do meu outro problema: Matheus.

Estávamos sempre em contato, conversávamos todos os dias pelas redes sociais. Coisa nova para mim também desde que soube do meu problema. Estudávamos juntos algumas vezes por semana, o que fez minha mãe quase promover uma festa, porque aquilo era motivo de muita felicidade; oferecia a falsa impressão de que estava interagindo com outras pessoas.

Todavia, a questão era bem outra: o Matheus servia aos meus propósitos. Ele conhecia muito de medicamentos e sua obstinação em encontrar cura para algumas doenças era inacreditavelmente pertinaz...

– Bem, você acertou de novo. O Matheus e eu estamos nos encontrando com certa frequência, mas não venha com interações românticas, porque o caso é outro. Estamos

estudando sobre medicamentos e gosto de estar com ele devido a sua obstinação em conseguir a cura para alguns tipos de doença. Fico feliz em saber quanto se empenha em ajudar a humanidade, mesmo sendo tão jovem para isso. – Aquela parte era toda verdade, só não citei os motivos que me faziam gostar desse aspecto do Matheus cada vez mais.

– Bem, no caso dele, eu acho que sei um pouco o que o motiva. Agora, no seu caso, qual a sua motivação? – Fez aquela pergunta como se soubesse que havia algo por trás das minhas tão “boas” intenções.

– Ora, o fato de poder ser útil não é suficiente? Gosto de estudar, me faz sentir mais viva, se é que isso é possível! – Vi de relance os olhos atentos de Bryan em mim e sabia que não o estava convencendo. Quando ele quer, sabe ser também bem teimoso. Então, resolvi tentar outra coisa.

– Gosto do Matheus! Ele é um cara bem legal! Assim como você, consegue me entender. – Aquela não era uma inverdade completa. Na real, nada era mentira.

Matheus, a cada dia, estava mais próximo de mim e aquilo me assustava. Não podia nem cogitar que existisse algo entre nós, ou seria também o seu fim. Por isso, estava evitando-o como podia. Essa era a causa do meu mau humor, não que eu fosse uma pessoa bem-humorada, mas, nos últimos dias, ele não parava de me enviar mensagens e até veio aqui em casa... Estava sendo *punk* fugir da sua “necessidade” de mim.

– Você sabe que ele gosta de você também! E não tem sido fácil aturar o seu interrogatório todos os dias sobre você. As intermináveis citações sobre o seu nome; sobre como você é linda, inteligente, blá-blá-blá... Por que não o está atendendo, já que gosta dele também? – Aquela revelação fez meu estômago dar voltas, parecendo a montanha-russa Millennium Force, uma das maiores do mundo.

Acreditava que ele queria minha presença porque dava créditos às suas pesquisas; gostava de conversar e de ouvi-lo, mas imaginar que o sentimento dele era outro fez meu coração bater bem mais acelerado. De cara, não sabia muito se achava aquilo

bom ou ruim, foi apenas estranho, uma vez que nunca tinha sentido tal emoção.

Minha mente rapidamente organizou meu problema em torno da minha doença, talvez porque já estivesse em modo de defesa. Ela fez uma varredura nas muitas razões que me diziam sempre que não podia permitir nada com ninguém. Visualizei a consequência maior e, como se tivesse tomado um choque, saltei da cadeira e com os olhos esbugalhados disse, a respiração alterada:

– Ele não pode sentir nada por mim! Não assim! Eu não posso ter nada com ninguém! Com ninguém! – Meu desespero só aumentava, e isso me indicou outra coisa: estava mais envolvida com ele do que supunha minha tola emoção.

Andei de um lado para o outro sob os olhos atentos e confusos de Bryan, mas, como sempre, sua sensatez é uma marca muito forte. Ele permanecia em silêncio, talvez acreditando que eu me acalmaria. Só que desta vez aquilo não ocorreu.

– Droga! Ele é burro! Será que é demais entender que eu nunca vou ser nada além de uma simples e reles amiga? – esbravejei com os olhos presos nos dele, deixando minha ira se exteriorizar sem precedentes. – Eu não sirvo para ninguém! Para ninguém! Eu sou um ponto morto no espaço! Maldição! A culpa disso é sua. Não tinha nada que me trazer esperança de porcaria nenhuma – gritava enquanto lágrimas rolavam pela minha face rubra de raiva. Levantei o dedo e continuei a acusar a única pessoa que me fizera bem na vida, mas não me importava; agora queria apenas me livrar daquela sensação de ódio que me tomava o íntimo.

Essa é a droga de falar com raiva, colocamos para fora o que temos dentro de nós, e não adianta camuflar com dizeres do tipo: foi apenas na hora da raiva. É nessa hora que descobrimos o que realmente guardamos conosco. Claro que, quando falamos algo para determinada pessoa, queremos, na real, dizer isso mesmo, para ela, como neste caso.

Bryan seria a última pessoa que acusaria. Contudo, o que eu falava era o que realmente sentia. Achava que eu era um nada, que tinha vindo ao mundo para trazer tristeza.

– E agora, você vai resolver essa porcaria toda? Maldita doença! Eu sou um poço de sujeira. – Passei a mão no móvel de luxo de minha mãe e derrubei tudo o que estava em cima.

Antes mesmo que me desse conta, senti os braços de Bryan em torno de mim, numa tentativa de me proteger. Lutei em vão para me soltar, mas, para a minha surpresa, ele tinha mais força do que seu corpo magro demonstrava.

Meu corpo doía, suave mais que chaleira e, sem mais forças, aquietei-me, chorando copiosamente em seus braços. Ele me manteve em seu abraço, sem dizer uma só palavra, apenas passando uma das mãos em minha cabeça, num carinho fraternal.

Meu peito parecia um poço sem fundo. Um vazio sem proporções tomava conta de mim e, com a consciência de que meu mundo era aquele, a vontade de manter aquilo em segredo se desfez. Meu peito subia e descia mais calmamente agora; fitei meu jovem professor/benfeitor e deixei-o saber da minha angústia.

– Eu tenho Aids! Eu... – As palavras morreram na garganta, não consegui completar meu raciocínio.

Como suspeitei, Bryan não se afastou, seus olhos não demonstraram nenhum sentimento de medo ou pena: nada. Ao contrário, abraçou-me novamente e disse em meu ouvido com voz calma e confortadora:

– Você e milhares de pessoas têm Aids e nem por isso são sujas, feias ou estão condenadas à morte. É apenas mais uma doença no mundo, Alícia. – Afastou-me um pouco e continuou a falar fitando meus olhos com um brilho diferente, vivo, cheio de convicção: – A doença não é problema, ao contrário, é solução. Tudo é apenas uma questão de ponto de vista. Você pode e deve ter uma vida normal, dentro da sua condição, como todos. Todos nós temos alguma restrição a algo, alguns mais que outros, mas todos estão sempre tendo que enfrentar alguma coisa. Não se julgue menos, porque você é mais.

Um sorriso singelo surgiu no canto da boca e continuou:

– Você é criação de Deus e ele não a ama menos por isso, como sua mãe, seu pai, eu e tenho certeza de que o Matheus.

Não deixe que ideias tortas se apoderem de você, impedindo de ser quem você é: uma pessoa linda e maravilhosa, porque é isso que você é. Confie nessa força de criar, de superar que todos nós temos. Desde que você soube que estava com Aids, está vivendo e, no último mês, bem melhor, porque resolveu quebrar um pouco esse gelo.

Eu não conseguia dizer nada, absorvia suas palavras com tanta força dentro de mim; parecia que além de todos os seus “poderes” ele tinha a capacidade de mudar pensamentos.

– Não, Alícia, não sou eu, é você! É o seu íntimo que está preparado e aceita com serenidade essas ideias. Ninguém pode modificar ninguém, só nós mesmos. – Minha boca se abriu e meus olhos se arregalaram de surpresa. Ele havia lido minha mente! Fora isso mesmo?

Antes de fazer a pergunta clássica, ele respondeu de novo:

– Eu não leio mentes! Apenas sou um estudioso do comportamento humano e a cara que você fez me deu uma ideia do que você estava pensando. Apenas isso.

– Bem, agora entendo por que muitos o chamam de bruxo! – Coloquei a mão na boca, aquilo era algo que falavam dele pelas costas. Eu e minha falta de cuidado.

– Bruxo? – ele riu. – Bom saber. Posso usar isso a meu favor! – Rimos juntos e aquele peso dentro de mim diminuiu um pouco; estava do tamanho de mim mesma, pequeno.

Um barulho no canto da sala nos chamou a atenção. Olhamos juntos e fitamos minha mãe parada, olhando para nós enquanto chorava baixinho. Ao se dar conta de que fora flagrada, enxugou os olhos rapidamente e perguntou num fio de voz:

– Vocês querem um lanchinho?

Não consegui desgrudar meus olhos dos dela. Minhas emoções novamente deram um salto para o alto, só que desta vez foi algo bom. Meu amor por ela era tanto.

Lembrei-me das vezes que a fiz chorar, das vezes que fui rude premeditadamente... Quis pedir perdão, mas minha voz não saiu, ficou presa novamente, contudo, dei um passo à frente e ela fez o

trajeto seguinte, vindo até mim e me abraçando com força, sem também dizer nenhuma palavra.

Ficamos assim alguns minutos e só nos demos conta da ausência do Bryan quando já estávamos mais normais emocionalmente.

– Esse rapaz é um milagre de Deus! – disse minha mãe olhando para o nada, como se agradecesse o fato.

– Se ele é um milagre eu não sei, mas que faz um bem por onde anda, isso faz! – Rimos juntas e me senti feliz em saber que tinha colocado um sorriso em seu rosto.

Senti-me leve, vi esse sentimento com minha mãe também e pensei: como é estranha a vida, tudo aconteceu tão rapidamente; sensações, pensamentos, atitudes... No fundo, compreendia que aquela era apenas uma forma de falar. Entendia que nada ou quase nada acontece de repente.

Balancei a cabeça tentando evitar refletir agora sobre isso, queria apenas viver o bom momento, até porque tinha consciência de que a batalha por esse bem estava apenas começando. Ainda tinha o Matheus, e meu coração não sabia se estava preparado para algo assim. Ainda ia pensar no que o Bryan tinha me falado.

Agora não, de momento só queria curtir um pouco desse sentimento que me alimentava o íntimo e que era tão bom.

MELINE

– Amiga, não inventa, dessa vez não vai dar, vou ter ensaio da banda e não vou faltar – informei a Carla. Ela, desde que conheceu o Gaspar, o cara da *net*, não fala mais em outra coisa, estão até namorando! Ele é boa gente e a está colocando para estudar.

Ele é o tipo *nerd*, conectado com todas as tecnologias, e adora cálculos. A Carla? Ah, ela entende de redes sociais, de fotos, de roupas, de mitologia... Ela é inteligente, esperta, mas de outro jeito que não sei explicar. Bem, eu não sei como eles fazem nesse quesito, mas, na real, o menino está doido por ela.

– Aposto que essa vontade toda de “não faltar aos ensaios” tem dois olhos azuis, cabelo loiro e atende pelo nome de Henrique – disse com uma fala aborrecida.

Fiz de conta que não escutei. Diferentemente dela, eu era muito reservada quando se tratava de mim. Mesmo a ela quase não falava de meus sentimentos, talvez por me sentir um pouco estranha com esse lance de gostar. A verdade era que estava gostando de Henrique, mesmo que eu não quisesse admitir. Isso era difícil para mim.

– Não vai falar nada, é? Sei, esse menino veio apenas estragar a nossa amizade, Mel! Eu não gosto dele. Você quase não tem tempo mais para nós, tudo agora é a “banda” e... – Não aguentei escutar mais nem uma palavra a respeito. Dessa vez, ela iria escutar.

Minha mãe sempre falava para mim e para o meu irmão que tudo tem limite, e, quando não sabemos a medida do nosso, os

outros também não saberão. A nossa medida é também aquela com a qual ensinaremos ao outro até onde lhe é permitido chegar.

– Pode parar, Carla! Às vezes você não se dá conta, mas consegue ser extremamente egoísta. Será que você percebe o que acabou de falar? Claro que não! Você nunca presta atenção nas suas próprias palavras. – Ela me interrompeu como de costume:

– Do que você está falando? – Podia até vê-la arqueando o queixo em sua atitude costumeira de rebeldia. Tínhamos uma personalidade forte e, quando discutíamos, quase sempre não entrávamos em um consenso. Ela sempre queria ter razão, embora, na maioria das vezes, não tivesse.

– Estou falando de você! Você passa o tempo todo falando de Gaspar; Gaspar para cá, Gaspar para lá, como se não existisse outra coisa no mundo, alugando meu ouvido com a maneira até como Gaspar come... Pelo amor de Deus, e eu quero lá saber como ele come? Mas escuto pacientemente essas informações desnecessárias e, agora, porque não “posso” escutar como Gaspar faz sei lá o que, você vem com essa para cima de mim? Ora, faça-me um favor. Isso se chama egoísmo! Lamento por você não gostar de Henrique, ele é uma pessoa formidável, e lamento mais ainda se você pensa que ele estragará nossa amizade. Mais uma vez constato a sua total falta de senso de amizade e... – Com a voz alterada, ela me interrompeu novamente.

– Senso de amizade? O que é isso? Uma nova forma de dizer me deixe em paz? Você com essa sua maneira toda intelectual de falar! Eu odeio isso, sabia? Tenho certeza de que é para parecer mais inteligente que os outros. Você deve ter aprendido com o *nerd* do seu irmão...

– Cale essa sua boca! Você é maldosa! Não preciso de palavras inteligentes para isso; deixe-me em paz e vá cuidar do “seu” *nerd*, em vez de estar falando mal dos outros. Não tenho mais nada para falar com você – e desliguei.

Sabia que estava soltando fogo pelas fuças. Nunca foi minha intenção discutir, mas o negócio é este; estava tão ou mais chateada que ela.

“Como ela teve a coragem de chamar meu irmão de *nerd* de forma pejorativa? Dizer que eu quero parecer inteligente para menosprezar os outros, quando, na verdade, é ela quem faz isso?”, pensava, enquanto caminhava de um lado para o outro, nervosa com tudo o que havia acontecido.

– Que droga! Eu odeio isso! – reclamei em voz alta, tentando expulsar um pouco a exaltação que circulava dentro de mim. Meu sangue parecia mais fluido, podia senti-lo correr quente em minhas veias, “queimando” minha face, tornando-a rosada.

Meus pensamentos pularam de *bungee jumping*, do maior que pudesse existir, e caíram em um poço sem fundo. Senti minha cabeça doer quase instantaneamente. Vez por outra discutíamos, mas, desta vez, ela tinha ido longe demais.

– Grosseira, maldosa, egoísta e muito sem noção! Ah, mas isso ela, na maioria das vezes, já era mesmo. – A cada pensamento a que meus sentimentos davam vazão, minha fúria só aumentava. Peguei minha bolsa, preendi meu cabelo e saí sem me despedir de minha mãe. Com certeza, quando me olhasse, seria aquele sermão... Vocês sabem, né; parece que toda mãe tem visão além do alcance.

O ônibus estava lotado; àquela hora do dia já éramos espremidos como sardinha em lata e sacolejados como sacos de batata.

– Que droga de país que não dá condições mínimas para se viver! – reclamei, acotovelando um idiota que tentava se aproximar por trás. Minha zanga só aumentava. Silenciei e saltei uma parada antes daquela em que costumava descer sempre. Minha cabeça não parava de escutar a voz de Carla e meus sentimentos de exasperação não diminuam.

O centro espírita ficava localizado em um bairro muito pobre da cidade. Fora um pedido do fundador, que queria muito ajudar aquela comunidade carente. O intento deu certo; desde que fora fundado já havia ajudado muito a comunidade. Com o auxílio de muitos empresários espíritas, foi construído um posto médico com quase todas as especialidades, uma escola-creche e, recentemente, um posto policial.

Nenhuma dessas iniciativas estavam vinculadas diretamente ao centro, porém, fora por intermédio dele que foram levadas adiante. Existia um trabalho de assistência social feito por fora, todos os meses, envolvendo todo o bairro. Nos quase 35 anos de fundação já havia contribuído muito para a minimização de alguns dos males sociais; um deles era a violência.

Minha cabeça girava em torno de minha situação e nem por um só minuto me deu trégua. Estava tão envolvida em meus pensamentos que quase não acreditei quando senti uma mão segurando meu braço e puxando-me para um dos muitos becos que havia. Como tinha descido uma parada antes, andava mais e passava por algumas vielas que pareciam mais labirintos do que ruas estreitas.

– Sozinha, bonitinha? – perguntou um rapaz me empurrando contra a parede com violência. Seu rosto estava encoberto por um capuz, mas consegui ver seus olhos vermelhos, suas sobrancelhas grossas que se encontravam no meio da testa, sua boca ferida e seus dentes bem amarelos. Avançou em minha bolsa e, em um tom baixo, porém com grosseria, continuou seu intento:

– O que você tem aí? Passa tudo e não tente nada, ou vai ficar sem esse rostinho lindo que tem!

Meu sangue iniciou a mesma trajetória com rapidez, agora por outro motivo: medo! Podia ver pelos olhos vermelhos do malfeitor, pelo tom de voz, pelo cheiro forte de bebida e cigarro que exalava que não estava brincando. Meu coração não sabia se parava ou se acelerava... Não conseguia fazer nada, apenas olhava aturdida para aquele resto de jovem a minha frente, aterrorizando-me.

– Vamos com isso! Eu não tenho o tempo todo, passa tudo. Não quero a bolsa, além de velha e feia, pode me denunciar – dizia no mesmo tom agressivo. Percebendo o meu estado de inércia, aproximou-se mais de meu rosto e disse de forma jocosa:

– Será que a belezinha aqui não queria seguir e fazer uma festinha comigo! Hein? – Meus pensamentos deram um salto e, ao imaginar aquele homem me tocando, minha reação foi rápida: abri

a bolsa, peguei minha bolsinha de moedas, o troco do ônibus e dei a ele.

– Só isso? Cadê o celular? Passa – disse apertando meu braço com raiva ao constatar que não tinha quase nada comigo. Ao escutar seu pedido, imediatamente Bryan veio a minha mente. Aquele celular fora presente dele. Pagou em muitas prestações. Meu coração despencou, as lágrimas vieram rápido aos olhos e com um fio de voz pedi:

– Não leva isso não, moço, por favor. Como vê, sou pobre, meu irmão acabou de pagar! – Foi uma tentativa desesperada para tentar tocar seu coração.

– E eu quero lá saber disso! Eu não sou instituição de caridade, não. Passa esse celular agora ou vou te mostrar como resolver isso.

Levei minha mão à bolsa novamente, desta vez, bem mais lentamente. Não me deixei vencer, apertei o celular na mão e, sem tirá-lo ainda da bolsa, disse:

– Moço, por favor, eu sei que você não é instituição de caridade, mas, pelo menos hoje, faça uma boa ação. Eu sou do centro espírita, não falo nada para ninguém do que aconteceu. Leve isso que te dei. O meu irmão trabalhou tanto para pagar.

Algo nas minhas palavras o fez parar e não demorei para saber o porquê. Ele me olhou desconfiado e disse:

– Você pertence ao centro espírita? Como nunca a vi por aqui?

– Sim, pertenço. Estava afastada um tempo, mas retornei e faço parte da banda de lá. – Silêncio. As minhas palavras pareceram nocauteá-lo. Ele torceu a cara e muito abruptamente deu um soco na parede ao lado do meu rosto, esbravejando um palavrão.

Dei um pulo assustada com sua reação violenta, parecia estar possesso, contudo, fitou bem meus olhos e soltou meu braço, para minha surpresa.

– Se eu fosse a bonequinha, da próxima vez descia na parada certa. Desta vez vou deixar levar a melhor, mas não por você, e sim pelo centro. Eles ajudaram minha mãe e prometi que, com a galera de lá, não iria acontecer nada. – Estendeu as minhas

coisas e disse: – Agora vá e não conte nada a ninguém, ou não serei complacente assim de novo.

Deu uma risada sarcástica e, mostrando seus dentes amarelos e estragados, soltou:

– Viu só, o rostinho bonito me fez ser caridoso hoje. – Segurei firme a minha bolsa e saí correndo, só parei quando cheguei à porta do centro, já com os “bofes” quase saindo pela boca. Para meu desespero, o portão ainda estava fechado. Bati feito uma louca, chamando por alguém.

Henrique desceu a pequena rampa que era utilizada pelos cadeirantes, mas, quando visualizou meu rosto de puro desespero, apressou o passo sem desviar do meu olhar e perguntou aflito:

– O que aconteceu, Mel? – Em outra ocasião teria percebido ele me chamar de Mel, porque sempre me tratava por Meline, muito formal. Contudo, hoje meu pobre coração assustado nem se deu conta desse grande detalhe.

– Abre logo, depois falo – respondi olhando de um lado para o outro. Quando o portão finalmente foi aberto, a única coisa que me ocorreu foi me atirar nos braços dele, chorando compulsivamente. Ele até parecia que já aguardava aquela reação, porque me acolheu tão bem em seu abraço. Seus braços eram firmes, diferente da aparência frágil que tinha.

– Seja lá o que aconteceu, já passou! Fique calma! – dizia, fazendo um carinho em meus cabelos. Ele segurou minha mão e entramos, ainda sem nenhuma explicação sobre o fato.

No salão, Nando e Inara discutiam sobre acordes de uma nova música que todos estávamos ensaiando. Uma nova composição do Bryan. Eles não perceberam nada, então, eu e Henrique seguimos até a sala de passes e sem mais desculpas ele indagou com os olhos fixos nos meus:

– O que aconteceu, Mel?

– Eu fui assaltada, ou melhor, quase, porque quando o assaltante soube que eu era daqui do centro me deixou com tudo. Foi aterrorizante! Ele ameaçou me levar para... – Fechei minha

boca porque não queria terminar aquele pensamento. Ele apertou minhas mãos nas dele e abraçou-me novamente.

Eu já estava bem mais calma, e senti-lo tão próximo de mim estava me fazendo um bem incrível.

– Já passou, Mel! Só não entendo como isso ocorreu! Você veio de ônibus, não foi? – indagou com apenas uma sobrancelha arqueada, algo bem característico dele.

– Na verdade, eu desci uma parada antes do normal. Hoje o dia está sendo *punk*. – Sequei meu nariz e olhos e narrei a minha briga com Carla, sem deixar escapar nenhum detalhe, principalmente a minha indignação em relação à atitude dela. Ele escutou sem me interromper nem por um segundo, apenas quando silencieei começou a falar com moderação na voz. Podia sentir a sua preocupação palpável, talvez com receio de me machucar ou me chatear ainda mais.

– Mel, por favor, não leve a mal o que vou lhe falar, mas, depois de tudo o que me relatou, tenho que alertá-la de algo: veja bem, é apenas o que penso com base naquilo que estudo – silenciou me olhando. Meneei a cabeça afirmativamente e, observando que não iria interrompê-lo, prosseguiu: – Você bem sabe, porque também estuda. Somos energia. Pensamentos são exteriorizações do nosso eu para o mundo extrafísico, que interagem ativamente com o nosso mundo material. Por mais que muitos ignorem tamanho conhecimento, não podemos ignorar. Vamos analisar hoje o que aconteceu.

Deu uma pausa e depois continuou a falar:

– Você saiu de casa com sua mente e seu coração com raiva, indignação, orgulho e tantos outros sentimentos que caminham juntos, e não se deu conta de que, por vir fazer um trabalho sério, tornou-se um alvo mais fácil e visado.

– Em outras palavras, você está dizendo que eu fui culpada? Que não era para ter dito aquilo para Carla? Que era para escutar tudo passiva e fim? – perguntei um tanto chateada.

– Não. Eu não disse essas coisas que você alegou agora, mas com uma coisa eu concordo: sim, você foi culpada – respondeu calmamente.

– Mas eu não concordo com você. Eu não me arrependo do que falei para Carla, ela precisava escutar aquilo – retruquei.

– Você está vendo como sua mente ainda está presa à discussão com sua amiga? Eu não disse que não era para você ter falado aquilo que pensava para Carla, falo da raiva que ainda está alimentando consigo. – Suspirou e continuou: – Você pode dizer o que pensa, Mel, para quem quiser, apenas tome cuidado com aquilo que armazena com você. Você falou algo que julgou ser necessário para sua amiga, ótimo! Porém se deixou levar pela cólera e não se deu conta de que, quando você revida uma ofensa, se torna um ofensor também. Nada, absolutamente nada, pode ser reparado com um erro, muito embora algumas pessoas possam repensar a partir de suas dores; mas, para quem infligiu, será sempre uma marca a ser limpa com sentimentos contrários.

Era como se eu estivesse escutando Bryan, ele falava assim também e tive que engolir meu orgulho e admitir que ele estava com a razão. Recordei uma frase que minha mãe dizia de sei lá quem: *As melhores lições são aquelas que nos tocam a alma.* Soltei o ar dos pulmões, que estava prendendo para rebatê-lo, e mudei de ideia. Baixei minha cabeça, torci as mãos em cima das minhas pernas e expliquei:

– Humm... Bem, acho que você tem razão. Eu poderia ter dito tudo o que disse a Carla, só que com equilíbrio; talvez não desse a ela a oportunidade também de se fazer de vítima. No momento em que você grita ou xinga alguém, você está oferecendo, também, uma arma contra si mesmo.

Ele me mostrou aquela linda coleção de dentes brancos num sorriso radiante e me derreti. Segurou minhas mãos, levou-as aos lábios e depois disse, aumentando o sorriso:

– Fico feliz que tenha entendido, caso contrário, estava com medo de apanhar. O Bryan já me falou como você fica quando está brava. – Surpreendi-me. Não conhecia aquele lado cômico dele. Sorri abertamente e disse:

– Bryan é um péssimo irmão e ainda mentiroso.

Rimos juntos e uma onda de bem-estar tomou conta do ambiente. Agradei no íntimo por estar ali com ele. Senti-me feliz

pela primeira vez no dia e percebi, mais uma vez, que tudo era apenas uma questão de como lidar com a situação, por mais difícil ou chata que seja, mas é sempre você, com você mesmo!

BÁRBARA

Minha mãe está meio doida de uma semana para cá, não, na verdade, está *mais* doida. Entrava e saía de casa, falava ao telefone, cheirava as camisas de meu pai... Eca, até as suadas, muito nojo disso eu tenho. Tinha até esquecido de ficar me perguntando o tempo inteiro da Feira de Ciências e me aconselhando: “Barbie, você tem que focar na sua apresentação, tem que ser a melhor de todas. Barbie, não deixe que eles digam o que você tem que fazer, você é quem manda lá”. Às vezes, tudo isso era um saco!

Eu gostava de ser a primeira da classe, porém, era cansativo. Não tinha muitas amizades. Na verdade, não tinha amigas, apenas a Beatriz conversava comigo no recreio, mas adorava ficar me rebatendo. Dava uma raiva aquilo, por vezes preferia ficar sozinha mesmo, embora me sentisse estranha, abandonada.

Mas hoje não ligava mais, gostava de estar sozinha no meu mundo. Sim, porque tinha um mundo que era meu – o mundo da Barbie, todo rosa, em vários tons! Eu pensava assim: “Minha casa é tipo um castelo com muitos empregados a me servir. Eu não preciso estudar tanto, só ler alguns livros. Tenho uma piscina de bolas e muito, muito chocolate e outras guloseimas! Como e nem engordo”. Essa era a desculpa de minha mãe para não me deixar comer quase nada. Ela era do tipo fanática por corpo sarado.

Olhei para minha amiga calada ao meu lado na cama e disse:

– Você está lá comigo, Elsa. É minha única amiga. Nós temos um *closet* imenso, com todas as roupas mais maravilhosas do planeta. – Segurei-a entre as mãos, colocando-a sentada. Ela

estava sempre sorrindo para mim. O médico de bonecas tinha devolvido a vida à minha amiga e nós, novamente, poderíamos conversar.

O despertador me chamou a atenção para a aula do Bryan. Ele deveria estar chegando.

– Bem, eu vou lá, amiga, depois continuaremos. – Coloquei-a deitada nos meus travesseiros macios, segui até a sala e, quando passava pelo escritório, escutei minha mãe gritando com alguém pelo telefone, parecia que estava chorando. Dei de ombros, não me importando, problema dela. Ela é grande e sabe como resolver as coisas. Era isso que sempre me ensinava.

– Bom dia, Bryan! – Abri um sorriso para meu amigo, porque o considerava meu amigo também, mas ele não sabia disso.

– Bom dia, Bárbara! Está tudo bem? – indagou. Sempre me chamava pelo meu nome, nunca pelo apelido. Não entendi por que estava me fazendo aquela pergunta. Estava até rindo para ele.

Quase nunca ria, não tinha muitos motivos para isso. Sentei-me e, quando ia perguntar o motivo da pergunta, escutei novamente os gritos de minha mãe, então, entendi a sua preocupação. Gostava que ele se preocupasse comigo, porque era sincero.

– Ah! Você está me perguntando isso por causa da minha mãe? Eu não me importo com os problemas dela. Ela é adulta, resolve! – expliquei, indiferente ao barulho que escutava ao fundo.

Ele me devolveu um olhar estranho. Não sabia o que tinha dito, mas, fiquei sabendo logo depois.

– Bárbara, acho que você não deve se envolver com os problemas de seus pais, porém, dizer que não se importa não é certo. Ela é sua mãe, parece estar aflita, e uma atenção, um carinho são sempre muito importantes nessas horas. Não devemos ser indiferentes aos problemas dos outros. Solidariedade com a dor do próximo é uma caridade muito grande.

– Mas foi minha mãe que me ensinou isso. Ela também não se importa com os meus problemas, Bryan! – retruquei chateada por ele me chamar a atenção.

– Isso não é verdade. Sua mãe se preocupa com você, sim, do jeito dela, mas se preocupa – disse me fitando com os olhos

claros e limpos, sem vacilo algum. O que não sabia era que desta vez ele estava errado, eles nunca ligaram para mim, era sempre a preocupação com as coisas que eu fazia, não comigo de verdade.

– Você está muito enganado. Eles nunca ligaram para mim, sempre foi com o que eu podia fazer, então, que resolva os problemas dela sozinha também – rebati chateada. Ele pensava que sabia de tudo, mas tinha coisas que nunca iria saber.

– Sabe, você não precisa resolver problemas de ninguém, mas ser solidário com a dor do outro é um dever nosso. Lembra de Elsa? Pois bem, se eu não tivesse sido solidário com você, estaria hoje sem sua amiga – explicou, tentando me fazer entender algo que não aceitava.

– Aquilo é outra história. Mas não estou com vontade de falar disso. Tem coisas que você não entende. Esqueça ela e vamos iniciar a aula. – Quase me arrependi de ter dito aquilo quando vi sua expressão de tristeza. A opinião dele era muito importante para mim. Fiz de conta que não vi, era mais fácil assim. Entreguei a lição que iríamos estudar naquele dia e, como era característico dele, silenciou e se voltou para a aula.

Estávamos quase perto de acabar, mas ainda me sentia incomodada com o lance de minha mãe. Ela tinha parado de gritar, acho que se deu conta de que estávamos escutando e trancou a porta do escritório. Tentando diminuir o incômodo que sentia, resolvi falar de uma colega de sala que estava tentando ser muito legal comigo.

– Na minha sala chegou uma aluna nova, na verdade não é tão nova assim, já faz uns quatro meses. Mas ela está me irritando, Bryan – falei puxando assunto.

Ele me lançou aquele olhar de sei lá, curiosidade, e perguntou em seguida:

– O que ela está fazendo para te irritar, Bárbara?

– Ela é legal demais, sabe? – respondi guardando meu material.

– Não, não sei! Como uma pessoa legal demais pode irritar? – questionou. Colocou os cotovelos na mesa, visivelmente interessado na minha resposta.

– Ora! Você, às vezes, nem parece ter tanta inteligência assim. – soltei com a intenção de brincar; acontece que meu senso de humor é quase nulo ou sarcástico demais, então, pareceu mais uma cutucada mesmo. Nem esperei ele dizer algo, continuei logo:
– Ela é toda gentil, sorri demais, conversa com todos e ainda ensina a lição para os outros que não entenderam. Pelo amor de Deus! Fala sério! Gente assim é, na maioria das vezes, falsa. Eu não gosto!

Torci a boca e continuei:

– Ela teve a coragem de vir conversar comigo! Eu não perguntei nem tive a intenção de fazer qualquer amizade com ela. Falta de bússola! E o pior, depois de eu ter dado uma resposta bem boa, simplesmente sorriu e se desculpou... Lesada mesmo! Como alguém pede desculpa depois de ter levado uma bronca?

Ele me olhou com pena, sim, foi esse o sentimento que vi em seus olhos. Eu sou muito inteligente, sei que foi isso, só não consegui entender o porquê, até ele falar:

– Bárbara, o que posso te falar? Lamento você achar que alguém legal é irritante. Que uma pessoa que tenta ser gentil é lesada ou está com outras intenções. Acredito, minha pequena amiga, que seus valores estejam muito distorcidos e, sinceramente, lamento, porque as crianças conseguem enxergar um mundo bem melhor do que os adultos, o que não é o seu caso. Você tem uma noção de vida de forma muito inferior. – Olhava para ele sem acreditar no que escutava. Ele estava me chamando de ignorante e sei lá o que mais. Sou criança, não sou burra.

– Eu não preciso escutar esse sermão seu, sabia? Você é apenas meu professor, não é meu pai – disse chateada. Mas ele sabia como quebrar toda aquela minha marra. Talvez fosse a única pessoa que soubesse... Não, minha avó também sabia, ela era muito boa nisso.

– Você tem razão. Eu sou apenas seu professor, mas me considero, também, seu amigo, e amigos cuidam um do outro. Essa sua postura vai lhe gerar, no futuro, muitos sofrimentos. – Falava calmo, e isso me irritava ainda mais. Interrompi-o, indagando impertinente:

– Você tem bola de cristal, por acaso?

– Não preciso de bola de cristal, isso é a lei da vida. Acredito que você terá que descobrir da pior forma. Algumas pessoas são assim, têm que experimentar para saber o gosto que tem. É assim, Bárbara, que muitos estão no mundo das drogas: por excesso de confiança ou por total desconhecimento de si mesmos, dos seus limites. Rumam a esses mundos e entram em contato com as consequências dos seus atos. E aí é onde o sofrimento entra, sem pena nem dó. No entanto, esse lance de que é tarde demais não existe, sempre há possibilidade para recomeçar, contudo, quanto mais tarde abirmos nossos olhos, a probabilidade de sofrimento é maior.

– E eu quero lá saber disso? Eu não estou nem aí para isso! – respondi me levantando. Não gostei de saber de nada daquilo. Não iria nem ligar. Eu gostava muito do Bryan, mas isso não lhe dava o direito de me dar um sermão.

– Bem, estou indo, então! Desculpe ter falado isso para você. – Levantou-se e saiu sem a menor sombra de aborrecimento pelas minhas palavras. Era isso que me intrigava. Iria ficar extremamente irritada se alguém falasse comigo daquele jeito. Meus pais me ensinaram que eu nunca deveria trazer desaforo para casa, que eu sempre deveria ficar por cima. Sempre me disseram que eu sou melhor em tudo e que não se pode deixar ninguém nos passar a frente.

Esses “papos” eram sempre feitos de maneira muito séria, tipo, não podia questionar. Meus pais mesmo, principalmente minha mãe, não admitiam que ninguém os corrigisse.

– Nessa o Bryan está totalmente errado. É ele quem vai sofrer desse jeito. Eu não estou nem aí para nada disso. – Desliguei meu cérebro daquilo e voltei para o que me interessava: – Já que minha mãe está trancada, vou aproveitar e brincar com Elsa, porque ela não me traz nenhum aborrecimento – Guardei meu material e segui direto para o meu quarto.

Ao passar pelo escritório, a porta estava entreaberta. Estaquei curiosa. Escutei um choro, caminhei silenciosamente e vi minha mãe sentada com os braços recostados ao joelho e as mãos na

cabeça, os cabelos desgrenhados... A coisa deveria estar feia mesmo, ela era muito vaidosa, estava sempre arrumada; unha feita, cabelo ajeitado e muito perfumada, às vezes até demais. Tinha um perfume que era muito forte, não gostava dele de jeito nenhum, me causava dor de cabeça.

Olhei-a mais uma vez e lembrei-me do que o Bryan falara, novamente tive que discordar dele. Não consegui sentir nada vendo aquela cena. Ela iria superar de um jeito ou de outro. Sacudi os ombros e segui para o meu quarto agradecendo, porque só assim poderia brincar mais com a Elsa. Tinha certeza de que dessa vez não iria ser interrompida. Minha mãe tinha algo muito mais importante com que se preocupar.

No meu quarto, segurei Elsa entre as mãos e disse realmente sentindo-me feliz, livre...

– Vamos aproveitar, Elsa, hoje poderemos brincar de montão. Quando eu casar e tiver meus filhos, vou deixá-los brincar, se fizerem todas as atividades e não desobedecerem, porque tudo tem que ter regras.

Sorri feliz com o meu pensamento.

– Vou ser uma excelente mãe! Vou ser parecida com a minha mãe em relação ao cuidado com o corpo, porque ela diz que o papai jamais olharia para ela se ela não se cuidasse. Papai é lindo, Elsa! Quero me casar com um homem bem bonito como ele – falava enquanto penteava o cabelo de minha amiga. – Mas não quero ser igual à minha mãe em relação aos filhos. Ela é uma carrasca. Não, carrasco, carrasca não existe. Minha professora disse que essa palavra não é adjetivo, é um substantivo sobrecomum. Ah! Você é pequena, muito pequena para saber disso, e não é hora de estudar. Vamos deixar isso para lá.

As horas passavam tão rápido quando a vida estava boa! Isso é uma droga! Era hora do jantar quando meu pai entrou no meu quarto de cara amarrada, já brigando comigo por estar brincando. Nem me chatee, já tinha brincado tanto.

– Onde está minha mãe? – perguntei tentando desviar a atenção dele para outro assunto. Para minha surpresa, deu muito certo, porque ele mudou de expressão rapidamente. Passou as

mãos nos cabelos, fazia isso quando estava nervoso, e respondeu em um tom mais baixo:

– Sua mãe foi para a casa de sua tia. Ela voltará em alguns dias.

– Como assim? Ela nem veio falar comigo? – Desta vez ela tinha ido longe demais. Que tipo de mãe sai de casa sem falar com sua filha, sua única filha? Meu estômago revirou, o que era fome se transformou em vazio. Minha fome tinha ido embora, não queria comer. Fechei minha cara e disse irritada: – Não quero comer! Na verdade não quero nada, só dormir. Por que ela foi para a casa de minha tia e só volta em alguns dias? – indaguei, sabendo que nunca teria essa resposta. Eles nunca me deixavam saber de certas coisas.

– Quando ela chegar, explica a você! Agora, nada de dormir de estômago vazio – disse com o mesmo aborrecimento de antes.

Era sempre assim, quando não era ela, era ele, eu estava sempre em segundo plano. Eles não sabiam, mas estudava muito, para logo poder ter minha independência e ir embora de vez. Iria fazer intercâmbio e, se desse tudo certo, nem voltaria mais, ficaria por lá mesmo. Queria ir para a Austrália, longe de todos, para ficar livre! Não gosto de minha casa, é sempre asfixiante estar aqui.

MATHEUS

Estava tão nervoso que minhas mãos suavam muito, meu coração batia tão forte que estava com medo de que alguém pudesse ver pela camisa. Parece idiotice pensar assim, mas nunca me senti desse jeito. Agora vou ter mais cuidado ao caçoar de alguém que se encontra nessa mesma situação.

Lembrei da Mel, irmã do Bryan, me falando que nada melhor do que passar por alguma situação para saber como os outros se sentem. Gosto muito de conversar com ela, tem uma cabeça muito boa. Adoro quando *detona* o Bryan, mas sei que é da boca para fora.

Fazia mais de duas semanas que a Alícia não me deixava ir visitá-la. Isso foi até ontem, quando Bryan me informou que ela queria falar comigo. Cara, nem pelas redes sociais ela estava falando comigo.

Bem, a questão era a seguinte: nós nos tornamos muito próximos, trocávamos informações sobre pesquisas de medicamentos todos os dias, até na escola ficávamos falando nisso. Não que eu quisesse apenas falar disso, no fundo queria falar de outras coisas, queria falar dela... Mas tinha receio de que se afastasse, então, pesquisava todos os dias para ter algo novo para informá-la. Isso contribuiu para os meus estudos nessa área, me renderam mais conhecimento.

– Olá, Matheus, a Alícia já vai descer, fique à vontade. Vou dar uma saidinha, mas volto logo. – Disfarcei o susto ao escutar a voz de Kiara, a mãe dela. Ela era muito bonita e o nome dela me lembrava o de um filme que eu simplesmente amava, *O Rei Leão*.

– Sim, senhora! Muito obrigado! Ficarei aqui esperando. Boa viagem. – Ela sorriu, com certeza vendo o meu nervosismo. Nem sei por que disse tudo aquilo, devia estar com cara de babaca. O que acontece é que me perguntava sobre o que ela queria conversar comigo. Será que era para colocar um ponto-final em tudo?

– Mas tudo o que, otário? – perguntei baixinho a mim mesmo. Eu não tinha dificuldade em admitir que estava apaixonado.

Certo dia, quando conversávamos na escola, tomei coragem e disse que estava gostando dela, porque acreditava que também estivesse sentindo algo por mim. Mas ela foi rápida em informar que só podia ser minha amiga.

Não acreditei muito naquela informação e não perdi as esperanças. Uma semana depois, deixou de falar comigo, quase me desesperei e me dei conta de que ela era muito mais importante do que supunha. E aqui estou eu; tinha vindo a seu pedido para conversar. Meu estômago parecia uma montanha-russa: subia, descia, dava várias piruetas...

– Desse jeito eu vou parar no banheiro! – resmunguei enquanto esfregava minhas mãos nas calças, enxugando o suor que não parava de surgir. – Mas isso é uma droga! – continuei reclamando enquanto sentia o suor agora descendo pelo pescoço, e o pior é que não estava quente, a temperatura estava, acho, uns 19° C.

– Matheus! – Escutei sua voz e imediatamente me virei para vê-la, ainda na metade da escada. Nossa! Estava linda! O cabelo não mais pintado de várias cores, só nas pontas de azul-royal.

– Sim... Digo, oi, Alícia! Tudo bem? – Parecia um trouxa, parado no meio da sala, admirando-a. Tenho certeza de que tinha percebido, mas se manteve séria ou triste, não sei ao certo, porque não sou bom nessa coisa de ler pessoas.

– Tudo bem. Será que você poderia subir? – perguntou sem desviar os olhos dos meus.

– Claro! Agora mesmo. – Sem esperar duas vezes, fui subindo os degraus de dois em dois, até parar logo atrás dela e sentir o seu perfume suave de rosas. Chegamos a uma sala de TV muito

aconchegante; apesar de não prestar muita atenção, não podia deixar de ver quanto a casa dela era bonita e luxuosa.

– Pode sentar, Matheus! – disse logo depois que ela mesma sentou. Obedeci feito um cachorrinho amestrado. Não podia ter outra atitude. Fitei-a novamente e tive a impressão de que estava séria demais, aquilo não estava certo.

Antes de perguntar algo, ela se antecipou e começou a falar:

– Matheus, eu pedi que viesse aqui porque queria que você soubesse de algo. – Deu aquela parada estratégica, tipo, quando algo é realmente sério.

Fiquei parecendo uma múmia esperando o que viria logo depois, porque tinha certeza de que era algo muito ruim. Ela torcia as mãos em seu colo, depois prendeu o cabelo pela terceira vez, até iniciar a falar de novo:

– Matheus, vou falar de uma vez, porque esse negócio de ficar enrolando não é comigo. Nós não podemos mais nos ver, vou até mudar de colégio ou quem sabe estudar apenas em casa.

Escutava aquilo sem, no entanto, acreditar ou entender o que estava acontecendo. Minhas emoções mudaram como um raio; meu sangue gelou, parecia até que tinha engolido um *iceberg*. Meu coração, esse, eu mesmo não sabia qual era a reação dele.

– Isso é uma piada? – perguntei puxando o ar, sentindo pouca quantidade dele nos meus pulmões.

– Não, nada de piada. É a mais pura verdade, Matheus! – respondeu séria, parecendo mesmo ser verdade o que dizia. Contudo, me recusava a acreditar.

– O que foi que eu fiz? Foi algo que disse? Porque se foi, podemos rever isso agora mesmo. – Tentava concatenar as ideias, lutando para não ter uma atitude mais idiota ainda, tipo, me ajoelhar e implorar que não me impedisse de vê-la.

Ela me olhou, vi em seu olhar uma piedade pungente. Não gostei daquilo. Eu não ia ficar sem vê-la, de jeito algum aquilo iria acontecer.

– Não. Você não fez nada ou disse qualquer coisa que pudesse acarretar algo. O problema sou eu, Matheus! Eu, única e exclusivamente eu.

Levantei-me de supetão, olhei-a e, com um dedo em riste, disse, negando-me a aceitar aquilo:

– Isso não vai acontecer, Aícia. Eu não vou deixar de vê-la. Isso está fora de questão. Nada do que você disser vai me fazer mudar isso, entendeu?

A reação dela foi mais inesperada ainda, começou a rir compulsivamente, como se eu tivesse contado a melhor piada do mundo. Fiquei ali parado olhando-a sorrir, parecendo uma maluca, só que isso mudou também.

Pelo jeito não era só eu que estava com as minhas emoções desequilibradas; ela começou a chorar da mesma maneira. Foi então que fiquei preocupado e me veio um pensamento que há muito já tive, antes mesmo de conversar com ela: ela era bipolar. Deveria ser isso.

– O que está acontecendo? Por que está chorando? – perguntei na esperança de entender tudo aquilo. Ela não me respondia, só chorava e falei novamente: – Liça! – era como eu a chamava agora. Ela dizia que não gostava, mas bem que atendia, no fundo sabia que gostava, sim. – Fale o que está acontecendo, porque não vou deixar de te ver, de jeito nenhum, e sabe por quê? Porque formamos uma dupla fantástica e não vou perder minha parceira de jeito nenhum.

Agachei-me a sua frente e com as mãos em suas pernas disse de uma forma carinhosa, preocupado com o seu choro:

– Confie em mim, seja lá o que for, eu vou entender. – Desta vez, ela levantou o olhar encontrando o meu, enxugou um pouco as lágrimas e, para minha surpresa, tocou minha face de forma suave com as pontas dos dedos, sem falar nada, apenas seguindo com os olhos, vasculhando todo o meu rosto.

À medida que seus dedos passavam, um arrepio forte subiu pela minha coluna... Isso não ia dar certo, mas não conseguia me mover, fechei os olhos sentindo seu toque. O tempo havia parado, não existia nada mais em volta, a não ser seus dedos em meu rosto... Que sensação maravilhosa!

Abri meus olhos segundos depois e me deparei com duas *malaquitas*, era assim que eu chamava os olhos dela. Bem, como

gostava de química, queria ser original, então, em vez de esmeralda, mais comum, homenageei uma pedra linda que foi usada na base do troféu da Copa do Mundo, a malaquita, um mineral lindo, caracterizado por círculos com variados tons de verde.

Fitava-me com tanta emoção, havia tanto carinho em sua expressão que não pensei muito e, bem devagarzinho, aproximei meu rosto do dela e meus lábios tocaram os seus, ainda molhados por suas lágrimas. Inicialmente o beijo foi delicado, doce, contudo, a minha urgência era maior, e aumentei a intensidade e ela correspondeu, mas isso só durou o tempo necessário para se tornar inesquecível. Essa era uma frase de Fernando Pessoa, gostava dela.

Ela se afastou tão bruscamente que caí para trás e, ao fitá-la, de novo, vi a sua expressão de horror estampada em cada parte de seu lindo rosto.

– Isso não podia ter acontecido! De jeito nenhum! – gritou olhando-me de forma tão desesperada que até senti medo de algo que nem ao menos sabia.

– O que tem isso de mais, Liça? Foi apenas um beijo, que há muito queria ter dado – respondi levantando-me. Ela parecia não escutar as minhas palavras e o seu desespero só aumentava. Passava as mãos no cabelo, no rosto, balançava a cabeça negativamente e eu continuava sem entender o motivo de tanto desespero; e foi aí que uma ideia surgiu: ela era hermafrodita ou transexual.

Sem se conter mais, ela levantou o dedo e gritou sem me olhar nos olhos:

– Vá embora! Eu não quero mais vê-lo! – Fiquei paralisado, não conseguia mover um único músculo, e o que eu temia estava acontecendo, ela estava me tirando de sua vida.

– Pelo amor de Deus, faça o que estou te mandando. Vá embora agora e nunca mais volte. – Meus pensamentos estavam muito confusos. Do paraíso descí ao inferno em uma fração de segundo. Nunca fui bom em obedecer ordens e aquela era uma que, decididamente, não ia aceitar.

– Só saio daqui depois que você me explicar o que está acontecendo. – Fitou-me com os olhos abertos, parecendo não acreditar no que escutava, e fez menção de se dirigir à porta, porém, fui mais rápido; fechei a porta rapidamente, fiquei a sua frente e, agora mais dono de minhas emoções, indaguei firme:

– Anda logo, me conta o que está acontecendo. – Ela parou como se refletisse sobre o meu pedido. Respirou fundo, pelo menos umas três vezes repetidamente, me olhou e cuspiu de forma incisiva:

– Eu tenho Aids. Você beijou uma aidética e pode muito bem pegar esse vírus. Pronto, era isso o que queria saber? – finalizou com uma pergunta, de forma satírica e aos gritos.

No entanto, eu não estava mais prestando atenção a nada, minha cabeça só girava em torno de uma única palavra – AIDS. Era tudo o que escutava de maneira repetida, foi então que me dei conta de que eu mesmo repetia a palavra para mim mesmo. Como ela poderia estar com Aids?

Voltei-me e perguntei automaticamente, sentando-me novamente numa cadeira, sentindo meu chão se abrir.

– Como você pode estar com Aids? Como contraiu?

Escutei novamente sua respiração pesada, não conseguia mais encará-la. Meu estômago embrulhava cada vez mais e meu coração doía, e essa de coração não doer não era verdade, porque o meu estava doendo... Droga! Droga!

Ela afundava o chão na minha frente, andando de um lado para o outro. Em outro momento não suportaria aquilo, mas agora não estava nem me dando conta pois a única coisa que escutava era meu coração batendo forte e os grunhidos que emitia, sem saber ao certo o que dizer.

– Isso importa? O que vai mudar? Nada! Nada mesmo! – dizia com raiva, ou tristeza, ou revolta... Não sou bom nisso, de reconhecer emoções, mas sou bom em contestar. Fitei-a com as emoções mais sob controle e disse de modo a não deixar dúvida:

– Importa, sim! Para mim, tudo o que for referente a você importa. Eu quero saber de tudo! – Ela me devolveu o olhar perplexa, parecia até que eu tinha dito alguma coisa

extraordinária ou absurda, acho que a segunda era mais acertada nesse caso.

– Você é louco? Não escutou o que acabei de falar? Eu não posso estar próximo de você nem de ninguém, qualquer vacilo alguém pode pegar e não vou suportar isso de jeito nenhum – gritava e gesticulava freneticamente. Sabia que já estava no seu limite, mas não iria deixar acabar daquele jeito.

Minha determinação não se abateria por isso, ao contrário, ela precisava de mim muito mais agora. Analisei o seu estado e não gostei do que vi. Seu cabelo, antes arrumado, estava em desalinho total, seu batom estava borrado, seu rímel escorria pelos olhos, proveniente das lágrimas que ela não conseguia mais segurar... Resumo da obra: ela estava surtando, e eu com todas as partes do meu coração quebradas.

– Saia daqui. Agora! Não volte mais, me deixe em paz! – gritou mais uma vez, chorando, com o dedo em riste e apontando para a porta. Fitei-a por alguns segundos, me levantei, me aproximei dela sem perder os seus olhos dos meus e disse:

– Eu amo você! Não vou abandoná-la, goste você ou não. Não adianta me ameaçar. Eu sei muito bem o que significa essa doença, que já foi algo pior, hoje já podemos conviver com ela. Não adianta você me dizer que não. Conheço toda a medicação usada nos pacientes. Eu vou cuidar de você!

Ela me fitava com os olhos ainda lacrimosos e assustados; como se não acreditasse no que escutara, de sua boca aberta até descia uma pequena baba, pois ainda não tinha se dado conta de que suas palavras haviam sumido, cada uma delas.

Eu ainda não sabia se ela tinha gostado de ter ouvido tudo o que eu havia falado, mas cada palavra era verdade e nada do que me dissesse iria me fazer voltar atrás. Ela só ficou lá, parada, com aquela cara de doida...

– Bem, eu vou indo. Você precisa descansar, amanhã eu volto e vamos acertar como serão os nossos estudos, porque agora não vamos parar de jeito algum – disse sem saber ao certo qual atitude tomar; uma vez que ela não falava nada, achei melhor sair pela tangente.

– Oi? Como é que é? Você fala tudo isso e sai fora? – Abriu a boca de uma vez sem tomar fôlego, como se daquelas palavras dependessem a sua felicidade.

– Mas você quer que eu fique? – Agora era a minha vez de ficar com cara de doido. Novamente ela não me respondeu, e o silêncio normalmente representa uma única coisa. Ajeitei minha camisa, não que precisasse de verdade, era apenas uma forma de tentar me acalmar. Segui até a porta, coloquei a mão na maçaneta, fazendo uma prece para escutar sua voz me pedindo para ficar, e meu coração disparou quando escutei sua voz, mas ela não me pediu para ficar, e sim algo muito mais perturbador.

– O que você falou? – Olhei-a, pedindo que repetisse. Achei que não tivesse escutado direito.

– Você quer namorar comigo? – repetiu, agora de uma maneira mais pausada e com todas as letras bem pronunciadas. Eu nem pensei duas vezes, diminuí a pouca distância entre nós e abracei-a fortemente.

– Sim. Eu aceito o seu pedido de namoro – disse, olhando-a com um risinho no canto da boca. Ela me devolveu o sorriso. Quando fiz menção de beijá-la, colocou a mão no meu peito, interrompendo a minha tentativa, e disse:

– Não. Devemos conversar e nos certificar de que tudo possa ser de forma segura. Nunca me perdoaria se lhe acontecesse algo.

– Eu entendo, Liça. Nada vai acontecer e vamos enfrentar isso juntos. – Olhou-me profundamente por alguns segundos. Sabia que não falaria, seus olhos me diziam tudo; estava agradecendo ao mesmo tempo que dizia que me amava, mas não falaria isso agora.

Balançou a cabeça e disfarçou um choro que se formava. Eu, claro, fingi não perceber.

BRYAN

Já fazia um mês que havia conversado com Bárbara e, apesar de não tocar mais no assunto, o problema com os seus pais só pioraram; a mãe havia saído de casa. Ao que parece, tinha descoberto que o seu marido a havia traído.

Barbie, como era carinhosamente chamada, se é que poderia dizer que ali existia carinho, tentava demonstrar que não se importava com a mãe, que não sentia sua falta.

No entanto, seus gestos diziam outra coisa. Demonstravam a sua profunda tristeza com o fato de sua mãe não se importar com ela; de sair de casa sem ao menos uma única palavra de despedida, nem um beijo... Nada. Nesse caso, dava para compreender um pouco da personalidade de Barbie.

Eu olhava para a criança com ares de adulta e me comovia. De uma hora para outra seu universo tinha virado de cabeça para baixo. O pai... Ah, esse só sabia dar ordens e queria que fossem cumpridas. Como a mãe, não se importava de verdade com a filha.

– Você anda tão distraído, Bi. O que aconteceu? – perguntou Mel, olhando-me de forma penetrante, como se aquele gesto pudesse fazê-la ler a minha mente.

– Apenas alguns questionamentos em relação a uma aluna.

– Posso saber do que se trata? Quem sabe posso ajudar! – disse de uma forma tão segura que me fez olhá-la com curiosidade. Será que poderia ajudar a Barbie?

Desde que voltara a frequentar o centro espírita estava mais solícita, ajudando muito na evangelização. Ela tinha jeito com

crianças; era doce, divertida, ácida quando precisava... O fato era que a criança adorava a tia Mel.

O seu namoro com Henrique também contribuiu muito. Sim, eles estavam namorando firme. Bem, não sou um irmão ciumento e o Henrique é um rapaz muito boa gente.

– Sabe que você pode estar com razão, Mel? Você talvez possa ajudar a Bárbara. Contudo, vou logo lhe comunicando que essa menina é muito mais problemática do que qualquer outra que você já tenha encontrado. Na verdade, eu acho que ela é uma bomba-relógio... Apenas questão de tempo e vai explodir.

Contei um pouco da problemática da Barbie. Mel escutava tudo sem me interromper. Parecia concentrada em cada palavra, talvez por reconhecer naquela criança um caso bem comum de abandono afetivo familiar, mesmo morando com os pais.

– A grande dificuldade, eu acho, será convencê-la a vir, e a seu pai deixá-la conhecer, uma favela – disse finalizando.

– Talvez não, Bi, sabe por quê? Porque ela confia em você, e o pai, pelo que você me falou, com certeza deve estar querendo se livrar um pouco da filha. Ter seu espaço, sua liberdade... Entendeu? – Rapidamente me vi concordando novamente com Mel. Claro, ela podia ter total razão.

– Então, amanhã vejo isso e falo com você quando tiver uma resposta. Agora vou para a faculdade.

Há pelo menos dois meses Júlia me evitava e, no fundo, eu a ela. Toda sua atenção estava com o Marcos. Passavam a maior parte do tempo juntos. O caminho que antes fazia para a faculdade até com certa alegria agora estava penoso, e isso me incomodava, porque, com todo o conhecimento que tinha, sabia que o outro não é nossa propriedade, que não devemos prender ninguém a nós e que o ciúme é uma doença.

Entretanto, ver Júlia distribuindo toda sua simpatia para o Marcos estava me deixando muito mal...

Eu sempre me enalteci de não sentir ciúmes, agora, me via quase todos os dias extremamente aborrecido cada vez que ela oferecia seu sorriso a alguma piada sem graça que ele contava.

Com pequenos gestos, toques, iam se tornando mais íntimos... Só não entendia por que ainda não estavam namorando.

Minha relação com ele estava morna, não éramos como antes, mas ainda nos falávamos. Ele não tocava no nome dela quando estávamos juntos e eu não perguntava, era uma forma de preservar nossa amizade, embora compreendesse que estava por um fio.

– Bryan! Bryan! – escutei uma voz feminina me chamando. Quando me virei, vi Natália correndo.

Aproximou-se rapidamente e quase se despejou em cima de mim esbaforida, respirando com dificuldade. Encurvou-se com uma mão no meu braço e outra no peito, buscando ar.

– Você está bem? – perguntei, agradecendo a pausa nos meus tristes pensamentos.

– Só um instante – pediu, tentando normalizar a respiração. Pelo jeito já vinha correndo a certa distância. Aguardei com paciência até ela levantar o corpo e me fitar com aqueles grandes olhos azuis muito bonitos e um sorriso angelical.

– Agora posso falar, desculpe, mas vim correndo desde a entrada da faculdade quando o vi de longe. Meu Deus! Eu não sabia que estava tão fora de forma, quase coloco os pulmões para fora – disse, ainda com a respiração difícil, o que tornava o seu sotaque mais carregado.

– Bem, sou todo ouvidos, Nat! – Ao me escutar pronunciar o seu apelido, esticou ainda mais o seu sorriso, seus olhos assumiram um brilho bem mais profundo e intenso, e essas reações me puseram em alerta.

Ultimamente, estava dando tanta importância ao pseudossofrimento reservado a Júlia que até dessa característica bem peculiar minha havia esquecido: olhar em volta, observar os outros...

– Gosto do meu nome assim em sua boca, Bryan! – disse tocando meu braço sedutora e com o idioma bem melhor do que quando chegou. Meu sinal vermelho foi acionado como um alarme de banco: alto e sem parar.

– Assim como?

– Assim, ora, de forma simples, sem essa formalidade de Natália, que era como você insistia em me chamar – respondeu ainda me olhando de forma enigmática.

– Humm... Entendo agora! Bem, como todo mundo te chama assim, não queria ficar parecendo mais velho do que já sou, por isso resolvi te chamar como todo mundo. – Tentei encontrar uma forma de explicar que aquilo não significava nada. Não poderia dar a ela nenhuma impressão de que a estava cantando ou coisa parecida.

– Posso dizer que ficarei bem mais feliz assim! – respondeu, já sem toda a empolgação inicial. Seguimos andando finalmente pelos extensos corredores da faculdade, agora em um silêncio não tão confortável.

Ela era muito bonita, simpática, simples e, pelo que tudo indicava, estava interessada em mim, e eu me perguntava por quê. Não que eu tivesse uma baixa autoestima, a questão era outra. Ela tinha uma família rica, muitas possibilidades de conhecer pessoas do seu nível social e garotos bem mais bonitos, contudo, ali estava ela, toda se derretendo apenas porque a chamei pelo seu apelido.

O ditado é certo: não existe nada tão ruim que não possa ficar pior. Encontramos Júlia e Marcos conversando na entrada da sala de aula e foi só a Nat ver a Júlia que, imediatamente, segurou meu braço, perguntou algo e seguiu sem tirar a mão de mim.

– Aí gente, boa noite! – disse sem olhar para Júlia, mas podia sentir seus olhos queimando em cima de mim.

– Qual é, não está havendo aula? – dei continuidade, fazendo de conta que estava tudo normal, embora não entendesse por que Nat não havia ido para sua sala e ainda continuava com suas mãos, estrategicamente, sobre o meu braço. Ela fazia Engenharia da Computação.

– Não, cara, estamos esperando a professora, que saiu e até agora não voltou, e está um calor dos infernos. O ar de novo pifou – respondeu Marcos com um sorriso estampado no rosto. Ignorei o seu olhar insinuante para mim, virei para Nat e indaguei, sentindo certa satisfação ao ver Júlia com ciúmes:

– Nat, sua aula já não começou? – Ela abriu outro sorriso daquele de derreter, e com a voz mais meiga que de costume, explicou:

– Na verdade, não. Hoje só terei aula a partir do terceiro horário. Eu vim antes para ficar um pouco na biblioteca estudando, em casa tem visita. Queria também perguntar se você não pode me dar umas aulas de cálculo da função de várias variáveis.

– Posso ver. Para quando seria? – Tentei não demonstrar a minha satisfação, estava sem dinheiro e aquilo seria muito bom.

– Deixo a seu critério a escolha, sei que é bastante ocupado, então, veja sua agenda e me encaixe nela – disse enfatizando bem a última parte.

Meu Deus, mulher é fogo! Como são competitivas! Depois disso, saiu, não sem antes me deixar um belo beijo no rosto.

– Cara, a Nat está amarradona em você! – disse Marcos me dando um belo de uma tapa, como fazia antes, quando não estava sempre de cara feia pra mim.

Quase senti um gostinho bom da antiga amizade, mas sabia que aquela felicidade iria ser breve, quando explicasse os meus sentimentos por ela. Bem, mas não precisava ser agora. Apenas sorri e entrei na sala. Minutos depois, a professora mandou um aviso de que não viria mais, então resolvi ir até a biblioteca estudar também, porém, me certificaria de onde Nat estaria e seguiria para o outro lado.

A biblioteca era enorme, isso era uma das muitas coisas que adorava na faculdade.

ALÍCIA

Aquelas palavras, pronunciadas com tanta emoção, fizeram meu coração quase saltar pela boca. Aquelas semanas tinham sido as piores de minha breve existência, só se comparando aos dias quando soube que tinha Aids.

A falta que ele fazia, nossas conversas, o seu olhar carinhoso, sua admiração, o seu empenho em sempre me trazer algo novo... Era claro quanto estava interessado em mim. Aquilo tudo me dava vida, me permitia sentir um pouco de alegria, até pensar em algum futuro...

Eu sou muito nova, mas essa esperança já não tinha. Até bem pouco tempo só ficava muitas horas pensando numa forma de tirar minha vida. Para outras pessoas pode ser loucura, mas, para quem passa algo assim, não é...

– Você endoidou? Eu posso te matar! – falei, com tantas emoções dentro de mim.

Vou surtar! Uma felicidade em saber que não desistiu de mim e, ao mesmo tempo, uma tristeza por acreditar que poderia matá-lo. Eram emoções desconexas, paradoxais.

– Eu não sabia que você era tão dramática! Tenho muito a te ensinar, e a primeira coisa é: pessoas com Aids podem conviver normalmente em sociedade, com algumas restrições, mas, ainda assim, de maneira normal. E pare já com isso de que você pode me matar.

Quando falava, reconhecia em sua voz uma certeza, uma segurança tão grande que quase me permiti acreditar. Entretanto, vou dar um pouco a ele do que é meu mundo interno, quem sabe

assim não saia correndo. Apesar de que essa possibilidade me deixava com um medo terrível.

– Matheus, preste atenção: você, assim como todos, falam porque não sabem o que é conviver com isso... – Fiz uma pausa procurando coragem para dizer algo do que se passava comigo. Inspirei o ar e comecei a falar devagar. – Quase todos os dias eu busco uma forma de tirar minha vida, de acabar com a agonia de olhar para minha mãe e meu pai e vê-los morrendo comigo também...

As lágrimas teimavam em continuar, mas, ainda assim, dei prosseguimento:

– Você não entende, sei que tem vontade de me ajudar, mas, no fundo, sei que vou morrer de qualquer jeito. Olho para meu quarto, para minhas bonecas e vejo a criança alegre, feliz, com tantos planos que eu era. Hoje sou um trapo de gente ainda nova, sem vida, sem esperança... Sei que é dramático, mas é a pura verdade. A morte é fria e pode ser o descanso para mim e para todos, porque...

– Chega! Não quero escutar nem mais uma palavra – disse segurando-me pelos ombros e me sacudindo. – Não vou dizer que sei como é porque é hipocrisia demais, afinal, não sei mesmo. Mas, pelo amor de Deus, morrer, todos vamos; por que não deixar que esse dia chegue? Sim, você tem mais chance de ir primeiro, mas isso é apenas uma hipótese. – Deu uma pausa e, ainda sem me soltar, continuou me olhando profundamente. – Liça, lutamos todos os dias com milhares de formas de morrer e aqui estamos, vivos; não se ache vítima por isso. Quanto aos seus pais, essa sua postura só os machuca cada vez mais. Você pode mudar isso, inclusive servir de modelo para eles, para muitos, mostrando como enfrentar os problemas. Todos têm cada um o seu. Logo, essa postura de coitada não ajuda, só piora. Eu não vou me afastar de você, eu não tenho medo de nada disso. Isso não é o fim do mundo!

Ele tocou meu rosto com suavidade, enxugou as lágrimas que teimavam em cair e disse, dessa vez com doçura, fazendo vibrar cada fibra de meu coração:

– Liça, quero ser seu namorado. Quero estar com você, quero aproveitar cada momento que tivermos. Vamos lutar juntos, vamos caminhar agora um ao lado do outro.

Olhou-me com uma postura séria e disse:

– O suicídio nunca será solução para nada. Não sou religioso, mas experimente conversar com o Bryan a esse respeito. Suas considerações podem ser bastante esclarecedoras.

Aquelas palavras quebraram toda resistência de que ainda podia dispor... Coração fraco! Teimoso! Bobo!...

Descobri em cada palavra dele, em cada gesto sincero de carinho, uma força para continuar e lutar, não iria desistir... Nunca devemos desistir de nada, afinal, ele tinha razão, a vida era tão vã que uma pessoa de saúde perfeita podia muito bem não estar mais viva amanhã... É louco, mas é a mais pura verdade!

– Liça, não resista! – disse sem saber que já havia desistido de resistir. Agora iria persistir e, tendo-o ao meu lado, tudo poderia ser mais suportável.

– Matheus... Olha, quero que saiba de uma coisa... – Ele levou o seu dedo aos meus lábios, me silenciando, e disse carinhosamente:

– Meu amor, eu não preciso saber de nada, só quero que você entenda que nada do que disser vai me fazer voltar atrás.

Meu amor? Eu escutei direito? Hum, que coisa mais fofa, eu estou perdida... Fiquei parecendo uma bobona, toda manteiga-derretida, mas, tinha que falar tudo a ele. Tomei fôlego e disse:

– Não, escute, é importante. Não me interrompa com essas palavras fofas... – Sorri, e ele me devolveu um lindo sorriso de orelha a orelha. Quando tive certeza de que me deixaria falar, continuei: – Matheus, eu não vou mais resistir, vou persistir. Você me devolveu a vontade de viver, porém, não será fácil, sei que terá dias que vão ser muito difíceis. Vou pensar que estou atrasando sua vida, que poderei infectá-lo e isso me deixará muito triste, terá dias que pensarei em me matar de novo... – suspirei, a lembrança de como fico quando me sinto assim me tira um pouco o ânimo, mas a esperança e o amor dele, de meus pais, é tudo o que tenho.

Resisti à sensação de tristeza que me invadia e dei continuidade:

– A esperança, o seu amor e o amor de meus pais me ajudarão, porque vou falar: não é fácil, a sensação é muito forte... – Sem que eu esperasse, fui silenciada pela doçura de seus lábios esmagando os meus.

Quis me afastar, todavia, acho que já esperava essa reação minha, porque me prendeu em seus braços com força até eu me entregar àquele beijo sem reservas.

Parecia estar viajando. Naquele momento, eu consegui esquecer que era potencialmente uma portadora de um vírus letal... Era assim que me denominava. Eu esqueci de todo o cuidado. Ele conseguiu romper todo e qualquer instinto meu de defesa.

Eu sabia que até por um beijo poderia passar o meu mal... Porém, não queria pensar nisso agora. Ele sabia muito bem o que fazia, porque era, talvez, mais conhecedor do que eu sobre doenças.

É tão bom ser amada! Sentir-se especial, importante para alguém; não falo dos nossos pais, porque isso é normal, mas para outra pessoa. Matheus estava fazendo com que me sentisse a pessoa mais feliz deste mundo.

E eu que pensei que não existisse vida depois que se morre para a vida; aquele rapaz com cara de menino, com jeitinho de *nerd*, com um conhecimento de adulto, me devolveu a razão para sorrir e ter fé.

Quando seus lábios deixaram os meus, estavam vermelhos e inchados. Não sei quanto tempo ficamos nos beijando, mas o fato foi que só paramos porque escutamos alguém batendo à porta. Não pude deixar de sorrir, e ele me retribuiu com outro sorriso.

– Vou ter que abrir! – disse lastimando a interrupção.

– Sim, eu sei, caso contrário, acho que podem derrubá-la e acredito que possa ser seu pai. Tenho que me esconder? – perguntou visivelmente preocupado.

– Meu Deus! Você é uma piada, sabia? Passa pelo menos “duas horas” beijando uma garota aidética sem medo de contrair esse vírus maldito e agora está com medo do meu pai? – Dei uma

gargalhada como há muito não fazia e pude escutar esse som tão esquecido por mim...

Estranho, parecia que certas coisas eu estava reaprendendo.

Abri a porta ainda com um sorriso nos lábios e nem a cara feia de meu pai foi capaz de tirá-lo de minha face.

– Posso saber por que estava trancada com esse moleque aqui? – perguntou sem perceber a minha felicidade, contudo, minha mãe que vinha logo atrás, ao me ver, abriu um sorriso genuíno.

As mulheres são muito mais sagazes, percebem tudo com uma rapidez impressionante. Sem reservas, abraçou-me dizendo ao meu ouvido:

– Estou tão feliz, filha! Ele é um bom rapaz! Eu sei disso, e gosta de você de verdade. – Segurou meu rosto como se eu ainda fosse uma criança e continuou a falar com lágrimas molhando sua bela face: – Você será muito feliz, meu bem! Você merece! Ah, como estou feliz! Eu te amo tanto! – Não respondi nada, apenas concordava com a cabeça positivamente e chorando nos abraçamos de novo.

– Posso saber o que está acontecendo aqui? Qual o motivo de tantas lágrimas? – perguntou meu pai, olhando para nós duas com as sobrancelhas juntas, imprimindo toda sua estranheza à situação.

Contudo, percebi seu olhar suave, quase feliz. Aquela cena não era mais comum em minha casa. Seus olhos refletiam um prazer, mesmo que contido, suas mãos nos bolsos da calça mostravam que ele estava relaxado.

Afastei-me de minha mãe, voltei-me e me atirei em seus braços como quando eu era a “menininha dele”, como me chamava.

– Eu quero viver, pai! Eu tenho ainda muito o que fazer aqui! Não quero morrer agora! – dizia apertando-o e sentindo seus braços me estreitarem fortemente também.

– Minha filha... – Suas palavras morreram, senti seu engasgo.

Ele não gostava de chorar. Para ele era uma fraqueza, mas sabia que estava chorando naquele momento. Senti o seu soluçar,

agora sem reservas, e, por cima de seu ombro, vi minha mãe abraçando Matheus e falando algo em seu ouvido.

Aos poucos me desvencilhei de meu pai. Rapidamente, ele buscou um lenço em seu bolso e enxugou o rosto. Voltei-me para Matheus e lhe estendi a mão, que aceitou prontamente.

– Pai, quero que conheça meu namorado. Esse é Matheus, e é o responsável por essa minha decisão. Ele vai me ajudar também – Meu pai perscrutou-o de cima a baixo, e, um tanto relutante e ainda meio confuso com tudo, estendeu a mão e disse, apertando a mão de meu namorado numa atitude intimidadora:

– Eu ainda não sei muito bem dessa história, mas, se você é responsável pela felicidade de minha filha, serei eternamente grato. No entanto, se pisar na bola e fazê-la sofrer, encontro você até no inferno. – Pronto, o recado estava dado; me segurei para não rir.

– Sim, senhor! Não se preocupe, eu amo sua filha. Pode acreditar, senhor! – ele disse nervoso, atropelando um pouco as palavras.

– Sei! Amar nessa idade é muito fácil! O recado está dado e fique ciente de que cumpro tudo o que falo. – Sem esperar resposta, deu um beijo em minha testa, estendeu a mão para minha mãe e saiu, inquirindo-a a contar toda aquela história.

– Meu Deus, eu pensei que fosse cair quando ele apertou minha mão – disse esfregando o suor que descia pelo rosto. Antes que eu me pronunciasse, virou e continuou: – Não venha me chamar de frouxo. Seu pai é intimidador! Ele é bom nisso. Você viu os olhos dele para mim, Liça?

Não aguentei, soltei outra gargalhada... Isso estava bom mesmo, no mesmo dia, em menos de uma hora, essa era a segunda gargalhada em anos.

– Você fica rindo porque não é você. Como os homens sofrem! – continuou me abraçando, falando agora com humor.

Eu realmente não sei como será daqui para a frente, mas o que posso garantir é que irei lutar, irei viver cada dia como se fosse o último, e isso faz a vida muito mais especial, porque você

consegue ter a real noção do valor de cada minuto, de cada segundo... Isso é mágico, mesmo sendo trágico...

MARCOS

Ver Bryan de braços dados com Nat fez meu íntimo soltar fogos de artifício, contudo, fui do céu ao inferno muito rapidamente. Vi o rosto de Júlia arder em raiva, ciúmes... No fundo queria que sentisse aquilo por mim.

Disfarcei como pude, mas meu coração não podia mais se enganar. Ela gostava de meu melhor amigo e tinha quase certeza de que ele também.

Essa constatação enfureceu meu íntimo ainda mais. Bryan nunca a desencorajara, ao contrário, sempre estivera com seus olhos muito voltados para ela e não havia respeitado a nossa amizade...

Eu nunca fiz segredo dos meus sentimentos por Júlia. Então, qual deveria ser a dele? Afastar-se. Mas não, dedicava-se demais a tudo o que estava relacionado a ela...

– Grande amigo, mesmo! Fura-olho. Vou ter uma conversa com ele. Posa de santo, só que não! – falava comigo mesmo, numa combinação tão intrigante quanto irritante de sentimentos.

Gostava de Bryan mas tinha determinadas coisas que me deixavam certas desconfianças. Aquele jeito de bom samaritano o tempo todo, no fundo, sempre acreditei que escondesse algo de muito sombrio... A confusão em mim não me deixava pensar que tinha julgado errado meu melhor amigo.

– Ex-melhor amigo. Em quem eu não posso confiar, também não posso chamar de amigo – justificava, enquanto o ciúme consumia minha alma.

A raiva só crescia e decidi colocar de uma vez por todas aquilo em pratos limpos. Segui com passos firmes até a biblioteca, sabendo que o encontraria por lá. Para minha total desilusão, ele não estava, e meu ciúme aumentou. Imediatamente achei que estavam juntos e aquilo provocou um formigamento pelo meu corpo, atacando minha cabeça.

Dirigi-me à saída como alguém cego, sem me dar conta de quem estava por perto, até sentir uma mão sobre o meu braço. Não tive tempo de pensar muito, segurei e apertei-a com força, com a intenção de arrancá-la dali.

Para minha surpresa era a bela gringa, que se contorcia de dor falando naquela língua estranha – mistura de inglês com português. Não conseguia entender uma única palavra, mas sua linguagem fisionômica era inconfundível.

Soltei sua mão rapidamente, porém, aquilo aumentou a minha cólera e cuspi, sem me importar se estava sendo indelicado ou não:

– Eu não tenho tempo para decifrar seu dialeto. Fui! – Ajeitei a mochila, dei as costas e saí andando, sem ao certo saber para onde estava indo.

Percebi, chateado, que a gringa me seguia; parei, voltei-me e, incisivo, soltei:

– Pelo amor de Deus, não vê que não quero conversar? Acaso é surda? – Ela me olhou furiosa. As duas pedras preciosas que pareciam seus olhos me fuzilaram e disse chateada:

– Não sou surda coisa nenhuma, já você deve ser burro! Tenho a informação de que precisa. – Apesar de seu português ainda ser muito ruim, desta vez consegui entender.

– O quê? De que informação está falando? – indaguei curioso, sem ao certo saber a que se referia.

– O Bryan e sua namorada saíram há pouco correndo. – Nem me deu vontade de corrigi-la em relação a Júlia, minha mente apenas registrou o que queria: Júlia e Bryan estavam juntos.

Parei por alguns minutos e a euforia, a raiva, como que por milagre, foram substituídas por uma sensação de desespero, dor; senti como se estivesse sendo socado no estômago.

Olhei com dor para aquele cabelo vermelho solto ao vento e aquele par de olhos azuis que me fitavam com compaixão, parecendo compartilhar comigo aquela sensação.

– Eu lamento, mas acho que fomos deixados de lado! Eles se beijaram também. Eu vi tudo! – Esfregou a mão em meu ombro, depois, se retirou. Beijando?

Minha mente repetia essa palavra e meu corpo começou a tremer, um medo cresceu dentro de mim; eu queria fugir, mas não conseguia me mover, um suor intenso descia pelas minhas têmporas.

No início, era leve, mas a sensação de perda potencializou todos os meus sintomas e eu já não tinha mais controle sobre meu corpo; minhas pernas começaram a tremer violentamente. O meu instinto de defesa, possivelmente, fez com que eu me sentasse e tudo escureceu... Silêncio!

Abri os olhos devagar, piscando freneticamente contra uma luz forte sobre meu rosto.

“Que lugar é este? Por que estou aqui?” Eram perguntas sem respostas... Olhei para o lado e vi Nat sentada com a cabeça recostada no encosto da cadeira, dormindo. Tinha que confessar: ela era muito bonita!

Desviei rapidamente, olhei em volta e pude identificar claramente o Hospital Estadual e o setor de Emergência, que, milagrosamente, não estava cheio; só não entendia o que eu fazia ali. Tentei levantar-me e me dei conta de que meu braço estava preso a um soro que gotejava lentamente.

– Mas que droga é essa? – perguntei, tentando arrancar aquilo de mim. A forma brusca e alta com que falei acordou Nat. A confusão em seu rosto era visível. Aproximou-se de mim e com aquele dialeto dos infernos disse de maneira enérgica:

– Você não vai sair daqui até o médico vir falar com a gente. – Olhei-a surpreso, mas não gostava de quem me dava ordens e tornei, contundente:

– Eu estou saindo e não tem ninguém que vai me impedir. – Continuei tentando retirar toda a fita que prendia meu braço. Minha coordenação estava afetada talvez pelo medicamento,

pois não conseguia sequer levantar a primeira camada que prendia minha veia.

– Você está sedado, não vai conseguir – ela informou com uma satisfação mórbida. Fitei-a e vi um brilho de raiva iluminar seus olhos. E, como se soubesse dos meus pensamentos, começou a falar: – Eu sei muito bem a raiva que está sentindo, mas não sou responsável por isso, eu apenas o socorri, algo que, aliás, deveria me agradecer. Você teve um ataque de pânico ou coisa assim. Pedi ajuda e o trouxe até aqui. Como meu pai trabalha neste hospital, conseguiu esse leito. Outra coisa para você me agradecer e...

– Eu não lhe pedi ajuda! Eu não pedi nada do que está alegando, então, não tenho nada a agradecer – cuspi de forma grosseira, sem deixar margem para qualquer dúvida. Não me sentia bem com o fato de ela ter feito qualquer coisa por mim.

– Eu não tenho culpa de ela ter te traído, não tenho culpa de ela gostar do Bryan, não tenho culpa de você ser um babaca mal-agradecido, então, não descarregue em mim. – Suas faces estavam coradas, seus olhos pareciam duas chispas de um azul brilhante, e suas orelhas pareciam dois pimentões maduros.

A maneira firme como me falava me fez silenciar. Mesmo com aquela língua toda atrapalhada, consegui entender tudo. No fundo, sabia que tinha razão, mas estava com raiva e não iria me entregar àquele cabelo de fogo.

– O seu amigo Bryan nunca lhe falou que não se deve jogar na cara algo que fazemos por alguém? É, talvez você não teve tempo suficiente com ele para ser catequizada. Se isso lhe agrada, senhorita, então muito obrigado! Fico lhe devendo essa, mas não espere que lhe pague com dinheiro, porque, esse não sou eu.

Ela apertou bem os olhos, escondendo aquele azul lindo, deixando claro quanto estava chateada. Sem que esperasse, deu um passo à frente, ficando bem próximo de mim, e, sem hesitar, bateu em meu rosto com firmeza. Aquele tapa ardeu, ela batia com força.

– Você é louca? – perguntei olhando-a, tentando me levantar e tirar de vez a droga do soro preso em meu braço. Mas, antes que conseguisse, um homem de branco, alto, com os olhos tão azuis quanto os de Nat entrou no quarto e, de uma forma enérgica, disse algo no idioma estranho a mim, mas compreensível para a cabelo de fogo e suspeitei se tratar do seu pai. Ela se afastou ainda chateada me queimando com o seu olhar.

– Você está bem, rapaz? – perguntou num português quase bom, olhando-me com desprezo.

– Sim, senhor! Já estou de saída. Agradeço a atenção. – Sem parecer me escutar, aproximou-se, auscultou meu coração com aquele aparelho de médico e com uma pequena lanterna mandou eu abrir os olhos o máximo que podia, olhou algo que eu não sabia, contou minhas pulsações e sem nenhuma pergunta a mais retirou o soro do meu braço e me liberou.

No entanto, me informou que eu havia tido um ataque de pânico e me orientou a procurar um neurologista, pois eu tinha desmaiado e isso não era comum. Voltou-se para sua filha e disse algo no idioma deles.

Pelo tom grave em sua voz, não foi algo muito agradável e, de peito estufado, empinado mesmo, saiu sem me olhar, deixando-nos a sós novamente.

Antes de sair, senti-me mal, parecia que aos poucos a verdade vinha ao meu cérebro. Eu havia sido muito rude com Nat. Meio sem jeito, olhei-a e mandei um muito obrigado. Ela não respondeu, apenas me olhou mais calma; no fundo, reconhecia minha dor, porque também poderia ser a dela.

A cidade estava fria, caía uma fina e insistente garoa. Aquilo era estranho, porque potencializava os meus sentimentos de tristeza. Suspirei profundamente e segui andando a passos lentos e cadenciados. Lembrei-me do que o pai da Nat tinha dito.

– Eu tive um ataque de pânico? Que droga foi essa? – Balancei a cabeça, não me lembrava de nada, o que acreditei ser algo bom.

Respirei fundo e me dei conta de que não havia olhado o celular. Meu coração quis ter esperança, mas meu cérebro

conteve os arroubos de alegria. Ainda assim, coloquei a mochila nas costas e peguei o celular rapidamente. No fundo eu queria uma explicação dela e dele, me sentia traído pelos dois, mesmo não tendo muita razão para isso.

– O problema maior é o Bryan! Esse, sim, é um traíra. – Olhei ansioso para o celular e quase o atirei no chão de raiva. Só não o fiz porque sabia que não iria ter dinheiro para comprar outro... Nada de mensagem, nem um simples “oi” de Júlia.

A sua imagem veio à minha mente e um sentimento de ódio despertou em mim algo que não sabia que tinha, uma vontade de vingança.

Minha cabeça mais que rapidamente começou a construir um plano. As ideias eram jogadas como se fosse chuva, dada a rapidez com que se constituíam em meu íntimo. O vento soprou forte e um redemoinho se formou, trazendo areia para meus olhos...

– Que porcaria! – Levei as mãos ao rosto numa tentativa vã de protegê-los, mas tinha mais areia em meus olhos do que no deserto do Saara. – Caramba! Era só o que me faltava! – reclamei esfregando-os freneticamente. Eles começaram a arder intensamente, tentei abri-los um pouco até conseguir enxergar que havia próximo dali uma praça, e lá deveria ter uma torneira onde pudesse lavá-los.

A caminhada foi lenta e dolorosa, não sabia explicar por que meus olhos ardiam tanto, afinal, era só areia. Lavei o máximo que pude até sentir uma melhora significativa.

O ardor não me deixava pensar em mais nada, a não ser na vontade de chegar em casa, deitar e, se possível, não acordar tão cedo.

Suspirei, me dei conta do cansaço que consumia meu corpo por completo. Aos poucos a dor me fez esquecer a ideia de vingança que já tramava contra o Bryan.

Não que minha raiva tivesse passado, mas aquele ardor intenso não me deixava pensar direito e uma lembrança me ocorreu: um livro que li alguns anos atrás, um livro espírita, presente do Bryan.

Definitivamente essa era uma lembrança desnecessária... Balancei a cabeça negativamente, tentando evitar essas memórias sobre o meu ex-melhor amigo.

Reconheci minha casa ao longe e me dei conta de que retornei como se estivesse no automático. O hospital era perto.

Com as mãos ainda tentando proteger meus olhos da ventania que não cessava, abri o portão, que respondeu com um rangido alto e feio. Minha casa era grande e estava bem localizada, porém, velha e bem deteriorada.

Era herança de meu pai, mas nunca tivemos dinheiro suficiente para fazer uma reforma de verdade, só pequenos consertos. Minha mãe, há tempos, pedia que ele a vendesse e comprasse um apartamento, contudo, com o jargão bem comum “É mais fácil o mar secar”, fez minha mãe desistir, e ninguém mais falava nisso...

Eu subi a velha escadaria de madeira com cuidado, decidido a não deixar ninguém me ver. Para minha sorte, deu certo.

Meu quarto parecia uma lata de lixo de tão bagunçado, era assim que minha mãe chamava. Segui para o pequeno banheiro, deixei a água quente cair, esquentando minha pele, e mais uma vez me dei conta de que estava todo dolorido.

– A Nat disse que caí, então, deve ser por isso. Que porcaria de vida! – reclamava sentindo a água aliviando minha dor.

Parecia que não só lavava meu corpo suarento, mas tentava fazer uma limpeza em minha mente. Queria arrancar do meu peito aquela dor que insistia em permanecer.

Queria que fosse como antes; sentia falta das conversas com o Bryan, mas sabia que de agora em diante aquilo estava morto. Era um caminho sem volta, e só foi preciso um pensamento ruim para que, novamente, as ideias voltassem. No início, eram vagas, até eu deixar que viessem sem reservas.

– Não, Bryan, isso não ficará assim! – disse a mim mesmo como que selando um pacto com algo que nem eu mesmo conhecia.

Experimentava um poder, uma força que dominava minha mente. Aquilo não me fazia feliz, sentia como se estivesse chegando ao inferno, onde sombras tomavam o meu coração.

Era uma sensação estranha e intensa, porém, não quis mais lutar, afinal, aquilo também era uma parte de mim, algo a que até agora não tinha dado vazão.

BRYAN E JÚLIA

“Meu Deus, o que estou fazendo?”, – perguntava a mim mesmo enquanto corria com Júlia. Minha consciência não me dava trégua um só segundo: ora me cobrando, ora me condenando, ora lutando para colocar todos esses pensamentos longe de mim.

Paramos em uma praça ofegantes. Ao olhá-la, quase todas as minhas críticas foram embora. Quase, porque ainda permaneciam lá, dentro de mim, em algum lugar de onde não queria que aflorassem.

– O que foi? – questionei-o com minha respiração ainda cansada.

– Pensamentos! – respondi sem, na verdade, querer revelar o teor desses pensamentos. Não sei se ela se convenceu ou desconfiou, porém, não me perguntou mais nada.

Na real, acho que estava tão confusa quanto eu. Era complicado mesmo, apesar de não parecer.

– Eu sei o que você está pensando, Bryan – disse de uma vez. Queria conversar a respeito e matar esses monstros que nos assustavam, queria dizer que existiam monstros em mim muito piores a serem vencidos, porém, eu sabia que os seus princípios eram muito importantes.

– Eu sei que você sabe, Ju! E, se você sabe, deve entender por que tudo isso é muito difícil para nós dois. – Vi se formar um pequeno sorriso em sua face. Nunca a tinha chamado assim, mas era assim que sempre me dirigia a ela em meus pensamentos.

Estava tentando introduzir a minha argumentação, mas ela me interrompeu:

– Eu sei que isso é difícil para você, mas não para mim. Tenho minha consciência bem tranquila em relação a isso. – Resolvi dar a ele um pouco mais de mim e continuei: – Bryan, eu não tenho nada com Marcos, nunca tive e nunca vou ter. Sei que ele sente algo por mim, mas nunca o encorajei. Sei que vocês são amigos, não vou questionar seus princípios. Contudo, não vou apoiar, até porque tenho abismos muito maiores para escalar. – Seus olhos se fecharam um pouco, num sinal claro de que estava pensando nas minhas últimas palavras.

Eu entendi rapidamente o que ela estava fazendo e me mantive em silêncio. Apenas convidei-a para sentar à mesa que havia próximo.

Agora, a sua frente, minha mudez era um convite para que continuasse a falar. De verdade, há muito queria ter tido essa conversa.

– Bryan, eu tenho muitos problemas... Muitos mesmo! – iniciei minha fala.

Tinha que ser devagar, embora ele fosse a única pessoa com quem sempre quis conversar a respeito, mas sabia que para o meu próprio controle tinha que falar aos poucos.

Ele apenas me olhava, era um sinal claro de que estava atento ao que iria relatar e isso me deixou mais calma. Dei prosseguimento:

– Eu tenho uma família, porém, é como se não tivesse. Nunca me senti amada por nenhum deles. Não sei se estou sendo injusta. Nessa altura do campeonato, não estou nem aí para isso também.

Olhei para o chão e *flashes* de minha infância surgiram em minha mente... Balancei a cabeça numa tentativa de não lembrar e dei continuidade:

– Eles nunca fizeram diferença alguma para mim. A única pessoa que não entra nessa lista é minha sobrinha bem pequena e minha avó, quando era viva. Depois que morreu, acabou todo e qualquer vínculo com qualquer um deles. Vivo dentro da mesma casa por não ter para onde ir, na verdade, não vivo, sobrevivo. Um dia de cada vez. – Aquilo era apenas uma pequena parte do que queria falar.

Ele continuou em silêncio, me transmitindo em seu olhar todo o carinho e apoio. Ele falava com os olhos.

Sentindo-me segura, dei continuidade:

– Quando eu tinha 10 anos, minha irmã e sua família, devido a problemas financeiros, vieram morar conosco. No início achei até que poderia ser bom, nunca tive um bom relacionamento com minha mãe, brigávamos muito e acreditei que as atenções iriam ser desviadas de mim. – Dei uma pausa, passei a mão na fronte, sentindo o suor descer. O pior era que não estava fazendo calor. Sem olhá-lo mais, voltei a falar: – Mas sabe a droga da vida... Sabe quando você pensa que algo está ruim e que não pode piorar? Aí você descobre que pode ficar pior. Minha mãe, de fato, se esqueceu de mim, dessa vez, totalmente. Então, outros olhos se voltaram para mim. Inicialmente, achei bom, porque acreditava se tratar de algo sincero, com boas intenções... Eu era uma criança carente, fragilizada pela falta de carinho e atenção de uma mãe que nunca, nunca mesmo, se importou de verdade comigo.

Segurava-me a cada palavra para não tomá-la nos meus braços e pedir que não continuasse, porque o fim eu já sabia. Contudo, sabia também que, para ela, falar era muito importante, provavelmente nunca havia dito para ninguém tudo o que estava relatando...

Tinha que ser prudente e muito paciente, e não permitir que a raiva, a revolta que já se fazia presente em mim me tomasse a mente e o coração, a ponto de esquecer todos os meus ensinamentos morais. Deixar aflorar qualquer um desses sentimentos não resolveria em nada a situação, ao contrário, poderia piorá-la.

O seu semblante era de uma dor intensa, suas maçãs do rosto estavam levemente ruborizadas, seus olhos oscilavam entre o ódio e a amargura, acentuados pelas suas olheiras, que formavam canais arroxeados. Sua respiração denotava quanto aquele momento estava sendo difícil.

Meu silêncio informou que ela poderia continuar.

– O marido de minha irmã, portanto, o meu cunhado, quando eu tinha de 10 até 13 anos, abusou de mim... – As lágrimas queimavam minha pele. Ao descer pelo meu rosto, desenhavam canais na minha pele negra. Com receio de não conseguir terminar, fui falando de uma vez: – Ele me falava no início que estava cuidando de mim, que aquilo era carinho, que era uma forma de demonstrar o afeto que sentia por mim. Claro que acreditei e deixei que tocasse em meu corpo, só achava estranho me pedir para não falar a ninguém, que só poderia quando estivéssemos sozinhos. Depois passei a não gostar ou querer, porque esses carinhos, para mim, se tornaram estranhos, e ele ainda me pedia que o tocasse também... – Enxugava como podia as lágrimas. O nariz escorria, tudo de uma só vez.

Era tão difícil! As imagens vinham à minha cabeça numa sequência impressionante. Levantei-me respirando com dificuldade e, antes de ele chegar até mim e me interromper, gritei, olhando-o:

– Aquele imundo! Ele me roubou tudo o que ainda restava em mim. Quando não quis mais, começou a me ameaçar de todas as formas. Quando também não me sujeitei às suas chantagens, quis me pegar à força... – Passei a mão no rosto, depois no cabelo, andando de um lado para o outro.

Finalmente, disse o que sempre quis falar para alguém, mas nunca o tinha feito porque me enganava; negava-me a entregar o restante de mim àquele imundo, a todos eles...

– Eu não aguento mais! Não suporto mais essa situação. Sei muito bem que, se falar com minha irmã ou minha mãe, ficarão do lado dele. Mas o pior de tudo vem agora... – Deixei meu corpo cair novamente no banco chorando muito e, com a voz falhando, mais parecendo um lamento, concluí: – Eu ainda não virei o balde de vez por causa de minha sobrinha. Tenho medo de que quando eu sair de lá ele faça o mesmo com ela. Eu já estou desgraçada mesmo, mas ela ainda pode ter uma vida normal. Estou cansada! De um jeito ou de outro, vou dar um fim nisso. – Senti um nó de pavor no estômago. Olhei-o apática.

Dei a volta imediatamente, puxei-a para meus braços apertando-a entre eles e deixei que chorasse. Não seria prudente falar algo, meus sentimentos estavam virados pelo avesso.

O silêncio seria um bem necessário...

Não sei quanto tempo ficamos assim, apenas abraçados. Sentia seu frágil corpo tão perto do meu...

Tentava recuperar a lucidez porque, mesmo conhecendo as vilezas humanas, escutar aquilo tudo me levava a um lugar do qual eu não gostava, mas sabia que ainda existia dentro de mim.

– Ju, como você está agora? – perguntei dando uma trégua ao silêncio.

– Um pouco melhor! Falar é terapêutico – respondi tentando sorrir, mas o sorriso não saiu. Podia ver um brilho de raiva iluminar seu rosto, o que, para mim, foi novidade. Nunca o vi com essa expressão, quase sempre serena ou reflexiva.

Não quis questionar a respeito. Na verdade, aquilo me deixou feliz, demonstrava quanto se preocupava comigo. Ele me fazia bem de qualquer jeito.

Fiquei me perguntando o que iria dizer a ela, sem, no entanto, instigar ainda mais os sentimentos que já experimentava havia tempos.

Entendia que, com o conhecimento que tinha, deveria lutar para fazer que encontrasse recursos para se desvencilhar do mal. E isso só seria possível por meio de bons sentimentos. Afastei-me um pouco para poder me expressar melhor.

– Ju, eu sei que tudo isso é horrível, na verdade é abominável! É... É até difícil encontrar as palavras certas sem exprimir certa revolta, algo ainda meio instintivo, porque... Porque uma pessoa assim é... – Tentava afastar a raiva, a impaciência da voz, e falhava miseravelmente.

Dei uma pausa, buscando oxigenar meus pulmões para ver se me acalmava. Imagens vinham a minha cabeça e a realidade caía, árdua. Naquele momento, isso poderia estar acontecendo com outra criança no mundo...

– Bryan, eu sei o que está sentindo. Até hoje não acabei com minha própria vida porque minha revolta sempre foi maior que

minha dor. Embora as duas se confundam e quase sejam a mesma coisa. Seria bom demais para ele... Uma pessoa que consegue fazer isso a uma criança não se importaria se essa criança se matasse. Acho até que seria bem melhor. Eu não vou deixá-lo impune! – Tentava explicar minhas reais intenções, mas minha voz ficou anestesiada em minha garganta.

Cada parte de seu rosto revelava níveis variados de desalento, preocupação e medo, mesmo demonstrando tanta coragem.

– Coragem não é não ter medo, Ju. Coragem é enfrentar esses medos. E você é alguém não só corajosa, mas admirável. Enfrentar tudo isso e ainda se preocupar com outras pessoas... Nossa, enxergo uma grandiosidade nisso. Na verdade, é uma renúncia total. Você não está só, não mais agora. – Mal tenho consciência das outras pessoas chegando, das vozes altas de jovens barulhentos que se misturavam à confusão de carros, buzinas...

Concentro-me nela, ali a minha frente; tão linda, tão forte, tão majestosa. Os sons da rua me engolfam e eu só consigo olhá-la, sem que essa inquietação me deixasse. Quando estou ao seu lado, sinto meus músculos se retesando por fazer uma força enorme para me controlar...

Experimento uma alegria tão grande que posso sentir isso na minha pele ao escutá-lo me falando aquilo. Sua voz denunciava ternura e preocupação. Meu coração parece que está se desintegrando por bater tão forte.

Eu sempre achei que nunca iria sentir aquilo, aquela emoção. Sempre descartava sentimentos como se estivesse descalça a andar entre cacos de vidros, jogados na minha frente. Mas ele me fazia querer pular cada um deles... Nem sempre foi assim.

Por algum tempo, quis muito que aqueles olhos pretos que parecem fazer um raio-x de sua alma não me afetassem. Que o cheiro amadeirado do seu perfume não me fizesse ter vontade de senti-lo mais perto. Que seus cabelos quase sempre em desalinho não me fizessem sentir vontade de tocá-los e que seu jeito calmo, equilibrado, não fosse assim, entrando em meu coração sem pedir permissão...

– Bryan! Eu... – Ele me lançou um olhar penetrante. Estávamos bem próximos um do outro. Quase podia sentir seu hálito quente, sua respiração alterada tanto quanto a minha. Inclinei-me e o abracei com força. Em resposta, ele envolveu minha cintura em seus braços.

O calor de seu corpo fluiu para o meu como eletricidade. Seu rosto roçou no meu e seus lábios, finalmente, me beijaram. Queria tanto esse momento que chegava até a doer.

Seu beijo foi doce, terno até se aprofundar, me fazendo esquecer, por alguns minutos, a minha triste realidade...

Tenho consciência de tudo o que está acontecendo e sei que não posso mais voltar atrás, tenho que resolver isso com Marcos, e o principal, resolver a situação dela. Não iria permitir que continuasse mais daquele jeito. Mas não queria pensar nisso agora. No momento, só queria desfrutar um pouco daqueles momentos sem culpa, sem medos...

A vida nos prega surpresas; eu não queria ninguém, lutei tanto... Agora, nesse momento, o que mais quero é encontrar uma forma de não perdê-la, de não deixar mais que tudo isso nos afete... Eu sei, parece meio irreal, apressado, eu diria, mas era assim que me sentia. O que, de certa forma, para o meu jeito sempre racional, poderia ser complicado, porém, estava tudo bem resolvido em minha mente.

Ficamos conversando um tempão. Quando ele me levou para casa, se é que posso chamar assim, a única coisa em que me pegava pensando era se ele iria me beijar de novo.

Estranha sensação! Estranho poder aquele de me fazer esquecer coisas ruins, de nos dar esperança em dias melhores, de acreditar em novas fórmulas...

Parece clichê quando se escuta sobre o amor, porém, quando se vive, nada parece mais agradável, mais verdadeiro, e, sabe, não queria mais deixar outra sensação aqui dentro de mim, pelo menos por enquanto.

MATHEUS

Os dias passavam rápidos, parecia que ficavam mais curtos. Racionalmente, essa proposição não estava correta, contudo, era uma análise meio lógica. Tinha dias que não dava tempo para fazer quase nada. Era curioso... Hoje estava sendo um desses dias.

– Bryan, já estou com todo o material que você me pediu – informei ao meu ilustre professor pelo telefone. Achei estranho o seu pedido, mas o atendi prontamente.

Uma semana atrás, perguntou se eu tinha uma câmera de vídeo e se tinha como emprestá-la. Não disse para que precisava e não perguntei. Confiava no cara, era muito sangue bom.

Esperaria Bryan chegar e depois iria ver Liça. Estávamos bem, embora ela ainda tivesse algumas crises agudas e, nessas crises, quase sempre eu era o alvo. Desde ontem estava em crise. Porém, a cada dia se convencia de que tanto eu fazia bem a ela quanto ela a mim.

Ninguém em minha casa sabia da sua doença e, para evitar problema, não contaria por enquanto. Tinha certeza de que iriam fazer o maior barulho e não queria ter que discutir com o meu pai. Na real, não achava que ele tinha moral para questionar nada. Há pelo menos dois meses que o evitava como sapo foge de sal.

Eu sei que essa comparação é meio estranha, mas, quando era criança e ia para o sítio de meu avô, os meninos que lá moravam colocavam sal no dorso do pobre coitado para ele fugir. Hoje, estudando a respeito, até me envergonho de rir e compactuar com essa crueldade.

O que muita gente não sabe é que os pulmões dos sapos têm uma capacidade muito menor que a dos humanos de absorver gases. Por isso, cerca de metade da absorção de oxigênio acontece por meio da pele. De lá, ele vai para a corrente sanguínea e é distribuído pelo corpo. A pele dele é bastante úmida, uma característica indispensável para que a troca de gases possa ocorrer. Se jogarmos sal no sapo, o mineral suga a água, impedindo que o processo ocorra.

Além disso, dói muito. A pele do sapinho não possui um revestimento protetor como a dos seres humanos. Por isso, é muito mais sensível. Se colocarmos sal em suas costas, a dor que o animal vai sentir é semelhante àquela que nós sentimos quando jogamos sal em um ferimento. E quem estuda sabe quanto esse animal é indispensável no controle de mosquitos vetores de doenças, como zika, dengue, febre amarela, malária. Eles também se alimentam de outros insetos, como baratas e demais invertebrados, como as lacraias.

Mas não me culpava muito, nem aos garotos, porque na época éramos ignorantes...

– Meu filho, tem uma moça linda chamando você – disse minha mãe, abrindo a porta do meu quarto sem bater. Odiava quando fazia isso, mas era tão constante que quase já havia me acostumado, só que ela nem podia sonhar com isso, senão...

– Toc, toc... né, mãe? Deve ser a Liça – disse sem me tocar de que minha mãe ainda não a conhecia. Na verdade, não sabia de nada sobre o meu namoro, nem sobre minha namorada.

– Quem é Liça, Matheus? – perguntou com a mão na cintura, com aquele olhar de agente do FBI, bem típico dela. Acho que toda mãe era um pouco assim.

– Minha namorada, mãe – disse de uma vez, colocando minha camisa. Vi pela visão lateral que abriu bem os olhos, parou processando a informação e, como era de esperar, veio até mim deixando-me de frente a ela e inquiriu pertinaz:

– Como sua namorada? Como não sabia dela? Desde quando está namorando? Quem é essa moça? Quando você ia resolver que seria hora de sua mãe saber disso?

– Meu Deus, quantas perguntas! A senhora parece uma matraca, sabia? – Olhou-me parecendo que tinha fogo nos seus olhos. Se fosse uma metralhadora tinha morrido ali mesmo.

– Isso é lá jeito de você falar comigo? Eu quero saber dessa história, mas é já. – Sabia que se não falasse não iria me deixar em paz mesmo. Acho que todas as mães são assim, embora a minha fosse sempre um passo à frente em drama.

– Tá bom, vou contar tudo para a senhora, tudo mesmo, mas será que poderia, pelo menos, me deixar primeiro ir recebê-la? – indaguei um tanto contrariado. Ela entortou a boca, como sempre fazia quando estava pensando, depois suspirou profundamente e respondeu:

– Tudo bem, mas vou ficar esperando e, se não falar, pergunto a ela.

A ideia dela fazendo perguntas a Liça me aterrorizou a alma. Minha namorada era um tanto antissocial, mais pelo que passava do que propriamente por ela, então, detive meus passos e disse:

– Mãe, ela não gosta de perguntas. Não a aborreça com isso, até porque está um pouco doente. – Ela me lançou um olhar de desafio. Às vezes era inútil fingir que não tinha entendido.

Ela não poderia saber da doença de Liça, jamais aceitaria. Então, contive minha língua e sem mais disposição nem tempo para questionar, saí, sendo acompanhado. Ela era implacável!

Quando meus olhos a viram, meu coração sorriu juntamente com meus lábios. Era sempre assim quando a via. Eu bem sei o que muitos diziam do amor: que em breve essa emoção iria passar, que era início, porém, eu sabia que não.

– Desculpe a demora. Não estava esperando você, meu amor. – As maçãs do seu rosto ficaram levemente ruborizadas. Ainda não havia se acostumado muito bem comigo a chamando assim.

Sorri. Gostava daquilo, de fazê-la ficar assim. Dei um leve beijo em seus lábios sedosos. Que maravilha!

– Eu tentei te avisar, mas meu celular está com problema. Na verdade, vim te falar que ficarei sem ele até arrumá-lo e não sabia o número do telefone de sua casa. – Seus olhos tinham um brilho

intenso e vibrante. Ela era simplesmente linda, e era minha namorada.

Por alguns segundos esqueci-me de minha mãe, até que um pigarro atrás de mim me fez lembrar dela. Voltei-me e ainda a contragosto apresentei as duas. Minha mãe estava encantada por sua beleza, pude perceber, todo o seu rosto sorria ao cumprimentá-la. Já Liça, muito sem jeito, cumprimentou-a com reserva.

– Meu filho tem muito bom gosto, você é linda! Ele também me falou de sua doença, mas você está ótima, nem parece doente. – Senti um arrepio na espinha quando ela me olhou assustada e meu estômago se contraiu.

Não poderia dizer que não tinha falado nada para a linguaruda de minha mãe. Mas as coisas só pioraram, e a cada palavra eu sentia que o céu se abria por cima de minha cabeça e trovejava...

– O Matheus deve gostar muito de você, porque morre de medo de gente doente. Estuda muito sobre isso, vive pesquisando sobre medicação para tudo – Lançou-me um olhar de orgulho e completou: – Tenho certeza de que será um pesquisador sério. Quem sabe não encontre a cura para algumas doenças?

Eu nem sabia que ela tinha conhecimento sobre o fato de eu gostar de estudar sobre medicamentos. Isso me fez acreditar que, como era de costume seu, deveria mexer em minhas coisas.

O olhar de Liça dançava entre mim e minha mãe, como num balé, mas não era harmônico, era desolador; podia sentir suas perguntas se formando e ao mesmo tempo sua dor se fazia presente. O primeiro raio da tempestade que se formara caiu.

– Não sabia dessa particularidade dele. – Voltou-se para mim e continuou sarcástica: – Essa você não tinha contado. Uma pena, porque, no meu caso, bem sabe, terá que conviver com a doença o resto da minha vida. – Sua voz era cortante, assim como o seu olhar para mim e depois para minha mãe.

– Não, meu amor, minha mãe não sabe o que está falando. Ela pensa que sabe, mas não sabe. Eu nunca me importei com doença... Não é essa a questão... Eu... – Tentava em vão contornar a tormenta, mas devia entender que uma catástrofe natural

ninguém segura. Só lhe resta se preparar. Mas não estava preparado.

– Como assim, o resto da vida? Qual é a sua doença? – indagou minha mãe, dando um passo para trás. Meu sangue gelou. Olhei para Liça como um desesperado e, antes que viesse, ela tirou os olhos dos meus e com um tom de deboche disse à queima-roupa:

– Ele não contou? Eu tenho Aids. – Minha mãe abriu a boca e deu mais um passo para trás. Só o tempo suficiente para processar a informação. Logo depois, avançou os dois passos, segurou meu braço, puxando-me para longe, e disse aterrorizada:

– Saia de perto do meu filho.

Tudo acontecia muito rápido. Fiquei um tanto entorpecido por tudo. Meus ouvidos escutaram apavorados sua resposta:

– Não se preocupe, minha senhora. Nunca pedi para seu filho ficar perto de mim, foi por vontade dele, mas isso termina aqui. – Deu a volta e, antes que ela saísse, me desvencilhei de minha mãe e a alcancei, segurei seu braço, forçando-a a olhar para mim:

– Não faça isso! Você é inteligente o suficiente para saber o que está acontecendo aqui. Nunca tive nenhum receio de estar perto de você. – Meus olhos ardiam e nem me dei conta de que chorava ao mesmo tempo que minhas mãos tremiam...

Eram emoções intensas, não parava para racionalizar, só as sentia fortemente, levadas pelas reações naturais de meu corpo: tremor, taquicardia, sudorese... Podia sentir minha veia da têmpora pulsar bem mais forte.

Mais uma vez minha mãe avançou em mim e, aos gritos, cravou suas mãos em meu braço, puxando-me, tentando, desta vez sem sucesso, me arrancar de perto dela.

– Matheus, saia de perto dela! Agora! Eu não vou permitir isso. Nunca! – Sacudia-me e conseqüentemente sacudia a Liça por tabela, que tinha perdido a confiança de antes. Seus olhos agora arregalados e úmidos fitavam minha mãe assustada e me pedia, tentando também soltar-se de mim:

– Deixe-me ir, por favor!

– Não! – gritei alto, voltando-me para minha mãe: – Largue-me! Eu não preciso de seu aval para namorar quem eu quero. Eu a amo e ninguém irá tirá-la de mim!

Minha mãe soltou meu braço, seus olhos quase fechados numa atitude velada, com um brilho de raiva e fitando-me sem reservas; deu um passo para trás e, usando toda sua autoridade, cuspiu com todas as letras o que pensava a respeito, de forma autoritária, como sempre fazia:

– Não! Você precisa, sim, do meu aval. Vive debaixo do meu teto, come da comida que coloco na mesa e tudo que está relacionado a você tem que passar primeiro por mim. E lhe falo: você não vai namorar uma pessoa com essa doença. Nunca! Eu não vou permitir algo assim. Essa moça está condenada e não vai arrastar você junto. Essa doença é terrível!

Senti as palavras dela como um soco e acredito que o mesmo pudesse estar acontecendo com Liça, que já chorava, assustada, olhando minha mãe insultá-la.

Isso, para mim, foi a gota d'água. Abracei-a e, por cima de sua cabeça, elevando a voz para evitar interrupções, soltei o que há muito meu coração guardava, mas meu escrúpulo me impedia de já ter falado:

– A senhora me fala de doença terrível? Pois vou falar o que é terrível: terrível é ter um pai *gay* e uma mãe que finge não saber. – Ela arregalou os olhos o máximo que pôde, surpresa.

Contudo, prossegui implacável:

– Eu o peguei em um dos seus encontros, mãe, no shopping, há dois anos. No início não contei porque não queria magoá-la, mas, observando, vi que a senhora deveria saber, só fingia não saber. Passei um bom tempo tendo nojo de mim mesmo, acreditando que poderia ser igual a ele, já que tenho o mesmo sangue, e foi por isso que comecei a estudar, para saber quanto isso tem de genética.

As palavras ardiam no fundo de minha garganta, mas dei continuidade:

– A Liça está doente, vítima da irresponsabilidade de profissionais que não honram o seu trabalho. Ela terá, sim, que

viver o resto de sua vida com essa doença, porque hoje, felizmente, já tem tratamento, assim como outras doenças, mas isso não a faz menor do que ninguém. O que diminui o homem são suas atitudes ou a falta delas. Ela é minha namorada e vai continuar sendo. Não se preocupe, não como mais da sua comida. Estou saindo de sua casa.

Sua expressão de horror tocou fundo em minha alma. Eu a amava mesmo não concordando com muita coisa que fazia ou dizia, mas não via outra forma para tudo o que escutei. Apesar de me causar vergonha ter relatado o meu maior segredo, senti-me mais leve depois que falei, em especial para Liça.

Nunca havia falado nada para ninguém. Minha vergonha, meu medo, sempre prevaleceu... Medo de ser igual a ele, do julgamento das pessoas em pensar a mesma coisa que eu pensava, de me tornar chacota para os outros na escola. Era muito difícil ter que carregar aquela dor, agora parecia mais leve, embora não menos ruim.

– Alícia! – Uma voz na porta nos tirou a atenção, olhamos juntos para ver sua mãe vislumbrando tudo assustada. Ela se soltou de meus braços e correu para os de sua mãe. Senti um vazio, porém compreendia que não podia ser diferente. Caminhei até elas e, para que soubesse que tudo o que falei era verdade, disse:

– Liça, desculpe por tudo, depois irei a sua casa para conversarmos.

Ela não me respondeu, na verdade, nem me olhou, foi a mãe dela que fez um pequeno gesto afirmativo com a cabeça e saíram abraçadas.

Voltei-me para minha mãe, agora sentada, encolhida no sofá com as mãos sobre a cabeça, chorando baixinho. Aproximei-me em silêncio, tive vontade de fazer um carinho, mas detive-me. As suas palavras ainda soavam fortes dentro de mim e acredito que as minhas também para ela, então, apenas informei:

– Estou saindo de casa. – Ela não me respondeu, nem me olhou, continuou chorando. Encaminhei-me até o quarto. Iria falar com meu avô. Iria dar um tempo até conseguir algum trabalho. Ele

poderia me ajudar nisso, conhecia muita gente influente que poderia me arrumar alguma coisa. Assim eu esperava.

Suspirei alto, sentindo uma tristeza tão grande dentro de mim, muito maior do que quando vi meu pai trocando discretos carinhos com o seu namorado naquele shopping.

Naquele dia, pensei ser o dia pior de minha vida, mas descobri que não era, tive dias bem piores e hoje, com certeza, era o maior deles.

A possibilidade de perder Liça era tão forte e dolorosa que minhas pernas fraquejaram. Caí sentado na cama sentindo um frio esquisito percorrer meu corpo. Senti dores se espalharem por todo meu corpo e o coração se apertando com a sensação de sufocamento.

A dor estampada em seu rosto vinha à minha mente e senti as lágrimas saltarem novamente e lavarem minha face. A respiração era curta, difícil... Ela era a melhor coisa que tinha surgido em minha vida e não iria me permitir perdê-la.

Levantei decidido, peguei uma mala e comecei a jogar minha roupa dentro, sem pensar, sem escolhas.

O que queria era respirar, viver, acreditar que poderia ser diferente.

BRYAN

Após a conversa com Júlia, minha cabeça não parava de pensar, de tentar encontrar uma forma de tirá-la daquela casa, sem, no entanto, comprometer ainda mais sua saúde emocional e, principalmente, física. Porque se ele tinha a coragem de fazer o que fazia, tirar a vida de seu semelhante não seria algo tão absurdo.

– Bryan! Bryan! Está em que planeta? – Fitei Mel, que me olhava com os olhos semicerrados, tentando adivinhar, provavelmente, o que estava causando minha distração.

– Pode falar agora, estou escutando – disse remexendo alguns papéis em cima da mesa, lutando para despistar qualquer pergunta.

Ainda não estava preparado para conversar sobre aquilo, embora soubesse que teria que fazê-lo, uma vez que era para cá que pretendia trazer Júlia.

– Você já falou com o pai da Barbie? – indagou fitando-me.

– Estou indo lá agora. Nesse horário, ele está em casa. Quase nunca está presente. Agora, sem a mãe, Bárbara mora praticamente com a secretária e a cozinheira. Não será uma conversa fácil. É arrogante e radical em muitos aspectos, mas não vou desistir. – Dei uma olhada para o relógio e me assustei:

– Meu Deus, Mel, estou atrasado, já deveria ter saído. – Arrumei rapidamente minha mochila e pulei na minha possante. Teria que passar primeiro na casa de Matheus.

O trajeto foi feito mais rápido do que o convencional, uma vez que apressei as pedaladas. Para minha surpresa, Matheus me

esperava no portão com, pelo menos, duas mochilas e uma mala.

– E aí cara, vai viajar? – fiz a pergunta meio que involuntariamente, porém, a resposta me surpreendeu.

– Não, cara, estou me mudando, te falo tudo depois. Estava esperando por você e por meu avô. – Sem mais explicações me passou a câmera e explicou como a usava. Sabia que algo não estava certo.

Seu rosto estava tenso, seu olhar sempre sem foco, buscando algo ou alguém... Vislumbrava a rua, depois mirava a porta de entrada de casa, sua respiração pausada e longa demonstrava cansaço, não cansaço físico, mas emocional...

Em silêncio no meu coração, ao deixá-lo, fiz uma prece como forma de gratidão, e isso me lembrou que não era apenas eu que tinha problemas...

Dirigi-me então para a casa de Bárbara para a tão esperada conversa com seu pai. Minha confiança estava baseada no fato de que ela se mostrou interessada em participar; esse poderia ser o único argumento realmente bom que eu tinha para levá-la à evangelização.

Ela aguardava no jardim de sua casa, roendo as unhas. Mal tinha entrado, já veio chamando a minha atenção:

– Pensei que você não viria mais, está atrasado, sabia? – Como era irritante. Caso desse certo, a Mel teria muito trabalho.

– Estou atrasado quatro minutos, Bárbara, onde está a tolerância, hein? Tenho certeza de que seu pai nem notará o atraso.

– Eu não sou tolerante, Bryan, nem um pouco. – Cruzou os braços, sustentando o peso do corpo em uma perna, me lançando um olhar desafiador.

– Então, sugiro que você aprenda, se quiser tolerância dos outros também para com seus erros. É assim que a vida funciona.

– Eu a vi revirar os olhos, mas fingi não ver.

Sempre que tinha uma oportunidade, lembrava-lhe as questões éticas, coisas que seus pais, infelizmente, não ensinaram. Era estranho, os pais eram os primeiros e mais importantes responsáveis por isso, contudo, entregavam essa função às

escolas, aos avós, aos cuidadores, à TV, à internet, e ainda se achavam no direito de discutir com professores quando, em algumas ocasiões, exerciam o papel destinado a eles.

Talvez fosse por isso que, ultimamente, o número expressivo de jovens fora da escola ou se comportando equivocadamente, dava uma perspectiva muito aquém das possibilidades que hoje eram oferecidas a eles.

A tecnologia é uma excelente ferramenta, se bem utilizada, com recursos grandiosos em todas as áreas. No entanto, era hoje vista como a grande vilã do processo educativo de jovens e crianças. Será que isso é verdade? Será que a culpa não está nos limites que os pais não conseguem impor a seus filhos?

– Bryan, eu não tenho o tempo todo, já estou atrasado e por sua causa. Espero que seja algo realmente importante – disse o pai dela com o ar de deboche. Como tive a pretensão de achar que o pai, versão adulta da Barbie, não me cobraria também. Ledo engano.

– Sim, senhor! – “Que Deus me ajude”, pensei. Pelo jeito, ia precisar mesmo.

A conversa não demorou e não foi nada agradável, mas, como tinha previsto, o fato de Bárbara manifestar vontade de ir foi a única coisa que realmente importou. Nenhum dos meus argumentos foram suficientes para sequer fazê-lo pensar. Lamentava muito por ela, as razões que usei foram muito pertinentes em relação ao que estava passando, porém, para ele tudo aquilo era normal e a Bárbara entendia.

– Obrigada, Bryan, por falar com meu pai e por... bem... importar-se comigo – disse meio sem jeito, mas sentia que eram verdadeiros seus agradecimentos.

– Você é importante, Bárbara, e tenho certeza de que participar da evangelização vai modificar sua vida. De verdade, eu quero que você aproveite tudo o que será passado. – Senti seus olhos brilharem, ameaçando um choro, mas se conteve.

A Mel iria ter muito trabalho, no entanto, esse era o processo de evangelização: oferecer possibilidades de mudanças

verdadeiramente edificantes para o ser tornar-se melhor. Saí para minha segunda missão...

– Bryan! – Vinha tão absorto em meus pensamentos que não vi Júlia, apenas escutei sua voz inconfundível. Estaquei e voltei-me rapidamente para vê-la logo atrás, me olhando carinhosamente.

Seus olhos me enchiam a alma!

– Oi, Ju! Desculpa, não te vi. Vinha pensando na Bárbara. Depois de uma queda de braço com o seu pai, ela conseguiu dobrá-lo. Se dependesse de mim, não sairia de casa, – Estava nervoso, não era de falar muito e em menos de um minuto já tinha quase “rezado um terço”, como dizia minha mãe.

– Não tem problema. Percebi que você vinha pensativo. – Olhou para os lados, certificando-se de algo, depois me tocou os lábios suavemente, como se tivesse em dúvida. Retribuí com alegria e percebi que relaxou mais um pouco.

– Estou com tudo aqui comigo. Podemos ver logo isso? – indaguei, porque sabia que parte de sua apreensão era pelo plano que bolamos para pegar de vez o cunhado dela.

– Sim. Está perfeito, vamos logo com isso. – Segui seus passos rápidos até sua casa, que não era longe.

Enquanto ela olhava para verificar se alguém se aproximava, eu instalava duas câmeras em pontos que julguei estratégicos. Fiz uma ligação para que pudesse ficar filmando o tempo inteiro.

No fundo, não pensei muito no que estava fazendo, só vi o seu desespero de que sua sobrinha pudesse também sofrer o mesmo crime quando ela saísse de casa. Acreditava também que aquela atitude seria a mais sensata; confrontá-lo seria uma atitude perigosa.

– Está tudo ok, Ju. Já fiz os testes, estão funcionando sem problema. Assim que tiver o material, iremos entregar imediatamente à polícia, porém, ele não pode desconfiar. Quando descobrir já estará preso. – Vi seu semblante se iluminar como nunca vira antes.

Senti-me também feliz, sabia que estaria, talvez, devolvendo um pouco de sua vida, ou pelo menos o que restou dela, para continuar e enfrentar todos os traumas e coisas assim...

Fiquei mais algum tempo desfrutando da felicidade de sua companhia na intimidade do seu lar. Não era uma casa grande, muito menos luxuosa, era simples, mas, ao ver seu quarto, pude constatar qual era realmente o problema. Faltavam vida, cores...

A impressão era de que estava de mudança ou que se despedia da vida. Não tinha nada que lembrasse uma infância boa ou mesmo apenas uma infância. Havia vazio, tristeza...

Lembrei-me de minha própria vida. Sempre fomos pobres materialmente, mas nunca pobres de espírito, nunca faltou amor no nosso lar humilde e, mesmo diante dos muitos problemas que enfrentamos, estávamos sempre amparados pela nossa fé em Deus e ajudando-nos mutuamente.

Vislumbrei a figura de Júlia tentando, mesmo que disfarçadamente, arrumar o quarto, talvez para quebrar um pouco da dor que aquele local revelava. Meus olhos foram os primeiros a espelhar o que senti, depois, senti o coração disparar em meu peito...

Cresceu em mim um sentimento de amor tão forte, verdadeiro, que parecia exalar por todo o meu corpo trêmulo, ao mesmo tempo que ele tomava vida própria.

Diminuí o espaço que nos separava e abracei-a fortemente. Queria que sentisse todo esse amor. Disse-lhe em seu ouvido, com minha voz embargada por essa emoção maravilhosa:

– Vai dar tudo certo! Você vai ser feliz! Eu te amo! Eu te amo! – As palavras, tão fluentes em mim, agora estavam sufocadas por aquela energia. Senti seus braços me apertarem o tronco, retribuindo, buscando refúgio, proteção... Ao mesmo tempo, pude sentir sua respiração calma, de quem confiava no que estava ouvindo.

– Eu também te amo! – Sua voz era baixa, parecia mais um sussurro. Compreendia toda sua resistência àquele sentimento do qual fora privada, e de quem primeiro deveria tê-lo dado a ela: sua mãe.

Eu não sabia explicar, ou sabia, porque minha religião tinha explicação, mas era estranho como me sentia responsável por ela. Não que aquilo me pesasse, ao contrário, era um sentimento bom,

de proteção, de cuidado. De agora em diante estaria sempre por perto, de todas as formas.

Entendia, no entanto, que sua alma ainda era aflita, temerosa e podia compreender os porquês. Contudo, lutaria todos os dias para que, aos poucos, fosse acreditando e se fortalecendo.

Apesar de todas as nossas dores, estamos sempre em aprendizado. O que na verdade julgamos um mal, quase sempre é a nossa forma fatalista de observar a vida.

– Ju, como você sabe, sou espírita e acredito que todo efeito tem uma causa... – Ela me interrompeu e rebateu um tanto irônica:

– Já sei, nós voltamos para pagar nossos erros. Com isso, posso concluir que meus pecados são enormes. Informo que deixei de acreditar em Deus há um tempo...

Suspirei com certo tédio diante daquela colocação. Era sempre a mesma ideia infeliz sobre reencarnação e sobre culpar Deus. Segurei-a pelos ombros, apertando levemente seus braços, e fiz as devidas correções, sem desviar meus olhos dos dela.

– Não! Você, como todos os que pensam assim, estão enganados. Você nem ninguém vêm pagar nada. Esse termo que colocaram para explicar a reencarnação é muito infeliz. Reencarnação não é cobrança de débito algum. Quem renasce vem com um único objetivo: aprender, aprender e aprender. A proposta do retorno à Terra é evangelizadora. Não importa o que você fez em outras existências, o que vai importar é o que está fazendo agora. Lógico que temos o conhecimento de que não somos espíritos evoluídos, mas ficar presos a um passado não nos leva a lugar algum. – Fiz uma pausa tomando fôlego.

Suas mãos tocaram meus braços com delicadeza e sorriu em resposta, como se tivesse entendido o que eu tinha acabado de falar, mesmo assim continuei:

– Ninguém nasce para sofrer, Ju! Essa é outra ideia equivocada de muitos. Nascemos e renascemos para aprender, e não mais errar, cada um do seu modo, mas, o objetivo é sempre o mesmo. A lei funciona assim: se você faz algo, qualquer coisa, você terá uma consequência, logo, se for algo bom, a consequência é boa e o contrário também. Acontece que muitos ficam presos ao passado,

tentando saber o que fizeram ou que foram, e isso, na verdade, não mudará nada. O que mudará é o que fizerem agora. E Deus, independentemente de sua crença, continua sendo Deus e amando você.

Ela me sorriu, desta vez de um modo gentil, como se me agradecesse:

– Tenho que estudar, Bryan. Do pouco que conheço, sua religião parece ter lógica. Aos poucos vou revendo o que penso em relação a isso.

– Eu a ajudarei, Ju, com muito prazer – sorri em resposta. Para minha surpresa, ela me abraçou e encostou sua cabeça em meu peito. Senti que relaxou, como quando deitamos em nossa cama depois de um dia cansativo.

Sorri, descansando meu queixo em cima de sua cabeça. Era bom saber que podemos dar um pouco de paz às pessoas, principalmente quando essa pessoa é alguém que amamos.

– O que está acontecendo aqui? – Viramos juntos, assustados com o tom acusatório daquela voz.

Ao mirar os olhos daquele homem na minha frente, sabia exatamente de quem se tratava, e minha reação não foi muito diferente do que eu pensei.

ALÍCIA

Às vezes parece que nascemos para sofrer mesmo! Minha vida era uma montanha-russa de horrores. Desde muito pequena passo por inúmeras dificuldades. Quando parece que algo bom chega, logo acaba...

– Que droga de vida! – Minha mãe me olhou de relance por cima dos seus óculos escuros, mas, para a minha felicidade, não fez nenhum comentário. Sabia que estava sofrendo também. Minha cabeça não parava de doer e ainda podia escutar a voz da mãe de Matheus me falando tudo aquilo.

– Eu acho que ele falou a verdade, minha filha! – disse, finalmente, mas sem tirar os olhos do trânsito, que parecia infernal.

– A questão não é essa. Eu também acredito que tenha falado a verdade, mas como vou suportar o fato de saber que sua mãe acha que serei a desgraça da vida dele? Isso não vai dar certo. Não que me importe com o que ela pensa... Não estou nem aí, mas me importo com ele. – As palavras formavam um bolo na boca e no estômago. Minha cabeça latejou.

– Minha filha, o que aquela mulher falou foi horrível! Mas não vou condená-la. Ela apenas queria proteger seu filho e agiu como muitas mães agiriam. Você sabe quanto foi difícil para mim aceitar também, não pelas mesmas razões, mas ainda assim foi difícil. – Suspirou e continuou: – Por isso, peço que não deixe seu coração se tornar duro, isso pode prejudicar a sua saúde. Sem falar que ela já tem problemas demais! A vida daquela mulher não deve ser nada fácil. – Surpreendi-me ao escutar as suas palavras. Ela

parecia tão... tão... tão Bryan! Girei minha cabeça fitando-a, deixando clara a minha surpresa.

Rapidamente ela captou minha linguagem fisionômica e continuou a surpreender-me:

– Eu comprei *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e estou lendo um pedaço todos os dias. Na verdade, eu já estou lendo pela terceira vez. – Sorriu levemente ao ver minha cara e explicou: – Foi o Bryan quem me indicou. Eu pedi uma orientação a ele.

Pigarreou e prosseguiu:

– Não é um livro para se ler apenas, é para estudar, compreender... Bem, é um livro para se ter por perto sempre, cada vez que você lê, vai entendendo melhor. É uma fonte inesgotável de conhecimento, minha filha, e está me fazendo um bem tão grande! Sinto-me mais forte, mais feliz, até.

Isso era verdade. Ela estava mais leve, seu olhar demonstrava uma calma de espírito.

– Então, você descobriu a arma secreta do Bryan? Bem, pelo menos é algo bem interessante – sorri levemente, me sentindo feliz por ela e melhor com suas palavras. Ela poderia ter razão.

– Sim, podemos dizer que sim – sorriu me olhando rapidamente para não ter que tirar os olhos da estrada. Era uma boa motorista.

– Você pode ter razão! Deve ser difícil para ele também, mesmo com uma cabeça mais liberal. Por mais que tentem colocar as coisas de forma natural, é muito para um filho entender que seu pai prefere se relacionar com homens a se relacionar com a própria mãe.

– Verdade. Esse assunto deve ser muito bem discutido e, no caso do Matheus, pelo jeito não foi. Lamento por descobrir daquela forma. No fundo deve ser difícil para todos, principalmente para o pai dele. – Olhou-me e solicitou novamente: – Portanto, minha filha, ele também precisa de você. A maneira como falou, a sua relação com o pai não deve ser nada calorosa e... – Eu a interrompi, lembrando do que havia me dito:

– Não. Ele nem fala com o pai e, quando isso acontece, é com brigas. Eu não entendia o porquê, nunca havia me falado. Agora

consigo compreender e tudo faz sentido. – Meu coração se apertou, fitei minha mãe e, mesmo com os olhos escondidos atrás dos óculos, enxerguei tristeza.

Levei minhas mãos às têmporas, apertando-as com as pontas dos dedos. Minha cabeça doía demais. Mas, sem querer perder meu raciocínio, prossegui:

– Hoje entendo a sua necessidade de respostas. Ele tinha medo que a homossexualidade fosse hereditária... Claro que esse pensamento foi no início e também pelo impacto que a situação deve ter causado!... Acho, ainda, que era uma forma de suportar, ocupar a mente. Tudo isso é muito complicado, principalmente por não ter encontrado ajuda em sua mãe... – suspirei fatigada de tudo aquilo e concluí: – Hoje eu consigo compreender, mas não sei como lidar com tudo isso. Não vou ser hipócrita e dizer que está tudo bem de minha parte. Eu não sei o que fazer. – Calei-me num gesto quase imperceptível, lembrando-me de Matheus.

– Ele precisa de você, Alícia! Não precisa saber o que fazer, quase nunca sabemos mesmo. O importante é descobrir isso vivendo ao lado de quem se gosta. – Escutei com atenção o que minha mãe me falava. Falava sem pressa, seu tom era cordial, parecia que, pela maneira como discorria, não tinha firmeza, mas era só impressão.

Suas palavras me fizeram refletir num paradoxo; depois de minha doença, eu sempre me achei incapaz, acreditava que não poderia ser mais útil a ninguém. Agora, escutando aquelas palavras, me dei conta de que, independentemente de qualquer situação, você pode sempre ajudar. Não é sua condição física que define você, é sua condição psíquica, emocional.

Sorri. Aquilo parece que me tirou uma cortina que obscurecia a minha parca visão. Estranho isso!...

– Você tem razão, mãe! – disse com o entusiasmo de quem havia descoberto uma mina de ouro, talvez bem mais preciosa para mim.

Minha mãe me olhou com um sorriso vencedor, disfarçando a emoção. Era a primeira vez, desde que me lembro, que estávamos

verdadeiramente conectadas, e aquilo nos fez muito bem, nos deixou em paz.

Estou falando *nós*, porque, muito mais do que em mim, podia observar isso nela.

– Posso usar seu telefone? – perguntei segura do que queria fazer.

– Claro, meu amor! – respondeu sabendo exatamente o que iria fazer e me oferecendo um olhar de cumplicidade.

Silêncio! O telefone chamava e meu coração juntamente com ele. A voz de Matheus pareceu triste e vacilante quando atendeu.

– Oi, sou eu! Estou ligando do fone de minha mãe. – Fiz uma pausa e com o mesmo tom cordial continuei: – Será que você poderia ir depois lá para casa? Pode ir para dormir, minha mãe deixa – disse a última parte olhando para ela, que balançou a cabeça sorrindo em sinal de positivo. Devolvi o sorriso em agradecimento e escutei sua voz com um sonoro sim, bem diferente de como atendeu...

– Parabéns, minha filha! Você está fazendo a coisa certa – disse estacionando o carro em frente a uma loja, assim que devolvi o seu celular.

– E como você sabe disso? – perguntei desejando muito ouvir a sua resposta.

– Porque isso lhe faz bem. Não aquela felicidade aparente, mas aquela que lhe dá paz na alma. Aquela que vem do nosso coração e que temos de passar por cima do nosso orgulho.

Mais uma vez ela acertou. Estava me sentindo melhor, mais forte. Na verdade, estava me sentindo mais madura por não levar aquela situação ao pieguismo de me achar sempre vítima de tudo. Estava satisfeita por não colocar a minha doença como suporte e não enxergar apenas a minha necessidade, sabendo que isso não faz de mim o centro das atenções nem a pessoa mais sofredora do universo.

Temos, muitas vezes, essa infeliz inclinação. Até estava mais conectada com Deus, apesar de ter minhas próprias conclusões a respeito. Não baseava minha crença no que muitas religiões diziam. Nesse Deus não acreditava de jeito nenhum. E isso estava

me fazendo um bem muito grande, pois sentia-o na natureza, com os animais...

Era a minha forma de entendê-lo. Minha mãe respeitava e Matheus concordava comigo. Chegamos juntos a algumas conclusões. Estávamos fazendo um estudo a esse respeito.

As horas passaram rápidas, para minha alegria, e a noite chegou. Ao ver Matheus na minha frente, tão lindo com aquele sorriso torto, aqueles olhos por trás de seus óculos tão necessitados de mim, me senti importante.

– Oi! – sorri e percebi seu rosto suavizar-se com o meu tom carinhoso.

– Oi!... – premiou-me com um sorriso sincero. Após alguns segundos de um silêncio vacilante, disse, aproximando-se: – Estou feliz de estar aqui.

– Estou feliz que esteja. – Esbocei um sorriso estudando seu rosto. Sentia meus lábios tremerem, assim como minhas mãos, que escondia dentro do moletom. Vi olheiras em torno de seus olhos, um olhar gozador agora e mais confiante. Estava mais à vontade.

Levou a mão ao meu rosto e retirou alguns fios de cabelo que caíam. A clara sensação e o calor de seu toque espalharam-se por minha pele e alcançaram meu estômago rapidamente. Capturei em minha memória o gosto de seus lábios e, quase num gesto involuntário, fechei meus olhos.

– Você é linda! Preciso de você como do ar que respiro, Liça! – disse fazendo um carinho em minha face com um leve toque de seus lábios. Abri os olhos e não consegui fechá-los, tomada por uma mistura de alegria e inquietação.

– Também preciso de você! – disse tocando seus braços que envolviam minha cintura. O seu hálito de pastilha de hortelã chegou mais próximo e senti o sabor de seus lábios ao tocarem os meus.

Já havíamos nos beijado tantas vezes antes, mas agora parecia diferente. Senti um forte anseio que fez meu coração bater mais acelerado, dando também a certeza de que estávamos

verdadeiramente juntos. Havia uma desenvoltura, uma confiança intrínseca que nos unia.

Mais tarde, olhando a lua, abraçados na varanda do meu quarto, o silêncio era confortável. Para nossa alegria, o céu estava lindo! Limpo, com muitas estrelas que brilhavam para nós, e a lua coroava tudo com sua beleza e luminosidade, fazendo formas nos canteiros do jardim, abaixo de nós.

Quem diria que em tão pouco tempo minha vida mudaria tanto! De pensamentos suicidas e deprimentes, passei a sorrir, mesmo sabendo que aquela doença não sairia de mim. Podia dizer que havia sido o Bryan, o Matheus que me fizeram mudar. Contudo, tinha outra visão hoje.

Todos eles ajudaram, e muito, mas, se não tivesse me dado a chance de rever meus pensamentos, conceitos, jamais estaria aqui. Possivelmente estaria morta... Aquele pensamento me deu um calafrio. Não queria mais pensar nessa possibilidade.

Queria viver e fazer algo por pessoas que, assim como eu antes, também sofriam de desesperança, deixando de lutar pela vida, entregando-se ao caos em que nossa mente se transforma quando não cuidamos dela.

– Eu quero fazer algo pelas outras pessoas, Matheus! – disse num átimo de lucidez. Automaticamente, me virei e disparei a falar sem dar tempo a ele de dizer nada: – Assim como nós, deve haver milhares de pessoas que sofrem, que sentem tristeza a ponto de quererem desistir de tudo e se entregarem a esse caos que nossa mente cria. Quero ajudar!... Quero poder dizer ao mundo ou a quem queira escutar que tudo pode ser diferente!...

Via seus olhos me estudando, analisando tudo o que escutava. Sem esperar pelas suas colocações, dei prosseguimento:

– Sabe do que me dei conta hoje? De que não é a nossa condição física que define quem somos, e sim a condição psíquica. Não importa se você é doente, paralítico, ou seja lá qual problema tenha, é o seu emocional que controla suas ações. – Li em seu rosto uma expressão de orgulho. Sorriu, segurou meu rosto entre suas mãos e disse finalmente:

– Você tem toda razão, meu amor! Você é tão inteligente! Consigo entender e concordar com o que você falou. Vamos pensar em algo para fazer e, acredite, podemos fazer muito. Os recursos e os meios para fazer isso são muitos. Tenho muito orgulho de você! – Sorriu e me beijou.

Fechei meus olhos e só queria que aquele momento se prolongasse. Seu beijo conseguia me levar a um lugar tão bom...

BRYAN E JÚLIA

Olhei para aquele homem e quase todos os meus ensinamentos espíritas foram para o ralo... Não fosse o grande controle que exercitava comigo, mesmo numa situação difícil, eu teria cedido à vontade de quebrar sua cara, embora aquilo fosse muito mais do que difícil.

Fitei-a rapidamente. Li os seus olhos e ela os meus. O nosso diálogo sem palavras foi mais ou menos assim:

“– É ele!”

“– Eu sei.”

“– Estou com medo!”

“– Não fique, eu estou aqui. Nada irá lhe acontecer.”

E, para que ela não tivesse dúvidas, voltei-me de forma firme e disse sem titubear:

– Não está acontecendo nada de mais. Eu sou Bryan, o namorado de Júlia, e vim até aqui deixá-la. E você, quem é? – Vi seus lábios se apertarem e seus olhos me espreitarem em posição de ataque. Meus instintos rapidamente se aguçaram...

Desviei os olhos daquela criatura repugnante, fixei-os em Bryan, em suas palavras. Tentei assumir uma postura calma e composta. Percebi que o segundo de tempo que passava era tudo o que eu tinha para me controlar e refrear meu ímpeto de gritar com ele, de colocar para fora de uma vez o que me sufocava a alma. Mas não poderia estragar tudo, não agora, pela primeira vez na minha vida estava tendo uma chance real de mudar tudo.

– Namorado? Eu não sabia que você tinha namorado! Sua mãe já sabe disso? – Fazia uma pergunta atrás da outra, sem me

responder, intencionalmente. Eu lia todas as suas reações.

Ele sabia que tudo que estava fazendo poderia acabar. Essa crise é perigosa, muita coisa poderia acontecer, principalmente, algo que não queria que ocorresse. Não agora.

– Não. A mãe dela ainda não sabe. Eu vim até aqui hoje para conhecê-la e estávamos esperando por ela – respondi tentando ser razoável, tentando evitar um confronto.

– E você perdeu sua língua, por acaso? – Tinha a voz num timbre forte, e o olhar estava a ponto de romper todas as barreiras de uma pessoa civilizada. Mas não tive medo. Bryan me encorajava.

Senti uma força dentro de mim, uma sensação maior que o medo, de poder mesmo, me amparando naquele momento. Um movimento de repulsa, de fuga e antes de medo teria selado ali minha maldita vida, mas decidi que não daria essa chance a ele e respondi o mais altiva possível:

– Não tenho que dar satisfação de minha vida a você. Queira se retirar do meu quarto agora. – Vi que seu olhar se estreitou e, como por milagre, um sorriso irônico surgiu em seu rosto. Sempre fazia assim quando queria me ameaçar veladamente. Era como se escutasse seus pensamentos. Eles me diziam assim:

“– Mais tarde, quando seu namoradinho não estiver aqui, quero ver você me responder assim.”

Retirou-se sem uma palavra, acreditando que cumpriria seus pensamentos. Sem pensar duas vezes, fechei a porta atrás dele. Voltei-me para Bryan, que me olhava em silêncio, escrutinando meu ser. Assim era ele. Sentou-se na minha velha cama, mas não dei permissão para ele falar imediatamente.

Lutei com as lágrimas por algum tempo, e fiz um grande esforço para reprimi-las; não queria que aquele imbecil me visse chorar por medo ou alguma sensação de fraqueza. Agora, achei melhor deixá-las vir de uma vez... Só queria que o meu choro não deixasse o Bryan assustado...

A sensação de dor em seu rosto, de cansaço, era mais que notória e sabia que ela iria chorar. Assim que deu início, me aproximei e abracei-a com força. Queria que soubesse que nunca

mais estaria sozinha, mesmo quando não estivéssemos juntos. Tranquilei-me um pouco quando senti sua cabeça descansar em meu ombro.

– Ju, você não está só! Estarei sempre com você! Sempre! – Falava de forma suave, mesmo estando com meus nervos em desordem. Recorri à prece sincera e, como sempre, foi o melhor remédio. Aos poucos, fui assentando as emoções...

– Eu sei. Eu confio em você! – Minhas mãos e minha voz tremiam, porém, eram verdadeiras as minhas palavras. Devagar, fui sentindo o sangue retornar aos meus lábios, à minha face. Minha pulsação e meu coração também voltavam ao normal.

Eu não queria pensar no depois, não agora, quando estava em seus braços, sentindo sua proteção. Queria aproveitar tudo aquilo e me aninhei mais em seu corpo. Silêncio! Um contraste gritante com momentos atrás. Isso é bom...

Senti que estava sendo sincera. De suas palavras pude deduzir que não queria falar e respeito, até porque, como ela, eu gostava do silêncio. Desse silêncio que conforta.

Só pedia a Deus, em oração, que não me deixasse perder meus princípios que tanto valorizo e aprendi com a doutrina que tanto amo. Se eu fosse longe demais, a ponto de esquecê-los e buscar justificativa na minha insensatez, não seria digno deles...

Não expressei isso a Júlia em voz alta, temendo que não entendesse, pois, para muitos, a não violência era sinal de covardia. Contudo, não era essa a mensagem de Jesus, ao contrário, pedia que tivéssemos a coragem de dar a outra face quando batiam em uma... É um paradoxo mas as lições do Mestre são assim mesmo.

A questão era que não teria que convencer ninguém de que aquilo era o melhor a fazer, bastava sentir. Cada árvore tem o seu tempo de florescer e madurar o fruto, assim somos nós também.

Pedi de todo o coração, que aquela minha convicção me servisse de ajuda num momento de provação.

– Ju, quero pedir uma coisa – disse preparando o terreno, achando que poderia ser difícil. Fitei seus olhos, que buscavam os meus da mesma forma, com persistência...

– O quê? – Pude ver uma ponta de inquietação na voz dele e apertei sua mão involuntariamente. Ele sorriu. Entendi que o seu sorriso poderia ser minha cura, porque senti minha “adoração” por ele só aumentar. Em resposta, suas mãos procuraram as minhas vigorosamente, devolvendo o contato.

– Quero que hoje venha dormir em minha casa. – Vi seu rosto todo se iluminar e tive minha resposta, imediatamente, sem precisar de uma só palavra. Ela deu um risinho e esfregou as mãos se libertando das minhas para, então, envolver seus braços ao redor do meu pescoço.

– Um pedido desse nunca será recusado! – respondi em estado de graça. Seria o céu não estar naquela casa! Beije-o, me deliciando com aquela notícia. Apressei-me em arrumar minhas poucas coisas dentro da minha velha mochila, sob o seu olhar atento.

A noite caía quando saímos de casa. Minha mãe adorou a ideia e quase não acreditou quando o apresentei como meu namorado. Pela primeira vez a vi feliz comigo. Aquilo me deixou feliz também. Acho que pensava que eu era homossexual.

Enquanto andávamos sentindo o balanço suave do vento, eu me sentia mais leve. Aos poucos, o balanço das poucas árvores nos fez esquecer o clima sombrio na casa dela e consegui ver a felicidade estampada em cada parte de seu belo rosto. Era o melhor presente que poderia receber...

Minha mãe e irmã a receberam muito bem, como suspeitei. Porém, não deixaram de exprimir surpresa ao saber do meu namoro. Conversamos um pouco entre uma garfada e outra de uma macarronada que minha irmã resolveu fazer para o jantar... Bem, a Mel não era assim tão boa cozinheira, mas, àquela altura, não me importava nem um pouco com o tipo de comida...

– Vamos ver se você consegue tirar esse ar de sabe-tudo desse otário, Ju. Posso te chamar assim, né? – perguntou a irmã dele. Sorri e olhei-o feliz.

– Claro! Vou te chamar de Mel também, então, estamos empatadas – respondi terminando de lavar a louça, enquanto ele enxugava e ela varria a cozinha.

Era tudo tão maravilhoso que parecia estar sonhando, só pedia em meu coração que não acabasse. Iria adorar morar com eles. Mesmo nos dias difíceis...

Mais tarde, Mel já estava em seu quarto, que iria dividir comigo. Bryan achou melhor assim, mesmo sob os meus protestos. A casa era muito simples e funcional, tinha tanto amor impregnado em cada cômodo, que os objetos falavam com você.

Não! Não era loucura! Você conseguia sentir. Parecia que cada peça tinha uma função especial. Eram poucas, mas produziam no local, mesmo modesto, uma singularidade pelo bom gosto e pela harmonia que proporcionavam.

Fixei meu olhar em um boneco de porcelana com uma maquiagem bem extravagante. Ele empunhava um violino e roupas de cores fortes e vibrantes, que lançavam na atmosfera uma conotação de alegria, de vida. Dependendo do ângulo sob o qual você o olhasse, lhe oferecia uma fisionomia diferente. Ora triste, ora alegre, ora raivoso. Era impressionante!

Fitei Bryan sorrindo, encostado na porta da sala, enquanto eu ia de um canto a outro observando os ângulos que ele me proporcionava.

– Isso é impressionante! Ele muda de humor – disse ainda olhando o boneco. – É uma linda peça! – Gostava de arte, embora não conhecesse muito sobre o assunto.

– Sim. Nós o chamamos Bip, de bipolar. – Diminuí a distância entre nós e fui ao seu encontro. Vi que seus olhos brilhavam intensamente; havia ternura, e alegria em cada traço seu. Nunca a vi daquele jeito: tão leve, tão natural, tão à vontade...

– Você é linda! – disse tocando seu rosto levemente, também me sentindo assim como ela, como se estivesse vivendo um sonho. Beijei-a.

No início foi um beijo leve, porém, senti a cada momento uma necessidade mais forte de não parar. Por um momento cedi... depois me controlei. Sabia que tudo tinha que ser com muita calma e de forma que ela esquecesse as tristes experiências que já tinha vivido nessa área.

– Vamos dormir! Amanhã temos que acordar cedo. Tenho que ir dar aula. – Foi duro ter que tomar aquela decisão. Reconheci uma pontada de tristeza em seus olhos, porém, foram apenas alguns segundos, sabia que tinha razão e me sorriu gentilmente.

A noite não estava quente, isso ajudava um pouco, mas foi difícil adormecer. Tinha seu cheiro em minha pele... Ela era muito cheirosa. Cheirava a flores... Por algum tempo consegui concentrar meu pensamento em outros problemas, mas logo sua imagem voltou à minha mente.

– Droga! – Coloquei o travesseiro em cima de minha cabeça e o cansaço do dia foi meu aliado, finalmente adormeci...

Achei que não fosse conseguir dormir direito, porém, a conversa com Mel conseguiu me relaxar. Ela me falou do seu namoro com Henrique e mostrou uma foto dele. Ele é um jovem muito bonito, pelo jeito estão bem firmes. Formam um belo casal!

De repente aquele pensamento passou por minha cabeça: será que pensariam o mesmo sobre Bryan e eu?...

A manhã passou rápido, para minha tristeza. Segui com Bryan até o ponto de ônibus mais perto de sua casa e de lá tomamos rumos diferentes. Fui deixar currículos em algumas lojas, não iria morar na casa de ninguém sem poder colaborar...

Não estava nada fácil, até entrar em uma loja de roupas e acessórios femininos. Para minha sorte, a dona estava precisando com urgência de uma pessoa. Fez algumas perguntas, analisou bem meu currículo e de cara me perguntou se poderia começar já.

– Simm... – respondi meio gaguejando, surpresa com a contratação. O salário não era lá essas coisas, mas estava de bom tamanho para uma iniciante como eu. Assim que pude, liguei para o Bryan, que, como eu, ficou muito feliz.

A ironia é que não tive a mínima vontade de falar nada para minha família... A questão é que minha consciência cobrava minhas emoções. No entanto, minha razão falava tão ou mais alto que meus sentimentos e, nesse caso, me rendi totalmente à minha razão.

A lembrança da figura repulsiva do meu cunhado era mais que justificativa, era uma necessidade. Sabia que, de momento, iria

ficar quieto, mas isso não duraria muito tempo e, para falar a verdade, não via a hora de tudo isso se resolver.

– Tudo vai dar certo! Já está dando – disse a mim mesma. Pela primeira vez em minha vida, mesmo não sendo tão longa, consegui me sentir feliz, bem e esperançosa... Agradei a Deus! Sorri, suspirando alto. Saí de meus devaneios ao entrar uma cliente na loja.

Meu olhar levantou-se ao céu e agradei por ela, por mim, por tudo... Entretanto, algo me avisava, intimamente, de que ainda teríamos outro problema, além do seu cunhado.

Estava pensando em Marcos. Sabia, por conhecê-lo muito bem, que não deixaria simplesmente assim, sem nenhuma tentativa de algo... Tinha que avaliar o seu estado emocional, que sempre dera sinais de fraqueza extrema em momentos difíceis.

– Uma coisa de cada vez! – exclamei a mim mesmo, tentando não me deixar levar pelo pessimismo.

MARCOS

Um mês!... Trinta míseros dias sem parar de pensar um só minuto em Júlia. Na verdade, não entendia por que mexia tanto comigo, nunca fui de me ligar sério a ninguém mesmo. Contudo, ela sempre foi diferente aos meus olhos e ao meu coração.

A pior parte dessa história era ter que vê-la junto com o Bryan... Aquilo conseguia mexer com todos os meus neurônios... Sim, porque esse lance de coração é fajuto, quem controla a parada toda é o cérebro.

O Bryan tinha outra ideia; dizia que quem controla tudo é o espírito, o cérebro seria apenas um mecanismo material por meio do qual o espírito se manifesta... Ele estudava o Espiritismo, sempre me convidava para conhecer o centro espírita que frequentava, nunca quis. Tudo que sei a respeito era o que me explicava, algumas vezes, quando o questionava.

Ele veio falar comigo, mas assustei-me quando a minha única vontade era matá-lo. Não, isso não é uma hipérbole... Eu tinha vontade de que cada parte do seu ser desaparecesse e tinha que fazer um esforço enorme para não ter que colocar em prática o que os meus pensamentos formulavam... Já tinha tramado pelo menos umas dez formas de matá-lo...

Havia sinceridade em suas palavras, em seu modo de agir, na sua maneira gentil que lhe era tão característica, contudo, tudo isso só aumentava minha revolta e não lhe dei a chance de concluir seu discurso de desculpas...

Reconheci a tristeza estampada em seu rosto, quando, com palavras de baixo calão, o dispensei. Permiti-me o deleite de tê-lo

machucado de alguma forma, e a minha maldade não tardou a despertar emoções até agora desconhecidas para mim:

– Isso não vai terminar assim, Bryan traidor! – A ideia de vingança crescia em mim assustadoramente. Era como se fosse um veneno lançado em minha corrente sanguínea, tomando conta dela por completo...

O dia estava chuvoso; peguei minha mochila e segui até a faculdade. Assim que me aproximei da entrada, avistei Júlia parada à porta, com a expressão fechada, esperando alguém. Acreditei se tratar de Bryan e apressei meu passo.

Já era demais ter que estudar algumas disciplinas na mesma sala que ele. Porém, ao chegar mais perto, vi que a expressão do seu rosto se suavizou e ela me sorriu.

– Oi, Marcos! – Sua voz era gentil. Gostava de escutar meu nome sendo pronunciado pelos seus lábios. Senti um palpitar forte em meu coração e respondi com a voz falha:

– Olá, Júlia! – Pigarreei para que minha voz voltasse ao normal. Havia hesitação em seus modos, e no seu olhar se formou uma leve perturbação. Ela, como eu, estava nervosa. Não sabia como me comportar: indiferente, severo, ou até amigo...

– Podemos conversar um pouco? – Sua pergunta me tirou dos meus devaneios e respondi quase imediatamente, com uma alegria contida, mas com uma satisfação enorme em ficar ao seu lado, mesmo que fosse por pouco tempo.

– Sim, podemos! – Deixei-a escolher o local e a segui até um banco coberto em uma pequena praça entre um setor e outro.

Sem hesitação, começou a falar:

– Marcos, sinceramente não posso mandar no coração de ninguém. Só posso tentar controlar o meu e sei que essas “drogas” do coração são ruins mesmo... Veja bem, nós não tivemos nada, só temos amizade e não entendo esse lance de você culpar o Bryan... – A cada palavra meu contentamento de estar ao seu lado diminuía. Podia prever que aquela conversa não iria terminar bem. Mas deixei que continuasse. – Eu gosto de você, Marcos! Sou grata por tudo o que você fez. Por toda ajuda que me deu, mas nunca enganei você em relação aos meus

sentimentos. Você sempre soube que era amizade! – Sua voz revelara antes de as palavras serem pronunciadas a sua verdadeira intenção. Ela queria que eu perdoasse Bryan...

– Foi o Bryan que pediu que viesse aqui? – indaguei com certa irritação na voz.

– O quê? Não... Claro que não! Bryan jamais me pediria isso, mesmo muito preocupado com a pessoa em que está se transformando – respondeu com certa cautela, mas bem convicta do que queria dizer.

Havia algo no seu olhar que não soube identificar.

– Em que pessoa estou me transformando, Júlia? – perguntei cuspindo ironia.

– Em uma pessoa que me dá medo! O seu olhar... – Silêncio. Baixou a cabeça sem querer me encarar. Sabia dos traumas que carregava consigo por causa de sua maldita história.

Reconheci que minhas atitudes estavam afastando-a cada vez mais de mim e baixei também minha cabeça, encorajando-a a continuar falando. Parece que entendeu o recado e prosseguiu:

– Você é outra pessoa. Parece duro, frio, distante de tudo que possa mostrar que, apesar de tudo, ainda somos amigos. Todos somos amigos. Amizade assim não se pode jogar fora – Suspirou, mexeu as mãos nos joelhos e continuou: – Eu que fui atrás do Bryan, ele tentou me afastar de todas as formas por sua causa, mesmo gostando de mim. Eu o convenci de que não tínhamos nada, que estávamos apenas nos martirizando, porque eu nunca teria nada com você além de amizade. Sempre foi ele, Marcos! Eu nunca o enganei. – Seu olhar me estendia a mão numa piedade explícita.

Apesar de meus gestos ainda reprimidos, estava queimando de ódio por dentro, ao mesmo tempo que suas palavras conseguiam me torturar. No fundo sabia que falava a verdade.

Em algum lugar dentro de mim, da minha consciência, eu sabia o que devia fazer, e tinha que ser logo. A pouca lucidez que ainda me restava me conduzia a uma luta interna contra todos esses sentimentos de vingança, que só cresciam e dificultavam tudo para mim. Tremi por dentro, mas resolvi desabafar.

– Não, Júlia! Dizer isso para mim não diminui a minha dor! Não venha com pena de mim ou defender o seu namorado. Ele sempre soube dos meus sentimentos. Sempre! Não poderia ter feito isso e é por isso que não o perdoo. Porque, de uma forma ou de outra, me traiu. Isso foi covardia! Quanto a você, não se preocupe, não irei atrás feito um cão sem dono. Enganei-me sobre você também e todo esse seu discurso só reforça isso...

Um punhal dilacerava-me por dentro, tinha que machucá-la, teria que sentir o veneno que me alimentava esses dias.

– Agora entendo por que aquele imbecil do seu cunhado vive atrás de você. Você é fácil! Você banca de coitada, mas, na verdade, provoca tudo... – Eu a vi arregalar os olhos ao mesmo tempo que seu rosto perdia a cor, para segundos depois suas feições mudarem novamente; sua cor assumira um rubor intenso, seus olhos vertiam ódio...

– Cale a boca! – gritou apertando sua mochila contra o peito.

– Qual é! A verdade dói? – continuei sarcástico, sentindo prazer em ver em seu rosto um misto de emoções: tristeza, ódio, confusão...

Um olhar selvagem surgiu em seu rosto, levantou as sobrancelhas, ergueu-se e disse com os olhos já cheios de lágrimas:

– Você está sendo cruel! Eu sei que está tentando me machucar... – Sua voz falhou e quase me comovi, mas meus sentimentos estavam pesados demais e continuei:

– Cruel! E você está sendo o quê? Benevolente? Amiga? Interessante! Eu tenho que engolir toda a droga desse sentimento e achar bom você vir falar que gosta do Bryan, que sempre foi ele, que ele é o melhor... Não! Que você e ele vão para os quintos dos infernos! O amor é cruel, Júlia! – Ergui-me também, me aproximei mais até terminar de cuspir todo o meu veneno: – Você e aquele imbecil vão pagar por tudo o que me fizeram... Não é ele quem diz que tudo tem consequência? Então, comecem a se acostumar com a ideia... – Observei que tremia, que estava com medo... Só que estava decidido, não iria voltar atrás, era apenas uma questão de tempo.

– Você está me ameaçando? Eu não o conheço mais! – Enxugou as lágrimas que desciam pelo seu rosto com o dorso da mão e prosseguiu com a voz embargada: – O amor não é cruel! O homem, Marcos... O homem que é cruel, como você está sendo. Não temos culpa por gostar um do outro. Você não tem culpa de gostar de mim, mas devemos e podemos direcionar esse sentimento... Ele tem que nos fazer bem... Você vai encontrar alguém que te retribuirá cada centímetro desse sentimento, porém, nunca deve impor ele a quem quer que seja. É isso que nos aprisiona... É a nossa forma de amar... Na verdade isso é egoísmo, não amor! – Enquanto falava, minha razão virava as costas, minha consciência se negava a assumir o posto que lhe era devido, dando lugar às minhas emoções conflituosas, cheias de ódio.

– O que você sabe de amor? Nada! Nunca recebeu de ninguém, então, não venha com essa catequização – esbravejei, me dando conta da influência de Bryan sobre ela. Aquilo me enfurecia ainda mais. – Hipócrita! Eu abomino esses discursos religiosos de amor! Não servem para mim. Na verdade, não servem para ninguém... Ninguém é bom o bastante para ficar com ele na boca quando o coração está cheio de fel...

Mentalmente falava muitas outras coisas, mas meus olhos, ao contemplarem seu semblante de dor, resolveram calar minha voz, embora não cedesse minha vontade de feri-la. A sua resposta foi implacável.

– Você tem razão, Marcos. Eu nunca recebi amor de ninguém. Talvez eu nem mereça, mas não vou desperdiçar a chance que está sendo ofertada e espero que, algum dia, quando você descobrir que existe um amor que pode ser correspondido, também não desperdice, porque é muito bom. Faz um bem enorme. – Era tão difícil resistir ao seu olhar... Eu sei que fui muito duro com ela...

No fundo, a única coisa que queria era correr para seus braços, beijá-la, sentir sua boca na minha, poder protegê-la daquele demônio que morava em sua casa... Eu bem sabia que ela era uma vítima, como muitas que existem pelo mundo.

Levei as mãos à cabeça e dei voltas em círculos, numa atitude desesperada para, quem sabe, juntar as ideias tão desconexas que brigavam dentro de mim. Dobrei um pouco os joelhos amparando minhas mãos para respirar um pouco melhor; estava sem ar, sem chão...

O barulho da chuva, que caía agora mais forte, era calmante, amenizava um pouco a confusão dentro de mim, que parecia gritar a todos. Parecia que existiam dois de mim: um que lutava para me libertar e seguir minha vida e outro que me aprisionava ao meu orgulho de ter sido trocado pelo meu melhor amigo. Era desesperador!

– Marcos! Por favor, vamos ser amigos. Vamos esquecer tudo isso e levar nossa vida! No final tudo dá certo... – Tinha uma voz doce ao mesmo tempo que havia uma urgência em seu olhar.

A porcaria de tudo isso era que o meu lado orgulhoso era pertinaz, e a leve lembrança dela com Bryan era suficiente para jogar fora toda e qualquer chance de aquilo um dia acontecer.

– Lamento, Júlia! É mais forte que eu. Nunca mais iremos ser amigos! – Prestava atenção e, a cada palavra minha, observava seu rosto se desfigurar em uma dor real, como se eu fosse verdadeiramente importante para ela.

Esse pensamento trouxe novamente a dualidade, mas apenas por tempo suficiente para minha mente voltar a gritar que ela havia me trocado e que ceder seria um sinal de fraqueza... Não! Isso não iria acontecer.

– Quem lamenta sou eu, Marcos! Tudo poderia ser diferente. Agora imagine se fosse o contrário, se quem estivesse no seu lugar fosse o Bryan. Como você acha que ele agiria? Pense nisso! – Silenciei. Nunca havia pensado nessa hipótese.

Ela levou a mochila às costas e sem mais uma palavra sumiu pelo corredor que dava acesso ao outro setor da universidade. Suas palavras ecoavam em minha cabeça como um sino que badala sem parar no toque da hora precisa. Deixei meu corpo cair no banco.

Por mais que não quisesse pensar, tinha a resposta da indagação dela: Bryan certamente me perdoaria. Aquele

pensamento, por um momento, aquietou minha alma e me dei conta de que chorava... Chorava por mim, por essa droga de amor que fazia doer o peito, o corpo, a mente... Suspirei fundo.

O barulho de um casal rindo me despertou e, ao contemplá-lo tive a visão de um jovem casal se abraçando e rindo de algo que um dizia ao outro, e imagens de Júlia e Bryan se formaram rapidamente em minha mente...

Meu efervescente mundo íntimo mudou do mesmo jeito. Enxuguei as lágrimas ríspidamente e disse a mim mesmo, numa promessa macabra:

– Nunca vão ficar juntos! Não enquanto eu for vivo! – Escutei uma gargalhada. Olhei para os lados, mas não vi ninguém. Peguei minha mochila e fui embora, não tinha saco nem estômago para assistir à aula com a possibilidade de encontrar os dois.

Essa dor, essa impossibilidade de controlar minha vontade de estar com ela era dolorosa demais... Queria ter ocultado meus sentimentos antes de me arriscar nas minhas tolas confissões e juras de amor.

– Otário! Agora, eles riem de mim ou muito pior, sentem pena do coitadinho que está sofrendo rejeitado... Vocês verão quem vai sofrer! Aguardem-me! – Fazia promessas a mim mesmo o tempo todo, bolando planos e planos de vingança.

Era uma luta constante, uma briga de polaridades. Era cansativo, porque minha mente não tinha descanso. Vivia em função desses pensamentos, dessa raiva que me alimentava e ao mesmo tempo me consumia. Eu tinha consciência de que qualquer decisão que tomasse mudaria toda a minha vida. Olhava para outras garotas, tentava buscar algumas do passado, mas a visão de Júlia me perseguia...

BÁRBARA E MEL

Levantei minha cabeça para olhar: lá estava ela novamente discutindo... Barbie se irritava com tudo e com todos e, por tabela, me irritava ainda mais.

Quando o Bryan me falou que iria ser difícil, não pensei que fosse tanto. Revirei os olhos.

– Barbie! – Imprimi na voz toda autoridade possível, porém, ela nem se deu o trabalho de me olhar. Caminhei sem paciência e quando, por pensamento, tinha a intenção de segurá-la pelo braço e tirá-la sem a menor crise de consciência, Henrique surgiu do nada e se pôs na minha frente.

– Não, Mel! – disse baixinho me olhando fixamente, como se lesse minha mente. Colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, e com um olhar suave e uma voz extremamente doce, falou novamente:

– Tenha paciência, meu amor!

Meu coração estacou na mesma hora. Ele tinha essa capacidade incrível de me acalmar. Respirei fundo, levantando os ombros, e disse, tentando justificar a minha quase atitude – podia dizer que era uma atitude, afinal, tudo começa a se construir no pensamento e o meu, em relação a Barbie, não era exatamente bom:

– Pelo amor de Deus, você não está vendo o que ela está fazendo? Eu sou humana, Henry! – Levei minhas mãos à cintura, procurando não elevar o tom de minha voz.

– Claro, meu amor! Eu sei que ela não é fácil, mas você não vai ajudá-la assim. Posso tentar? – Confesso que não gostei muito

da ideia, mas não sabia dizer não a ele, principalmente quando estava sendo sensato.

– Ela é toda sua. Vai fundo! – Dei a volta e retornei ao meu lugar de origem, de frente para a turma que, a essa altura, já tinha outros BOs para resolver. Porém, tomando todo o cuidado para que não percebesse, acompanhei sua abordagem com a “estrela” da turma...

Bárbara, alterada com a coleguinha, pensava e esbravejava:

Essa menina é louca! Pensava nisso quando ela me dizia que amarelo era muito mais bonito que rosa e tentava colorir todo o nosso trabalho com essa cor...

– Minha filha, de que mundo você veio para achar que amarelo é mais bonito que rosa? Você é doida? Não vou deixar você acabar com o meu trabalho... – gritei, tomando a capa do trabalho que ela já tinha nas mãos, quando escutei a voz de Mel, a chata da irmã do Bryan, me repreendendo... Nem olhei.

– O trabalho não é só seu! Eu também tenho direito de escolher uma cor, a minha é amarelo, vou pintar e pronto. – Sua voz era firme, embora fosse calma.

Observei suas roupas feias e velhas, ela tinha um péssimo gosto para se vestir. Imagine o que não iria fazer com isso! Seu cabelo era todo assanhado, nem sapato usava! Vinha com um chinelo de dedo, sujo e velho... Mas nem morta que a deixaria fazer o que queria.

– Veja bem, minha querida! Olhe para você, você se veste muito mal, nem o cabelo ajeita, vem de chinelo!... Isso não é permitido. Não vou deixar você acabar com o trabalho... Você é feia e muito brega! – Antes de ela dizer qualquer coisa, observei que, a cada palavra minha, se encolhia na cadeira e seus olhos se encheram de lágrimas...

Ganhei! Eu sou muito boa nisso... Sorri por dentro até escutar a voz sempre gentil do lindo namorado da chata da Mel atrás de mim.

– O que está acontecendo aqui? – Imediatamente fiz biquinho e contei a ele, sem deixar minha rival falar. Ele esperou

pacientemente, depois olhou para Alice (esse era o nome dela) e pediu que dissesse sua versão.

Tentei protestar, mas ele me cortou:

– Barbie, aprenda uma coisa: toda história tem sempre duas versões, a sua e a de outra pessoa. É nisso que se baseia a justiça. E, se quer realmente ter razão, terá que escutar o que a outra pessoa tem a dizer, assim verá se ela fala a verdade ou se suas reclamações são justas, caso contrário, nunca terá ganho nada de verdade. Não terá mérito em nada, entendeu?

Calei-me. Ele era igual ao Bryan, sempre sabia me deixar sem palavras e parecia que lia meus pensamentos. Escutei em silêncio, embora minha mente quisesse gritar com Alice, mesmo reconhecendo que ela tinha falado a verdade em tudo, sem aumentar nada...

O que achei até bobo da parte dela, pois poderia ter aproveitado e dito coisas contra mim... Afinal, era assim que meu pai me ensinou: que nunca ficasse por baixo em nada.

– Muito bem, vejo que isso é muito simples de resolver. O trabalho é feito em dupla, logo, cada uma tem uma ideia. Então, vamos juntar as duas ideias, unir as cores e criar uma nova cor. Podemos até dar um nome a essa nova cor. Hummm... Que tal bali? *Ba* de Barbie e *li* de Alice – disse olhando ora para mim, ora para Alice em expectativa.

Confesso que achei a ideia muito legal, uma cor própria. Preferi ficar em silêncio para não dar o gosto a ele tão rapidamente. Já Alice sorriu e, muito animada, aceitou sem pestanejar. Ele sorriu de volta para ela. Observava que todos gostavam muito dela. Ela era gentil, toda educada, embora fosse firme quando falava...

Aquilo me incomodava; na verdade, sentia ciúmes... Fechei minha cara. Contudo, isso mudou quando ele fez um carinho em minha cabeça. Quase não recebia carinho de ninguém. Sorri e o abracei com força. Ele retribuiu e ainda me deu um beijo... Achei o máximo! Minha alegria voltou e aceitei sua ideia feliz...

Emocionei-me quando vi a Barbie se atirando nos braços de meu namorado. Então, me dei conta do que aprendi no processo de evangelização: tudo o amor e a disciplina vencem. O Henrique

era amoroso sem, no entanto, deixar de ser firme com a desculpa de ser bonzinho.

A Barbie tinha o que quase todas as crianças ali não possuíam: uma vida confortável, porém, lhe faltava o principal, que dinheiro nenhum compra: o carinho, a atenção, uma disciplina baseada numa moral de verdade... a moral de Jesus, que deveria nortear todos os lares...

Fixei meu olhar em meu lindo namorado... Meus olhos brilharam e minha alma se ergueu ao infinito repleta de um amor que me encheu o coração ao reconhecer a “sorte” que tinha ao ter o seu amor, o seu respeito...

Meu espírito falava ao meu coração: “Como eu o amo, meu Deus! Obrigada!”. Seu olhar cruzou com o meu e ele sorriu. Um sorriso limpo, sincero, sem nenhuma sombra de vitória em cima da atitude que deveria ter tomado.

Ele não ensinou só a pequena Barbie. Ele me deu uma bela lição!

– Eu te amo! – movi meus lábios em silêncio, apenas para ele.

– Eu também! Muito! – veio a resposta do mesmo jeito, apenas pelo movimento dos lábios.

Meu coração se encheu de luz! Aquele bondoso rapaz me ofertava seu amor de uma forma tão honesta. Senti-me especial por ser a escolhida do seu coração. Não poderia decepcioná-lo. Iria ter paciência com Barbie, assim como tenho com todos. Iria tentar oferecer a ela o que nunca me faltara: o amor por meio de um cuidado, de puxão de orelha quando necessário, de um não na hora certa, bem como de um sorriso, de um afago, de um sim, de um parabéns...

Tudo isso fazia tanta diferença em nossa vida! Cuidadosamente, voltei ao meu trabalho com a alma cheia de uma energia nova; calma, radiante...

Comecei a interagir com Alice de outra forma, acho que foi a alegria que o carinho de Henrique me deu. Quando me dei conta, estávamos rindo e trocando ideias. Achei até legal o que ela falava... Ela era inteligente.

Aquilo era diferente para mim... No início, era tudo muito estranho. No entanto, gostava da atenção que tinha deles. Eles pareciam sinceros, perguntavam se estava tudo bem, se preocupavam de verdade comigo. Até a chata da Mel... Eles me ensinavam coisas bem diferentes das que meus pais me falavam.

Ficava confusa, às vezes, na minha cabeça, mas comecei a observar, pelas histórias que contavam, pelos estudos que ensinavam, que tudo tinha lógica, quando me pediam, por exemplo, para ajudar um colega de classe, aí meu coração se enchia de felicidade, coisa que nunca fazia normalmente.

Outro dia, um menino chorava porque a bolinha com que brincava escapava de sua mão. Bryan me pediu para brincar um pouco com ele. Minha resposta de imediato foi:

– De jeito nenhum, Bryan! Posso me sujar! – Com toda sua inteligência, ele me convenceu dizendo que eu iria me sentir melhor. Relutante, aceitei sua sugestão e, na primeira gargalhada do pequeno ao devolver a bolinha que jogara fora, senti uma felicidade!

Ele sorria com vontade e, quando percebi, sorria com ele, e todos em volta também sorriam de suas gargalhadas maravilhosas... O melhor foi no final, quando tive que entrar na sala, e ele começou a chorar. Mesmo vindo outra pessoa brincar com ele, não parava de chorar e apontava para mim.

Sem entender, olhei para Mel, que sorrindo me disse:

– Ele gosta de você, Barbie! Você foi a escolhida dele! – Sorri para ela e senti meu coração alegre... Nunca ninguém tinha me escolhido!

– Ele é lindo! – disse a Mel em estado de graça.

– Sim, ele é! Assim como você! – Naquele dia nem a achei chata... Sorri e entrei na sala com uma alegria que não sabia explicar.

Achava ruim o fato de essas aulas serem apenas uma vez por semana, porque nos outros dias estava sozinha de novo... Sem mãe, sem pai, eles nunca estavam verdadeiramente lá comigo...

Sentia falta de minha mãe e até das suas reclamações. Eu chorava. Não chorava na frente de ninguém, meu pai não podia

ver... Iria dizer que era fraqueza, mas me sentia melhor depois que chorava e conseguia ler alguns dos livros que o Bryan pedia que eu trouxesse para casa e para ler antes de dormir. Contudo, não conseguia orar... Tentava, mas achava tudo tão esquisito. Ficar falando com ninguém, então, não o fazia.

Meu pai, no início, até me perguntou o que estava aprendendo, mas sou esperta e não falei, disse que só brincávamos. Tinha medo de que ele não me deixasse continuar indo...

Apesar de pessoas tão diferentes de mim, me sentia bem. Elas se vestiam de forma diferente, tinham hábitos muito diferentes dos meus, mas conseguia me sentir à vontade e brincava. Conseguia ser criança...

Abri a porta e dei de cara com o Bryan e a Júlia sorrindo de algo.

– Qual a graça? Quero rir também!

– A Barbie hoje levou a Alice ao banheiro e praticamente lavou seu cabelo, dizendo que devia ficar assim, arrumado. Parecia uma velha falando com Alice, que só escutava e deixava o pequeno projeto de cabeleireira agir... – Júlia respondeu entre um sorriso e outro.

Todavia, não tive vontade de rir e expliquei:

– Hoje o Henrique deu uma lição nela e acho que aprendeu. Na verdade, apesar de ainda estar cedo para falar, creio que a cada dia ela está melhor. Bem, ele não só deu uma lição nela, mas em mim também. – Baixei minha cabeça.

Eles já não sorriam mais, apenas escutavam atentos. Suspirei envergonhada e prossegui:

– Por muito pouco não peguei a Barbie pelo braço e a tirei da sala. Ela apenas quer ser amada. Vocês precisavam ter visto como ficou quando Henry deu-lhe um beijo... – Minhas lágrimas saltaram dos meus olhos numa cascata. Funguei e continuei: – Ela só quer amor! Ela é muito carente! Eu sou uma babaca! Por que existem pais assim? – Levava as mãos ao rosto entre um soluço e outro.

Senti os braços de Bryan me envolver e ele beijar o topo de minha cabeça.

– Não fique assim, Mel! Não se cobre tanto! Tem dias que são mais difíceis que outros, mas, ainda assim, sempre teremos a mão de Deus por todos nós. Não devemos questionar o que os outros devem ou não fazer, não é papel nosso! Já é difícil ter de conviver com os nossos próprios erros, imagine administrar os erros dos outros! – Fez uma pausa e prosseguiu: – A Barbie está tendo a oportunidade de conviver com outra forma de vida, bem diferente daquela que seus pais acreditam estar certa, e tudo vai depender dela também, Mel. Estamos fazendo a nossa parte. Independentemente de qualquer coisa, vai dar tudo certo. As escolhas dela no futuro teremos que respeitar, mesmo que não sejam de nossa vontade, mas serão o melhor para ela.

Escutei com atenção suas palavras, enxuguei meu rosto e balancei a cabeça em sinal afirmativo. Ele tinha razão.

Júlia pulou em cima de nós e nos abraçou, sorrindo ao mesmo tempo que chorava...

JÚLIA

Quase quatro meses de uma vida tão diferente. O imbecil do meu cunhado tinha assumido um emprego em uma cidade vizinha e só voltava para casa nos fins de semana. Aproveitava esses dias em que estava em casa e me mudava para a casa de Bryan.

A minha chefe, graças à minha dedicação, apesar do pouco tempo, assinou minha carteira de trabalho com um salário maior. Marcos trancou a faculdade e, pelo que soube, estava trabalhando em alguma empresa de tecnologia. Não o vi mais desde o dia da nossa conversa.

Minha vida tinha ido do inferno ao céu em tão pouco tempo que parecia que estava sonhando... Isso me dava um pouco de medo... Sim, medo de que tudo pudesse acabar.

Isso é contraditório, eu sei, mas uma pessoa como eu, que sempre teve uma visão negativa da vida, tinha receio de perder tudo aquilo. O Bryan me ajudava em tudo; meus medos e traumas iam bem lentamente sendo esquecidos.

la ao centro espírita por vontade própria. No início acompanhava o Bryan para estar ao seu lado, porém, comecei a gostar, e o trabalho de evangelização me trazia uma alegria muito grande. Como não tinha conhecimentos para ser evangelizadora, auxiliava no lanche e na limpeza.

– Júlia, hoje virá um técnico ver o meu PC, você o acompanha, por favor? – disse Marjorie, minha chefe, enquanto se encaminhava para a porta e, sem esperar resposta, me deixou.

Ela nunca esperava resposta, na verdade.

– Sim, senhora – disse para mim mesma enquanto continuava o meu trabalho, cadastrando mercadorias novas. Tinha criado um banco de dados com todas as mercadorias, separando-as por artigos, o que facilitou muito o controle de estoque. Ela era muito desorganizada nesse quesito e deu muito trabalho até colocar tudo em ordem.

Toquei uma pequena peça e a admirei; era um brinco muito delicado que fazia par com uma fina corrente. O que lhe faltava em organização lhe sobrava em bom gosto, por isso sua loja era muito bem frequentada e, mesmo com a crise, não sentia muita diferença.

– Isso se parece com a Mel! Vou lhe dar de presente – pensei em voz alta separando a peça.

– Conversando sozinha? – Levantei a cabeça e vi Nat olhando-me com um sorriso em seu rosto. Não a tinha visto entrar. Ela era muito bonita e, apesar de achar que ainda nutria sentimentos pelo meu namorado, resolvi deixar as diferenças de lado e tratá-la normalmente, como colega de faculdade.

– Oi! Estava separando uma lembrancinha para a Mel, a irmã do Bryan. Achei essa peça a cara dela! – Estendi-a em sua direção.

Seu toque era delicado, suave. Tinha que confessar: ela era uma pessoa muito legal, além de bonita, inteligente e muito boa gente. O ciúme que sentia desapareceu e isso me fez um bem enorme.

Como aconteceu? Acredito que todas as vezes que, gentilmente, colocou meu nome nos trabalhos nas poucas disciplinas que cursávamos juntas na faculdade. Mesmo sob o protesto de todos do grupo, argumentava, e, como a maior parte era sempre ela que fazia, os demais se deixavam convencer.

– Nossa! É muito bonita. Você tem um excelente gosto. Sua cunhada vai adorar! – respondeu sem, no entanto, tirar os olhos da peça. Seu sotaque ainda era muito forte, mas já conseguíamos entender o que falava.

Sorri satisfeita de como se referiu a Mel.

– Eu estou procurando um presente. Você pode me ajudar?

– Claro! Com o maior prazer!...

O dia passou rápido e o técnico não veio ver o PC de Marjorie, o que a deixou bastante irritada.

Quando, finalmente, saí da loja, a noite já caía. Corri para a parada de ônibus e dei muita sorte, o ônibus chegou na hora e com lugares vagos. Sentei à janela, olhei para o céu, estava límpido. Uma estrela solitária brilhava. Puxei o ar dos pulmões, cansada, mas com uma sensação de alívio...

Antes, não me lembro de um só dia em que estivesse de bem com tudo à minha volta. Era só revolta, dor, vazio, pessimismo... Na verdade, não tinha perspectiva alguma de mudança, ia vivendo e tramando o dia em que teria coragem de tirar minha própria vida.

Contudo, aprendi que nas mais duras provas de nossa vida somos responsáveis por tudo o que nos acontece. Hoje, tudo parece muito claro para mim. A questão é que antes eu não dava espaço para que outras coisas acontecessem. Era sempre a vítima, a infeliz, e isso afastava tudo de bom de mim. Agora, a realidade me estapeava a cara.

Claro que tinha bons motivos para me sentir triste, porém, quantas pessoas não têm as mesmas razões? Entretanto, lutam, não desistem e fazem a coisa acontecer. Não digo que seja fácil, porque sei que não é, mas sei que impossível também não é.

Quando resolvi deixar o sentimento que tinha por Bryan fazer parte de mim, aos poucos consegui encontrar uma razão pela qual lutar...

Essa foi a diferença; temos que encontrar uma razão sempre para lutar e seguir adiante. Dos homens sempre encontrei razão para descrença, insulto, rejeição, medo, nojo, e agarrei-me a um sentimento que alimentou minha vida e hoje me fez ver coisas que nunca imaginei admitir...

Havia chegado a minha parada. Posicionei-me na porta e descí, recebendo o sereno da noite ainda quente pelo calor do dia, sem nenhuma brisa à vista. Caminhei rapidamente para casa, queria chegar a tempo na faculdade para estudar. Hoje teria prova no segundo horário, daria tempo de tomar um banho.

A casa estava em silêncio, não me importei. Era uma quarta-feira, o “demônio” só chegava nas sextas à noite, e eu não estaria

mais lá. Tomei um banho e depois segui enrolada na toalha até meu quarto. Encostei a porta e vesti um jeans e o sutiã, quando escutei o ranger da porta se abrindo com velocidade.

Foi tudo tão rápido que não tive tempo de reação imediata. Senti apenas duas fortes mãos me agarrarem por trás, comprimindo meu corpo contra o dele, me tocando em todas as partes com uma urgência animal. Aquele cheiro!... Maldito! Comecei a me debater com violência.

“Tenho que fugir... Tenho que fugir!”, pensava tentando, de todas as formas, me soltar.

– Isso, minha gata selvagem, gosto de você assim... Que cheiro maravilhoso você tem... – falava enquanto fazia força para me segurar. Comecei a gritar o mais alto que podia.

Ele segurou meu braço, virou-me bruscamente e me empurrou sobre a cama. Caí, porém, com firmeza suficiente nas pernas, e com toda a força que tinha, empurrei-o antes que viesse para cima de mim.

Ele recuou um pouco, para depois investir novamente. Eu dava pontapés como podia. Não podia deixá-lo ter qualquer vantagem... Sentia meu corpo pegando fogo, enxergava em seus olhos a lascívia que fazia parte de seu ser nojento...

– Pensou que iria escapar de mim! Aposto que estava com saudades! – dizia entre um sorriso e outro de pura luxúria.

– Eu tenho ódio de você! Eu tenho nojo de você! Seu imundo nojento! – gritava enquanto tentava me erguer. Meus pensamentos iam ao Bryan num pedido telepático, como se pudesse me ouvir a distância.

Seu olhar mudou rapidamente ao escutar minhas palavras, tomou uma postura agressiva e, tentando segurar minhas pernas, disse entredentes:

– Está se divertindo com seu namoradinho? Hoje irei consumir o que sempre quis. Você será minha! Quanto ao seu namoradinho, irei matá-lo e você será a culpada de tudo. – Suas palavras despertaram em mim algo que nunca tinha sentido: vontade de matar...

Ao imaginá-lo fazendo mal ao Bryan, senti meus braços, minhas pernas se encherem de uma energia, uma força impressionante que não consegui divisar de onde vinham...

Fechei minha mão e, quando se aproximou mais uma vez, dei o primeiro golpe em seu rosto, depois uma sequência com os pés e as pernas, até se afastar por completo. Aproveitei, levantei rapidamente e, antes de ele entender o que tinha acontecido, consegui sair do quarto entrando no de minha mãe, trancando a porta atrás de mim.

– Socorro! Socorro! – gritava o mais alto que podia. Ele forçava a porta. Olhei para a janela e, sem pensar duas vezes, abri e pulei rapidamente. Corri até o portão e saí à rua, gritando desesperada sem rumo certo.

Uma vizinha veio em meu auxílio e me levou até sua casa. Ligou para a polícia, acreditando se tratar de um assalto. Depois me cobriu com uma toalha, falando palavras de conforto, mas não conseguia captar nada, somente me dei conta de que estava de jeans e um sutiã, apenas.

A cena se passou silenciosa em minha mente, como se estivesse em câmera lenta, e meu único pensamento era Bryan...

Não sei quanto tempo já havia passado. Imaginei distinguir o barulho de sirenes de polícia, mas minha mente ainda estava em uma espécie de torpor.

Tinha consciência da minha vizinha falando algo comigo, mas não distinguia o que me perguntava. Minha mente estava quieta, até quando uma voz quebrou o estranho silêncio e se tornou perfeitamente audível para mim:

– Ju! Meu amor! Você está bem? – Era ele, o meu Bryan que estava ali.

Levantei a vista e minha agonia chegou ao fim. Sentia-me tão solitária encostada naquela cadeira. Sua presença despertou o meu triste acontecimento, fazendo-o voltar a minha lembrança. O contraste tornou minha situação mais desesperadora ainda. Atirei-me em seus braços sem reservas, como se fosse o último copo de água do deserto.

Ele me acolheu em seus braços, falando palavras doces em meu ouvido:

– Vai ficar tudo bem, meu amor! Acabou! Nunca mais ele tocará em você! Nunca mais! – A dor e o sofrimento que tanto tempo tomaram conta do meu coração pareciam ter chegado ao fim. Confiava em cada palavra que me falava. Estava esgotada, não suportava mais dar um passo, apenas queria descansar em seus braços.

– Eu quero ir para casa! – Não pensava em dizer essas palavras na verdade, mas foi o que eu consegui pronunciar em voz alta.

– Vamos, sim. No entanto, ainda teremos que resolver algumas coisas. Eu sei que pode ser muito difícil, mas você terá que dizer tudo à polícia e entregar a gravação.

A gravação! Lembrei apenas agora, mas, sabia que estava tudo lá. Foram horas até que finalmente conseguimos chegar em casa. Toda parte do meu corpo doía. Meus braços estavam roxos e arranhados. Tive que fazer exame de corpo de delito, prestei um longo depoimento, contando tudo e há quanto tempo era vítima daquele infeliz. Essa parte foi a pior, porque era requisitada a falar várias vezes a mesma coisa.

Minha família foi um caso à parte: minha irmã, como suspeitei, me acusara, minha mãe apenas olhava, não com pena, mas com desconfiança ou raiva mesmo. Acho que identifiquei um pouco de tudo.

O fato é que novamente não se posicionou. Não me estendeu a mão, não me deu uma só palavra de carinho. Nada! Se não fosse Bryan, eu não sei se teria estrutura emocional para suportar aquilo sozinha...

Todavia, ele estava ali. Não me deixara um só minuto. Arrisco até dizer que minha mãe não falou nada contra mim por causa de sua presença, sempre íntegra. Ele inspirava respeito, até os próprios policiais o olhavam com distinção e, quando lhe dirigiam a palavra, era sempre muito respeitosa, mesmo sendo ainda tão jovem.

– Ju! – Voltei-me mirando seus olhos. Carinhosamente, passou a mão no meu rosto, beijou minha fronte e prosseguiu: – Vou te fazer uma sopa quentinha. A Mel irá ajudá-la no banho, depois vou colocá-la para dormir.

Não queria falar. Uma súbita mudez se apropriou de mim e apenas balancei a cabeça afirmativamente e fiz tudo o que eles, gentilmente, me solicitaram. Tudo estava em silêncio dentro de mim, talvez porque me negasse a querer pensar a respeito...

Hoje não queria. Amanhã, quem sabe!... Deitei, fechei os olhos e consegui adormecer, para minha surpresa.

MATHEUS

Eu e Liça estávamos cada vez mais juntos. A minha mudança para a casa dos meus avós trouxe algumas situações incômodas. Eles ficavam me perguntando por que eu não queria falar com meu pai. Ele era o único que não tinha vindo me ver.

Minha mãe veio falar comigo, saber como estava, mas em momento algum me pediu para voltar. Ela era bem orgulhosa...

– O Bryan disse que iria nos ajudar com a entrega. Fico até mais tranquila. Ele conhece bem mais esse trabalho. O que você acha? – Não respondi. Ela falava enquanto dobrava uma montanha de roupas que havíamos conseguido para doação.

Não tirava mais da cabeça que todo mês tínhamos que fazer algo envolvendo caridade. No mês passado visitamos um hospital de crianças com câncer. Tenho que confessar que me surpreendi com quanto foi bom realizar aquela tarefa...

– Math? Math! Matheus! – Fitei-a sem lhe responder, voltando, em seguida, meu olhar para o celular.

Meu coração estava meio parado, ou algo assim. Estava surpreso, ao mesmo tempo, desesperado. Um suor frio tomou conta de meu corpo, senti minha boca seca ao tentar engolir a saliva que mal se formara...

– O que aconteceu? – Sua voz era de preocupação, talvez pela reação que tive.

Largou a peça de roupa, aproximou-se, sentou-se na minha frente, segurou meu rosto entre suas mãos, fazendo-me focar em seu olhar, e perguntou enfática:

– O que aconteceu?

– Meu pai quer falar comigo. – Virei a tela do meu celular e mostrei a mensagem que tinha recebido. Ele estava marcando um encontro hoje, no fim da tarde, lá em casa.

Ela leu, ficou um tempo me observando em silêncio, deixando-me em expectativa até falar:

– Vá, Math! Acho que você precisa resolver isso com seu pai.

Minhas lembranças de outras conversas não eram boas, na verdade, quase não houve conversa, porque começávamos a gritar um com o outro e ele sempre desistia.

– Não sei se essa é uma boa ideia, Liça. Nunca tivemos uma conversa civilizada. – Tentava fazer com que concordasse comigo e me desse força para não ter que aceitar o seu pedido.

– Tudo tem uma hora certa, meu amor. – Não captava minha vontade ou não iria concordar comigo de jeito nenhum.

Tentei analisar as minhas opções: sim, não, dar uma desculpa...

– Droga! O que ele quer falar comigo? Eu não tenho nada a dizer, apenas que viva do jeito que quer – retruquei chateado com aquela situação.

– Sabe que não pode continuar para sempre assim com o seu pai. Ele é seu pai, não pode ignorar isso. Vai me dizer que não sente falta? Pelo amor de Deus! Você sabe, não podemos carregar mágoa dentro de nós... Tudo isso vira doença! – Lá vinha ela de novo com esses papos.

Desde que começara a fazer o Evangelho no Lar com sua mãe, qualquer coisa era motivo para discurso... Porque o mal... Porque o bem... Eu iria virar beato desse jeito...

– Lá vem você com essa cara de novo, né! Aposto que está recriminando o que falei – disse chateada.

Sem eu falar, ela sabia o que eu pensava? Pronto, nem mais pensar eu podia! Esse pensamento me fez rir.

– Qual a graça? – indagou com aquele jeito desconfiado que sempre tinha.

– Você está lendo até pensamento agora, Madame Liça! – respondi sorrindo, tentando amenizar aquele peso que sentia no coração.

Ela me olhou e seus olhos tinham um brilho que gostava de fitar. Gostava de admirar seu rosto. Ele era muito bonito, na verdade era perfeito, de uma simetria singular. Tudo na medida certa, dando-lhe um ar encantador.

– Math... – começou com a voz arrastada, sinal de que iria me passar um sermão. Como não a interrompi, prosseguiu: – Responda ao seu pai. Eu irei com você. Não estará sozinho. – Era muito da minha natureza acatar um pedido como aquele. Achei de uma nobreza muito grande de sua parte, depois de tudo o que minha mãe dissera para ela.

Na verdade, esse lance todo de Evangelho era algo bem positivo para todos, porque não era algo de fachada; era real, estava promovendo mudanças positivas em todos, inclusive nela mesma e na forma como estava lidando com sua doença. Uma mudança tão grande!

Tinha plena consciência de como lhe custaria ter que pisar de novo na casa de meus pais. Inclinei-me, segurando seu rosto em minhas mãos, e a beijei com extremo carinho.

– Meu amor, jamais submeteria você a isso, mas te agradeço de coração. Você é tão linda! – O grande relógio da sala badalou algumas vezes. À noite, conseguia me assustar, parecia que anunciava a entrada de alguma entidade do mal.

Liça se divertia muito com os meus comentários a respeito. Olhei-a para ver se em seu rosto conseguia encontrar a felicidade que sentia naquele momento. A resposta foi uma sonora lição de moral...

– Math, diferente do que você pensa, não é tão difícil para mim, eu entendo sua mãe. Ela é mãe! Você deveria entender isso também, afinal, não é fácil para ninguém. Orgulho, meu amor, não soma nada a ninguém.

– Ai, lá vem você de novo com esses papos, vou acabar virando monge, viu, e quem vai achar ruim é você... Muito ruim! – Antes de falar qualquer coisa, escutamos vozes em meio a um choro. Olhamos um para o outro, e, intrigados, fomos ver do que se tratava.

Vimos minha mãe aos prantos tentando explicar algo à mãe da Liça. Estava nervosa, gesticulava muito. Senti-me protetor de repente e a primeira coisa que me surgiu foi que meu pai havia feito algo...

Tive ímpetos de ir até ela, mas imediatamente fui impedido por Liça, que me advertiu em silêncio para que deixasse, que não interferisse. Meio a contragosto acatei, mas não quis me retirar e ficamos escondidos escutando.

– Eu quero meu filho de volta! Não posso aceitar isso. Ele é tão jovem, tem uma vida pela frente. Essa doença... Ela... Ela é terrível, você bem sabe. Como pôde deixar que isso acontecesse? Você é mãe! Meu Deus! Ele pode contrair a qualquer momento. E se eles tiveram relação sexual, se ela engravidar?... O nosso neto pode já nascer sentenciado à morte! – minha mãe falava andando de um canto a outro, com lágrimas sempre na face, às vezes parava, enxugava, para depois continuar.

A mãe de Liça apenas escutava seu desabafo com uma serenidade impressionante.

Depois de aproximadamente uns dez minutos, minha indignação já estava beirando o desespero. Minha vontade de interromper as acusações de minha mãe passou do que era suportável, mas Liça me prendia e me ameaçava toda vez que queria interromper.

Minha mãe parou, olhou para Kiara e perguntou com a voz um pouco mais calma:

– O que você me diz?

– Acho que você tem total razão, querida! Se fosse eu, talvez agisse da mesma forma, principalmente, antes da doença de Liça.

– Ela também adorara o codinome carinhoso que dei à sua filha.

– Por favor, queira sentar-se agora. Tome um pouco desse chá. Ele é maravilhoso!

Minha mãe, talvez cansada, deixou-se levar pela sua generosidade e aceitou o chá, sentando-se, parecendo interessada no que Kiara tinha a falar:

– Eu não tiro sua razão, sei que tudo o que você falou é verdade. Mas a vida sempre tem outro ponto de vista. Agora peço que veja pelo meu ponto de vista. Seu filho trouxe luz à minha

filha. Seu amor devolveu-a não só à vida, mas fez dela uma pessoa melhor, mesmo com essa doença. A generosidade, a falta de preconceito dele, a sua atenção, a fé dele nela devolveu-a à vontade de amar. Como eu, como mãe também, poderia afastá-lo dela? Você afastaria se fosse o contrário? Sim, se ela engravidar, o bebê pode nascer com o vírus, mas não sentenciado, afinal, todos nós já nascemos sentenciados mesmo... Depois da doença de Liça, cheguei a pensar em tantas coisas, queria que tivesse acontecido comigo, me revoltei contra Deus... Mas outro jovem também me fez ver sob outra perspectiva. – Ela estava falando do Bryan. – Comecei a estudar e a entender tudo, por que tudo isso aconteceu. Encontrei respostas e a cada dia estudo mais... Na verdade, a doença de minha filha, diferentemente do que muitos pensam, trouxe felicidade a todos nós, depois que passamos a compreender melhor os propósitos da existência...

Minha mãe escutava, assim como nós, emocionada. Conseguia enxergar no rosto de Liça um orgulho, uma felicidade em saber que o que mais temia – sua doença – foi o que, na verdade, os uniu, e isso era reconfortante.

Abracei-a com o coração calmo. Ela me retribuiu com um sorriso que iluminou seu belo rosto.

Pelo menos uns trinta minutos depois minha mãe saiu, agradecendo e prometendo voltar todas as semanas na hora do Evangelho. Iria começar a estudar também. Não soube dizer se isso poderia ser bom ou não, mas me dei a oportunidade da dúvida e iria aguardar pra ver.

Aquilo, de certa forma, me incentivou a ter a conversa com o meu pai. Não poderia ser pior do que já tinha passado. Tudo na vida tem o seu momento e talvez tivesse chegado o nosso...

Na hora marcada, depois de convencer Liça de que seria melhor estar sozinho, entrei em casa, sentindo o seu cheiro característico de alfazema. Minha mãe sempre borrifava pela casa. Era um cheiro bom e observei que sentia falta de um pouco de tudo aquilo, o que me surpreendeu...

Na verdade, sentia falta dela: do seu carinho, da sua atenção... Chegava até a escutar, algumas vezes, sua voz me chamando.

Achava estranho, mas era assim mesmo.

Encontrei meu pai em seu escritório, sentado, contemplando a paisagem do jardim pela imensa janela. Ele não me viu logo, então notei seu semblante de preocupação, diria até que estava mais velho, cansado, havia olheiras em torno dos seus olhos.

– Oi! – falei em um fio de voz e ele me fitou imediatamente.

– Oi, filho! – respondeu limpando a garganta. Estava nervoso. Levantou-se, talvez quisesse me dar um abraço, mas desistiu e disse apenas: – Obrigado por ter vindo.

Sentou-se e pediu que fizesse o mesmo. Atendi-o prontamente. Estava lutando para não ter que ir embora. Aquela situação era extremamente desconcertante, mas resolvi esperar e ver no que iria dar, afinal.

– Bem, Matheus, eu o chamei aqui para resolvermos essa questão de uma vez por todas. – Sua voz saía rouca e seu olhar me pedia desesperadamente compreensão.

De certa forma fiquei um pouco mais calmo, não era apenas eu a estar com medo. Observei que suas mãos tremiam e resolvi deixá-lo falar de uma vez, permanecendo em silêncio.

– Desde muito pequeno eu me sentia estranho, não sabia o que era e no início foi mais fácil, apenas brincava e fui um garoto normal até a minha adolescência, quando percebi que gostava mais de estar, de observar o mesmo sexo que o meu... – silenciou e eu me contorci na cadeira.

Aquilo iria ser mais difícil do que realmente achava. Tentava me lembrar das palavras de minha namorada me falando que evitasse o julgamento, a condenação...

– Eu sei, meu filho, que é difícil para você escutar isso, mas não é fácil para mim te falar, como não foi fácil dizer a sua mãe quando não mais suportei o peso de ter que me esconder. – Enxugou uma gota de suor que descia pela sua frente.

O interessante é que a sala estava bem fria. Ele continuou:

– Quando conheci sua mãe, me deixei levar pelo seu sentimento tão doce, tão puro, pela sua beleza, pela sua juventude, e aquilo animou meus dias tristes, quando me punia por sentir essas coisas. Sem que soubesse, ela conseguiu despertar algum

sentimento em mim e me agarrei àquilo com todas as forças. Sem muito pensar, pedi-a em casamento. Já possuía uma boa condição de sustentá-la. Atirei-me muito novo ao trabalho como fuga. – A cada palavra eu tinha uma resposta, uma pergunta...

Respirei fundo e deixei que continuasse.

– As coisas foram ficando difíceis entre nós. Decidimos ter você e acreditei que você iria preencher esse vazio que sentia, mas durou pouco também... Eu... Eu me apaixonei e assumi um relacionamento com a pessoa que amo até hoje... – Levantei-me de supetão. Não queria escutar aquilo, para mim era sórdido, sujo...

– Pare! Não quero escutar isso! Na verdade, não consigo entender! Você deveria ter pensando muito bem em tudo antes de ter um filho! Eu tive medo de que fosse igual a você. O que irão falar no colégio quando souberem?... Essa porcaria! Isso para mim é sujo. Minha mãe é linda! Todo mundo fala que isso é certo ou normal, mas não para mim... Tenho nojo! Tenho vergonha! – Estava gritando e, mesmo fazendo um esforço para reprimir as lágrimas, elas já desciam pelo meu rosto.

– Isso é preconceito! Eu não sou pior do que os outros pais! Tenho apenas atração por homens! Eu sou seu pai e vou continuar sendo, goste você ou não... – gritou também esmurrando a mesa e levantando tudo o que estava em cima.

– Sou preconceituoso então e, diferente de muitos, assumo isso sem problema algum. Escuto muita gente dizendo muita coisa sem conhecimento de causa. Eu queria ter um pai e uma mãe normais porque isso me afeta, sim. Essa de dizer que a criança não sente, não liga, que depende da educação é tudo mentira... Mentira, entendeu? Se fosse dado o direito de escolha a essas crianças, com certeza não iriam aceitar. Essa é a verdade!

– Você está tirando todos por você. Muitas crianças são felizes sem se importar com o que o pai ou a mãe deles são. Só querem ser amadas. Isso é o que importa de verdade. No entanto, não vou nem tentar mudar sua opinião. Não o culpo, apenas lamento, meu filho... – Sua voz, agora suave, mostrava que estava subjugado, e isso me deixou mais calmo.

Senti-me mal por tudo o que havia falado. Respirei fundo, enxugando meu rosto molhado de meu pranto revoltado. Ele continuou:

– Eu soube que tem uma namorada e que ela está doente, quero oferecer meu apoio a você. Sei que sua mãe não concorda, mas ela é mãe e espero que você entenda. Sei como é difícil tentar mostrar a todos que escolher ser feliz ao nosso modo pode parecer uma loucura aos demais, mesmo que essa loucura seja amar alguém doente e que, aparentemente, esteja mais perto da morte que outros. Isso tudo é besteira...

Escutava em silêncio, não sabia o que falar. Suas palavras tocavam cada parte de mim.

– Eu te amo, meu filho! Desejo de coração que você e essa menina superem todas as adversidades. Estarei sempre pronto e esperando por você. Você sempre será um filho muito querido e tenho orgulho do homem que está se tornando, íntegro e corajoso em enfrentar tudo isso pelo seu amor.

Ele conseguiu o que queria. Era irônico, mas estava me fazendo ver que fizera o mesmo. Que eu o punia pela sua coragem em ser diferente. Senti confiança em suas palavras, estava sendo sincero.

Mas ainda não estava preparado para assumir essa verdade. Talvez mais tarde, não agora! Fitei-o, o sangue havia sumido de seu rosto. Ele estava esperando uma resposta minha. As palavras brotaram involuntariamente em minha boca e consegui pronunciar:

– Eu não vou prometer nada! Ainda não consigo entender e aceitar. Se dissesse isso agora estaria apenas enganando você e a mim mesmo. Não vou justificar minhas palavras com minhas convicções e, ao mesmo tempo, perdê-las de uma hora para outra. Tenho consciência do que falei e ainda sustento parte do meu discurso, porém, reconheço que, do seu modo, você pode estar certo, mesmo sem estar para mim. Minha opinião não deve influir na sua vida... Siga como escolheu e tente ser feliz. Não vou prometer nada, nem atrapalhar. Quem sabe um dia!...

Ele sorriu um sorriso de esperança e isso, de certa forma, me deixou melhor, mas longe estava de estar tudo bem... Talvez os anos, a idade, a maturidade me ajudassem a ver as coisas sob

outro ponto de vista. Agora minha cabeça era aquela e sabia que não mudaria facilmente.

Ainda sentia muita coisa ruim em relação àquilo tudo. Pelo menos consegui desabafar, e isso, com certeza, aliviou ambos...

Descia para a casa de Liça quando encontrei o Bryan um tanto apressado, fora atender um pedido de minha namorada. Depois dos cumprimentos e de algumas palavras, não resisti e perguntei-lhe na lata:

– O que a Doutrina dos Espíritos acha sobre relacionamento do mesmo sexo, cara? – Ele me fitou desconfiado, porém, muito discretamente, respondeu:

– Na verdade, a doutrina não acha nada. Não é papel dela condenar ou julgar coisa alguma. A doutrina é um “manual” de bem viver e o que nos pede é reforma íntima, e essa reforma se faz com a compreensão do próximo, de suas fraquezas e de suas virtudes. Agora, o que o homem faz consigo mesmo é problema dele. Ela respeita suas escolhas do berço ao túmulo e se tentarmos seguir a vida, independentemente das opiniões alheias, nos tornaremos pessoas melhores e conseguiremos entender tudo a nossa volta. Um dia todas essas respostas virão, algumas, nós até sabemos, mas camuflamos por nosso orgulho e vaidade. – Despediu-se e foi embora.

Segui pensando nas palavras de Bryan e resolvi deixar a vida seguir o curso normal. Não vou forçar nada dentro de mim, não vou dar uma de liberal e estrangular meus princípios para dar razão a ninguém, mesmo que essa pessoa seja meu pai, apenas vou tentar respeitar as escolhas dele.

MARCOS E JÚLIA

Quase seis meses e por algum tempo achei que fosse vencer toda a angústia que sentia em meu coração. Tranquei a faculdade, consegui um trabalho numa cidade vizinha; o salário era até bom, minha família ficou muito feliz, daria para conciliar com o término do curso.

Nunca vi minha mãe tão feliz comigo como agora. Saía com outras garotas, mas todas as noites a imagem de Júlia voltava como um vício ou um pesadelo. Enfrentando meus monstros, continuei minha vida até encontrá-la, naquele maldito dia...

Era quase fim do dia, o sol já se preparava para repousar seus raios, quando dobrei aquela maldita esquina. Diga-se de passagem que não era o caminho que tinha que seguir, tomei-o devido a uma interdição por causa de reformas na malha viária.

Minha surpresa se fez quando a vi, bem ali, quase pude tocá-la. Respirei aliviado, não me vira. Estava linda como sempre. Parecia mais calma, seu andar parecia leve, seu rosto denotava felicidade... Isso deveria ter me deixado feliz, contudo, essa descrição, aos meus olhos, me forçou a admitir que poderia ter o dedo do Bryan...

– Maldição! – Deixei a água do chuveiro cair, em minha cabeça, tentando controlar os pensamentos que não me abandonavam, nem um minuto sequer. Lembrei que, depois daquele encontro, busquei mais informações sobre sua vida e aquilo só piorou.

Descobri que agora ela morava com o Bryan, que o “animal” do cunhado dela, finalmente, fora preso e, por causa desse fato, Júlia estava bem mais próxima do meu ex-amigo e traidor.

A violência com que esse sentimento me tomou, potencializada pela tristeza e pelo anseio de amor que sentia dentro de mim, me consumiu. Às vezes, era difícil entender por que esta ligação era tão forte que me cegava e me fazia capaz de tentar de tudo, até de planejar, por diversas vezes, a morte do traidor...

Lutava para não ter que consolidar o plano. As imagens dos dois vinham cada vez mais frequentes à minha mente e isso começou a afetar meu trabalho. Já tinha recebido, pelo menos, cinco advertências. Minha permanência estava por um fio.

– Tudo é culpa sua, Bryan! Minha vida virou um inferno... – Sentei na cama e as imagens dos dois se abraçando, se beijando, aniquilava minha vontade de continuar seguindo sozinho, sem vingança. – Isso não vai ficar assim. Ele não vai vencer. – Um plano macabro começou a se formar em minha cabeça. Era como se outra inteligência me insuflasse, auxiliando-me em tais pensamentos...

Um vento frio soprou levantando meu cabelo e essa onda se espalhou por minha coluna inteira. Não era um vento normal, parecia que me pegava, fazendo-me tremer involuntariamente. Olhei para o Bryan e uma sensação de tristeza me tomou de súbito.

Ele se despedia do pessoal da banda. Estávamos de saída do centro espírita. Abracei a mim mesma numa atitude protetiva, porém, a sensação apenas aumentou. Não era supersticiosa, mas aquilo me colocou a pensar.

Minha vida tomou um rumo que nunca sonhei de tão boa... A vida ao lado de Bryan, de Mel e até de sua mãe, mesmo com a sua limitação, era de uma abundância de sentimentos muito saudáveis... Parecia que tinha nascido para morar com eles... Fui bem-aceita, sentia como se fosse minha casa de verdade.

Ele me fitou com um ar gentil e preocupação ao mesmo tempo, dei um meio sorriso na fugaz tentativa de parecer normal, porém, conhecendo-o, sabia que nunca o enganaria.

– O que você sente nesse coração lindo que a faz tremer, meu amor? – Abraçou-me e beijou minha fronte. O frio, o tremor passou quase instantaneamente. Suspirei aliviada! Esse era o meu

incrível namorado. Tinha superpoderes! Tive que rir dos meus pensamentos.

– Não sei ao certo! Apenas senti um frio estranho, uma tristeza. Foi uma sensação muito ruim... Mas, ao me abraçar, tudo passou – Mirei-lhe a face e continuei: – Você sabia que tem superpoderes comigo? Você é meu super-herói. – Tinha o rosto emoldurado por um brilho bem característico dele, seus olhos emitiam uma energia que me acalmava.

– Você é tão gentil, minha doce senhorita! – exclamou dando um meio sorriso.

– Eu a amo! Esqueça tudo de ruim e entregue-se ao amor! – acrescentou com uma voz suave, falando ao meu ouvido quando seu rosto se encostou ao meu.

– Aceito tudo o que vier de você, meu nobre cavalheiro, porque sei que tudo o que vem de você é bom. Sou uma mulher rica e feliz! – exclamei rindo.

Voltamos para casa em silêncio, escutando as conversas e risadas da Mel. Ela sempre tinha assunto, e aquilo, de certa forma, era bom, evitava dar explicações ou algo assim. Gostava de ouvir, não precisava ficar arrumando assunto.

Sabia que Bryan também gostava mil vezes mais de escutar, só falava quando era realmente necessário. Muitas pessoas que não o conhecessem poderiam julgar sua atitude como arrogância ou desinteresse, mas só precisaria abrir a boca para que esse equivocado julgamento se desfizesse...

Durante uma semana passei a seguir Júlia na volta para casa. Ela não me notava. Algumas vezes, parava e olhava para trás. Não saberia dizer se sentia minha presença. Pode ser, quem sabe? O fato é que fiquei conhecendo todo o percurso que fazia, por onde passava... Tudo. No início não soube ao certo as razões por que fiz aquilo; depois de quinze dias seguidos, tudo estava bem definido em minha cabeça...

– Você será minha para sempre! – disse em voz alta, gravando em minha mente cada palavra.

Estranhamente, naqueles dias também, muitas mensagens evangélicas chegaram até mim.

Certa tarde, ao sentar em um banco próximo do trabalho dela, alguém esquecera um livro, não sei se de propósito. Agora, existia esse movimento de esquecer livros em lugares estratégicos...

Pessoalmente, se fosse antes, quando tinha amigos, quando fazia meu curso, quando era feliz, certamente teria curtido muito essa atitude. Agora! Ah, agora nem ligava. Ainda assim, como não tinha mais nada para fazer, até meu emprego tinha perdido, segurei o livro em minhas mãos e li o título: *Um Trágico Equívoco*. Ao ler do que se tratava, meu coração disparou e senti meu sangue circular mais rápido pelo meu corpo...

– Mas que droga é essa? – indaguei a mim mesmo, sentindo uma energia me envolver de cima a baixo. Soltei o livro, entretanto, parte de minha consciência dizia: pegue, leve e leia, enquanto outra igualmente gritava: saia daqui, não seja fraco...

Por alguns minutos fiquei nesse dilema, que pareceu durar horas, até um bebum se aproximar e começar uma cantoria insuportável. Soltei-o e me afastei a passos largos.

Essa luta que travava, algumas vezes, entre razão e emoção me deixava cansado. Naquele dia tive vontade de ir embora, de deixar tudo para trás. Entretanto, as imagens de Júlia voltavam à minha mente como uma enxurrada e eu me vi esperando por ela, novamente.

– Não posso ser covarde agora! – Sabia que não poderia continuar mais vivendo daquela maneira, tinha que dar um jeito de alguma forma. Minha mãe logo saberia do meu emprego e aquilo a faria se queixar de mim pelo resto de minha mísera vida...

A semana começara pesada, a sensação ruim voltou e lutei de todas as formas para não a deixar vencer. Fazia tudo que o Bryan me ensinou, contudo, nada parecia surtir efeito. Somente quando estava com ele é que tudo passava.

Tive vontade de pedir que viesse me buscar, mas não queria chateá-lo com aquilo de novo. Ele tinha muitas ocupações. Além das muitas aulas que dava, tinha assumido um emprego na faculdade como monitor dos alunos iniciantes, três vezes por semana.

Estávamos juntando dinheiro para comprar um carro, queríamos viajar. Mel estava também em busca de um emprego, mas, como dizia: “o mercado está osso!”

– Júlia, amanhã terá um coquetel de um amigo que está lançando um novo empreendimento, iremos expor nossas lindas e adoráveis peças lá. Fiz uma parceria, iremos viajar também no fim de semana. Será uma oportunidade para vendermos muito, o público é muito bom e gosta de gastar. Não se preocupe, o Bryan poderá vir também. Gosto muito dele, é um bom rapaz e o pagarei pelo trabalho. Acho que será uma excelente oportunidade de ficarmos conhecidos. – Olhou-me com um sorriso irônico nos lábios e arrematou: – Você só terá que controlar os ciúmes! E não venha me dizer que não pode, não aceito, não. Já estou de saída, amanhã explicarei tudo certinho, não se preocupe. Vou fazer uma linda farda para vocês. – Deu sua piscadela e se retirou com um sorriso nos lábios.

Essa era minha esfuziante chefe. Sorri e concordei para as paredes. Muitos poderiam não gostar dela, mas, ao contrário, adorava seu jeito sempre sincero e decidido.

Sabia que, apesar do seu jeito arrogante, era uma boa pessoa, nunca seria desonesta comigo. Acredito que isso também era outra explicação para que seus negócios dessem certo. Ela era ética.

A tarde estava úmida e nublada. Ventava muito quando finalmente fechei a loja. Com muita força de vontade venci o anseio de ligar para o Bryan, apenas deixei uma mensagem: *Eu amo tanto você! Você me faz muito feliz! Obrigada, meu amor! Estou indo.*

Guardei a chave em minha bolsa, apertei os braços em volta de mim, sentindo aquele frio novamente, e caminhei em direção ao ponto do ônibus, como todos os dias.

– Droga! – Apertei o passo, aquela sensação de estar sendo observada me tomou outra vez. Olhei para os lados, para trás e não encontrei nada. Apenas rostos que iam e vinham nesse frenesi da vida. Alguns sorrindo, outros carrancudos, outros sem

expressão alguma, apenas seguiam... Suspirei e continuei andando...

Coloquei o capuz de meu moletom e, a uma distância confortável, segui-a. Não me aproximava muito e nem precisava, já sabia todo o seu trajeto... Meu sangue começou a circular mais rapidamente pelo corpo, era a adrenalina que estava sendo liberada.

Minhas mãos tremiam, pensei várias vezes em tantas coisas. Eram pensamentos desconexos, desencontrados... Comecei a suar, enxuguei o suor que descia com a minha camisa e, por causa disso, retardei demais meu passo e quase perdi o ônibus.

Entrei e, imediatamente, sentei na frente. Ela gostava do fundão. Não teria que me preocupar porque sabia onde desceria.

Eu não podia desistir, não agora. Ele iria me pagar... A imagem de Bryan sorrindo surgiu em minha mente e escutei sua voz me falando como se estivesse ao meu lado:

– Nada do que fazemos fica sem resposta, causa e consequência. Muitos não sabem, mas, se soubessem, talvez, pensassem melhor. – Balancei a cabeça negativamente como se quisesse me livrar de tais pensamentos. Contudo, sua voz ainda se fazia audível para mim: – Somos amigos! Gosto muito de você! Existe uma força que nos une, gostando ou não somos unidos pelo amor! Deus nos criou pelo amor e para aprendermos a amar! – Apertei meu punho até minhas unhas entrarem na carne, me machucando, me causando dor para livrar minha mente daquela voz tão odiada.

Era tudo muito intenso, minha pulsação estava muito acelerada, minha pressão sanguínea estava a mil, podia sentir cada batida forte do meu coração... Não queria escutar aquilo, não queria...

O ônibus brecou, sem que eu percebesse. Não me dei conta de onde estava. Porém parecia que havia alguém me alertando, pois, acordei da confusão de sentimentos que experimentava. Dei um tempo até que todos descessem, inclusive ela, e desci em seguida. Puxava o ar dos meus pulmões, minhas pernas estavam fraquejando, respirava como se tivesse corrido uma maratona.

Sentia minhas pernas pesadas e, quando pensei em desistir, escutei uma voz limpa e clara:

– *Você é um homem frouxo! Eles rirão de você pelo resto da vida! Faça o que tem que fazer e mostre que ninguém pode fazer você de otário.* – Recebi aquela sugestão e minha raiva, minha indignação gritou dentro de mim que não, que não era frouxo, ou fraco... Pareceu que recebi energia extra, porque, como se estivesse sendo empurrado, adiantei meu passo e, quando estava logo atrás dela, chamei-a:

– Júlia! – Ela se virou e sua expressão ao fitar meu rosto era de surpresa, mas foi substituída por medo e depois por piedade. Foi tudo tão rápido, segundos... Contudo, pude notar cada milímetro de suas expressões...

Quando descii do ônibus a sensação ruim continuava lá comigo. Fiz uma prece. Quando comecei a subir a passarela de pedestres, uma onda boa de calor me envolveu.

Fez-se uma calma dentro de mim, uma paz indescritível... Direcionei meu rosto ao céu e recebi o vento nele, fechei meus olhos por milésimos de segundos e sorri involuntariamente, até escutar uma voz chamando meu nome.

Virei e o vi... Sua expressão era de raiva, de dor... Na verdade não parecia o Marcos que eu conhecia, suas feições pareciam transformadas, doentes... Seus olhos estavam longe da vida, sem luz, ao mesmo tempo que ardiavam com uma chama que parecia consumi-lo...

Ali estavam expostas naturezas diferentes: uma sem o valor de um sentimento verdadeiro, alimentada pelo ciúme, pelo orgulho e pelo egoísmo, outra movida, unicamente, pelo arrependimento. Consegui detectar tudo isso. Era estranho, mas meus sentidos se faziam muito mais apurados.

Um medo se apossou do meu coração, contudo, a sensação boa voltou e tive piedade dele. Meus pensamentos foram para Deus e depois para Bryan... Eu te amo, meu amor!

Segurei o cabo do revólver que trazia escondido na minha cintura e saquei; mirando por alguns segundos na cabeça dela, disparei sem pestanejar... Ela caiu a minha frente sem tempo para

defesa alguma. Seu sangue espirrou em mim. Tudo a minha volta se calou, sabia que possivelmente muitos corriam como loucos, com medo, terminando de subir ou descer aquela passarela...

“Não tem mais volta”, – pensei comigo mesmo. Como um robô recebendo ordens, voltei a arma para minha cabeça e atirei na mesma hora...

Curioso! Na minha mente, no segundo em que disparei, já estava arrependido de tê-lo feito. Na verdade, me arrependia de tudo!... Silêncio! Dor! Remorso! Vazio!...

Um sofrimento que não poderia descrever em palavras... Nada do que senti até agora poderia se comparar àquilo...

Socorro! Socorro! Gritava... Gritava... Porém, não conseguia resposta, ninguém escutava... Onde ela estava? Júlia! Júlia!... Gritos, sorrisos tenebrosos agora se aproximavam... Senti uma dor lancinante em minha cabeça...

Sangue! Um cheiro forte. Sentia-o descer, me sujando inteiro... Gritos... Urros... Senti uma dor cortante em minhas costas, parecia um chicote descendo sobre mim.

Não conseguia gritar, nem correr, só doía insuportavelmente...

MEL E HENRIQUE

– Escute isso, Henry, achei espetacular! – disse ao meu namorado tentando chamar-lhe a atenção.

Ele estava distante, pensativo. Às vezes... não, muitas vezes ficava assim, parecia que se desconectava do mundo. Quando isso acontecia, tinha que dizer algo muito inteligente para tirar-lhe de sua abstração.

Já tinha encontrado uma técnica: andava sempre com uma citação de algum filósofo da Antiguidade, ele amava! Então, sugeria uma análise da citação. Com isso, estava aprendendo muito, a Filosofia era algo que me fascinava. Era algo bem saudável.

Ele me olhou por cima de seus óculos. Pronto, esse era o sinal, comecei a ler:

– “Cada prazer significa para nós um bem; já que é em si agradável. Mas nem todo prazer é digno de ser desejado. Inversamente, toda dor é certamente um mal, mas nem por isso deve ser evitada. É nossa tarefa dar o justo valor a todas as coisas.” Quem disse isso foi o filósofo grego Epicuro. Não é sensacional?

Depois de pensar um pouco, agora focado no que dissera, começou a falar. Uhuuu... Ponto de novo para mim. Eu sou uma *gênia!*

– Na verdade, Mel, não diria sensacional, mas algo bem profundo e verdadeiro. O que você pode me dizer do que leu? – indagou provocando-me. Era sempre assim! Eu fingi que estava

pensando, mas, na verdade, já tinha uma resposta. Quando pegava a citação analisava antes.

– Bem, ao meu ver, entender tem várias vertentes, porque não é uma citação fechada, tipo, é isso e pronto. Ao contrário, pode nos dar algumas boas reflexões. Para mim, a que prevalece é esta: algumas pessoas julgam as coisas por um padrão bem superficial, tipo, toda dor é ruim e todo prazer é bom. Isso na verdade é algo “imposto” para a grande massa, contudo, quando você para e analisa a fundo, reconhece que muitas dores podem, muito bem, trazer um prazer futuro, se bem entendidas, e o contrário também acontece.

Ele sorriu, aquele sorriso cativante que possuía, e disse beijando minha frente:

– Isso mesmo, minha menina inteligente. Sem falar que o prazer é muitas vezes fruto de idealizações de outras pessoas, quando, por exemplo, por uma propaganda nos é passada a necessidade de algo que, na maioria das vezes, não temos, sugerindo a quem venha a possuí-lo ter um prazer. Por isso, ele afirma que é necessário dar o justo valor. Porém, só poderemos fazer isso se conhecermos um pouco das coisas e, principalmente, nós mesmos. Caso contrário, estamos sujeitos a nos tornarmos marionetes dessas idealizações “impostas”. – Eu adorava essas explicações. Não eram aquelas explicações cultas, com palavras difíceis, mas, o conteúdo sempre era rico e com uma boa reflexão.

Antes de responder, todos os que estavam no ônibus foram surpreendidos. O motorista breiou e olhamos ao mesmo tempo pela janela, o cenário parecia de novela: carros de polícia, ambulâncias com suas sirenes ligadas, motoristas buzinando, como se adiantasse alguma coisa fazer tanto barulho.

Será que eles não entendiam que não conseguiam passar por cima dos outros carros?

– Meus Deus, o que será que aconteceu? – perguntei baixinho ainda olhando o cenário aterrador. O ônibus se tornou um burburinho só... Até que minutos depois uma senhora disse, vidrada na tela do seu celular:

– Foi um rapaz que matou sua namorada e depois se matou... – Os murmúrios se intensificaram. Eu e Henry nos limitamos a uma comunicação muda de olhares que se entendiam muito bem.

Não havia muito a dizer... No entanto, minha sensação de comoção durou pouco, não que fosse indiferente, apenas não fiquei pensando. Preferi concentrar meus pensamentos na música em que trabalhávamos no momento em nossa banda...

Quase duas horas depois chegamos à casa de Mel. Lamentei profundamente pelas vidas que se perderam, possivelmente de forma passional, em que estão envolvidos nesses casos ciúme, orgulho e egoísmo.

A sala estava com uma parca iluminação vinda da cozinha. Encontramos Bryan sentado no sofá com as mãos na cabeça. Meus olhos ficaram nele, sentindo o ambiente turvo e nebuloso. Meu olhar encontrou-se com o de Mel, que reagiu da mesma forma.

Contudo, algo estalou em sua mente, porque ela correu até ele e perguntou preocupada:

– Bi, aconteceu algo com nossa mãe?

Ele olhou-a e respondeu num fio de voz:

– Não, Mel, a mãe está bem. Estou preocupado com Júlia, que até essa hora não chegou, envio mensagem e ela nem recebe. Ela nunca esquece o celular desligado, é uma norma de segurança dela... Vocês não falaram com ela? – indagou com os olhos baixos, preocupados.

– Não! Na verdade, não falei com ela o dia todo. Mas daqui a pouco ela chega. Deve estar presa no trânsito, como ficamos. Na passarela que dá acesso ao shopping, um jovem matou sua namorada e se matou em seguida. Nossa! Está um caos aquilo lá.

– Mal tinha terminado de pronunciar suas palavras, acho que uma terrível ideia passou pela sua mente.

Ela vidrou seus olhos nos de seu irmão, acompanhei o raciocínio dos dois e numa fração de segundo suas expressões mudaram.

Meus olhos ainda percorriam a triste cena quando Mel se atirou no chão, ajoelhando-se em frente ao Bryan, tentando consolá-lo. O olhar de meu futuro cunhado era desolador... A pouca luz

incidia por sobre seu rosto, fazendo sombras em seus olhos, tornando a sua aparência muito mais penosa...

“Não, claro que não poderia ser a Júlia...”, minha mente pensava rápido, ao mesmo tempo que se negava a acreditar naquela possibilidade.

– Não, Bi! Não pode ser. A mulher no ônibus disse que foi um casal. Eles não eram um casal! Ele está preso. – Segurava nos joelhos do meu irmão. Ele colocou a mão sobre os olhos e chorou.

Fitei Henry pedindo socorro. Seus olhos me responderam num pedido mudo de paciência. Pela primeira vez na vida pude sentir, de verdade, o que é dor... ao ver meu irmão daquele jeito, ao imaginar Júlia morta...

“Minhas forças estão me abandonando”, disse a mim mesma. “Acho que não vou aguentar.” Minha cabeça girava, meu estômago se comprimia num espasmo de dor.

O ambiente foi imediatamente tomado pelo sonoro toque do celular de Bryan. Parecia até algo previamente planejado. Olhamos assustados na mesma hora para o aparelho jogado no sofá. Henry foi mais rápido e segurou o telefone decidido, fazendo um gesto com a mão.

Sabíamos que não nos deixaria atender...

– Alô! Não, não é ele, mas pode falar, sou o cunhado dele – respondeu olhando-nos num pedido de calma e prosseguiu: – Sim, conheço... Entendo... Ok. Obrigado. – Desviou seus olhos de nós. Naquele momento, eu tive a certeza de que o pior tinha acontecido. Eram coisas que não precisavam de comprovação, simplesmente sabíamos...

Desliguei o celular sem saber o que falar. Quando meus olhos se voltaram para os dois, já abraçados de joelhos, olhando-me, só consegui pronunciar:

– Eu... Eu lamento, Bryan! A Júlia!... Foi o Marcos.

Difícil de acreditar! Abracei-me aos dois, entregando-me às lágrimas também. “Como ele vai suportar?”, perguntava a mim mesmo, colocando-me em seu lugar. Os próprios pensamentos circundavam lugares em que o coração não gostava de estar...

– Oh, Deus! Ajude!... Mantenha minha sanidade!... Como vou viver sem ela? Como?... Eu não devia ter descuidado dela!... Ela queria apenas viver. Jesus!... – Bryan dizia entre soluços, abraçado a Mel, que também chorava.

Estava num estado de alma que não me permitia saber o que fazer. Queria ajudar, mas como? A única maneira que encontrei foi através da oração. Orei fervorosamente, tamanha era a vontade de ajudar, de minorar aquela dor! Pedi aos bons espíritos que nos assistissem nesse momento...

Alguns minutos depois, meus olhos se paralisaram e foi como se eu me afastasse de meu corpo. Uma estranha mão me tocou a cabeça, depois o ombro, e tudo se transformou.

Estava calmo. Na verdade, o estudo das comunicações mediúnicas me deu certa tranquilidade, pois sabia o que estava acontecendo, mesmo sendo essa minha primeira vez. Uma poderosa energia se apoderou de minhas cordas vocais e comecei a falar:

– Reconhecemos, meu irmão, sua dor, sabemos quanto a saudade de alguém que amamos pode ser dolorosa, contudo, não existe caminho secundário ao Pai, como bem sabes.

Minha voz tomara um timbre totalmente desconhecido, forte e sonoro. Tanto Bryan como Júlia me olharam surpresos, continuei... Quer dizer, alguém continuou a falar por mim:

– Às vezes, acreditamos e depositamos todos os nossos sonhos e idealizações nesse mundo perecível, onde a sensação da fome corrói, o frio consome, o sentimento de desolação faz-nos acreditar na perda total de esperança e faz vítimas por onde passa. Então, a pergunta nos vem... Por que deixar que a matéria efêmera fale mais alto? Por que se desesperar? Não estamos negligenciando sua dor, apenas mostramos que, se sabemos que a morte é apenas uma passagem, evitemos pensamentos de revolta, de desespero... Fiquemos apenas com a dor da saudade, ela por si só já machuca demais. A sublime lei que rege todos nós não faz distinção alguma. Não somos mais merecedores do amor de Deus do que ninguém. – Senti meu corpo como se estivesse

flutuando; apesar de me manter consciente todo o tempo, não tinha controle de mim mesmo, mas me sentia seguro.

Passados alguns segundos, ele ou ela, através de mim, deu continuidade:

– A importância de ser se faz urgente. Se todos pensassem antes de falar, de fazer promessas vãs que sabem que não poderão cumprir, de evitar manter um padrão vibratório baixo, alimentando energias doentias, saberíamos nos comportar melhor diante das situações. Jesus, nosso guia e modelo, fala para todos sem distinção alguma, mesmo que alguns se mantenham surdos ou cegos. A tão temida morte é a entrada para nosso mundo do eu... daquele que ninguém escapa. Nesse momento, milhares de irmãos nossos sofrem de algum mal. Não nos enclausuremos apenas no eu... No eu, sofro mais, no eu, amo menos, no eu, sei menos... Confiemos em Deus, Ele a todos ampara. Ninguém fica pelo caminho! Orem! A irmã está tendo a assistência assim como o infrator, que também é irmão nosso, não esqueçam...

“Deixo vocês agora com palavras de esperança, de consolo: ninguém morre, um dia todos estarão juntos, o amor liberta e acrisola, assim como a dor purifica o espírito e vivifica nossa fé. Que Jesus nos ampare sempre! Que a luz do conhecimento e o pranto verdadeiro sejam benditos, como bendita é a força que deveremos empreender para continuarmos sempre em frente e no bem. Que Jesus esteja sempre conosco.”

Meu corpo sentiu um estremecimento e aquela sensação boa de como se estivesse flutuando foi embora, contudo, ficou o equilíbrio, a sensação de bem-estar.

Fitei os dois que ainda me olhavam, agora um pouco mais calmos, mas com a dor estampada em cada parte de suas faces.

Não iria ser fácil encontrar essa força, eu sabia. No que dependesse de mim, iria fazer o máximo para ajudá-los, principalmente o Bryan, que parecia ter perdido uma parte de si mesmo...

A luz da sala parecia que sentia toda dor ao emitir aquela parca luminosidade, fruto dos poucos volts que possuía. Sentia meu peito vibrar ou bater mais rápido... Olhava Henry, tentando

pensar em tudo o que tinha escutado, mas ainda sentia que minhas lágrimas não haviam acabado porque escorriam livremente pelo meu rosto.

Não queria ser pessimista, mas como encontrar forças, como entender que de uma hora para outra nossa vida pode ser totalmente transformada?

Meu pobre irmão encostou seu corpo quase desfalecido no sofá gasto de nossa casa e fixou seu olhar na imensidão de seus pensamentos. Não fazia a mínima ideia de como estava suportando. Observava que Henry dizia algo para ele, mas não consegui escutar. Distingui com nitidez o significado da palavra dor...

Uma estranha lembrança me tomou... Há pouco no ônibus, quando soubera da notícia, sem saber se tratar de Júlia, tinha ficado triste, porém, rapidamente tinha desviado meus pensamentos...

Agora, sabendo que aquela jovem era a Júlia, me senti mal, como se tivesse passado por ela e não a tivesse ajudado... Essas coisas eram bizarras, tudo mudava tão rapidamente dentro de nós, em volta de nós. Faz pensar que poderia ter tido uma atitude diferente, mais digna ou algo assim...

A cena era silenciosa, quase todas as lembranças viraram sombras... Não sei como escutei um chamado de minha mãe e segui me arrastando até seu quarto. Ao vê-la olhando com aqueles olhos mornos de carinho, olhos de mãe, olhos de proteção, me senti reconfortada.

Ela me estendeu os braços, pouca coisa que ainda podia fazer, e eu parecendo uma órfã corri. Abracei-a chorando e disse de supetão, assim sem pensar:

– Mãe, a Júlia está morta! O Marcos a matou e se matou em seguida... O Bryan! – Fitei seus olhos já molhados de lágrimas e perguntei: – Como ele vai suportar? Por que isso foi acontecer? – Abracei-a novamente e me dei conta de quanto sua presença era um verdadeiro bálsamo para a dor. Mesmo com suas limitações, conseguia ser tão necessária...

– Minha filha! Meu Deus! – Sua voz era pausada devido às lágrimas. Passou as mãos em meus cabelos, beijando-os, até conseguir falar novamente: – Ela nunca morrerá! Você bem sabe disso. Toda dor tem conforto na sua fé. Na fé que restaura a esperança... Oremos por nossa querida Júlia e por esse rapaz... Seu irmão conseguirá. Meu menino é forte! Deus está com todos nós!

Respirou, tomou fôlego e prosseguiu:

– Cada dia, um novo dia, e a vida trata de restaurar o que não podemos, sem revoltas ou dramas, ou excesso seja do que for...

Senti-me mais calma. Consegui escutar seu coração, e aquilo dizia que estava viva, mas que nada poderia assegurar essa permanência daqui a alguns segundos. Tudo podia acontecer. Levantei minha cabeça na altura de seus olhos e, vislumbrando o universo daquele amoroso e lindo olhar, disse:

– Acho que há pouco, lá na sala, o Henry deu a comunicação de um espírito, com uma mensagem de consolo para o Bryan. – Ela sorriu, um sorriso triste, ainda com lágrimas por sobre seu rosto, e me corrigiu:

– A comunicação foi para todos nós, Mel! Temos muito que agradecer a Deus por essa assistência.

– Eu amo você, mãe! Fazia tempo que não dizia isso e a possibilidade de perder quem amamos de uma hora para outra nos faz pensar em como é importante dar valor às coisas que realmente têm valor.

– Eu a amo e amarei por toda a minha vida. E você está certa! – Voltamos a ficar em silêncio, ele falava tudo o que precisávamos.

BRYAN

A casa estava imersa em silêncio. Todos haviam ido se deitar ou, pelo menos, estavam nos seus quartos tentando encontrar forças para entender o que acontecera. A noite seria longa e dolorosa. Nada, absolutamente nada do que eu disser poderá ajuizar tudo o que sinto neste momento... Dor, angústia, tristeza, arrependimento, vazio... Tudo isso somado a me achar incapaz de continuar. Eu me sentia culpado em parte, por tudo que aconteceu...

Cobrava de mim uma postura mais serena diante da morte. Eu, que convivia com essa realidade tão próxima por causa de minha mãe, bem como pelo fato de ser espírita e todo o restante que isso acarretava... Porém, sempre entendi a diferença das coisas; uma coisa é você saber falar aos outros sobre isso, bem diferente do que viver essa realidade...

Não existe um parâmetro para se dimensionar a dor, mas existem fatores que podem prolongá-la, tornando-a um sofrimento, muitas vezes, interminável. Isso eu não queria para mim.

Outra coisa: eu sabia muito bem que a morte não existia, mas, quando essa realidade chega, não dá para fazer acordos incertos, ter mais ou menos fé. Tem que se colocar em prática tudo o que se sabe a respeito... Relembra a mensagem que havia recebido por intermédio de Henrique, e aquilo tocava fundo em mim. No fundo não me sentia merecedor, ainda assim agradecia.

Minha cabeça martelava cada parte deste dia... Como ela acordara, seu sorriso ao amanhecer, seu cabelo parecendo uma linda juba de leão (era assim que eu dizia para deixá-la chateada), sua voz, seu cheiro... A sensação era quase surreal!

E saber que aquilo não iria mais se repetir... Eram detalhes que perseguiam minha mente e meu coração, abrindo em mim uma lacuna para a revolta.

A imagem de Marcos vagava entre essas lembranças e meu coração se fechava.

Não consegui fazer uma única prece a ele, senti o rancor chegar. De todas as possibilidades, “matá-la” era a única que nunca tinha me passado pela cabeça...

– Mas que droga! Aquele imbecil! Por que não se matou sozinho? Por que tirar a vida de outra pessoa? Idiota! Será que ela era obrigada a ficar com ele apenas para satisfazê-lo? Egoísta miserável! – Parei e enxuguei as lágrimas que teimavam em cair.

Não confiava em minha imaginação, muito menos quando estava sendo motivada por sentimentos muito fortes. Essas ideias que me assaltavam poderiam tomar corpo e fazer de mim um refém.

Sabia que tinha que trabalhar tudo isso, não poderia permitir que minha consciência não fosse convidada a participar dessa luta, afinal, para que servia todo o estudo que tinha? Toda ação no bem que praticava? Entretanto, olhar para a frente significava que teria que me livrar de todas essas possibilidades ruins, mas agora, nesse momento, meu coração só queria chorar, chorar, chorar...

Eu não sei quanto tempo se passou até me dar conta dos primeiros raios de sol que adentraram a pequena janela do meu quarto, deixando no chão algumas figuras desconexas.

Lágrimas? Não tinha mais, não conseguia mais chorar. Olhei para o pequeno e velho guarda-roupa. Sentei na cama e abri a porta do lado onde ficavam suas roupas. O seu perfume entrou pelas minhas narinas... Fechei os olhos, sustentei o peso do meu corpo nos joelhos, levando as mãos à cabeça...

– Ju, como vou ficar assim, sem você? Perdoe-me! Eu não consegui te proteger! Eu... – Esfregava minhas têmporas em círculos, tentando aliviar um pouco a dor de cabeça. Continuei a falar; aquilo, de certa forma, me aliviava. – Eu sempre achei certa grandeza heroica no seu olhar, nos seus gestos que, apesar de tudo, foram sempre determinados e benevolentes, quando deixou de pensar em você para proteger os seus. Hoje sou forçado a conviver com sua ausência... Como é difícil! Meu Deus, é muito difícil! – Sabia que tinha que conseguir, não podia, assim como ela, me entregar. E tudo isso era só o começo, uma vez que o dia apenas estava começando.

Tinha que honrar cada palavra que conhecia a respeito do que estudava e acreditava, bem como sua própria luta. Minha consciência me cobrava isso a todo instante...

Um triunfo calmo, controlado e silencioso anunciou os primeiros lampejos de respostas que meu coração dava à minha nova vida a partir de agora. Senti uma mão pousar sobre minha cabeça, fiquei imóvel...

Experimentei cada energia que partia daquele toque. Era uma energia suave, que deixava em mim bom ânimo. Fechei meus olhos como se aquele gesto me fizesse absorver mais do que estava sendo ofertado e no íntimo agradei... Agradei porque sabia que estava sendo cuidado, amparado.

Ao buscar superar meus medos, esquecer minha revolta, suspendi minhas lutas para dar lugar a uma resignação sincera. Essa mudança repentina em minha vida me compelia a buscar o que verdadeiramente havia em mim.

Agora, entendia que são nesses momentos que conseguimos enxergar quem realmente somos. Eu podia resistir à vontade de me revoltar, de me entregar ao vazio que ora sentia.

Conseguia escutar meu coração, minha pulsação acelerada, senti como se recebesse um choque elétrico que percorreu meu corpo em uma fração de segundo, como me convocando a acordar. Sabia que tinha que assumir o controle de minhas emoções.

Minha mãe sempre dizia que onde há energia para mandar, sempre deve haver lucidez para obedecer.

Ajoelhei-me como nunca fizera antes, com o coração e a mente totalmente entregues àquela viva emoção. Cerrei meus olhos e deixei que meu coração me levasse, dirigindo uma prece à Júlia e ao Marcos; sem rancor, sem mágoa alguma...

Senti a aproximação de um espírito poderoso e minha alma agradecida se prostrou aos seus pés, ficando assim alguns segundos até ele ir embora. Terminei de dar graças e tomei minha decisão, estava muito claro para mim...

Não que minha dor tivesse passado, em absoluto. Continuava lá, doendo, porém, o que tinha mudado era a maneira como resolvi encará-la. Peguei um papel e escrevi, colocando ali um pouco do que queria dizer. Era uma música para ela.

O dia surgiu como todos os outros no aspecto da natureza: o sol nasceu como todos os dias, os pássaros cantavam como todos os dias, as plantas continuavam lá como todos os dias...

Segui até a cozinha e ocupei-me em fazer o café. Sabia que minha aparência não devia nem podia estar nada bem, não dormi a noite toda. Terminada a tarefa, tomei um banho, sabendo do poder regenerativo da água.

Ao entrar na cozinha novamente, um pouco melhor, encontrei Henrique e Mel com severas olheiras. Ambos em silêncio, olhar vago em algum lugar. Ao tomarem conhecimento de minha presença, voltaram-se preocupados. Antes que perguntassem algo, fui o primeiro a falar:

– Bom dia! Como vocês estão?

Mel me fitou meio perplexa e respondeu, ora olhando para mim, ora para Henrique:

– Eu não consegui dormir, se é que isto responde a sua pergunta. Mas e você, como está?

– Esse é o primeiro dia, Mel, nada mais será do mesmo jeito. Isto não significa necessariamente que não vou ficar bem de algum modo. Meu espírito deve ser forte o suficiente para entender e minha carne não pode controlar minhas emoções. Temos de continuar.

Eles deveriam ter muitas perguntas na mente, reconheci isso em cada parte do rosto deles ao me escutarem, contudo, se abstiveram, com a natural delicadeza e cuidado comigo.

Aquilo me deixou feliz. Eram pedacinhos de felicidade que me ajudavam a encontrar forças, porque estava tendo a capacidade de reconhecer e isso me fortalecia; muitos não tinham. Estava cedo, mas tinha que tomar algumas medidas e precisava da ajuda deles.

– Temos que providenciar algumas coisas. Primeiro falar com a família da Júlia e ver como poderemos auxiliar em tudo. Na verdade, não sei como eles estão reagindo ao que aconteceu. Desde que veio morar aqui, não quiseram mais falar com ela.

– O que é um absurdo! A filha é violentada e a mãe, que deveria ter lhe dado proteção, vira as costas. Ai, Jesus, isso me revolta! – disse Mel, enchendo uma xícara de café. Henrique se manteve em silêncio, não quis fazer comentários, embora, soubéssemos que ela tinha razão...

Muito pior do que eu imaginei, a família de Júlia nem quis ver seu corpo. Sua mãe me acusou de ter levado ela para a morte, essas foram suas palavras, e disse que não dariam um único centavo para seu sepultamento. Sua irmã completou dizendo que ela tinha recebido o que merecia por ter acabado com a vida deles... Saí daquela casa sem dar resposta a nenhuma delas, já que o marginal continuava preso.

De certa forma, aquela atitude não me surpreendeu, apenas me fez entender quanto Júlia sofreu por todos esses anos. Não perdi tempo nem meu verbo, não valeria a pena. Lembrei a passagem em que Jesus disse: *Não atirai pérolas aos porcos*, e foi assim mesmo que agi, embora minha indignação se fizesse presente o tempo todo.

Não escondi nenhuma de minhas emoções, mesmo sem verbalizá-las. Não havia necessidade de esconder nenhuma delas. Não sei como, mas reuni forças e tomei todas as providências. Com as minhas poucas economias, consegui comprar o caixão e me dei conta do valor quase astronômico de um velório, mesmo o mais simples.

Sem mais dinheiro, tive que apelar para os amigos; inicialmente do centro espírita, depois arranjei coragem e pedi um adiantamento de pagamento das aulas à mãe de Alícia. Não conhecia mais ninguém que pudesse me ajudar.

– Não vou lhe dar nenhum adiantamento, Bryan. Vou pagar tudo e não quero escutar nada além de um muito obrigado de sua parte. – Abraçou-me como uma mãe faz com os seus filhos e retribuí com o muito obrigado. Não um obrigado qualquer em mas um daqueles que seu coração está junto. Reconheci a nobreza de seu gesto e mais uma vez me senti “feliz”.

Ela não só pagou o restante que faltava, mas providenciou tudo, conduzindo a mim e minha família de carro para onde quer que precisasse. Alícia e Matheus ficaram também ao meu lado todo o tempo, como bons amigos, talvez pensando na ironia da vida. Júlia era bem saudável e, no entanto, não estava mais aqui.

A chefe de Júlia chegou ao velório e suas feições demonstravam toda dor que carregava na alma. Abraçou-me longamente, chorando como se tivesse perdido uma filha. Minha doce Júlia era muito amada.

Era estranho tudo aquilo, não conseguia mais chorar, olhava em volta observando toda aquela gente: amigos da faculdade, clientes de seu trabalho, poucos conhecidos de seu bairro, amigos do centro espírita...

Recebia os cumprimentos de todos e uma pessoa em particular me chamou atenção: a Nat, ela se mantinha em pé todo o tempo, não falava com ninguém, apenas olhava ao longe para o caixão; por vezes, enxugava uma lágrima discreta que caía. Sua dor parecia real, era como se revivesse algo...

Assim fiquei o resto da tarde para que no crepúsculo seguíssemos até o cemitério. O sol com o seu esplendor se despedia do dia, estava alaranjado, forte e brilhante, podia-se olhar para ele sem que a vista se turvasse. Ele nos permitia contemplá-lo em toda sua grandiosidade. A lástima é que poucos se permitiam tal visão.

Nos momentos em que me mantive no velório, fiquei pensando no que dizer, se iria falar alguma coisa, e a cada hora decidia

algo. Você não se prepara para essas coisas e naquela hora última fui tomado por uma decisão.

A nossa banda se fez presente; Fernando, Inara e Henrique fizeram questão de tocar a música de que Júlia mais gostava: “Quando o sol bater na janela do seu quarto”, da Legião Urbana. Uma banda antiga, mas que ela adorava.

Todos se emocionaram, a letra falava um pouco de sua vida, de sua história nessa curta existência.

Segui decidido até o centro, onde todos pudessem me ver, e dei início à minha fala, sem nada programado ou feito com antecedência, a não ser a última parte. Meu corpo apenas respondia aos impulsos do meu espírito, que mesmo combatido por uma dor sem precedentes sabia e acreditava que a vida não terminava ali.

– Agradeço a todos os que aqui estão. É difícil falar de algo assim, acho que você nunca se prepara para isso... Contudo, isso nos faz olhar para a vida de uma forma diferente, e a primeira coisa que nos vem à mente é a transitoriedade da existência... Hoje aqui, amanhã não mais. Essa é a maior certeza que temos. No entanto, sei que esse não é o fim. É apenas um até logo, mesmo a saudade se fazendo presente de forma a nos machucar, pois chega a doer demais: dor essa que em muitos casos nos deixa desacreditados, enfermos. No entanto, questionamos: Que sentido tem tudo isso se não enfrentarmos nossas dores? – Com certeza, nenhum sentido. Nenhuma dor deve ser mais forte do que a nossa firme vontade de continuar. Minha tristeza é abençoada pela minha esperança e peço a todos que assim também seja a de vocês. Minha Júlia... Nossa Júlia...

Senti o peito travar, engoli a saliva que se formara, respirei fundo e prossegui:

– Ela cumpriu sua missão e sua presença física não mais estará entre nós, mas peço a todos que a mantenham dentro do coração e em suas preces conversem com ela. Certamente escutará e sentirá cada vibração de amor. Tudo na verdade que eu quero falar está aqui, nessas palavras que esbocei. Eu as

chamei de: O Sol do Novo Amanhecer. – Retirei um papel amassado do bolso...

Os últimos raios de sol desciam sobre meu rosto e sobre seu caixão numa despedida triste... O vento soprava, as folhas se levantavam numa dança de adeus... Olhei para o papel que tremia em minha mão e comecei a ler, com a melodia que tinha feito também em minha cabeça, mas não tinha forças para cantar.

Porém, Henrique me acompanhou no violão e li...

Onde estou agora,
O sol brilha mais forte
Na luz da compreensão
Tudo parece ter vida.

Após acordar de um sonho
Onde a missão
Era o aprendizado para a liberdade
Da ilusão que se viveu.

O chumbo pesado do ego
Era a algema da falsa razão
Mas agora, livre e desperta
A alma em ouro reluz

(Refrão) E não há mais fim
Quando a vida renasce
No sol, do novo amanhecer

Cada pensamento é seu
Não há espaço ou tempo
Que não me faça estar ligado a você
Sem amarras, sem medos, em silêncio

A saudade é a lembrança boa
Que guardo do seu sorriso,

Do seu carinho, do seu afago, do seu amor!
Não há espaço para dor.

Quando a alvorada chegar,
E você desperta estará
Veja, minha doce menina
Nada acabou, apenas recomeçou.¹

O sol, enfim, se pôs e junto com ele o corpo de minha Júlia. Todos enxugavam discretamente as lágrimas, assim como eu, que lutava ardentemente contra a dor que queimava dentro de mim, como fogo falso, mas que doía igualmente.

Compreendia a dificuldade que teria que enfrentar sem a sua presença. O coração ficou meio que em estado de torpor, a saudade é algo que nunca acaba, mas teria que aprender a conviver com ela.

Sentei em uma das cadeiras que a funerária cedeu debaixo de uma tenda branca, estrategicamente colocada para a família e os amigos mais próximos. Olhava para as flores em cima de seu túmulo e, às vezes, parecia que eu estava sonhando...

– Bryan! – Voltei-me sem reconhecer quem me chamava.

Surpreso, reconheci a mãe de Marcos. Suas feições denotavam abatimento profundo, ao mesmo tempo que mostravam tensão e desespero. Levantei-me e sem esperar qualquer outra palavra dela abracei-a forte e sinceramente.

Minha dor era bem diferente da sua. Reconhecia que sua dor era bem maior que a minha, embora soubesse que dor é dor.

Ela se agarrou a mim como se fosse a sua última esperança e chorou copiosamente, sem conseguir pronunciar uma única palavra. Ficamos assim não sei precisar o tempo, mas, ao olhá-la novamente, parecia mais calma.

– Meu filho, perdoe o Marcos. Até agora estou tentando entender tudo isso que aconteceu e apesar de sua dor queria pedir sua ajuda para, quem sabe, encontrar forças para tornar isso pelo menos suportável.

– Não tenho nada contra o Marcos, dona Carmem. Lamento profundamente tudo o que aconteceu... Eu... Pode contar comigo! Irei ajudá-la no que for possível! – consegui, enfim, responder, pois um bolo se formou em minha garganta.

– Obrigado, meu filho! Você sabe que sempre vi em você uma boa influência para o Marcos e observei que nesses últimos meses vocês estavam distantes. – Silenciou olhando o chão até voltar a falar novamente: – Eu o procurarei, sei que agora não é a hora apropriada para ter essa conversa. Que Deus te proteja e ajude a enfrentar sua dor, porque só ele pode fazer isso por nós! – Deixei que se fosse e novamente aquele pedacinho de felicidade se fez presente.

Logo que sentei novamente, observei Nat se aproximando. Desde o velório ela não tinha vindo falar comigo. Sentou-se ao meu lado em silêncio; depois de alguns segundos, olhando na mesma direção que eu, para flores do túmulo de Júlia, falou com o seu sotaque ainda muito carregado, porém já bem compreensível:

– Há um ano, meu namorado se suicidou depois de uma briga que tivemos... – Silêncio. Voltei meu olhar a ela e, sem me olhar, prosseguiu: – Eu me culpei por muito tempo e me pergunto como não fiz o mesmo que ele, porque não parava de dizer que a culpa era minha. A família dele, mesmo sem falar nada, também me culpava... Todos os dias visitava seu túmulo e conversava com ele. Acho que aquilo me ajudou, mas não me devolveu a alegria que eu sentia, por isso que meu pai resolveu mudar, por mim, pela minha sanidade... Por vezes achei que fosse enlouquecer mesmo.

Olhou-me finalmente e continuou:

– Não existe receita pronta, Bryan. Mas tenho certeza de que você sabe disso. Tenho certeza também de que vai superar. Só queria que soubesse que, se precisar de alguém, sou sua amiga. Acho que posso me considerar assim. – Saiu sem esperar qualquer resposta.

Reconheci naquele desabafo que ela sentia uma ligação com tudo o que aconteceu, bem como um pedido de ajuda também. Senti que poderíamos nos ajudar sim, seria algo bom...

Escutei pisadas se aproximando, e antes que pudesse me voltar, senti um peso sobre meu pescoço e duas mãozinhas envolvendo-o.

– Bryan, eu sinto muito! – a voz de Barbie era chorosa. Aquilo me surpreendeu. Como ela soubera, me perguntava. A resposta veio logo. – Minha mãe viu ontem no noticiário o que aconteceu.

Eu nem sabia que tinha sido noticiado. Ela continuou falando:

– Minha mãe veio falar comigo e pedi que me trouxesse aqui. Ela disse que me amava, que iria ficar comigo. Pediu desculpas também. Escutei-a falando com meu pai, disse que, depois que viu o que aconteceu, se deu conta de que eu era a única coisa que ela tinha. Eu escutei tudo escondida. – Olhei para trás e reconheci sua mãe parada nos olhando.

Ela, parecendo uma matraca, continuou a falar:

– Eu sei que é feio escutar a conversa dos outros, mas fiquei feliz. Você não vai brigar comigo, vai? – Olhei-a e senti a sua felicidade. Ela estava um pouco melhor. A evangelização fizera-lhe muito bem.

– Não, Bárbara, claro que não. Você é uma menina muito inteligente e fico feliz por você – respondi.

– É, eu sei que sou mesmo inteligente – disse ajeitando o cabelo e voltou para perto de sua mãe. “Bem”, pensei: “ninguém muda do dia para a noite, mesmo sendo uma criança”.

Levantei da cadeira, sabia que tinha que ir embora. Olhei para trás e vi surpreso que todos ainda me aguardavam sentados, respeitosamente, na última fila de cadeiras. Vislumbrei-os e agradei a Deus intimamente por tudo o que até agora havia conquistado, amigos de verdade.

Cada um tinha uma história: perdas, dores, conquistas, superação... Assim somos todos nós, todos os dias... Reconheci neles, assim como em mim mesmo, filhos de um Pai que nos ama indistintamente, que acredita na nossa capacidade de melhorar, de amar... Somos irmãos, estamos aqui para aprender, apesar de...

Vi uma moça com as duas mãos para trás se aproximar meio hesitante e reconheci ser uma repórter de um noticiário local. A

raiva se apossou de mim de momento e pensei: “Como não respeitar um momento como aquele?”

Dei as costas e segui pelo lado oposto, porém, ela não desistiu e me chamou insistentemente, por três vezes. Suspirei fundo e virei-me já com as palavras prontas na boca, mas, ao olhá-la, observei tristeza e lágrimas controladas para que não mais caíssem em sua face. Segurei as palavras.

– Por favor, sei que pode parecer invasão, mas percebi tanta serenidade em você apesar de toda essa tragédia, queria pedir-lhe um favor.

Não consegui responder, só a olhei e, como não fiz menção de sair, ela continuou:

– Não é uma entrevista, apenas algumas palavras para todos os que perderam pessoas amadas, assim como eu. Três meses atrás meu marido foi morto em um assalto – engoliu em seco, baixou a cabeça, respirando fundo para não chorar. Sufocou as lágrimas e mais uma vez fez o pedido: – Você poderia fazer esse enorme favor? – Pensei alguns segundos a respeito. Vendo-a ainda tão mal, deveria estar fazendo uma força muito grande para trabalhar, para não sucumbir a sua dor, então lhe respondi:

– Sim. Posso dizer algumas palavras. – Imediatamente ela deu um sinal ao câmara, que se aproximou respeitoso. Posicionou seu aparelho e deu um sinal para ela, que também já estava pronta. Fez as apresentações de praxe e, evitando detalhes, perguntou:

– Bryan, nossa equipe notou sua serenidade em relação a essa tragédia e isso muito nos comoveu. Quase todas as pessoas já perderam alguém que amavam. Qual é o segredo?

– Segredo? Essa é uma pergunta bem difícil porque não tem resposta pronta, não tem fórmula... O que me sustenta nesse momento, apesar de toda dor, é o conhecimento que tenho de algumas verdades – Ela interrompeu e indagou:

– Que verdades são essas?

– Que a morte não é perda, é passagem. Não é tristeza, é saudade. Não é o fim, é o começo. Não é desalento, é esperança. Que nossas lágrimas não expressem somente a dor da falta, mas a certeza do reencontro. Que essa certeza se faça todos os dias,

para que possamos renascer, compreendendo que sempre existe uma outra chance, um outro dia, uma nova oportunidade de viver e mudar. Somos todos falíveis em busca da perfeição. Existe vida na vida e existe vida na morte. – Suspirei um pouco, tentando controlar a emoção, e continuei: – Quem morre é o corpo. Hoje eu deixo aqui o corpo de Júlia, porém, ela está mais viva do que nunca. Não é fácil, sabemos bem disso, mas é uma questão também pessoal, de como encaramos, de como recebemos a dor sem, no entanto, abraçá-la como se fosse o fim de tudo, porque não é.

– Como ter essa certeza? – perguntou ela sem mais controlar as lágrimas.

Olhei-a com compaixão e lhe respondi da melhor maneira que pude, sem ditar normas ou expressar minhas crenças pessoais:

– Eu acredito na sobrevivência do espírito. Eu acredito em novas moradas. Eu estudo sobre isso. Eu acredito em Deus e, para mim, ele jamais daria a vida a algo tão incrível como nós apenas para estarmos aqui uma única vez. Seria mais fácil desistir, achar que tudo está perdido, porém, quem disse que é fácil? E, se fosse fácil, daríamos o real valor?

Silenciei alguns segundos e continuei:

– Veja você, assim como eu perdi alguém quem amava e, no entanto, está trabalhando, lutando, apesar de sua dor. Cada um de nós tem seu próprio testemunho e teremos um dia que prestar contas, não a Deus ou a uma espécie de tribunal celeste. Um dia teremos que prestar contas ao tribunal de nossa consciência, desse ninguém escapa. Tudo tem consequência, fazer ou deixar de fazer gera uma consequência, e é ela que devemos pesar ao tomarmos uma decisão. Lamentar-se, ressentir-se não fará a nossa vida melhor, apenas nos tornará vítimas da nossa incapacidade de continuar andando.

Focalizei o centro da câmera e finalizei:

– Não tenho mais nada a dizer. Obrigado. Fiquem todos com Deus! – A luz vermelha da câmera se apagou e a jornalista se aproximou célere, abraçando-me sem reservas. Ficamos algum

tempo assim. No fundo reconheci que ela também tentava me consolar, mesmo sem verbalizar.

Eu sabia que, nesse processo de dor, você ajudar outra pessoa lhe possibilita uma conexão nova. É como se você conseguisse sair de você e enxergasse o outro, então, me permiti ser consolado também. Não existe dor maior, menor, existe dor que pode ser transformada em aprendizado. Era para isso que lutaria todos os dias, principalmente agora, quando a tristeza me atravessava a alma e me deixava vulnerável de muitas formas.

Juntei-me aos demais e seguimos em silêncio para casa, cada um com seu jeito, mas unidos no mesmo ideal. Cada vida contada com palavras ou atos, mas cada um carregando um registro próprio e intransferível.

Tínhamos que viver cada dia e viver da melhor forma possível. Sabia que agora teria que recomeçar, porém, reconhecia, também, a grande ajuda que cada um tem de Jesus e dos anjos amigos...

Eu iria vencer, apesar da dor que hoje era tão forte dentro de mim.

Somos filhos da esperança! Todos nós!

¹ Composição feita em parceria por Giseti Marques e Márcio Henrique Leonel

QUANDO O AMOR TRIUNFA

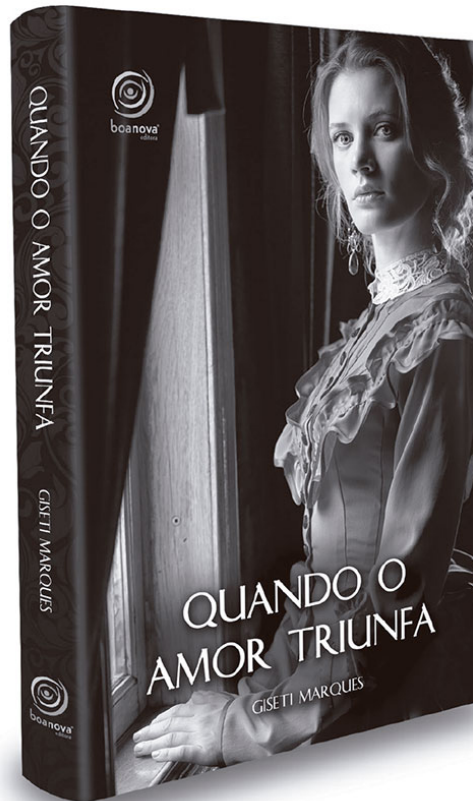
Giseti Marques

432 páginas | Romance | 16x23 cm | 978-85-8353-049-7

França, século XIX. Em meio à tumultuosa onda de revolta que se levantava no país com o surgimento de uma iminente revolução, o duque Cédric Lefevre, oficial do exército francês, homem duro de coração e com um passado envolto em sofrimento, depara-se com um sentimento que, para ele, até então era desconhecido. Ao ver Charlotte, uma linda jovem, doce e bem diferente das moças da época, o nobre sente seu mundo abalado pelo que agora clama seu coração. Contudo, um acontecimento inesperado trará de volta a amarga realidade à vida do nobre.

Como vencer o orgulho? Como aceitar que a vida nem sempre tem as cores com as quais a pintamos? Intriga, ódio, vingança – esses são alguns dos obstáculos com os quais os personagens deste livro vão se deparar.

Para auxiliar nos contratempos, no entanto, está um sábio espírito na figura de uma criança: Henry, o deficiente e doce irmão de Charlotte, traz a reflexão a todos os que o rodeiam com seus exemplos – atitudes que podem transformar uma existência.



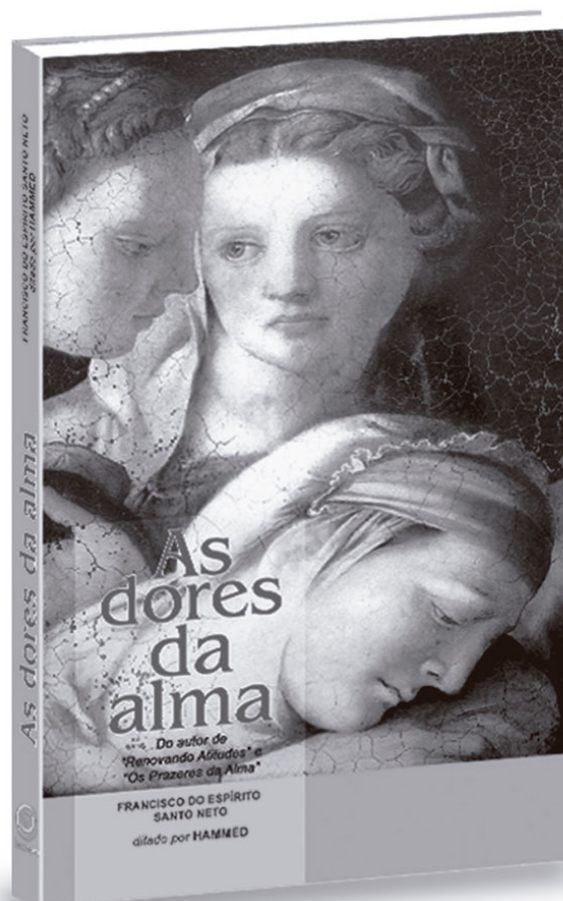
17 3531.4444 | boanova@boanova.net | www.boanova.net

As dores da alma

FRANCISCO DO ESPÍRITO SANTO NETO *ditado por HAMMED*

Filosófico | 14x21 cm | 216 páginas

O autor espiritual Hammed, através das questões de 'O livro dos Espíritos', analisa a depressão, o medo, a culpa, a mágoa, a rigidez, a repressão, dentre outros comportamentos e sentimentos, denominando-os 'dores da alma', e criando pontes entre os métodos da psicologia, pedagogia e da sociologia, fazendo o leitor mergulhar no desconhecido de si mesmo no propósito de alcançar o autoconhecimento e a iluminação interior.



Entre em contato com nossos consultores e confira as condições.
Catanduva-SP 17 3531.4444 | boanova@boanova.net

CAMÉLIAS DE LUZ

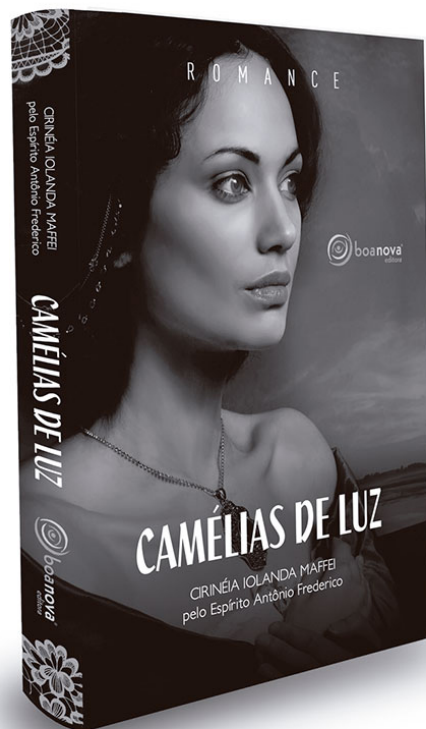
Cirinéia Iolanda Maffei
ditado por Antonio Frederico

Romance
Formato: 16x23cm
Páginas: 384



No Brasil do final do século XIX, três mulheres têm suas existências entrelaçadas novamente... Seus amores, paixões, derrotas e conquistas... Uma história real, lindamente narrada pelo Espírito Antônio Frederico, tendo como cenários as fazendas de Minas Gerais e o Rio de Janeiro pré-abolicionista... Pairando acima de tudo, as camélias, símbolos da liberdade!

O amor restabelecendo o equilíbrio. Mais do que isso, o autor espiritual descerra aos olhos do leitor acontecimentos que fazem parte da história de nosso país, abordando-os sob o prisma espiritual. As camélias do quilombo do Leblon, símbolos da luta sem sangue pela liberdade de um povo, resplandecem em toda a sua delicadeza. Uma história que jamais será esquecida...



www.boanova.net



www.facebook.com/boanovaed



www.instagram.com/boanovaed



www.youtube.com/boanovaeditora



A BATALHA PELO PODER

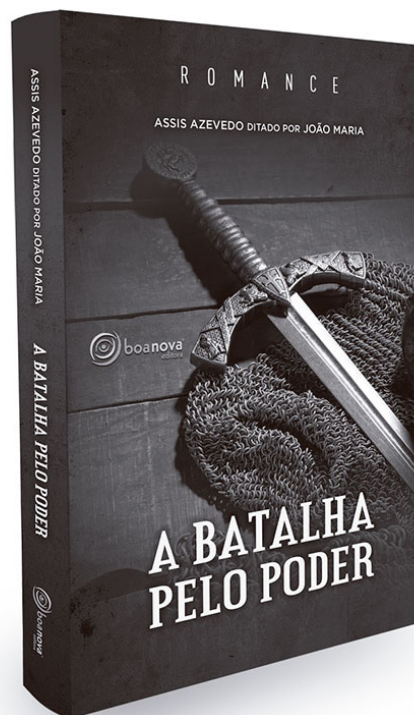
Assis Azevedo
Ditado por João Maria

Romance
Formato: 16x23cm
Páginas: 320



Desde a remota Antiguidade o homem luta para dominar o próprio homem, tudo por causa do orgulho, do egoísmo, da inveja e, sobretudo, da atração nefasta pelo poder. Mesmo com o advento do Cristianismo, a humanidade não entendeu a verdadeira mensagem de Jesus, que era “amar o próximo como a si mesmo”

Esta obra, ditada pelo Espírito João Maria, informa-nos com muita propriedade sobre uma batalha desencadeada pelos nobres da Idade Média, cuja intenção era sempre lutar bravamente pelo domínio de tudo o que existisse, com a desculpa de que honrariam, assim, o nome de seus antepassados.



www.boanova.net



www.facebook.com/boanovaed



www.instagram.com/boanovaed



www.youtube.com/boanovaeditora



Entre em contato com nossos consultores e confira as condições.
Catanduva-SP 17 3531.4444 | boanova@boanova.net

O MISTÉRIO DA CASA



CLEBER GALHARDI

16x23 cm

Romance Infantojuvenil

ISBN: 978-85-8353-004-6

256 páginas

Uma casa misteriosa! Um grupo de pessoas que se reúnem alguns dias por semana, sempre a noite! Um enigma? O que essas pessoas fazem ali? O que significa esse código? Descubra juntamente com Léo, Tuba e Melissa as respostas para essas e outras situações nessa aventura de tirar o fôlego que apresenta aos leitores uma das principais obras da codificação de Allan Kardec.



LIGUE E ADQUIRA SEUS LIVROS!

Catanduva-SP 17 3531.4444 | boanova@boanova.net

www.boanova.net



Instituto Beneficente Boa Nova
Entidade coligada à Sociedade Espírita Boa Nova
Av. Porto Ferreira, 1.031 | Parque Iracema
Catanduva/SP | CEP 15809-020
www.boanova.net | boanova@boanova.net
Fone: (17) 3531-4444

